QUANDO UM FILHO MORRE

SYLVIA BARBANELL

Tradução:
Amadeu António

QUANDO UM FILHO MORRE

Sylvia Barbanell, 1942

PRÓLOGO

O grande navio transatlântico, rumo aos Estados Unidos, estava pronto para largar a amarra. Uma atmosfera geral de rebulício e entusiasmo invadia o ambiente a bordo. Carregadores e comissários de bordo corriam de um lado para o outro.

— Quem vai para terra, que saia! — gritavam energicamente os oficiais do navio, com uma urgência cada vez maior.

Trocavam-se os últimos apertos de mão, abraços apressados e mensagens derradeiras de despedida entre os passageiros e aqueles que os tinham ido saudar com um "boa viagem".

Dois pais deram um último abraço ao rapazinho que ia embarcar sem eles, antes de se dirigirem, contrariados, passadiço abaixo. Pouco depois, encontravam-se juntos no cais, enquanto a embarcação alta e poderosa se afastava suavemente da margem. Acenando os lenços com vigor, mantiveram uma aparência de viva alegria até que a silhueta do seu único filho deixou de se distinguir.

Depois, voltaram-se para se confortarem mútuamente; os lábios da mulher tremiam.

— Não consigo suportar a ideia de ele fazer esta longa viagem sem nós — disse ela —, embora saiba que a Miss Halsall cuidará dele com toda a atenção durante o trajeto. Vou sentir tanto a sua falta. Oh, o que será de nós sem o nosso menino? — E começou a chorar baixinho.

— Coragem, querida — disse o marido, consolando-a. — A última imagem do Bobbie foi muito reconfortante. Não reparaste na atenção com que a Miss Halsall o protegia enquanto ele nos acenava um adeus? E ele sempre gostou tanto da sua antiga professora da escola. Estou muito contente por ela também fazer esta viagem. Não foi uma amabilidade da parte dela organizar as coisas para ir para os Estados Unidos no mesmo barco? — E

continuou: — Ambos concordámos que esta viagem era o melhor que podia ter acontecido ao rapaz nas atuais circunstâncias.

— Oh, bem sei que tudo o que dizes é verdade — disse a esposa entre lágrimas. — Estou feliz por ele ter ido, pelo seu próprio bem. E não é como se ele fosse para o meio de estranhos.

— Com certeza que não — disse o marido. — Vai viver com a tua própria família lá. Pensa em como eles estão entusiasmados com a perspetiva de o acolher. O Bobbie é um rapaz cheio de sorte, pois a Miss Halsall gosta tanto dele e vai tomar conta dele até que o teu pai vá esperar o barco do outro lado do Atlântico. Atlântico! Ora, o Charco, quero eu dizer. Na verdade, não é distância nenhuma — menos do que nunca hoje em dia. — E continuou, com palavras doces e animadoras, a ajudar a esposa a recuperar alguma compostura. Ela fez um esforço para controlar a emoção enquanto caminhavam em direção ao comboio que os levaria de regresso a um lar mais solitário.

— Ficarei bem outra vez daqui a pouco — assegurou ela ao marido, tentando sorrir por entre as lágrimas. — É apenas a ideia de o Bobbie fazer a sua primeira longa viagem sem nós. Claro que sei que é tudo para o bem dele e que será feliz a viver nos Estados Unidos. E, na verdade, o meu pai poderá proporcionar-lhe todas as esplêndidas oportunidades que nós próprios não fomos capazes de lhe dar. — Enxugou os olhos.

— Essa é a minha menina valente — disse o marido. — Seremos capazes de visualizar todos os locais que ele vai ver. Com a rádio, o cinema, os livros que lemos e tudo o que ouvimos dizer sobre a América, sinto que conheço o país, embora nunca lá tenhamos estado.

A esposa respondeu:

— É bem verdade. Ele vai divertir-se imenso. — Depois, um pouco mais nostálgica: — Mas sei que não se vai esquecer da Mamã e do Papá.

— Com certeza que não, de modo algum — respondeu o pai do rapaz. — Há um laço especial de amor entre nós que ninguém poderia mudar. As últimas palavras do Bobbie foram que

escreveria frequentemente a contar tudo o que anda a fazer, por isso agora podemos ficar a aguardar as suas cartas.

Ao entrarem na carruagem do comboio, ele disse, contemplativo:

— Afinal, não é como se o Bobbie nos tivesse deixado para sempre. Voltaremos a vê-lo mais tarde. Pode estar um pouco mais alto e um pouco mais maduro na altura em que nos reencontrarmos, mas continuará a ser o nosso rapaz.

— Sim — concordou a esposa, animando-se consideravelmente. — Como dizes, não é como se nunca mais o Celebration fôssemos ver…

À medida que o comboio saía da estação e começava a ganhar velocidade, o homem e a mulher remeteram-se ao silêncio, ambos a imaginar o que o Novo Mundo significaria para o seu amado filho.

Outra criança de tenra idade partia para o Novo Mundo. Ela também fazia a sua primeira viagem sem a companhia dos pais, que se encontravam ali perto, prontos para se despedirem dela.

Diferente, também, era o cenário da partida em relação ao anteriormente descrito. Nenhuns clamores de multidões, nenhum ruído e agitação aqui, no quarto de enfermo silencioso. O tique-taque compassado de um relógio parecia, se é que fazia algo, acentuar a quietude da atmosfera.

Em silêncio, a mãe e o pai mantinham-se junto ao leito da criança moribunda. De mãos dadas, esperavam que o corpo espiritual se libertasse da forma física atormentada pela dor, a qual já não seria necessária no mundo espiritual para onde a pequenina partia.

Não conseguiam ver com a sua visão terrena o que se passava em redor do leito da criança. Mas o conhecimento e a experiência que tinham do Espiritualismo ajudavam-nos a visualizar algo dos processos que decorriam à medida que a vida terrena de Joan se aproximava do fim.

Estavam conscientes de que o seu corpo físico enfermo e sofredor não passava de uma pobre contraparte do seu corpo

espiritual saudável e potencialmente perfeito. A contraparte etérica, o verdadeiro indivíduo, separava-se da forma tão querida da sua filha.

Ao longo da vida terrena, o corpo espiritual está ligado à forma material por um fino fio psíquico, invisível ao olho físico, mas tão real como o ar que respiramos mas não vemos. A Bíblia refere-se a este fio invisível como o "cordão de prata". É a âncora que mantém o navio fundeado nas águas terrenas.

A corda psíquica que segura esta âncora terrena pode estender-se durante o sono, quando o espírito viaja para outra dimensão. Alguns de nós lembram-se das suas experiências enquanto temporariamente libertos dos corpos físicos durante o sono, a inconsciência ou em estados de transe. Mas apenas ao chamamento da morte é que o cordão psíquico se rompe por completo do corpo. Então o espírito, o verdadeiro ser, encontra expressão permanente no plano de existência a que chamamos mundo espiritual.

Tudo isto era um conhecimento familiar para estes pais.

O cordão de prata, que prendia o corpo devastado de Joan à terra, afrouxou o seu apego. Os pais mantiveram-se ali ao lado, sabendo que, se possuíssem a visão clarividente — o dom da maioria dos médiuns —, teriam visto ao lado do leito da filha aqueles a quem o mundo chama mortos. Sabiam que muitos dos seus mais queridos familiares e amigos que já tinham partido estavam em redor da cama da sua filha, à espera de acolher a recém-chegada ao mundo que eles já habitavam.

Joan, educada no conhecimento de que a vida continuava num fluxo ininterrupto, não se sentiria estranha ou assustada quando os seus olhos espirituais se abrissem e ela avistasse rostos amados e familiares entre aqueles que a tinham ido receber.

Conscientes de alguns dos processos psíquicos e das atividades que decorriam no quarto silencioso, os pais vigiavam e oravam. E quando a sua pequenina exalou o último suspiro terreno e iniciou a sua primeira viagem sem eles, voltaram-se um para o outro em busca de consolação — o marido esforçando-se

por controlar a própria emoção a fim de confortar a esposa. A dor deles nesta hora era natural, e as lágrimas da mulher eram um alívio para os seus sentimentos reprimidos e uma ajuda abençoada para preparar o caminho para a calma e segura compostura que lhe pertencia por direito de conhecimento. Como espíritas experientes que tinham recebido provas incontestáveis da Sobrevivência, estavam confiantes de que a sua menina ainda vivia e de que apenas o seu corpo físico tinha perecido.

À semelhança daqueles outros pais que se despediram temporariamente do filho que ia partir para o Novo Mundo além-mar, os pais de Joan trocaram palavras semelhantes de consolação na sua hora de solidão.

— Enxuga as tuas lágrimas, querida — disse o homem à esposa. — Ganha alento; a Joan está em boas e competentes mãos, como ambos sabemos. Um pouco mais tarde, quando estivermos ambos mais calmos, poderemos esperar ouvir como a nossa querida está a progredir na sua nova vida. Ela terá tanto para nos contar.

A esposa respondeu:

— É um conforto maravilhoso saber que ela foi para junto daqueles que a amam. Mas ela não vai querer perder o contacto com a Mamã e com o Papá.

— Sê paciente, querida — respondeu o marido. — Ela apenas seguiu um pouco mais adiante. No tempo de Deus, estaremos todos juntos novamente.

Sem dúvida que o maior consolo que estes pais tiveram nos primeiros dias da partida de Joan foi o conhecimento de que seriam capazes de permanecer em contacto com ela, até se reunirem a ela no mundo que agora habitava. Seriam capazes de falar com ela e de se inteirar do tipo de vida que ela levava no Além.

O mundo espiritual vibra ao nosso redor e em torno de nós. É possível “sintonizar”, por assim dizer, a frequência certa e, deste modo, comunicar com aqueles a quem o mundo chama mortos.

Os médiuns possuem a capacidade psíquica de atuar como canais de comunicação entre este mundo e o outro.

Estes psíquicos estão sintonizados com vibrações invisíveis. Atuam como emissores e recetores de mensagens, de forma muito semelhante a como os aparelhos de rádio, os serviços de telégrafo e de telefone são os canais para a transmissão de mensagens terrenas. Se desejamos falar com alguém que vive noutro continente, somos obrigados a utilizar um dos métodos de comunicação conhecidos. Não importa quão estreito seja o laço de afeto que nos une aos amigos ou familiares no estrangeiro, devemos aceitar os meios providenciados com o propósito de falar com eles. Então, se o elo de comunicação estiver em bom estado, a barreira da distância é temporariamente superada. Nem os oceanos largos nem as vastas extensões de terra podem impedir o nosso reencontro.

Da mesma forma, quando um médium atua como transmissor de mensagens entre o mundo material e o espiritual, o espaço é conquistado e podemos comunicar de forma fácil e natural com aqueles que atravessaram o véu da morte.

Durante a sua longa experiência no Espiritualismo, os pais de Joan tinham, em inúmeras ocasiões, falado com os seus familiares e amigos "mortos". Através de diferentes formas de mediunidade, os seus entes queridos tinham manifestado a sua sobrevivência contínua como indivíduos que retinham as mesmas características que demonstravam na terra. Tinham assistido a muitas reuniões espíritas públicas onde os médiuns, exercendo o dom da clarividência, tinham dado descrições de amigos e familiares "mortos" a pessoas desconhecidas na assistência.

Provas de Sobrevivência tinham sido frequentemente concedidas aos pais de Joan em sessões privadas de fenómenos mentais, onde os médiuns tinham exercido os seus dons de clarividência ou de clariaudiência — a audição psíquica. Muitas vezes, eram estranhos para o médium. A sessão privada tinha sido organizada em benefício deles por uma associação espírita reputada. Não é habitual que tais organizações forneçam os

nomes dos participantes, ou qualquer informação sobre eles, ao médium. Nessas sessões, o médium encontra-se frequentemente em transe. Durante esse tempo, o seu corpo físico pode ser "controlado" pelo seu guia, um espírito experiente e evoluído, cuja tarefa é ajudar aqueles que já partiram a apresentar provas da sua sobrevivência aos participantes.

Os pais de Joan tinham assistido a sessões de voz direta, onde os "mortos" tinham reproduzido as suas vozes terrenas para fins de reconhecimento. Em sessões de materialização, tinham visto as formas aparentemente sólidas de entes queridos que já tinham partido tomar forma diante dos seus olhos. Tinham participado em sessões de fotografia psíquica. Quando um médium que possui este dom tira uma fotografia de uma pessoa viva, utilizando uma câmara comum para o efeito, aparece frequentemente na chapa um "extra". Uma entidade espiritual gravou a sua imagem na mesma fotografia que o participante. Centenas de pessoas "mortas" manifestaram-se desta forma.

Estes pais, que tinham testemunhado a maioria dos tipos de fenómenos psíquicos, tinham, na intimidade do seu próprio lar, quando nenhum médium profissional estava presente, mantido conversações sagradas com os seus entes queridos que já tinham partido. Por todo este país existem muitos milhares desses círculos familiares, como são chamados. Os membros da família, e talvez um ou dois amigos, reúnem-se uma ou duas vezes por semana em horários regularmente estabelecidos. O requisito mais importante para o sucesso das sessões é a harmonia entre os membros do círculo. A maioria de nós possui algum grau de poder psíquico. Muitas vezes está latente até ser descoberto e desenvolvido no círculo familiar. Os membros do círculo sentam-se habitualmente em redor de uma mesa de madeira comum, com as mãos apoiadas levemente sobre a sua superfície. O poder psíquico permite que os "mortos" comuniquem através de uma linguagem de pancadas ou inclinações da mesa. Cada pancada ou inclinação corresponde a uma letra do alfabeto.

A partir do que tinham aprendido durante as suas experiências espíritas, os pais de Joan tinham o conhecimento de que a sua menina cresceria e amadureceria no mundo espiritual de forma muito semelhante àquela que teria tido na terra. Não tinham dúvidas nas suas mentes de que, quando eles próprios partissem, conheceriam a sua própria filha e ela os conheceria a eles. Por que razão, na verdade, não haveria de ser assim, uma vez que ela continuaria a passar muito tempo no seu próprio lar? O seu sopro terreno tinha falhado, mas o seu espírito não se tinha transportado subitamente para um céu vago e distante, além das nuvens e além da compreensão. Tão-pouco o ato da morte a tinha transformado num ser angélico, com asas, totalmente irreconhecível para eles.

Estes pais sabiam que o corpo astral, ou etérico, da sua filha, embora sendo uma contraparte da sua forma física, não iria, no seu novo estado de existência, reproduzir quaisquer defeitos do corpo terreno. O verdadeiro indivíduo tinha, no momento da "morte", saído do invólucro físico porque este já não tinha qualquer utilidade num mundo não físico. A mente e a consciência da sua filha, não sendo qualidades físicas, eram indestrutíveis. A sua própria individualidade continuaria a expressar-se no seu novo estado de vida. Os pais sabiam que Joan era a mesma criança no momento após a sua partida que no instante anterior à sua ocorrência. A morte não lhe tinha mudado o caráter, ou as características que a identificavam como a sua própria e amada filha. Estas qualidades iriam, no futuro, expressar-se através do seu corpo espiritual em vez do material.

Sabiam que no Novo Mundo para onde ela tinha ido teria um lar, não tão totalmente diferente do terreno que a fizesse sentir-se inteiramente perdida e estranha. Juntar-se-ia a familiares e amigos que a conheciam e a amavam no Outro Lado. Pode ser difícil para alguém que se está a iniciar no tema do Espiritualismo acreditar que as casas e os edifícios no Outro Lado são tão reais e tangíveis como os nossos lares terrenos. Mas pense-se por um momento no que ocorre nos sonhos. Não são as nossas experiências durante o sono tão reais, enquanto duram, como as nossas atividades em

vigília? Durante o tempo em que estamos a sonhar não pensamos: "Oh, este edifício não é realmente sólido!". A casa é sólida, e a experiência inquestionável, porque durante o sonho estamos temporariamente fora dos limites das dimensões físicas. O mundo espiritual não é, de modo algum, uma condição de sonho. É mais real e permanente do que o mundo terreno que agora habitamos. A comparação com o sonho é meramente apresentada por conveniência explicativa.

O conhecimento que tinham da vida no Outro Lado dizia a estes pais que, no seu novo ambiente, Joan levaria uma vida de atividade que, embora comparável com a existência terrena, lhe apresentaria oportunidades mais ricas e plenas para expressar a sua verdadeira individualidade e consciência. Uma grande variedade de interesses, uma vida de felicidade, aguardavam a sua filha. Encontraria amigos e companheiros; receberia educação em escolas especialmente equipadas para transmitir o tipo de conhecimento de que necessitava. Os dons que tinha demonstrado na sua curta vida terrena seriam cultivados e incentivados por aqueles que, no mundo espiritual, fossem os mais adequados para a tarefa de desenvolver as suas qualificações especiais.

Além disso, as qualidades e talentos latentes que ela não tinha sido capaz de expressar na terra seriam também incentivados. Pois o génio e o talento não deixam de encontrar expressão adequada num indivíduo após a "morte". Todos os gigantes do mundo artístico que já partiram, todos os compositores famosos, os ilustres escritores, os grandes cientistas e filósofos não deixaram de expressar os seus dons. Devido à grandeza das suas almas, alguns continuam a transmitir o seu conhecimento a outros. No mundo espiritual não há pregos quadrados em buracos redondos.

Muitas vezes, devido a dificuldades financeiras, a muitos de nós é negada a oportunidade de expressar dons latentes durante a existência terrena. A alma de um Mozart pode estar escondida num mineiro de carvão que não tem a oportunidade nem o tempo livre para desenvolver o seu talento oculto. No Outro Lado, onde

os valores materiais não operam, e onde não é necessário ganhar a vida, cada um de nós tem a oportunidade de desenvolver os seus dons inatos.

Os pais de Joan eram afortunados pelo conhecimento que possuíam. A confiança na existência individual contínua da sua filha e a certeza de que não perderiam o contacto com ela ajudaram-nos a ultrapassar os seus dias mais difíceis. Mitigou-lhes a dor, moderou-lhes a emoção e deu-lhes coragem para enfrentar o futuro.

Mas o leitor pode ser um pai ou uma mãe que, em circunstâncias semelhantes, anseia por ajuda e orientação tangíveis na sua hora de luto. O corpo do seu filho, outrora tão cheio de vida e vitalidade, jaz imóvel. O jovem botão, tão promissor, pereceu, e a mão da morte colheu a haste delgada. Para onde voou a centelha viva que tão recentemente animava a forma amada? Uma profusão de perguntas tortura-lhe a mente. Dúvidas, temores e perplexidades inquietam-lhe o espírito.

Antes de este desgosto lhe bater à porta, poderá não ter tido quaisquer crenças religiosas. Alternativamente, poderá nunca ter questionado a crença ortodoxa e convencional numa vida futura. Mas agora deseja saber mais. A conceção de certo modo mitológica de um céu distante, povoado por anjos vestidos de branco, torna-se pouco convincente, irreal. A ideia da transformação do seu próprio filho, tão humano, num querubim alado num reino nebuloso traz pouco consolo na sua hora de solidão.

Sente que tal metamorfose o separa por completo da criança que tão bem conhecia e que tão profundamente amava. Toda a sua alma anseia por saber o que aconteceu à pequenina cujo cuidado espiritual, mental e físico foi a sua preocupação desde o momento do nascimento. Pergunta: “Como estará o meu tesouro sem mim nesta nova e estranha vida? Sentirão a minha falta? Serei necessário? O que faz o meu filho e aos cuidados de quem se encontra o meu amor? Voltarei alguma vez a ver o meu ente querido? Se assim for, como seremos capazes de nos reconhecer

mutuamente? Posso realmente comunicar com o meu filho espiritual, e será correto fazê-lo? Irá o constante regresso à terra retardar o progresso da minha criaturinha no mundo espiritual?"

Se são estas as perguntas que lhe perturbam a mente, espero que as respostas que surgem nas páginas seguintes o ajudem. Foi com esse propósito que este livro foi escrito.

CAPÍTULO I
O DESAFIO DE UMA MENINA

"'É errado evocar os mortos.'" Quantas vezes já ouvi estas palavras de condenação dirigidas aos espíritas! Tal censura não passa de um reconhecimento de ignorância sobre o assunto.

Os espíritas não perturbam os "mortos". De facto, o contrário é frequentemente o caso, e são os "mortos" que nos perturbam a nós!

Já assisti a centenas de sessões. Em mais do que uma ocasião, ouvi uma pessoa "morta" pedir que fosse dada aos familiares ou amigos chorosos a informação de que aquele por quem choravam tinha sobrevivido ao túmulo. Tais comunicantes espirituais forneceram provas da sua identidade. Como as pessoas que desejavam confortar eram perfeitas desconhecidas para os médiuns e para os presentes, os "mortos" tiveram de fornecer nomes e moradas antes que as mensagens pudessem ser entregues.

Os espíritas não “conjuram” os “mortos”. Se o Grande Espírito a quem chamamos Deus não tivesse pretendido que o véu entre os dois mundos fosse penetrado, nem os esforços dos “mortos” nem os empenhos dos vivos teriam sido de qualquer utilidade.

As páginas da história antiga e moderna estão repletas de exemplos de experiências psíquicas daqueles que mantiveram comunhão com o mundo dos espíritos. Profetas e sábios, filósofos, reformadores sociais e humanitários receberam, por vezes, inspiração direta do Além e traduziram as suas revelações em termos de serviço ao próximo. Religiões foram fundadas com base em tais experiências. A fé cristã baseia-se nos ensinamentos do grande psíquico, Jesus de Nazaré, que estava em constante relação com o mundo dos espíritos. Os seus “milagres” eram manifestações do seu domínio completo das leis psíquicas.

As verdades eternas ensinadas pelo Nazareno foram mais tarde sepultadas sob uma massa de dogmas e credos. A simplicidade das suas palavras, as implicações e a compreensão dos seus atos perderam-se nas complexidades do ritual. Tentativas de ressuscitar os seus ensinamentos foram feitas de tempos a tempos por outros líderes inspirados.

Ao longo dos tempos, a revelação do mundo espiritual foi recebida por homens e mulheres santos. Os seus olhos clarividentes contemplaram visões; os seus ouvidos clariaudientes ouviram vozes do Além. Apenas no hemisfério ocidental, Joana d’Arc, Emanuel Swedenborg e George Fox são apenas algumas das grandes personagens que foram elevadas pela sua comunhão com o mundo espiritual. Joana d’Arc preferiu a fogueira a negar a fonte psíquica da sua inspiração.

Contudo, em tantos casos, as interpretações das comunicações espirituais foram coloridas e influenciadas pela educação religiosa e pela ortodoxia dos destinatários das mensagens. A Donzela de Orleães, educada na fé romana católica, identificou as personalidades radiantes dos seus mensageiros espirituais com os santos que tinha sido ensinada a reverenciar e a

admirar. Era natural, e talvez até necessário para o cumprimento bem-sucedido da sua missão, que assim fosse.

Emanuel Swedenborg, o grande vidente sueco, era filho de um bispo. Ao interpretar o significado e as implicações das suas notáveis experiências psíquicas, não conseguiu libertar-se da sua própria formação teológica. A mente humana, cultivada em solo ortodoxo ou teológico, não consegue extirpar facilmente todas as ervas daninhas dos preconceitos religiosos.

Através dos séculos, espíritos evoluídos têm-se esforçado por abrir a porta do desentendimento e do preconceito teológico e provar que a comunicação com os espíritos não é o privilégio especial de alguns eleitos, por mais imaculadas que sejam as suas vidas. Pois as mesmas leis naturais que operaram quando o Nazareno apareceu perante os seus discípulos após a sua "morte" estão em funcionamento hoje. Os jovens ainda "sonham sonhos e veem visões" como faziam nos tempos antigos. Os princípios do universo são imutáveis, inalteráveis, mas o nosso conhecimento da sua aplicação aumentou com uma compreensão mais plena do seu funcionamento.

O conhecimento de que a comunicação entre este mundo e o próximo está acessível às pessoas comuns foi descoberto pela primeira vez em 1848 — não por um grande vidente, mas por duas crianças, cujas mentes simples não estavam presas a preconceitos de adultos.

Tudo começou com o pedido brincalhão de uma menina. Para uma nova casa na aldeia de Hydesville, no Estado de Nova Iorque, mudou-se um agricultor chamado Fox, com a sua esposa e família. Não tinham habitado a sua propriedade de madeira há muito tempo quando começaram a ouvir ruídos estranhos durante a noite. Pancadas e batidas ecoavam por toda a casa. Os esforços para detetar a causa das perturbações falharam por completo. À medida que as semanas passavam, os indesejados acontecimentos supranormais aumentavam tanto em violência como em frequência. O mobiliário era movido, mãos invisíveis puxavam as cobertas das camas e ouviam-se passos por toda a casa.

Ao início, as crianças ficaram tão perturbadas como os pais com os acontecimentos indesejados. Mas, gradualmente, habituando-se aos fenómenos, começaram a achar divertido em vez de assustador.

Deitadas na cama uma noite no quarto dos pais, as estranhas batidas pareceram mais fortes do que nunca aos ouvidos das crianças. Talvez tornada extra audaz pelo facto de a mãe e o pai estarem ali, Katie, de 12 anos, sentou-se na cama. Para o invisível perturbador do seu sono, disse: "Aqui, Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço!". Com isto, bateu as mãos.

Imediatamente, o som foi seguido pelo mesmo número de pancadas. Para não ficar atrás da sua irmã mais nova, Margaret, que tinha 15 anos, exclamou então: "Agora faça o que eu faço — conte um, dois, tres, quatro".

Instantaneamente, ouviram-se quatro pancadas. Entusiasmada com o novo jogo, Katie fez em seguida movimentos silenciosos com o dedo indicador e o polegar. A inteligência invisível deu um número de pancadas correspondente ao número de movimentos sem ruído que Katie fizera. "Olha só, Mãe", disse a criança admirada, "consegue ver tão bem como ouvir!".

Posteriores perguntas por parte da Sra. Fox receberam respostas inteligentes através do método das pancadas. "É um ser humano que responde às minhas perguntas tão corretamente?", indagou ela. Houve silêncio. "É um espírito?", exigiu ela. "Se for, dê duas pancadas." Seguiram-se imediatamente duas pancadas.

Embora este método de comunicação fosse por necessidade longo e laborioso, apurou-se que as pancadas eram dadas por um homem "morto", um almocreve, que dizia ter sido assassinado aos 31 anos naquela mesma casa e que o seu corpo jazia enterrado sob a cave. Contou-lhes a maneira como fora assassinado e por quem o ato fora praticado. Deu pormenores sobre a sua esposa e família, e referiu-se a eventos que tinham acontecido desde a sua partida. As declarações feitas pelo comunicante espiritual foram investigadas e verificou-se serem exatas. Os seus restos mortais foram descobertos no local que indicara.

E assim, com o desafio brincalhão de uma criança a uma inteligência invisível, nasceu o Espiritualismo Moderno.

CAPÍTULO II
A CENTELHA VITAL

Toda a vida física de cada indivíduo começa, após a conceção, como uma única célula no corpo humano. Este gérmen de matéria viva — tão pequeno que é quase invisível a olho nu — contém todas as potencialidades de um corpo completo, masculino ou feminino, com todo o material hereditário com que os pais contribuíram. Dentro desta minúscula semente fertilizada estão os elementos que se desenvolverão em olhos e cabelos, dentes e unhas das mãos, órgãos e tecidos de um indivíduo que, a seu tempo, poderá reproduzir a sua própria espécie. O gérmen humano fertilizado contém potencialmente não apenas o bebé que chora, mas o adulto idoso e enrugado. São da mesma matéria, um vislumbre de vida, dentro do útero da mãe. O milagre do nascimento é seguramente o mais surpreendente de todos os fenómenos naturais. É generalizado no nosso meio tantas vezes tomarmos o processo praticamente por garantido. Mas o que é a vida em si mesma, sem a qual o desenvolvimento e o crescimento de um indivíduo não poderiam ter lugar?

Os poderes inventivos do homem realizaram feitos notáveis de engenho, habilidade e imaginação. Concebeu instrumentos científicos de grande precisão com os quais é capaz de controlar e até de conquistar muitos dos elementos. Represou rios, construiu pontes sobre canais e ergueu edifícios altos que se elevam nos céus. As suas máquinas voam no ar. Arrancou segredos da natureza do seu imo. As suas realizações artísticas são múltiplas. Contudo, mesmo que o homem possa estimular, transformar,

transpor e realizar todo o tipo de truques com a matéria viva, não consegue criar sequer a forma mais baixa de vida animada.

Os produtos químicos que compõem o ser humano físico podem ser comprados por um xelim ou pouco mais. No entanto, nenhum homem foi alguma vez capaz de criar uma das mais humildes criaturas de Deus. O cérebro do homem concebeu e pôs em prática métodos terríveis de destruir a vida saudável. Na guerra, matamo-nos uns aos outros por meios diversos e medonhos. Com todo o nosso conhecimento e realização científica, ainda não aprendemos a respeitar suficientemente a vida que não podemos criar, a centelha vital que não podemos acender por nossa própria vontade. O segredo ainda nos escapa.

Os nossos corpos não são animados por matéria física. Quando a vida é retirada, o corpo morre, ainda que as componentes físicas sejam exatamente as mesmas no momento após a respiração ter cessado. O coração e os pulmões continuam ali, por muito imperfeitamente que possam ter funcionado antes de a morte realmente ocorrer. A morte tem lugar porque algo aconteceu ao corpo físico que impede o espírito de continuar a expressar-se através do mesmo veículo terreno.

Como foi demonstrado pelas maravilhas da cirurgia plástica moderna, muitas partes diferentes de um corpo vivo podem agora ser substituídas, quando necessário, por secções retiradas de outro corpo físico, seja humano ou animal. Muitas das vítimas desfiguradas da Grande Guerra foram obrigadas a usar máscaras sobre os seus rostos pobres e feridos, ou então eram mantidas escondidas da vista dos seus semelhantes. A cirurgia plástica fez progressos rápidos. Muitos dos terríveis desfiguramentos faciais e outros causados pelos desastres da guerra moderna são agora tratados com tanta perícia que, sob as mãos experientes do cirurgião, um paciente recebe praticamente um novo conjunto de feições em substituição das desfiguradas.

Novos narizes e queixos são moldados a partir de osso e cartilagem. Pálpebras destruídas são substituídas por novas moldadas a partir de retalhos de carne removidos de diferentes

partes do corpo humano, não necessariamente do próprio paciente. É pouco provável que mesmo o génio de Shakespeare alguma vez tivesse antecipado que a exigência de Shylock por uma libra de carne de uma pessoa viva seria um dia tornada possível pela cirurgia moderna por razões humanitárias em vez de viciosas.

Hoje em dia, secções de cartilagem e osso retiradas de corpos mortos podem ser preservadas por longos períodos até serem necessárias para operações plásticas. Pode talvez parecer macabro que as vítimas de um desastre passem o resto das suas vidas com novos narizes, queixos e orelhas moldados a partir das formações ósseas de corpos mortos.

No entanto, estas substituições hábeis permitem que os pacientes continuem as suas vidas entre os seus semelhantes. A alternativa, o desfiguramento horrível e permanente e talvez o banimento voluntário da sociedade humana, foi evitada. Mas os indivíduos "reparados" não assumem — em parte ou no seu todo — as personalidades daqueles cujos componentes físicos substituíram os seus pelo processo da cirurgia.

Os pacientes continuam, como até então, a expressar as suas próprias personalidades. Podem remendar-se ou substituir-se discrepâncias físicas por outros componentes físicos. Mas não se pode reparar o corpo espiritual do indivíduo com parte de outro corpo espiritual.

A forma terrena não é o indivíduo. É meramente a habitação temporária do corpo espiritual que é um reflexo aperfeiçoado da terrena e não reproduz as discrepâncias puramente físicas da sua habitação temporária. Quando o espírito já não se pode expressar através da matéria, o corpo material é deixado de lado como um manto inútil. Sendo a vida indestrutível, o espírito prossegue a sua viagem…

As duas irmãs Fox, que em crianças descobriram que a comunicação entre este mundo e o próximo é possível, foram as primeiras médiuns a dar demonstrações públicas desta verdade estupenda. Foram as portadoras da tocha do Espiritualismo

moderno. Desde o seu tempo que outros médiuns se seguiram pelo trilho que elas abriram, mantendo bem alto as marcas flamejantes da inspiração. O volume de provas de sobrevivência pessoal acumulou-se e aumentou.

Cientistas ilustres como Sir Oliver Lodge, Sir William Crookes, Dr. William Brown e Sir William Barrett — para mencionar apenas alguns — investigaram as afirmações do Espiritualismo e provaram para sua própria satisfação o facto estupendo da sobrevivência pessoal e da comunicação com os espíritos. Estes homens, treinados na observação científica, testemunharam publicamente as verdades que apuraram.

Em comum com dezenas de outros homens e mulheres respeitados, da mais alta integridade e motivos, anunciaram ao mundo que a centelha da vida não se apaga quando o corpo físico perece. Há uma riqueza de provas agora disponíveis de que após a morte o homem retém a sua individualidade, consciência e memória.

Em anos recentes, os próprios cientistas destruíram os argumentos do materialismo através das suas próprias investigações. Com o conhecimento de que o átomo era capaz de ser dividido, desapareceram muitas noções preconcebidas quanto à indestrutibilidade da matéria. Percebe-se agora que a matéria "sólida" é uma espécie de ilusão. Foi cientificamente demonstrado que a substância material consiste numa coleção de partículas eletricamente carregadas. Os nossos corpos físicos, as casas que habitamos, os móveis que usamos, a comida que comemos e os livros que lemos devem todos ser considerados em termos de radiações eletrónicas.

A matéria em si não pode ser destruída. Apenas a sua forma pode ser alterada e transformada noutras substâncias. Um pedaço de papel entregue às chamas transforma-se em cinzas. Por sua vez, as cinzas podem ser resolvidas em compostos químicos. O corpo físico de um indivíduo, aparentemente tão sólido, pode ser desintegrado e transformado em substâncias não materiais.

Dado que mesmo a matéria descartada, um corpo físico morto, continua após a desintegração a existir numa forma alterada, é irrazoável assumir que a mente superior que controlava o mecanismo do corpo devesse extinguir-se após vagar o vaso terreno. Deixando de lado a massa de provas da Sobrevivência, tal crença é ilógica e infundada. A negação completa não é a lei do universo planeado pela Mente Mestra. A morte tem lugar quando a força vital se retira do corpo físico. Então o corpo etérico ou espiritual, já não limitado por condições materiais, continua a expressar-se no plano não físico a que pertence.

A individualidade, o caráter e a memória continuam a funcionar através do corpo espiritual porque estas qualidades não materiais nunca fizeram parte do invólucro físico através do qual anteriormente se expressavam. Os recém-chegados ao mundo dos espíritos encontram-se numa esfera em muitos aspetos semelhante àquela que deixaram.

O mundo astral ou etérico para o qual o espírito gravita pode ser comparado com o nosso, mas é um mundo mental, visto que o aspeto material da vida já não é necessário ao corpo etérico. Mas a ausência de condições físicas não implica que o mundo espiritual seja menos tangível do que o atual. O contrário é que é verdade. A vida lá é infinitamente mais vívida e vital. Pode dizer-se que, no Além, a ação do pensamento substitui a ação física na terra. Num mundo mental, os efeitos mentais são potentes e reais.

Centenas de comunicantes espirituais falaram, em salas de sessões por todo o mundo, sobre a vida no outro mundo. Raramente se contradizem num único ponto importante. Aprendemos que somos pessoalmente responsáveis pelas vidas que parámos e pelos caracteres que formámos e desenvolvemos na terra. A vida no outro mundo é condicionada pelo caráter que levamos connosco quando partimos. Não obstante, pode fazer-se retribuição por erros mortais, e a progressão eterna está disponível para todos nós.

CAPÍTULO III

ALGUNS SERÃO LEVADOS...

A “morte” de um amado e idoso familiar ou amigo é profundamente sentida por aqueles que ficam. Mas, após os primeiros momentos de dor terem aliviado, algum consolo é frequentemente retirado da reflexão de que o período mortal de anos da pessoa “morta” foi bem aproveitado, e uma medida completa de experiência terrena foi adquirida.

Aqueles que partem numa idade madura enfrentaram as tempestades das provações e tribulações da vida. A quota comum da experiência humana foi sua. Viajaram por caminhos tanto suaves como ásperos. Conheceram alegrias e tristezas, felicidade e dor, em diferentes períodos da sua peregrinação terrena. Tais indivíduos, como costumamos dizer, “viveram as suas vidas”, e a dor pela sua partida é suavizada por esta consolação reflexiva. Mas quando uma criança “morre”, é-nos negado este consolo, a menos que consideremos a perda física sob um ângulo diferente.

O leitor, cujo pequenino talvez tenha partido apenas recentemente, pode ter experienciado uma tempestade de emoções turbulentas após a transição da criança. À medida que o sentimento de separação se aprofundava, porventura clamou em rebeldia contra a crueldade do destino. Pode nunca antes ter questionado a benevolência de Deus, mas a perda pode ter abalado por algum tempo a sua fé na justiça e sabedoria divinas.

Com alguma amargura, pode ter perguntado a si próprio por que razão a taça da vida haveria de ter sido tirada tão prematuramente dos lábios do seu tesouro, cujo futuro parecia tão radiante e para quem tinha feito planos tão maravilhosos. Quando as oportunidades de ouro para levar uma vida útil, ativa e feliz eram tão aparentes, não conseguia compreender por que razão a experiência humana completa teria sido negada ao seu pequenino.

Estes, talvez, foram alguns dos pensamentos que lhe perturbaram as horas amargas.

Não pretendo ser capaz de fornecer uma resposta adequada à pergunta de por que razão alguns são levados e outros deixados. Os indivíduos que aceitam a hipótese da reencarnação afirmam

que aqueles que partem jovens cumpriram, na sua curta experiência terrena, uma fase particular na evolução da alma. Quer tais afirmações — que não têm relação com os propósitos do presente livro — apelem à sua razão ou não, ganhe coragem. Estanque as suas lágrimas; levante a cabeça. A dor prolongada e intempestiva é uma forma de autocomiseração. Choramos pelo nosso próprio sentimento de perda e separação, pela nossa própria solidão.

É verdade que a experiência humana completa, como entendemos o termo, não será o destino do seu filho, embora, como irá ler, as crianças "mortas" regressem de facto à terra e passem tempo com os seus familiares. O seu pequenino não conhecerá, contudo, no sentido material, os prazeres e as alegrias mundanas. Mas também nunca passará pela dor do luto parental como a que o leitor acabou de experienciar. O seu filho nunca conhecerá a amargura da desilusão, do desapontamento, da ambição frustrada e das esperanças não concretizadas. O seu amado nunca conhecerá a angústia do amor terreno não correspondido, nem sofrerá as misérias da falta de saúde, nem experienciará os horrores e as torturas da guerra.

O seu filho levará uma vida ativa e alegre num mundo de beleza inimaginável e de oportunidade ilimitada. O menos foi abandonado a favor da maior felicidade. Apenas a sua dor o separa do pequenino que não o deixou, e nunca o deixará enquanto os laços de amor se mantiverem. A porta da morte que se abriu, como pensou, tão prematuramente, poderia vir a provar ser a maior bênção que a Providência poderia conceder sobre a cabeça do seu filho.

Os planos maravilhosos que fez para o futuro poderiam nunca ter alcançado a concretização. Através da morte do corpo físico, um destino pavoroso pode ter sido evitado. O leitor não sabe.

Lembra-se da "História de uma Mãe", de Hans Andersen?

Enquanto uma pobre mulher estava sentada a vigiar o berço do seu bebé doente, um velho, cujo nome era Morte, entrou e levou o lactente. Desesperada de dor, a mãe deixou a sua casa e

partiu em busca da Morte, esperando que ela cedesse e devolvesse o bebé aos seus braços. Durante a sua longa jornada em busca do filho, suportou provações indizíveis. Deu os seus bens mais preciosos e estimados àqueles que exigiam pagamento por informações relativas à rota que a Morte tomara. Um levou-lhe os olhos, outro os seus longos cabelos pretos.

Eventualmente, desgastada e exausta, a mulher agora cega foi conduzida por uma velha comadre até à grande estufa da Morte, onde flores e árvores cresciam curiosamente juntas.

"Havia aqui jacintos delicados sob campânulas de vidro", escreve Hans Andersen, "e acolá grandes e fortes peónias; havia aqui plantas aquáticas, algumas bastante frescas, outras doentias com cobras de água enroscadas nelas, e pequenos lagostins pretos a trilhar as suas hastes. Havia aqui belas palmeiras, carvalhos e plátanos; além crescia salsa e tomilho de cheiro doce; cada árvore e cada flor tinha o seu nome. Cada uma era uma vida humana, que vivia ainda, uma na China, outra na Gronelândia, espalhadas pelo mundo. Havia grandes árvores em vasos pequenos, a crescer de forma atrofiada, prontas a rebentar os seus vasos; e havia também, noutros locais, pequenas flores enfadonhas em terra rica rodeada de musgo, e cobertas e cuidadas. Mas a triste mãe inclinou-se sobre todas as plantas mais minúsculas e escutou o coração humano a bater nelas. Entre um milhão, conheceu logo o do seu filho.

O coração do bebé batia dentro de um pequeno açafrão azul que pendia debilmente para um dos lados. Ela estendeu as mãos sobre a planta delicada, mas foi avisada pela velha comadre para não tocar na flor. Disse à mãe para aguardar a chegada da Morte. Então ela poderia ameaçá-la de que, se levasse a flor que continha o coração batente do seu filho, arrancaria outras vidas florais. Isto iria assustá-la, disse a velha mulher, pois ela era responsável perante Deus por todas as plantas, nenhuma das quais podia ser removida sem a Permissão d'Ele.

De repente, levantou-se um vento gélido, e a mãe soube que a Morte estava ao seu lado.

“Como encontraste o teu caminho até aqui?”, perguntou ela. “Como conseguiste chegar aqui antes de mim?”

“Sou mãe”, disse ela.

A Morte estendeu a sua longa mão em direção à pequena flor delicada, mas a mulher cega pressentiu o seu propósito em relação à vida do seu filho. Agarrou a mão dela, temendo que ela tocasse numa das folhas doentias.

Então a Morte soprou sobre as suas mãos. O sopro dela era mais frio do que o vento mais gélido, e as mãos dela desprenderam-se, entorpecidas, das da Morte.

Dizendo à mãe que ela não tinha poder sobre si, assegurou-lhe que estava ali apenas para cumprir a vontade de Deus.

“Sou o Seu jardineiro!”, disse ela. “Levo todas as Suas flores e árvores e planto-as no Jardim do Paraíso.”

Desesperada, a mãe implorou-lhe que devolvesse o seu bebé. Agarrou duas belas flores que cresciam ali perto.

“Vou arrancar as tuas flores, pois estou em desespero”, gritou ela.

“Não lhes toques!”, disse a Morte. “Dizes que és infeliz, e no entanto quererias fazer outra mãe igualmente infeliz.”

A pobre mulher retirou as mãos imediatamente. “Outra mãe”, repetiu ela, largando as flores no mesmo instante.

“Aqui tens os teus olhos de volta outra vez”, disse a Morte. “Pesquisei-os no lago, brilhavam tanto; não sabia que eram teus. Leva-os de volta, estão mais brilhantes do que nunca. Olha para dentro do poço profundo aqui perto. Dir-te-ei os nomes daquelas flores que estavas prestes a arrancar, e verás as suas vidas inteiras, e todo aquele futuro que estavas prestes a destruir.”

E ao olhar para o poço, sentiu-se feliz por ver que uma das vidas se tornava uma bênção para o mundo e estava rodeada de alegria e prazer. Depois viu a vida da outra. Era uma vida de dor e necessidade, pecado e miséria.

“Ambas as vidas são de acordo com a vontade de Deus”, disse a Morte.

“Qual delas é la flor da miséria e qual a da bem-aventurança?”, perguntou ela.

“Isso não to posso dizer”, disse a Morte; “mas posso dizer-te que uma das flores era do teu próprio filho; era o destino do teu filho que vias, o futuro do teu próprio filho.”

Dominada pelo terror, a mãe gritou: “Qual era o meu filho? Diz-me isso. Salva o meu filho de toda a miséria... Leva-o para o reino de Deus.”

“Não te compreendo”, respondeu a Morte. “Queres o teu filho de volta ou devo levá-lo para onde não sabes?”

A mãe caiu de joelhos e torceu as mãos de dor, orando a Deus: “Não me escutes quando oro contra a Tua vontade, que é o melhor; não escutes, não escutes”. Inclinou a cabeça em submissão.

“Então a Morte levou o seu filho para a Terra Desconhecida”, conclui esta bela e tocante história do amor de uma mãe.

Mas para os espíritas, o Além não é uma “Terra Desconhecida”. Vezes e vezes sem conta, crianças “mortas” regressaram para contar aos seus pais as maravilhas do mundo para o qual uma Providência omnividente achou por bem chamá-las.

CAPÍTULO IV
O VÉU É LEVADO

Durante mais de dois anos assisti a sessões de voz em casa de Estelle Roberts, a famosa médium cujo elevado padrão de clarividência pública convenceu milhares de pessoas da vida após a morte.

Com muito poucas exceções, as sessões de voz e de materialização realizam-se ou na escuridão ou sob luz vermelha. A luz branca tem um efeito deletério sobre certos tipos de fenómenos físicos do Espiritualismo, de forma muito semelhante a como é destrutiva para as chapas fotográficas, que têm de ser desenvolvidas na escuridão ou sob luz vermelha.

Os fenómenos físicos podem, na verdade, ser comparados com os processos do nascimento. A germinação da vida ocorre no escuro. O crescimento do embrião animal e humano ocorre dentro da escuridão do corpo. Na ausência de luz, as sementes iniciam o seu crescimento na terra. Os fenómenos físicos da sala de sessões, as materializações em particular, envolvem uma "aceleração" temporária das próprias forças da vida.

Já assisti a centenas de sessões de materialização, realizadas sob boa luz vermelha, mas, em qualquer caso, não é a presença ou a ausência de luz nas sessões que é importante. A prova da Sobrevivência que é recebida é o único teste que importa.

O cone de flandres, ou de alumínio, utilizado numa sessão de voz parece-se com, e é conhecido como, uma trombeta. Conserva, direciona e amplifica a voz dos comunicantes espirituais, que a utilizam como um megafone. Quando o poder psíquico da médium funciona adequadamente, a trombeta move-se livremente pela sala de sessões.

Nas dezenas de sessões de voz de Estelle Roberts a que assisti, a trombeta nunca esbarrou em nada no escuro, nem tocou num participante involuntariamente enquanto se deslocava rapidamente pela sala sob direção espiritual. As sessões de voz de Estelle Roberts realizavam-se na escuridão, mas as largas faixas de tinta luminosa aplicadas na extremidade larga da trombeta permitiam aos participantes acompanhar cada movimento seu com facilidade.

Nas sessões de voz mais bem-sucedidas, os comunicantes espirituais são capazes de reproduzir as suas vozes terrenas, de modo que os familiares e amigos podem frequentemente identificar características, entonações e maneirismos.

Naquela Sala Superior de sagrado reencontro entre os vivos e os chamados mortos, por vezes senti-me um intruso ao ouvir conversas tocantes que me moveram até às lágrimas. Em contrapartida, houve muitos episódios divertidos. A comédia e o drama interpenetram-se na sala de sessões tão livre e naturalmente como na vida quotidiana. Foi numa destas sessões de trombeta que recebi a prova pessoal corroborativa mais marcante que alguma vez tive na minha longa experiência de Espiritualismo. Mas depois, escutei prova após prova de Sobrevivência a ser recebida por participantes, muitos dos quais eram inteiramente novos no tema do Espiritualismo e completamente desconhecidos da médium.

A influência espiritual dominante nestes círculos era o guia da médium, Nuvem Vermelha, cuja personalidade índia encobre um ser altamente evoluído de grande sabedoria, humanidade e um profundo sentido de humor. É amado por todos os que o conhecem. Cada médium bem desenvolvida tem um guia ou controlo espiritual cuja função é proteger a médium de influências indesejáveis e ajudar os "mortos" a fornecer as suas provas.

Estavam habitualmente presentes 20 a 25 pessoas nas sessões de voz de Estelle Roberts. Algumas eram membros regulares do círculo; as restantes eram visitantes. Eu estava presente numa semana em que a Sra. Madge Donohoe perguntou a Nuvem Vermelha se ele lhe permitiria trazer "um amigo" à sessão seguinte. Não deu outros pormenores. O guia concordou e, subsequentemente, a Sra. Donohoe trouxe um estranho para o círculo. Ele não foi apresentado previamente à médium ou a qualquer um dos participantes. Mais tarde, soubemos que não era espírita e que esta era a sua primeira sessão.

Depois de várias vozes espirituais se terem dirigido a familiares e amigos, e de algumas excelentes provas terem sido recebidas, a trombeta luminosa moveu-se na direção do acompanhante da Sra. Donohoe. Ouvimos a voz de um rapaz dizer-lhe: "Pai, quero que saibas que não cometi suicídio! O legista disse que sim, e o júri disse que sim. Mas não cometi, Pai.

Tu tentaste impedi-los, mas eles calaram-te". O estranho respondeu: "Sim, isso é verdade. Mas como aconteceu?".

"Não sabias que eu tinha uma arma, pois não? Mas a Mamã sabia."

"Sim", respondeu o participante. "Descobri isso desde então, mas diz-me como ocorreu."

Muito pateticamente, a voz espiritual respondeu: "Bem, Pai, eu era apenas um rapaz como os outros rapazes, e queria ser um salteador de estradas. Peguei na arma e saí para a estrada de circunvalação. Depois tentei disparar contra um pássaro, tropecei e disparei sobre mim próprio. Foi assim que aconteceu. Acreditas em mim, não acreditas, Pai?".

"Sim, Teddy meu rapaz, acredito em ti", respondeu o seu pai. Era óbvio que ele estava com alguma dificuldade em conter a sua forte emoção.

"Não chores, Pai", disse o seu rapaz, "estou bem agora".

Após a sessão, o meu marido falou com o pai, que continuava maravilhado com os acontecimentos da noite.

"Diga-me", disse ele, "tem a certeza de que era o seu filho?".

"Sim", veio a resposta, "aquela era a voz do meu rapaz. Disseram que ele cometera suicídio há quatro meses, mas a minha esposa e eu achámos difícil de acreditar nisso a respeito do nosso filho".

Desejando registar a história num livro que andava então a escrever, o meu marido telefonou à Sra. Donohoe escassos dias mais tarde para pedir o nome do seu amigo.

"Não lho posso dar", respondeu ela. "Ele tem tido receio de contar à esposa sobre a sessão. Ela é uma Cientista Cristã que se opõe ao Espiritualismo."

Nem sempre é fácil derrubar preconceitos!

Uma visitante espiritual regular nas sessões de Nuvem Vermelha era uma jovem chamada Louise. Vinha falar com a sua mãe e tia terrenas, duas participantes que vinham frequentemente ao círculo. Louise, que fora bailarina antes de partir, tinha uma voz característica que subia e descia durante cada frase. Nuvem

Vermelha disse uma vez: “As pernas dela foram parar-lhe à língua!”

Uma noite, depois de ter falado com os seus familiares, disse-nos a todos: “Não me disseram quando eu estava na terra que eu era alemã, mas isso não faz qualquer diferença aqui”. Hannen Swaffer, o famoso jornalista e crítico dramático, estava presente nessa noite. A mãe da jovem espiritual disse-lhe: “Olha, o Sr. Swaffer está ali. Lembras-te de como costumávamos discutir a seu respeito”.

“Sim, eu sei”, respondeu Louise. “Tenho estado a olhar para ele.” Depois acrescentou: “Sabe, Sr. Swaffer, tenho medo de si”.

“Porquê?”, perguntou ele.

“Bem”, respondeu ela timidamente, “eu sou bailarina e o senhor é crítico!”.

“Não faz mal, minha querida”, tranquilizou-a ele. “Está escuro e não te posso ver.”

“Mas eu posso ver o senhor”, disse ela com alguma surpresa. “Ora, devem estar todos mortos!”

“Está a aproximar-se o Natal”, ouvi um rapaz “morto” dizer à sua mãe adotiva noutra sessão de voz.

“Sim, meu amor”, respondeu a participante. “Daqui a uma semana. O que vais fazer?”

“Ir contigo”, foi a resposta imediata, e seguiu-se uma longa conversa confidencial entre a criança e a sua mãe adotiva.

Muitas crianças trouxeram saudações de Natal aos seus familiares terrenos nessa noite.

— Papá, Papá — surgiu a voz entusiasmada de um rapazinho. — Papá, é o Peter. . . o Peterkin. — Depois, dirigindo-se à mãe, continuou: — Mamã, estou tão feliz. Beija o John e a Wendy por mim.

— Visto que me pedes, vou beijá-los, mas e quanto ao Mickey? — perguntou ela.

— O meu irmão Mickey — veio a resposta; — beija-o também.

O Peter contou aos pais que o avô o tinha trazido e o estava a ajudar a falar. A criança mencionou outro membro da família que o tinha ajudado a enfeitar a árvore de Natal no ano anterior, quando estava na terra.

— E quanto ao meu cavalo de baloiço no quarto de cima? — foi a pergunta seguinte do rapaz espiritual ao pai.

— Ainda lá está, querido — respondeu o progenitor. — Eu ando nele às vezes.

— Papá engraçado — disse o Peter, divertidíssimo.

Depois, os pais disseram ao filho "morto" que iam colocar algo na árvore de Natal para ele, em casa. O Peter ficou encantado. Ouvimos o som de beijos a vir da trombeta.

— Papá, agora já não tenho dores — voluntariou ele. — Não chorem pelo Peter. Eu venho sempre com o Avô.

— Tu vens ter comigo quando estou sentado em silêncio à noite, não vens? — perguntou o pai. A resposta veio num lamento infantil agudo: — Venho sempre, Papá. Está aqui um médico simpático. Ele disse que eu morri com meningite. Mas eu não morri.

A criança espiritual contou aos pais como às vezes brincava com a sua irmã terrena Wendy, a quem enviava o seu amor. Enviou saudações a duas outras crianças, a Nettie e o Johnnie. Disse que estaria com todos eles no dia de Natal. — Vou fazer muito barulho, se puder — disse ele aos pais.

Depois, falou de um novo animal de estimação no círculo familiar. — Não a tinham quando eu estava aí. Têm alguém agora para ocupar o meu lugar.

— Ninguém ocupa o teu lugar, Peterkin — respondeu o pai.

— Eu não me importo — disse o Peter.

Através da trombeta surgiu outra voz, de uma rapariga desta vez.

— Sou a Daphne — disse ela. A criança começou a falar com a mãe, mas interrompeu subitamente, aparentemente embaraçada com o número de visitantes presentes que eram estranhos para ela. Envergonhada, disse à sua progenitora: — Estão aqui tantas

pessoas. Diz-lhes para não ouvirem a Daphne. — Referiu-se ao seu irmão terreno John. — Ele tem estado a brincar com o carrinho de mão — disse ela. — A Daphne também brinca com o carrinho de mão.

Tentando explicar como falava nesta sessão, afirmou que tudo o que sabia era que um guia dissera: — Entra na caixa, Daphne, e podes falar.

E assim a Daphne entrou na caixa — sem dúvida a descrição simples dada à menina sobre a "caixa de voz" ectoplásmica através da qual as vozes espirituais se registam na sala de sessões.

Cerca de 20 vozes diferentes falaram nessa noite, e quase todas elas se voluntariaram a afirmar que estariam presentes nos seus lares terrenos no dia de Natal.

Noutra sessão de voz, ouvimos a voz patética de uma criança dizer:

— Papá, é o Mickey. É o Mickey a falar. — Esta criança "morta" regressou nessa noite para confortar o pai porque, como disse, — a Mamã está tão doente.

— Viste a Mamã? — perguntou o pai. — Sim — respondeu a criança. — A Avó levou-me.

O participante perguntou como achava ele que a saúde da mãe estava a progredir. — Ela está melhor agora — respondeu o Mickey —, mas está a preocupar-se.

— Com o quê? — perguntou o pai.

Pateticamente, veio a resposta:

— Porque eu "morri". Um, dois, três de nós estamos todos aqui agora. Pobre Mamã.

Foi muito tocante ouvir este rapazinho dizer: — Papá, diz à Mamã que o Mickey a ama sempre e que gostava que ela não estivesse tão triste, Papá.

— Quando vamos voltar a sentar-nos, querido? — perguntou o progenitor, imaginando quando recomeçaria o círculo familiar. — Não por muito tempo — respondeu a criança —, porque a Mamã tem de ficar forte. A Mamã teve outro pequeno Mickey,

mas ele “morreu”. Não fiquem infelizes. Estamos todos juntos. Amo-vos o tempo todo.

— Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados — disse Jesus de Nazaré. E, naquela Sala Superior, dois mil anos mais tarde, uma criancinha cumpria a mensagem ao trazer alento ao coração de um pai.

— Mamã, Mamã, quero a Mamã — disse a voz de uma criança numa sessão de trombeta realizada pela Sra. D. Hadden no Edinburgh Psychic College. A Sra. Christina Lockhart reconheceu esta voz como sendo a da sua filha Cathie, que partira no seu sexto ano de vida, após uma operação à apendicite.

“A Cathie era a nossa única filha”, escreve a Sra. Lockhart numa carta comovente que me dirigiu. “Ela era o sol das nossas vidas. Apenas aqueles que amaram uma criança como nós a amámos podem compreender o que a sua morte significou para nós. A sua partida deixou um vazio que tem de ser vivido para ser compreendido.”

As mentes questionadoras dos pais da Cathie tinham-nos impedido, durante muitos anos anteriores, de conseguir aceitar os dogmas da fé ortodoxa na qual foram educados. Na verdade, na altura da “morte” da filha, estavam a tornar-se cada vez mais agnósticos na sua atitude perante uma vida futura. “Apesar das nossas orações e do nosso exame de consciência, não conseguíamos regressar à fé simples dos nossos dias de filiação na igreja”, diz a Sra. Lockhart. “Muitas vezes após a partida da Cathie discutimos os prós e os contras de uma vida posterior e, após a chegada da rádio aos nossos lares, começámos a pensar mais seriamente na possibilidade de existir um estado de existência fora do nosso conhecimento, apesar de tudo o que os materialistas pudessem dizer.”

Nesta atitude mental, 17 anos após a partida da Cathie, os pais assistiram a uma reunião de propaganda espírita. Sentados no meio de uma assistência de 2000 pessoas, receberam a sua primeira descrição clarividente da sua filha “morta”. A reunião realizou-se no Usher Hall, em Edimburgo, onde a médium lhes

deu o primeiro e o segundo nome próprio da filha. “A vossa filha partiu jovem”, acrescentou a clarividente, “mas está a crescer agora”.

Mais tarde, a Cathie conseguiu dar mais mensagens à mãe numa sessão privada combinada com a mesma médium. Mas foi apenas vários meses mais tarde que a Sra. Lockhart teve a felicidade de ouvir a voz real da filha na sessão de trombeta da Sra. Hadden.

“Soube que era a Cathie”, escreve ela. “Havia uma inflexão na forma como costumava dizer ‘Mamã’ que era uma forma peculiarmente sua de se dirigir a mim.”

Naquela sala de sessões obscurecida, a trombeta, que não estava perto da Sra. Lockhart quando a filha falou pela primeira vez, moveu-se na direção da mãe e pairou em frente dela enquanto a criança espiritual dizia entusiasmada: — Mamã, sou eu, sou eu, a Cathie!

Nesse momento, o tempo parou para esta mãe. “Mesmo que viva até aos mil anos”, escreve ela, “nunca poderei esperar sentir novamente tal emoção como a que atravessou o meu ser. Naquela sala parecia que estávamos apenas a Cathie e eu — quando lhe disse: ‘Querida, eu sabia que vinhas’.”

A trombeta, pairando no ar, tocou na Sra. Lockhart com movimentos suaves e doces antes de a voz da Cathie falar novamente.

— Mamã, não me vais deixar, não me vais deixar! — implorou ela.

A Sra. Lockhart escreve: “Quando ela disse estas palavras, foi como se os anos tivessem recuado e eu estivesse novamente ao seu lado na enfermaria do hospital após a sua operação. Quando o cirurgião se aproximou para fazer o exame, ela segurou a minha mão e disse, num tom sobressaltado, as mesmas palavras que eu ouvia agora através da trombeta”. Essa foi a última vez que a Cathie falou com a mãe na terra.

A repetição das palavras de agonia da filha pareceu à Sra. Lockhart unir de novo os fios que a morte rompera 18 anos antes.

— Nunca mais te deixarei — assegurou ela à sua recém-encontrada filha.

— O Papá não veio — disse a criança em tons de desilusão, antes de se despedir da mãe, prometendo, contudo, que comunicaria novamente.

Na sessão de voz seguinte a que a Sra. Lockhart assistiu, a voz da Cathie estava mais forte e mais clara, e ela mostrava-se menos emocional. Referiu-se a uma pequena amiga espiritual chamada Lucy que tinha falado mesmo antes dela.

— A Lucy tem caracóis lindos — voluntariou a Cathie —, mas não são como os meus. São escuros. — O cabelo da Cathie era loiro na sua vida terrena.

A Lucy, que era uma excelente comunicante, contou à Sra. Lockhart que a Cathie a andava a ensinar a cantar. Na terra, a Cathie possuíra uma voz belíssima. Por vezes, a pequena família cantava junta, "Drink To Me Only With Thine Eyes", enquanto a Cathie assegurava o acompanhamento na cítara que a mãe a ensinara a tocar. Foi significativo que a primeira vez que ela falou com a mãe tenha sido imediatamente após a execução dessa canção na sala de sessões.

Com o passar do tempo, a Cathie tornou-se uma comunicante perita e foi capaz de assistir outros familiares e amigos "mortos" a fornecerem provas da sua identidade.

Certa vez, numa sessão com Edith Potts, uma conhecida médium do Norte de Inglaterra, o guia falou da presença de um lactente que tinha "morrido" à nascença. A Sra. Lockhart não conhecia a criança até que a Cathie forneceu a prova adicional ao dar o apelido de "Murray". Então a participante recordou-se de que a esposa do sobrinho do seu marido tinha, alguns meses antes, na África do Sul, dado à luz uma criança que não vivera. Nesta sessão, a Cathie disse que tinha trazido o bebé com ela para que a mãe pudesse contar aos pais, que gozavam umas férias em Inglaterra nessa altura, acerca do bebé. A Cathie disse que o nome do bebé era David e que tinha cabelo loiro. Estes factos não eram então conhecidos da Sra. Lockhart. Mas quando os familiares do

marido a visitaram, ela perguntou-lhes como tinham pretendido chamar à criança se tivesse vivido.

— David — foi a resposta. — De que cor era o cabelo dele? — perguntou-lhes ela. — Era loiro — responderam.

Desde o início da investigação dos seus pais no Espiritualismo, que começou há nove anos, a Cathie tem continuado a fornecer prova sobre prova da sua existência contínua. É capaz de demonstrar o seu conhecimento das vidas diárias deles ao tecer comentários sobre incidentes que ocorrem no seu ambiente doméstico e profissional.

Nas sessões de materialização, os "mortos" constroem uma reprodução dos seus corpos terrenos para fins de reconhecimento. Tornam-se visíveis utilizando a substância esbranquiçada e vaporosa, chamada ectoplasma, que emana da médium na sessão. Esta substância é em parte física e em parte etérea. Tem peso, e foi manuseada por muitos cientistas.

Ao contrário da crença popular, estas materializações não se parecem com as formas fantasmagóricas associadas à ficção de Natal. São tão "sólidas" como as pessoas terrenas. Quando a materialização é completa, todo o sistema orgânico de um corpo terreno é temporariamente duplicado, até mesmo os batimentos cardíacos e as pulsações, que foram registados por homens ilustres da ciência.

Na maioria das sessões físicas, a médium senta-se atrás de uma cortina, ou de um pedaço de tecido, que é pendurado a um canto da sala. Este "gabinete", como é chamado, evita a interferência das vibrações psíquicas das outras pessoas na sala. Quando as formas espirituais estão suficientemente "construídas", mostram-se habitualmente fora do gabinete, enquanto a médium permanece por trás do espaço cortinado. Contudo, estive muitas vezes presente quando um espírito totalmente materializado afastou a cortina e a médium — habitualmente em transe profundo — estava visível ao mesmo tempo que o indivíduo "morto".

Na América, estive presente quando o guia da médium, Ethel Post, saiu do gabinete e, sob uma boa luz vermelha, caminhou uma distância de cerca de 30 pés na sala de sessões. Esta jovem rapariga espiritual índia convidou o meu marido a caminhar de regresso ao gabinete com ela, para se certificar de que a médium ainda lá estava. Assim fez ele, enquanto o guia permanecia fora da cortina, visível para todos nós.

A bem conhecida médium de materialização, Helen Duncan, foi vitimada por "investigadores psíquicos" e anti-espiritalistas de forma mais consistente, talvez, do que qualquer outro psíquico do tempo presente. Foi acusada, pelos seus inimigos, de engolir morim às jardas e de depois o regurgitar sob a forma de pessoas "mortos". O facto de estes indivíduos espirituais terem conversado com, e sido reconhecidos por, inúmeras pessoas não parece ter importância para aqueles que a condenaram.

Testemunhei os mais notáveis fenómenos psíquicos em algumas das sessões de Helen Duncan, realizadas sob luz vermelha, quando os participantes abraçaram e beijaram os seus familiares "mortos", que deram provas completas da sua sobrevivência contínua. Apertei a mão da forma materializada do meu irmão que partira na Grande Guerra. O seu toque era quente e vital. Deu o seu nome e outras informações que não poderiam possivelmente ser conhecidas pela médium. Também esclareceu um mistério relativo à sua partida.

O Dr. Montagu Rust, apoiando a integridade de Helen Duncan, afirmou: "Os fenómenos que surgem daquela mulher são perfeitamente maravilhosos e não podem ser produzidos por mais ninguém na Europa". Descreveu uma sessão onde Helen Duncan foi amarrada dentro de um saco e depois colocada dentro do gabinete. No final da sessão, foi encontrada fora do saco, cujo selo estava ainda intacto. Noutra ocasião, viu a médium quando o seu corpo estava completamente desmaterializado dos ombros para baixo, e novamente quando não havia qualquer sinal físico do seu corpo abaixo das ancas.

A Sra. Elizabeth Holliday, de Birkenhead, conta no "Psychic News" como a sua filha, uma gémea que "morreu" à nascença, materializou-se, 24 anos mais tarde, numa das sessões de Helen Duncan. Embora nunca tivesse visto esta filha, reconheceu a jovem espiritual pela semelhança consigo própria. Estava vestida, diz a mãe, com uma "túnica deslumbrante e bela". Aqueles que se sentaram com Helen Duncan, quando as condições psíquicas eram boas, sabem quão brancas e radiantes são as túnicas ectoplásmicas dos espíritos materializados. A Sra. Holliday comenta a extraordinária semelhança entre os três membros da família, a sua filha "morta", o irmão gémeo e ela própria. Desde a primeira manifestação, a sua filha materializou-se em muitas ocasiões. "Ela comenta sempre o que está a acontecer em casa", diz esta mãe.

Algumas crianças "mortas" manifestam-se com as idades com que partiram; outras com as idades que desde então atingiram no mundo espiritual. Três dos seus quatro filhos "mortos" materializaram-se para a Sra. E. M. Reynolds, do Sul de Gales, nas sessões de Helen Duncan. Duas das crianças manifestaram-se com as idades que atingiram antes da sua partida. A mãe conta-me que as reconheceu facilmente. Outro dos seus filhos, o David, que "morreu" à idade de nove meses, materializou-se cinco anos mais tarde como uma criança de seis.

Contou à mãe que estivera presente no lar escassos dias antes quando, durante o chá, ela dissera ao pai: — Pergunto-me o que andará o nosso pequeno David a fazer agora. A criança espiritual relembrou-lhe que ela tinha também indicado com a mão a altura que ele teria atingido se tivesse permanecido na terra.

A Sra. Reynolds disse ao seu filhinho que se lembrava perfeitamente da conversa.

— Bem, eu sou "deste tamanho", Mamã — disse a criança, repetindo as palavras que ela utilizara, e segurando a mão à mesma distância do chão que ela fizera quando falara dele.

O David também cantou uma estrofe e o refrão de uma canção para a mãe na mesma sessão. "Era a voz mais doce que

alguma vez se ouviu", diz a Sra. Reynolds, "no entanto, assemelhava-se às vozes dos meus outros filhos nessa idade. Quando se compreende que sou mãe de uma família numerosa, tive uma oportunidade razoavelmente boa de conhecer o timbre das vozes deles".

Esta criança que partira para o mundo espiritual com tão tenra idade contou à mãe como fora ensinada no Outro Lado a andar e a falar. — Quando tive idade suficiente — disse ele —, mostraram-me fotografias tuas e do Papá, e de todos os meus irmãos e irmãs, para que vos pudesse conhecer a todos. Passado algum tempo, trouxeram-me para vos ver.

A Sra. Reynolds diz que um homem que tinha ido à sessão com um espírito cético recebeu permissão para passar a mão sobre a forma da criança materializada, a fim de se convencer da genuinidade do fenómeno. "Ele declarou definitivamente que estava satisfeito por se tratar da forma de uma criança", escreve ela. "Sei que ele afiançaria este facto. Juro que o que escrevi é a pura verdade."

O caráter é a única avaliação do estatuto de um indivíduo após a "morte". O Outro Lado não se preocupa com a posição ou o poder terrenos. A prova da Sobrevivência está tão disponível para homens e mulheres de condição simples neste mundo como está para aqueles de posição excelsa. Sei de personagens reais a quem foram concedidas notáveis provas de Sobrevivência. Sei de outros — bem, aqui está a história de um varredor de ruas, o Sr. F. Spencer, cuja filha regressou para junto dele através da mediunidade de Helen Duncan. Esta rapariga, que partira à idade de 14 anos, materializou-se, deu o seu nome e forneceu ao pai pormenores exatos da sua última doença.

"A Vera veio ter comigo cá fora, vinda do gabinete", escreve o Sr. Spencer. "Segurei a mão dela e vi a beleza do seu rosto. Foi uma noite que viverá comigo para sempre." A rapariga "morta" falou da mãe e, enviando-lhes o seu amor, nomeou todas as suas irmãs.

Um pouco mais tarde, o controlo da médium, o Albert, pediu ao Sr. Spencer para dar alento ao espírito que estava prestes a materializar-se para ele, visto que ela tinha deixado o seu corpo físico há apenas algumas horas. Depois, uma forma surgiu perante o participante e chamou debilmente: — Sou a Lily. — O Sr. Spencer perguntou se ela podia dar o seu apelido. Ela fê-lo, acrescentando: — Segui-te até aqui. A Vera ajudou-me.

A Lily era a filha de um dos seus vizinhos. Tinha partido naquela manhã!

O controlo da médium disse ao Sr. Spencer que a rapariga estava angustiada porque os seus pais não compreendiam que ela não os tinha realmente deixado. Pediu ao participante para comunicar com os seus vizinhos e contar-lhes o que tinha ocorrido naquela noite. O Sr. Spencer disse que faria o seu melhor, mas os pais da rapariga eram católicos romanos fervorosos que não acreditavam no Espiritualismo.

Na noite seguinte, o Sr. Spencer visitou os seus vizinhos.

— Veio ver a Lily? — perguntou o pai. Ficou um pouco sobressaltado quando o Sr. Spencer respondeu: — Vi-a ontem à noite — e procedeu a relatar a sua experiência na sessão. — Não acredito em tais coisas — respondeu o pai da rapariga. Nesse momento, a sua esposa entrou na sala, e o Sr. Spencer repetiu a sua história. — Graças a Deus! — respondeu a mãe. — A Lily sofreu aqui, e eu tenho andado a preocupar-me com a possibilidade de ela permanecer no Purgatório, ainda a sofrer. Agora sei que não é assim e estou consolada.

A pedido do Sr. Spencer, não dei o apelido da Lily.

Florence Marryat, a conhecida escritora vitoriana, que defendeu a verdade do Espiritualismo quando este era impopular, descreve no seu livro, *"There Is No Death"*, uma sessão pública a que assistiu em Nova Iorque durante uma visita profissional. Ela era desconhecida para o médium, M. A. Williams, ou para qualquer um dos participantes. A sua filha "morta", Florence, materializou-se e convenceu a mãe de que era a mesma rapariga

que lhe tinha dado provas incontestáveis da sua identidade em Inglaterra.

Florence Marryat, do seu lugar na primeira fila, testemunhou outros reencontros entre pais terrenos e os seus filhos "mortos". Não mais do que um minuto ou dois após a sessão ter começado, ouviu uma voz espiritual pedir pelo "Pai", enquanto três formas espirituais surgiam através da abertura do gabinete do médium. Um homem idoso deixou o seu lugar e caminhou até estas três jovens raparigas espirituais, que o abraçaram e falaram com ele.

"Quase me esqueci de onde estava", escreve a autora. "Pareciam tão perfeitamente humanas, tão alegres e femininas, algures entre os dezassete e os vinte anos, e falavam todas ao mesmo tempo, tão parecido com o que as raparigas na terra fariam... O homem idoso regressou ao seu lugar, a enxugar os olhos. 'Essas são as suas filhas, senhor?', perguntou um dos participantes. 'Sim, as minhas três meninas', respondeu ele. 'Perdi-as a todas antes dos dez anos de idade, mas veem como as tenho de volta aqui outra vez'."

Cada forma espiritual, após ter expirado o tempo consagrado à comunicação, desmaterializou-se perante os participantes, afundando-se as formas diretamente através do tapete como se fosse a coisa mais comum a fazer.

CAPÍTULO V
RUTH ANNE REGRESSA

"'Face a todas as provas que temos tido, o meu marido e eu estamos convencidos de que a nossa pequenina vive e ama e é feliz nessa vida além da morte.'"

Isto foi o que a Sra. R. Newton, de Newton-le-Willows, Lancashire, me escreveu quando lhe perguntei sobre a sua filha "morta". A Ruth Anne partira à idade de seis anos e meio, após sofrer de meningite. "Foi principalmente através da maravilhosa mediunidade de transe da Sra. Lilian Bailey que a surpreendente prova de vida e amor contínuos nos chegou", escreve a Sra. Newton.

Em sessões privadas, a psíquica descreverá os "mortos" que vê por clarividência ou ouve por clariaudiência. Frequentemente, em sessões de fenómenos mentais, o guia ou controlo falará através dos lábios da médium, cuja própria consciência é temporariamente deixada de lado.

Apenas seres espirituais altamente evoluídos são eleitos para atuar como guias, pois tal posição é uma grande responsabilidade. Algumas médiuns têm, além disso, um ou mais controlos espirituais, que são selecionados pela sua capacidade de cooperar com o guia, particularmente na produção de fenómenos físicos. Os controlos não são necessariamente tão altamente evoluídos como os guias, mas, em muitos casos, um guia também atua como controlo.

A primeira sessão dos pais com Lilian Bailey foi organizada pela organização espírita Britten Memorial, em Manchester.

"Nunca nos tínhamos encontrado com a médium antes e não lhe tinham sido ditos os nossos nomes ou o motivo da nossa vinda", diz a Sra. Newton, "no entanto, o seu guia espiritual disse-nos imediatamente que a nossa menina estava presente. Deu o seu nome completo, Ruth Anne Newton. Deu a sua idade e o dia do seu aniversário, a data da sua partida e muitos pormenores da sua doença.

Todos estes estavam corretos. Seguiram-se descrições exatas de eventos que tinham ocorrido recentemente, coisas que tínhamos feito juntos e locais que tínhamos visitado quando a Ruth Anne estava connosco. Foi-nos dito que os seus dois avós estavam com ela. O nome do meu pai, Josiah, foi dado, com uma excelente descrição dele e do lar da sua infância, os nomes dos seus irmãos e irmãs e pormenores da sua última doença. O nome do outro avô da Ruth Anne foi dado, também, com muita história familiar."

Escrevendo sobre posteriores sessões com Lilian Bailey, a Sra. Newton afirma: "É impossível transmitir a atmosfera de profundo amor e alegria e a realidade destes reencontros. A Poppet, a criança guia da Sra. Bailey, que é por si só um puro

encanto, falou connosco em cada sessão. Além da excelente prova que nos tem dado, tem uma forma encantadoramente ingénua de se expressar."

Quando se aproximaram do aniversário da "morte" da Ruth Anne, foi dito aos pais por outro dos admiráveis guias de Lilian Bailey, W. H. Wootton, um oficial que "morreu" na Grande Guerra: "Hoje a vossa querida filha está aqui. Está a fazer grandes progressos. Gostaria que a pudessem ver como eu a vejo, de olhos radiantes, cheia de inteligência e beleza e de uma felicidade além da vossa compreensão.

Está a irradiar uma glória espiritual. Olha para mim a perguntar-se do que ando eu a falar. Quero que compreendam que ela está livre; não tem limites. Ela entra na vossa vida. Muitas vezes entra no vosso lar e vós acolheis um anjo sem o saber. O facto de saberem que ela vive torna o céu dela mais belo. O mundo dela ficaria obscurecido se não soubessem isto."

"Andaram recentemente a mexer em algumas das roupas dela?", perguntou ele em seguida.

— Sim — admitiram os pais da Ruth Anne.

"Guardem as roupas dela se não conseguem suportar a ideia de se separarem delas, e pensem na sua nova vida", disse o guia. "Não fiquem tristes neste aniversário. Celebrem com ela."

Alguns meses após esta sessão, o Capitão e a Sra. Newton sentaram-se com Hester Dowden, a conhecida médium através de cuja mão a escrita automática do mundo espiritual é recebida a uma velocidade notável. Os pais não se tinham encontrado com a médium antes, e ela nada sabia a respeito deles. Pouco depois de ter pegado num lápis, a seguinte mensagem foi escrita a um ritmo muito rápido:

"Sou a Ruth. Mãe, Papá, foi difícil esperar. Estava mesmo desejosa de gritar: 'Estou aqui. Estou aqui.' Papá. Mãe, querida, fala comigo."

Esta saudação foi seguida por páginas de escrita, cujo entusiasmo, diz a Sra. Newton, era extremamente característico do temperamento da sua filha "morta".

Na sessão seguinte com Lilian Bailey, Wootton contou-lhes que tinham visitado recentemente outra médium através da qual a sua filha dera o seu nome como Ruth. Disse que a criança queria confirmar este facto, e que ficara encantada por ter sido capaz de o fazer. "Significa tanto para ela", explicou ele, "ser capaz de vos convencer de que continua viva". Contou aos pais que a Ruth Anne descrevera como, no início da outra sessão, um tabuleiro, coberto de letras maiúsculas, tinha sido utilizado. Depois, a médium utilizara um lápis e papel. Este era um relato correto do procedimento na sessão de Hester Dowden.

Wootton disse então que a Ruth Anne estava a dar o nome da médium de Londres que os seus pais tinham visitado — "Sra. Hester Dowden, cujo guia, Johannes, tinha sido muito amável". Os participantes não tinham contado a Lilian Bailey ou, na verdade, a mais ninguém, sobre a sua visita a esta médium.

Pormenores de duas excelentes sessões com Rose Livingstone são dados pela Sra. Newton. Ela e o seu marido eram perfeitos estranhos para esta médium quando se encontraram, tendo a sessão sido organizada pela London Spiritualist Alliance em benefício deles. "A Sra. Livingstone descreveu a nossa filhinha", escreve a Sra. Newton, "dando a sua idade e o dia do seu aniversário, e o seu nome, Ruth Anne.

Disse que a nossa filha tinha estado connosco junto a uma pia batismal por volta das três horas daquela tarde. Tínhamos estado na Catedral de São Paulo nessa altura. A Ruth Anne disse que os seus dois avós estavam com ela, um que conhecera e amara na terra, e o outro, o pai do seu Papá, que conhecera no mundo espiritual. Muitas vezes, pormenores e eventos familiares foram dados corretamente, bem como uma conversa feliz e amorosa, típica da Ruth Anne."

Um pequeno incidente impressionou muito os pais. A médium disse que a criança deles queria saber se se lembravam do seu pequeno serviço de chá. — Sim — responderam eles —, com certeza. — Mas lembram-se dele quando eu estava doente? — foi a pergunta seguinte da Ruth Anne. Apesar da sua

persistência, não conseguiram associar o serviço de chá à sua doença por algum tempo, até que subitamente ocorreu à Sra. Newton que tinha utilizado o pequeno bule como uma caneca de alimentação para a menina moribunda!

Poucos dias após o seu cão ter sido "posto a dormir", a Sra. Newton teve outra sessão com Rose Livingstone. A Ruth Anne foi descrita quase imediatamente. "Tem um cão nos braços", disse a médium, "e está tão entusiasmada com isso. Ela diz: 'Mandaste-o pôr a dormir, Mãe, mas ele está perfeitamente bem agora. Não pode chorar por vós porque lhe estamos a fazer imensas festas.' "

Devido à nossa ascendência comum, os animais são vitalizados pela mesma centelha de vida que os seres humanos. Na sua longa associação com o homem, os animais domésticos adquiriram atributos e qualidades imorredoiras semelhantes que continuam a encontrar expressão após a morte física. Há uma formidável quantidade de provas para apoiar o argumento a favor da sobrevivência dos nossos irmãos menores. Trato deste assunto no meu livro, *"When Your Animal Dies"*.

Na sua carta que me dirigiu, a mãe da Ruth Anne, feliz com o conhecimento de que a sua filha nunca realmente a deixou, diz: "Sei que terá compreendido que ela era, e é, a alegria das nossas vidas, preciosa e bela além das palavras".

A primeira vez que se sentou com uma médium, a Sra. Winifred E. Clarke, de Stockport, reconheceu a voz e os maneirismos do seu filhinho, Philip.

Ela e o seu marido decidiram investigar o Espiritualismo quatro meses após a "morte" da criança. O Britten Memorial organizou uma sessão para eles com Lilian Bailey, de quem os pais nunca tinham sequer ouvido falar. No seu estado de espírito crítico de investigação, não desejavam que ela soubesse do seu parentesco mútuo. As suas sessões foram marcadas para a mesma tarde, mas a horas diferentes. De acordo com o costume da maioria das organizações espíritas fiáveis, nem os seus nomes, nem qualquer outra informação a respeito deles, foram dados a Lilian Bailey. Contrariamente à crença cética, os médiuns

reputados preferem sempre estes arranjos para preservar o anonimato dos novos participantes.

A consulta da Sra. Clarke foi a primeira. Lilian Bailey tinha sido apenas controlada por Wootton durante escassos minutos quando este descreveu um rapazinho que parecia ter cerca de oito anos de idade. A Sra. Clarke conta-me que o Philip tinha nove anos quando "morreu", mas era pequeno para a sua idade. O guia seguiu imediatamente a sua descrição da criança com: — Ele é o seu próprio filhinho que partiu recentemente para o nosso mundo. Depois, através dos lábios da médium em transe, a voz de Philip Clarke foi ouvida pela sua mãe radiante de alegria.

Enquanto o poder psíquico permaneceu suficientemente forte, la voz da criança "morta" soou exatamente da mesma forma que na terra. "Mas", diz a sua mãe, "a parte mais marcante e evidente da sua manifestação foi a sua forma característica de falar, os seus movimentos e, de facto, toda a sua personalidade. Se uma mãe — crítica como eu era — reconhece a voz e a maneira do seu próprio filho além de qualquer dúvida, não pode haver engano quanto à solidez da prova."

No final da sessão, a Sra. Clarke retirou-se para outra sala. Estava ciente de que o seu marido chegaria mais tarde para a sua consulta, mas não se cruzou com ele. Ele contou-lhe mais tarde que, quando Lilian Bailey estava em transe, o guia o saudara e observara, de uma forma algo surpreendida, que o rapazinho que se manifestara ao participante anterior continuava presente. Disse que a criança parecia estar divertidíssima e que se ria. Depois, Wootton pausou e disse: — Oh, o senhor é o pai dele! Ele está a chamar-lhe Papá. — O Sr. Clarke admitiu que era verdade. Depois, pela segunda vez naquela tarde, o Philip controlou a médium e falou com o seu outro progenitor.

Nem o Sr. nem a Sra. Clarke deram os seus nomes à médium após as suas sessões separadas.

Poucos dias mais tarde, o secretário do Britten Memorial recebeu uma carta de Lilian Bailey, escrita a partir do seu lar em Crewe. Escrevia que, na noite anterior, um rapazinho, dando o seu

nome como Philip Clarke, tinha falado com os membros do seu próprio círculo de voz.

Quando lhe pediram mais informações sobre si próprio, apenas lhes conseguiu dizer que tinha sido capaz de falar com os seus pais na semana anterior. Depois, o seu poder falhou e a Poppet continuou a história. Disse que tinha trazido o rapazinho porque ele queria enviar o seu amor à sua Mamã e ao seu Papá. A Poppet desejava que esta mensagem fosse encaminhada para o Britten Memorial para que os pais do rapaz a recebessem.

Pouco depois de este círculo de voz ter tido lugar, Lilian Bailey sentou-se com alguns amigos numa sessão de mesa. Utilizando o código alfabético de inclinações de mesa, a Poppet soletrou: "Trouxe o rapazinho outra vez. Digam à Mamã e ao Papá dele que o ando a ensinar a comunicar."

Houve uma pausa, depois, lenta e hesitantemente, a mesa inclinou-se para as letras "P-H-I-L", seguidas por esta mensagem de Wootton: "Este pequeno rapaz está muito ansioso por entrar em contacto com a sua gente. Por favor, digam-lhes que o andamos a ajudar a aprender como usar o poder espiritual desta forma."

A carta de Lilian Bailey contendo a mensagem de Philip foi mostrada pelo secretário do Britten Memorial aos pais dele que, escusado será dizer, ficaram encantados por receber as saudações adicionais e inesperadas do seu filhinho. Desde essa altura, têm tido novas sessões com Lilian Bailey, através de cuja mediunidade o Philip se tem manifestado vezes e vezes sem conta. Também desenvolveram os seus próprios poderes psíquicos. Uma mesa de madeira simples, que utilizam para a comunicação espiritual, é a ponte que transpõe o abismo da morte e permite que o Philip e os seus pais passem horas felizes e íntimas juntos.

Uma criança que viveu na terra apenas escassas horas deu provas da sua sobrevivência ao seu pai, o Sr. Hugh Stanhope, de Llandudno, um amigo pessoal meu. O Sr. Stanhope esperou 15 anos para receber uma mensagem espiritual que considerasse cem

por cento evidente. Embora o Sr. Stanhope aceite o argumento espírita há anos, a sua "mente desconfiada", como lhe chama, exigiu sempre uma "prova blindada" que não pudesse ser explicada por qualquer outra hipótese.

Lilian Bailey forneceu esta prova longamente aguardada quando demonstrou clarividência numa reunião de propaganda espírita em Colwyn Bay.

"Nunca tinha encontrado Lilian Bailey na minha vida", diz o Sr. Stanhope, "e ela certamente não poderia saber por quaisquer meios normais os nomes e factos que me deu." Foi à reunião sem esperar receber uma mensagem espiritual. A médium estivera a dar clarividência em transe durante um curto espaço de tempo antes de chamar o nome "Stanhope", seguindo isto por descrições perfeitas dos seus pais "mortos" e fornecendo os seus nomes.

Continuou, passando a descrever um espírito, agora um jovem, que vivera na terra apenas escassas horas. O espírito deu o seu nome, John Stanhope. Há muitos anos, este bebé nascera da Sra. Stanhope, mas "morreu" passadas escassas horas em circunstâncias bastante tristes e angustiantes que causaram uma profunda impressão nas vidas dos pais.

A tragédia entrou nas vidas do Sr. e da Sra. Norman C. Sinclair, de Sunderland, quando a sua filha Norma, uma rapariga de 13 anos, foi colhida por um camião de mercadorias e sofreu ferimentos que se provaram fatais. O Sr. Sinclair era proprietário de um pequeno iate no qual a família tinha o hábito de passar fins de semana felizes. O acidente fatal ocorreu enquanto a Norma se dirigia para junto dos pais no iate, que estava fundeado no rio perto de Boroughbridge. A dor encheu os corações dos pais.

"Lá se foram os nossos sonhos de um futuro feliz e familiar", escreve o Sr. Sinclair, "lá se foram a alegria e o riso e em seu lugar — o quê? Angústia e dores no coração, lágrimas e negro desespero, e a minha mente cheia de pensamentos pavorosos, repugnantes, horríveis, terríveis demais para contar. Existíamos neste estado de escuridão mental, a pensar que o mundo era um lugar muito vil, e plenamente convencidos nos nossos corações de

que era tudo mentira a respeito de haver um amoroso Pai celestial, quando, um dia, a conduzir por uma rua de Sunderland, vimos um cartaz que dizia: *'Psychic News': Provada a Vida Após a Morte.*"

A Sra. Sinclair entrou na loja e comprou um exemplar, que ambos apressaram para casa a fim de ler. Este jornal colocou-os em contacto com o movimento espírita. Em livros psíquicos, também, leram sobre as provas de Sobrevivência que tinham sido concedidas a outras pessoas. Assim começou a sua própria busca por provas.

Quando o Sr. Sinclair combinou uma sessão privada com a famosa médium Helen Hughes, era um perfeito desconhecido para ela — além do seu nome, ela nada sabia a seu respeito. Na sua primeira sessão, ela descreveu uma rapariga alta que estava em pé ao seu lado. Depois, para espanto dele, continuou dizendo: — Além disso, a rapariga pôs os braços à volta do teu pescoço, aconchegando-te com amor. Ela diz-me que és o Papá dela. — O Sr. Sinclair conta que a Norma era uma rapariga alta para a sua idade. Ela nunca se lhe tinha dirigido como "Pai", mas sempre como "Papá".

Quando a Sra. Hughes continuou: — Ela traz o irmão com ela —, o coração do pai sobressaiu. A Norma era filha única. — Isso é absolutamente impossível — respondeu ele. — Nunca tive um filho. — Mas a médium insistiu. — O meu guia diz-me — afirmou ela — que é de facto o teu próprio filho. Ele nunca conheceu a vida na terra, pois a tua esposa teve um aborto espontâneo há anos. No mundo espiritual, o teu filho recebeu o nome de John, em homenagem ao teu tio John, que também já partiu. — Ele tinha, até àquele momento, esquecido por completo que, 15 anos antes, a sua esposa tivera um aborto espontâneo. A afirmação sobre o seu tio também era exata.

Como lerá noutros locais, a prova de Sobrevivência tem sido fornecida por muitos indivíduos espirituais que nunca chegaram a respirar na terra. Uma vez acesa a centelha da vida, o crescimento continuou em qualquer fase da vida terrena em que a contraparte física do corpo espiritual tivesse perecido.

Esta sessão foi a precursora de muitas outras com Helen Hughes. Mas, embora o Sr. Sinclair pedisse repetidamente ao guia da médium para lhe dar o nome completo da Norma, este foi-lhe sempre recusado. Foi informado de que a sua filha forneceria a prova em tempo oportuno.

Passou um ano antes de ele receber a prova ansiosamente aguardada. Então, numa sessão, Helen Hughes ficou em transe por um dos seus controlos, uma criança, que disse a rir: — Papá Sinclair, vais ter uma surpresa. — Pediu um lápis e algum papel. O Sr. Sinclair entregou-lhe um lápis, mas, infelizmente, apenas tinha as costas de um envelope para ela usar.

— Oh, meu Deus — disse ela, enquanto começava a escrever —, isto é pequeno demais! — A rir novamente, disse ao Sr. Sinclair: — O teu Papá está aqui e diz que tenho de escrever na parede, pois há muito espaço ali.

A sessão realizou-se em completa escuridão. Quando, após a sessão, as luzes foram acesas, o Sr. Sinclair examinou as costas do envelope. Em letras pretas, estavam escritas as palavras "Norma Doreen". E na parede, leu "Norma Doreen Couly". Os nomes próprios da sua filha eram Norma Doreen Coulson. Ele considera a palavra "Couly" muito evidente, pois frequentemente chamava a filha por esta alcunha, um facto que era desconhecido de todos exceto da sua própria esposa. A parte notável da escrita foi que, embora as palavras tivessem sido impressas no escuro, nem uma única letra de imprensa se sobrepôs a outra, quer no envelope quer na parede.

"O Espiritualismo deu à minha esposa e a mim próprio uma nova vida", afiança o Sr. Sinclair. "Os pensamentos negros e horríveis desapareceram e, embora continuemos a ansiar pelo nosso ente querido, é maravilhosamente reconfortante saber que não há morte e que um dia nos voltaremos a encontrar todos, uma pequena família feliz."

O Sr. Herbert Hampson, de Barnsley, Yorkshire, conta no *"Psychic News"* como a maneira fria e perfunctória do serviço realizado pelo ministro no enterro do seu jovem filho lançou a

mãe do rapaz na busca psíquica. A sua investigação no Espiritualismo satisfez a sua certeza de que o seu rapaz ainda vivia, e proporcionou o consolo que era inacessível na igreja ortodoxa da sua antiga fé.

O rapaz, Sydney, um dos familiares do Sr. Hampson, fora enviado pelos pais para uma escola em Kent, onde adoeceu subitamente e partiu escassos dias mais tarde. A uma carta das autoridades escolares a contar à mãe sobre a sua doença seguiu-se um telegrama a dizer que ele estava "morto". Infelizmente, ela recebeu o telegrama antes da carta. A mãe ficou atordoada com o choque. O corpo do seu filho foi trazido para casa para o enterro e o Sr. Hampson assistiu ao serviço. Como o Sydney e os seus pais eram membros ativos e leais da capela da aldeia, o ministro conduziu o serviço fúnebre.

"À luz do meu conhecimento espírita", escreve o Sr. Hampson, "aquele serviço à beira da sepultura foi um insulto à inteligência humana comum. Depois de ler as palavras habituais de encomendação, o ministro fechou o seu livro, apertou as mãos aos pais e afastou-se sem pressa, deixando os pais na sua dor, incapazes de se afastarem da beira da sepultura." Sendo o único espírita no grupo de enlutados, o Sr. Hampson falou a estes dois entristecidos sobre o seu conhecimento da Sobrevivência.

Não muito tempo depois, a mãe expressou o desejo de saber mais sobre o Espiritualismo, pois não tinha recebido ajuda nem conforto da sua própria igreja no momento da sua maior necessidade.

Através da Leeds Psychic Research Society, o Sr. Hampson organizou uma sessão com Helen Hughes. Fez a marcação em seu próprio nome e não deu qualquer informação sobre a mãe e a avó do Sydney, que os acompanharam à sessão. Não passou muito tempo até que a médium fosse controlada pelo rapaz "morto". Ele provou a sua identidade através dos seus maneirismos de fala e do seu conhecimento dos assuntos domésticos. O Sydney pediu à mãe para não chorar pela sua partida e "para não tirar o meu boné de um prego na casa e chorar por causa dele". Informou os

participantes sobre a causa da sua doença fatal, algo que os seus pais já suspeitavam.

"Tendes algum dinheiro que me pertence", continuou ele. "Não o guardeis! Compra algo para ti com ele." O estudante "morto" contou à mãe que a quantia das suas poupanças era de 2s. 7d. e meio. Quando ela chegou a casa, descobriu que havia 2s. 7d. e meio. Finalmente, através da mão da médium em transe, o Sydney escreveu o seu nome num pedaço de papel.

Embora fosse agnóstico, o Sr. P. H. Holdsworth determinou-se a investigar o Espiritualismo quando o seu rapaz de sete anos partiu. O resultado foi um reencontro dramático. O pai descreveu graficamente a sua busca no *"Psychic News"*.

Começou por assistir, dois meses após o seu luto, a uma sessão realizada por Dorothy Henderson para voz direta e materialização. Foi porque, um dia ou dois antes, lhe pareceu ouvir o seu rapaz a chamar por ele. O seu estado de espírito é explicado pelas suas próprias palavras: "Eu era um agnóstico, preparado para argumentar a impossibilidade da Sobrevivência."

Sentou-se ali e juntou-se ao canto sem a menor ideia do que poderia esperar que acontecesse. De certa forma, estava antes contente por a escuridão esconder uma certa quantidade de embaraço que sentia por participar em algo que parecia ser muito tolo. Pouco depois, após a trombeta se ter movido pela sala de uma forma da qual era totalmente incapaz de prestar contas, uma ardósia luminosa foi erguida e aproximada dele. "Vi claramente o rosto solene e suplicante do rapaz que tinha perdido", escreve ele. "Se me perguntarem se o reconheci logo, direi que não. Fiquei bastante confuso."

Dentro dos dias seguintes, "uma ponderação sóbria convenceu-me de que era de facto o meu próprio filho que eu tinha visto. Entre outras coisas, poderia mencionar que a sua boca e queixo tinham uma grande semelhança com os meus, e que, ao vislumbrar-me no espelho no dia seguinte, fiquei sobressaltado com a semelhança das minhas próprias feições com as da materialização."

Aqui, pois, pensou ele, havia matéria para uma reflexão séria. Tinha-se certificado perfeitamente de que a médium nada mais sabia a seu respeito além do seu nome, e de que desejava investigar. Na semana seguinte, a sua esposa acompanhou-o ao círculo. O rapaz materializou-se novamente, apanhando um ramo de violetas do chão e deixando-as cair no regaço da sua esposa enquanto trazia a ardósia luminosa.

O Sr. Holdsworth escreve: "A minha esposa reconheceu-o imediatamente e eu também — melhor preparado desta vez — fui capaz de me satisfazer de que não podia haver dúvida de que era ele. Continuava com um aspeto muito solene, mas já o vimos várias vezes desde então, e em cada ocasião tem parecido cada vez mais alegre.

Agora sorri feliz quando se mostra. Nessa sessão falou connosco pela primeira vez. Não conseguiu conseguir muito, mas tivemos a alegria de o ouvir chamar-me por um nome carinhoso que tinha para mim quando vivia nesta terra. Desde então, mal passou uma semana sem estarmos em contacto com ele. Claro que as condições não têm sido uniformemente boas, mas em algumas noites tem falado tão claramente que todos na sala têm sido capazes de ouvir exatamente o que disse sem a menor dificuldade. A sua principal preocupação tem sido convencer-nos do seu bem-estar e confortar a mãe."

Numa sessão, o rapaz "morto" disse: — Mamã, estou bem. Não deves chorar, porque quando o fazes ficas triste.

Noutra ocasião, pediu aos pais para tirarem os seus brinquedos. Até então, o pai tinha-os guardado numa grande caixa. O Sr. Holdsworth foi para casa, abriu a caixa e exibiu os brinquedos. Na semana seguinte, a primeira coisa que o rapaz lhes contou foi que tinha os seus brinquedos e que podia brincar com eles. Deu-lhes uma prova notável. O seu pai andava a tentar fazer escrita automática. O único resultado era que a sua mão tremia violentamente. Isto, contudo, era conhecido apenas por si próprio, pois fizera as suas tentativas numa sala do andar de cima sozinho, e não contara a ninguém — nem mesmo à sua esposa. Avalie-se,

pois, a sua surpresa quando o seu filhinho disse: — Papá, tenho uma mensagem para ti. Tu tremes demais.

— Tremo? — respondeu o pai com espanto.

— Sim — continuou ele —, quando escreves tremes demais.

Isto levou o Sr. Holdsworth a fazer uma nova experiência, não em escrita automática mas em escrita direta. O seu rapaz tinha sido capaz de apanhar flores e até um soldado de chumbo do chão e de lhos dar. Por que não haveria de ser capaz de escrever, desde que o pai lhe fornecesse os materiais? Quando o Sr. Holdsworth foi pela vez seguinte ao círculo, levou um bloco de notas e um lápis afiado em ambas as extremidades. Deixou-os aos seus pés antes de a sessão começar. Em nenhum momento durante a sessão, contudo, pediu que algo fosse escrito, porque sentia que, se o seu rapaz fosse incapaz de fazer o que pedia, isso tornaria a criança espiritual infeliz.

"Na terceira vez que realizei a minha experiência, fui mais bem-sucedido do que ousara esperar", escreve o pai. "Ao acenderem-se as luzes, havia 11 nomes escritos no bloco. Naturalmente, o que mais me encantou foi encontrar o nome do meu rapaz entre eles. O mais importante de tudo era que, no melhor do meu crer, estava realmente escrito com a sua caligrafia."

"Ora, no caso de algumas pessoas quererem fazer evasivas sobre este ponto e dizer que um rapaz de sete anos não tem nenhuma individualidade particular no que respeita à caligrafia, gostaria de salientar que tenho em casa uma amostra da escrita do seu nome feita um pouco antes de ele partir. Como funcionário bancário, tenho tido alguma experiência a detetar assinaturas falsificadas das verdadeiras, de modo que a minha opinião sobre o assunto tem algum peso por trás dela."

Pouco depois disto, ele e a sua esposa tiveram uma experiência notável. Para compreender isto, diz o progenitor, deve fazer-se saber que, há 11 anos, tinham tido um bebé que vivera apenas um mês e que, tal como o rapaz com quem já tinham entrado em contacto, se chamava John.

"Ora, onze anos é muito tempo", escreve ele, "e, embora não vá dizer que me tinha esquecido deste bebé, ele certamente estava muito raramente nos meus pensamentos e, consequentemente, receber notícias dele era a última coisa que esperava. Quando, portanto, uma materialização veio até nós com mãos maiores do que as que um rapaz de sete anos teria, e cabelo que era encaracolado em vez do cabelo que eu sabia ser liso, fiquei muito embaraçado sem saber o que pensar.

Um pouco contrariado, admiti à minha esposa após a sessão que poderia ter sido o nosso rapaz mais velho, mas honestamente não o achava minimamente provável."

Na sessão seguinte, a sua mente ficou tranquila. O rapaz mais novo surgiu e falou muito distintamente.

— Mamã — disse ele. — O John está aqui, e o Homem Grande diz que lhe devemos chamar John-John para não nos baralharmos. — Homem Grande era o nome do rapazinho para o controlo da Sra. Henderson.

"Depois disso", diz o pai, "ao materializar-se, o rapaz mais novo colocou a mão sobre a ardósia luminosa para que pudéssemos ver que era do tamanho certo, e também segurou a ardósia contra a cabeça de uma forma que nos permitiu ver o seu cabelo, que estava liso e desalinhado exatamente como costumava ser."

"Desde então, mencionou o seu irmão mais velho várias vezes. Brincam juntos e partilham os seus brinquedos. O John-John ainda não falou, mas espero que o faça. Materializa-se, contudo, quase todas as semanas. Faz isso com muita força. Na última sessão, colocou a mão à volta do pescoço da minha esposa e puxou-a para si."

"No que a mim diz respeito, registei os acontecimentos reais no círculo da Sra. Henderson tão fielmente quanto é possível. Se algum outro pai, a enfrentar o mesmo tipo de perda que a minha esposa e eu tivemos de enfrentar, puder extrair alguma ajuda das minhas simples afirmações, terei feito tudo o que me propus fazer. Pessoalmente, no Espiritualismo, encontrei uma nova

crença. Contudo, não posso, se quisesse, negar os factos que me foram apresentados. Aproximei-me de todo o assunto com, creio eu, uma mente aberta. Se estive preconceituoso de uma forma ou de outra, foi contra o Espiritualismo."

Como a dor de uma jovem mãe, após a partida do seu filho, foi mitigada por mensagens espirituais, foi descrito pela Sra. E. E. Campbell no *"Psychic News"*. A sua história diz respeito a Billie Graff, um solista de 12 anos da igreja Episcopal em South Pasadena, Califórnia. Três anos antes, ele "morreu" numa epidemia de meningite espinhal. Todas as enfermeiras do hospital tinham amado o rapazinho de cabelo loiro com a belíssima voz de soprano. A jovem mãe estava esmagada pela dor.

"Passadas algumas semanas", diz a Sra. Campbell, "escrevi-lhe e perguntei-lhe se leria um livro espírita que pensei que a ajudaria. Mais tarde, contou-me que o livro lhe tinha dado o primeiro raio de esperança. Enviei-lhe muitos livros e alguns dos meus amigos emprestaram-lhe outros. O seu marido contou-me que acreditava que os livros lhe tinham salvo a razão."

Juntamente com a sua prima, a Sra. Campbell assistiu a uma sessão em Los Angeles com Margaret Bright como médium. De repente, a voz de uma criança disse: — Olá, Tia Ina. — Era assim que o Billie chamava à sua prima, embora ela não fosse sua tia. Contou-lhes que queria falar com a sua mãe e pediu-lhes para a trazerem. Disse que ia cantar para ela para que ela soubesse que era realmente ele. Prometeram e, pouco depois, trouxeram la mãe a outra sessão.

"Ficámos surpreendidas", diz a Sra. Campbell, "quando a guia, que é filha da Sra. Bright, após nos saudar, disse: 'Olá, Marie.' Ela gosta de chamar as pessoas pelos seus primeiros nomes e eu tinha, de propósito, omitido o nome da Sra. Graff. Perguntei como sabia ela que nome chamar-lhe. Ela respondeu: 'O Billie está aqui e diz: "Essa é a minha Mamã e o nome dela é Marie."' "

"Quando o Billie tentou falar com a mãe começou a chorar. Ela foi corajosa e calma e disse-lhe para não ter lágrimas. Ele

disse: ‘Ficarei bem num minuto. Deixa-me chorar e acabar com isso.’ ”

Pouco depois, começou uma das suas canções e, a meio caminho, disse: — Ajuda-me, Mamã. — Ela juntou-se e, juntos, terminaram uma canção que ele andava a aprender antes de adoecer.

Depois cantaram “Noite de Paz”, e o filho “morto” da Sra. Campbell veio e contou-lhe que todo aquele dia o Billie estivera a cantar, a preparar-se para a visita da sua mãe.

Depois de terminar a canção, o Billie perguntou pelo seu irmão mais novo e pelo seu pai, e disse: — Sinto a falta do meu Papá e amo o meu Papá.

A Sra. Campbell descreve como foram mais uma vez à médium, levando o pai desta vez. “A guia contou-nos que o Billie estava ali”, diz ela, “mas estava tão entusiasmado por o Papá estar presente que andavam a tentar acalmá-lo antes de ele falar. Ouviram-se duas vezes outras vozes a falar e a voz do Billie exclamou: ‘Olá, Papá.’ Quando lhe disseram que era a sua vez, disse, com muita emoção: ‘Não estou morto, Papá, a sério que não estou.’ ”

Quando o Sr. Graff disse que o Billie lhes contara um dia, no hospital, que na quinta-feira seguinte vinha para casa — em vez de vir para o lar deles tinha ido para o seu lar celestial —, o Billie disse: — Papá, eu estava apenas a repetir o que o Avô disse. Ele disse que eu ia para casa nessa altura. Acho que já estava meio ido.

O Billie perguntou em que ano estavam e depois calculou em que ano nascera e que idade teria agora. A sua mãe falou do Natal, e ele contou-lhe que, no ano passado, quando estavam todos em redor da árvore, a ouviu dizer: — Se o Billie estivesse apenas connosco. — E acrescentou: — E eu estava lá. Derrubei uma grande bola de vidro azul da árvore para vos mostrar que estava lá. Fiz isso em ambos os anos e voltarei a fazê-lo este Natal.

O Sr. e a Sra. Graff asseguraram-lhes que isto acontecera em ambos os anos. A mãe e o pai foram para casa maravilhados e felizes com o conhecimento de que o Billie ainda vive.

Aqui, também retirado do *"Psychic News"*, está a história do Sr. E. Beresford, que tinha perdido a sua fé, tornando-se quase um agnóstico até que o Espiritualismo lhe provou a realidade do mundo espiritual. Depois de assistir a várias reuniões na igreja espírita, decidiu ter uma sessão privada com Frank Leah, um artista psíquico que, utilizando a sua clarividência, desenha os "mortos" que habitualmente posam para ele.

"Era um perfeito desconhecido para ele e fui anonimamente", diz o Sr. Beresford. "Ele rapidamente descreveu, com uma exatidão invulgar, as aparências, características, idades e condições de partida de vários membros da minha família. Contou-me que eu era maquinista de comboios no Metropolitano, o que era e sou."

"Uma comunicante foi a minha filhinha, que partira há 18 anos à idade de sete anos, de quem o Sr. Leah desenhou um retrato muito rápido. Foi imediatamente reconhecido por todos os que o viram. Este retrato trouxe convicção e um grande consolo à minha esposa, que tinha sofrido uma grande dor com a sua perda desde que a minha filha partira."

Aqui está um caso onde a prova para a Sobrevivência consistiu na apresentação de factos que eram desconhecidos da médium, mas confirmados mediante investigação. O incidente aconteceu no círculo doméstico do Sr. Fred Rees, um homem de Londres.

Na sessão do seu círculo doméstico, que se seguiu a uma na qual uma mulher, uma relativa desconhecida, falara com o seu filho e marido "mortos", o controlo anunciou que a filha da mulher estava presente. Ela parecia estar muito desapontada porque a mãe não se encontrava no círculo. Isto foi uma grande surpresa, visto que os membros do círculo não tinham conhecimento de que a mulher tinha uma filha no Outro Lado. Explicaram que a mãe dela não era membro do círculo e que

apenas tinha assistido na semana anterior a pedido para receber a mensagem do seu irmão.

O controlo disse então que a rapariga estava aparentemente ainda mais desapontada, pois tinha esperado trazer uma dádiva à mãe. Foi dito à rapariga para não se angustiar, mas que, se lhes confiasse a dádiva, eles a entregariam à mãe. Esta garantia pareceu satisfazê-la, pois, a seu tempo, uma linda pequena rosa foi trazida para o círculo com o pedido de que deveríamos dizer que vinha da Honor, "com amor para a Mamã". Para evitar equívocos, o controlo soletrou cuidadosamente o nome.

Ocorreu então ao Sr. Rees pedir uma descrição da rapariga. Foi-lhe dito que ela se mostrava como uma menina de 12 anos e que o seu cabelo estava apanhado em duas longas tranças. No dia seguinte, a sua esposa apresentou-se na casa da mulher em Kew e perguntou se ela tinha uma filha no Outro Lado. — Ora, sim — foi a sua resposta. — O nome dela era Honor? — indagou a sua esposa. — Sem dúvida que sim — foi a resposta. — Mas como é que soube? — E ela trazia o cabelo em longas tranças? — foi perguntado à mãe. — Ora, claro que sim — disse ela. Conduzindo a visitante à sala de estar, a mãe mostrou-lhe um retrato da menina no qual as longas tranças eram uma característica proeminente!

A mãe recebeu a dádiva com encanto, mas já não é uma desconhecida para este grupo de espíritas, pois é agora uma entusiasta membra do círculo.

CAPÍTULO VI
A TELEPATIA É EXCLUÍDA

O Bobbie Newlove, uma criança de dez anos que subitamente "morreu" devido a um ataque de difteria, provou a sua sobrevivência ao Rev. C. Drayton Thomas, um ministro metodista e espírita, embora o clérigo e o rapaz nunca se tivessem encontrado na terra. O progenitor adotivo do rapaz, o Sr. Herbert Hatch, de Nelson, Lancashire, tendo lido um livro sobre Espiritualismo da autoria do ministro, escreveu-lhe após a partida

do Bobbie, dizendo: “A perda é tão terrível que sentimos que temos de lhe perguntar se podemos de alguma forma obter conforto semelhante ao relatado no seu livro. . . Confesso que a minha educação. . . torna a minha fé em tais assuntos muito vacilante.”

O Sr. Drayton Thomas decidiu tentar entrar em contacto com o rapaz “morto”, esperando que o Bobbie fosse capaz de fornecer provas que convencessem os seus familiares da sua existência contínua. Se, numa sessão, ele desse provas sobre si próprio que fossem inteiramente desconhecidas para o participante, um estranho, isto refutaria qualquer sugestão na mente do seu pai adotivo de que a telepatia pudesse ser responsável pela comunicação.

Esta hipótese é por vezes exposta por céticos a fim de justificar as provas recebidas nas sessões. Por uma razão ou por outra, não parecem compreender que, se a telepatia é possível entre indivíduos ainda na terra, a comunicação mental é também possível entre mentes desencarnadas e encarnadas.

O Sr. Hatch absteve-se na sua carta de dar mais do que os pormenores mais elementares sobre o rapaz “morto”. O clérigo, contudo, obteve provas tão marcantes da sobrevivência do Bobbie que registou a sua experiência num livro, *“An Amazing Experiment”*. Conta como, antes de mais, orou por orientação, e depois pediu o auxílio dos seus próprios familiares “mortos” para procurarem o rapaz e o trazerem à sua próxima sessão com Gladys Osborne Leonard.

O sucesso coroou os seus esforços para confortar corações doridos. Numa série de sessões com esta famosa médium, o Bobbie regressou e forneceu uma riqueza de pormenores evidentes que estabeleceram a sua identidade. O rapaz relembrou alguns dos seus passeios e caminhadas favoritos. Nomeou ruas e redondezas, dando factos que estavam inteiramente além do conhecimento da médium ou do participante. Numa sessão, o Bobbie descreveu com exatidão uma fotografia invulgar de si

próprio com o fato de fantasia que usara numa gala não muito antes da sua partida.

A prova mais convincente foi recebida quando ele deu pormenores sobre a forma como contraíra a infeção que levou à sua "morte". Tinha-se juntado a uma "sociedade secreta" de crianças. As proezas do seu "bando" levaram-no a uma poça de água contaminada com a qual brincara ao longo de um período de algumas semanas. Este passatempo tinha-lhe minado a saúde. Todo o incidente era inteiramente desconhecido da família do Bobbie quando lhes foi comunicado pela primeira vez pelo Sr. Drayton Thomas. Os pormenores fornecidos nas sessões tiveram de ser desvendados passo a passo e envolveram correspondência com o Delegado de Saúde de Brierfield. Todas as provas dadas pelo rapaz "morto" foram confirmadas.

Os resultados bem-sucedidos deste único caso apenas devem provar as verdades da Sobrevivência a qualquer mente inteligente e isenta. Os factos fornecidos eram desconhecidos do clérigo, da médium ou da própria família do rapaz.

A hipótese de que a telepatia explica toda a comunicação com os espíritos é destruída pela história contada por Margery Lawrence, a bem-sucedida romancista e escritora. No *"Psychic News"*, ela relata como acompanhou uma amiga cética a uma sessão com um médium notável. Decorreu nessa sessão uma quantidade considerável de conversa interessante com várias entidades que contaram à sua amiga Leila muito sobre si própria, a história da sua família e outros assuntos. "Mas", escreve a romancista, "a Leila manteve um sorriso algo superior, pois anteriormente tinha-me dito que acreditava que tudo o que lhe fosse dito seria por necessidade 'retirado da sua própria mente' pela capacidade do médium de ler essa mente."

Quando o médium informou a Leila de que ela tinha um irmão no Outro Lado que tinha nascido cerca de quatro anos antes dela, e que tinha vivido apenas escassos meses na terra, ela não pôde aceitar a afirmação.

Margery Lawrence escreve: “Sobressaltada e ofendida, a Leila declarou que isto não podia possivelmente ser verdade; tinha a certeza de que a sua mãe (que fora americana — mas o pai da Leila era inglês) lhe teria contado se alguma vez tivesse dado à luz outro filho. . . Mas ela telefonou-me uma semana ou duas mais tarde num estado de espírito muito humilhado.”

A história tinha-a deixado tão preocupada que tinha confrontado a sua única parente viva, uma tia-avó americana muito idosa — e descobriu que a sua mãe (que “morrera” algum tempo antes) tinha sido casada duas vezes; a primeira vez, quando extremamente jovem, com um aventureiro americano que, após a tratar com grande crueza, terminou a sua vida na prisão. A vergonha e o desgosto disto fizeram com que a jovem viúva decidisse, aquando do seu segundo casamento com um inglês, sepultar até a memória do seu primeiro casamento. Nesta decisão foi lealmente apoiada pela sua família e pelo seu segundo marido; e como deixou a América para sempre após o seu segundo casamento, ignorar o passado tornou-se comparativamente fácil. Mas o ponto mais interessante e valioso deste caso é que ela tinha dado à luz um filho, que viveu apenas escassos meses, do seu primeiro marido.

Margery Lawrence pergunta: “Onde está a vossa telepatia aqui? A Leila nada sabia de todo sobre o primeiro casamento da sua mãe — e só se pode ler na mente de uma pessoa aquilo que já lá está.”

Outro caso psíquico que novamente nega a teoria de que a telepatia justifica as comunicações nas sessões é contado pela mesma escritora. Ela estava presente numa sessão onde uma rapariga “morta” afirmou que, oito anos antes, partira à idade de 15 anos devido aos efeitos de esforço cardíaco, após jogar *lacrosse* por uma conhecida escola de raparigas. A comunicante espiritual era desconhecida dos participantes.

Margery Lawrence escreve: “Ela deu-nos o seu nome e o nome da escola, também o da diretora. Como a sua morte era tão recente, arrisquei que a mesma mulher estivesse à frente da escola

e escrevi-lhe uma carta cautelosa, tentando verificar a afirmação da rapariga. Mas, como tinha mais ou menos antecipado, obtive uma resposta fria informando-me de que, como eu não era parente da jovem em questão, a diretora nada tinha a dizer-me sobre ela ou sobre a maneira da sua morte. Mas, por sorte, um pouco mais tarde, cruzei-me com uma amiga que tinha vivido lá e conhecia a família, e ela verificou a história por mim e considerou-a inteiramente verdadeira."

"Aqui, novamente, nenhuma informação poderia possivelmente ter sido 'escutada' da mente de ninguém no círculo. Esta criança, a sua escola e a sua diretora eram inteiramente estranhas para todos nós."

— Quero a Norah, sou o Nic — disse a voz de um espírito numa sessão de voz direta dada pela Sra. A. E. Perriman. A Sra. Edith Wynne Mitchell, de Shrewsbury, estava presente nessa noite com a sua filha Norah, que respondeu que não conhecia ninguém chamado "Nic" que tivesse partido. — Oh, sim, minha filha, tu conheces! — insistiu a voz. — Sou o Nicol, o irmão da tua mãe, Wynne Jones.

A Sra. Mitchell escreve: "Jones era o meu nome de solteira e eu estava então casada há mais de 30 anos. Nunca me chamam Wynne, mas sou sempre tratada pelo meu primeiro nome, Edith." Ela nunca tinha conhecido o Nicol na terra, pois ele tinha "morrido" cinco anos antes do seu próprio nascimento. Este espírito disse que tinha regressado nessa noite para refutar a "hipótese da mente subconsciente". À voz do Nicol seguiu-se a de uma rapariga que se dirigiu à Sra. Mitchell: — Sou a tua irmã Grace. Somos uma grande família aqui. — A Sra. Mitchell diz: — Esta irmã 'morreu' à idade de dois anos, no espaço de quinze dias após a partida do meu irmão Nicol. Foi batizada como Rosa Grace, mas nunca lhe chamavam Grace, sempre Rosa.

Estes dois familiares, que "morreram" antes do seu próprio nascimento, tinham provado, ao darem o seu nome de solteira e dois nomes próprios nunca usados na família, que a telepatia e a 'escuta' da mente subconsciente não explicam os fenómenos

psíquicos. Os "mortos" são quem dizem ser — os "mortos". É uma explicação muito mais simples, afinal de contas.

Na sala de sessões de Harold Sharp em Londres encontram-se duas figuras esculpidas de anjos. Foram-lhe dadas por uma mãe cujo coração dorido foi confortado quando soube, através da sua mediunidade, que as suas filhas gémeas "mortas" ainda viviam. Estas crianças sucumbiram a uma epidemia de sarampo. Os pais ficaram com o coração partido e a mãe estava inconsolável.

Alguns meses após a partida das crianças, a mãe leu sobre um cura de Londres que falara com a sua irmã espiritual numa sessão com Harold Sharp. Perante isso, a mãe escreveu ao médium para uma marcação, nada lhe contando sobre a sua dolorosa perda. Numa data posterior, sentou-se com Harold Sharp, cujo guia, Irmão Peter, um monge "morto", descreveu as suas filhas gémeas — uma criança loira e pálida, a outra uma rapariga morena com faces rosadas.

O guia falou da angústia delas porque a mãe não se dava conta da sua presença contínua. Para provar esse facto, as crianças "mortas" deram pormenores do que ocorrera em casa nesse mesmo dia antes de ela partir para a sua consulta em Londres. Também contaram eventos que aconteceram antes da sua partida. Ainda assim, a mãe considerava difícil de acreditar nas provas que estava a receber. O guia disse que, com a ajuda das suas crianças, lhe daria uma nova prova da sua sobrevivência.

"Quando chegar a casa", disse ele, "vá à sua estante de livros, a mais alta. O livro da extremidade na segunda prateleira é um volume com capa verde e dourada. Abra na página 115. Em local nenhum entre os seus muitos livros poderia encontrar uma página que a ligue mais estreitamente às suas duas filhas." Nesse momento, a mãe não conseguia visualizar o livro a que o Irmão Peter se referia. Mas escassos dias mais tarde escreveu a Harold Sharp: "Quanto mais leio a página 115 do livro, mais certa estou de que as minhas crianças inspiraram o seu guia a ajudar-me."

Tinha encontrado o volume na posição que o Irmão Peter indicara. Na página 115 estava um poema de Thomas Hood

escrito *"To Jane"*. Jane é o nome próprio da participante. O poema começa:

"Welcome, dear Heart, and a most kind good-morrow:
The day is gloomy, but our looks shall shine . . .
For love the rose, for faith the lily speaks;
It withers in false hands, but here 'tis bright!"

«Bem-vindo, querido Coração, e um mui gentil bom-dia: O dia está sombrio, mas os nossos rostos hão de resplandecer...
Porque a rosa fala de amor, e o lírio de fé;
Murcha em mãos falsas, mas aqui floresce radioso!»

Rose e Lily são os nomes das crianças por quem ela chorara como mortas. O Irmão Peter terminou a sessão com as palavras: "Os rostos angélicos delas estão ao seu redor tantas e tantas vezes. Deve ganhar alento e ser feliz pelo querido bem delas." E, como mulher sábia e mãe amorosa, ela seguiu o seu conselho e está consolada.

Bertha Hirst, uma médium que trouxe muito conforto a pais enlutados, deu à Sra. S. Bray, de Thornton Heath, Surrey, provas marcantes da sobrevivência do seu jovem filho. — O seu rapaz está aqui — disse o guia da médium. — Trouxe outro rapaz chamado Jack, com cerca de 14 anos de idade. Vivia na mesma rua que o seu rapaz, numa casa em frente. Por favor, tente dizer à mãe dele que o Jack está vivo e bem. Peça-lhe para não chorar.

A Sra. Bray deu ao *"Psychic News"* novos pormenores da sessão. — O seu rapaz diz que era conduzido numa cadeira — foi-lhe dito pelo espírito. — Depois de ele ter partido, deu a cadeira a um hospital. O seu filho partiu com problemas cardíacos. — Mas agora o rapaz estava bem.

De facto, queria que a mãe dissesse ao pai que, se escutassem em casa, o ouviriam a correr as escadas acima! O guia continuou a interromper a mensagem do rapaz "morto" à mãe, dizendo: — Tem um livro dele chamado *'The Boy's Book of Adventure'*. — A Sra. Bray contradisse esta afirmação. — Não — disse ela —, dei a

maior parte dos livros dele. — O guia continuou: — O seu rapaz insiste em que há um livro no guarda-vestidos, na segunda prateleira, um livro grande e vermelho sobre aventuras e navios. Quando o encontrar, abra na página 182 e ali encontrará uma mensagem que, de certa forma, se aplicará a ele.

Muito para sua surpresa, a Sra. Bray encontrou em casa um livro grosso com encadernação vermelha chamado *"The Boy's Book of Adventure"*. Estava no guarda-vestidos, como o espírito dissera. Quando abriu o livro na página 182, leu: "Durante horas jazeu insensível, como morto, mas para o fim da noite o campo foi vistoriado e ele foi encontrado vivo.

Foi recolhido e levado para uma aldeia, as suas feridas foram tratadas e, passados tempos, foi capaz de regressar ao seu regimento e embarcar em ainda mais aventuras."

A Sra. Bray diz: "Tinha-me esquecido de que o meu filho tinha este livro e eu certamente não o tinha lido. A prova do incidente do livro descarta qualquer sugestão de telepatia." O seu filho fora encontrado "morto" num campo, como a passagem no livro descrevia.

A Sra. Margaret A. Tucker, de Cardenden, Fife, resume a sua experiência psíquica nestas palavras: "Estas experiências enriqueceram a minha vida além da expressão.

Agradeço a Deus pelo privilégio de tão maravilhosa revelação, pois ajudou-me a ultrapassar muitas partes difíceis do caminho da vida." Ela obteve provas surpreendentes numa sessão de trombeta com Margaret McCallum, de Glasgow, à qual assistiu inesperadamente.

Os participantes tinham sido avisados de que, se a voz de um espírito se lhes dirigisse, deveriam responder imediatamente. A Sra. Tucker respondeu quando uma voz chamou duas vezes por "Maggie" sem obter qualquer resposta. — Lamento — disse o espírito. — Não fique ofendida, mas não é a si que se quer. Está outra Maggie aqui.

Pouco depois, uma voz totalmente diferente chamou: — Maggie, Maggie. — A Sra. Tucker teve de conter o impulso de se

erguer enquanto respondia instintivamente: — Sim. — Depois, lembrando-se, acrescentou: — Oh, mas sou eu a quem se quer?

— Ora, claro que és tu, Maggie! — continuou a voz. Perguntado sobre quem falava, esta voz distintamente ressonante respondeu: — Irmão. — Ela estava prestes a responder quando ele se lhe antecipou ao dar o nome "Archie".

Seguiu-se então uma autêntica discussão. Ela disse que o nome Archie estava incorreto. A voz mantinha que estava certo. Perguntado se podia fornecer a primeira letra do seu nome, ele disse "A", e enquanto ela concordava que estava correto, ele continuou a soletrar: — R-C-H-I-E.

De repente, a sua mente recordou uma fotografia de um lindo rapaz de cabelo encaracolado que vira no álbum de família há muitos anos. A lembrança trouxe um remorso agudo. Enquanto ela se esforçava por pedir desculpa, ele disse: — Oh, está tudo muito bem. Não me conhecias, Maggie, mas eu conheço-te. Não tive muito tempo na tua terra, pois não?

— Não — disse ela. — Lembras-te do que aconteceu, Archie?

— Sim; fui queimado!

— Lembras-te da natureza da queimadura? — Sim, água a ferver! — Disse então que a mãe, o pai e o irmão dela, Andrew, estavam com ele. — Era quem estavas à espera — disse ele, ao mencionar o nome Andrew.

Perguntado se havia mais alguém que lhe pertencesse, ele interrompeu a pergunta para responder: — Sim, a tua pequena Menina está aqui. — Referia-se a um bebé nado-morto, que a Sra. Tucker não fora autorizada a ver.

A médium contou-lhe que via a menina por clarividência, primeiro como um bebé, depois como uma rapariga de cerca de 16 ou 17 anos. "Isso foi uma prova muito bela por si só, pois, se ela estivesse na vida terrena, teria então 17 anos de idade", comentou a Sra. Tucker. "Desde então", escreve ela, "fui privilegiada, através da mediunidade da Sra. Helen Duncan, de

ver a sua forma materializada como um bebé e como a jovem mulher que é agora — ambos numa única sessão."

CAPÍTULO VII
MAIS PROVAS DO ALÉM

A «morte» dos seus dois filhos, ambos no mesmo dia, foi o golpe que levou o Sr. W. E. Harrison, de Balham, no Sudoeste de Londres, a iniciar a sua busca pela verdade sobre o Espiritualismo. Antes do falecimento dessas crianças, o Sr. Harrison não tinha real interesse em assuntos psíquicos.

Quatro dos seus sócios comerciais, sem conhecimento uns dos outros, tentaram interessá-lo no assunto. Mas ele não se sentiu inclinado a fazer qualquer esforço real para obter provas. «Então», escreve o Sr. Harrison, «como acontece tantas vezes, a tragédia entrou na minha vida, que até então tinha decorrido sem incidentes.» A sua filha, uma rapariga saudável, adoeceu subitamente e desenvolveu pneumonia. Poucos dias depois, o irmão mais novo também adoeceu.

Apesar de todos os esforços para os salvar, ambos faleceram no mesmo dia — um no hospital, o outro em casa! «É necessária pouca imaginação para perceber a desolação do nosso lar», escreve o Sr. Harrison. «Tudo o que eu e a minha esposa esperávamos, planeáramos e para que vivera-mos foi destruído num só golpe trágico. De alguma forma, sobrevivemos àquele tempo terrível.»

«Depois veio o verdadeiro impulso. O que teria acontecido àquelas jovens vidas? Onde estariam elas agora? Lembrei-me daqueles amigos que, poucas semanas antes, me tinham instigado a investigar. Entrámos em contacto com a Associação Espiritualista de Marylebone e começámos a busca que, desde então, trouxe tanta ajuda, felicidade e conforto às nossas vidas. Decidi investigar cuidadosamente e manter um registo de tudo o que acontecesse. Tenho esses registos comigo agora.»

Durante esse período de investigação crítica, o Sr. e a Sra. Harrison sentaram-se com a maioria dos médiuns conhecidos e testemunharam a maioria das fases dos fenómenos psíquicos. Dentro de dois meses após o falecimento das crianças, os pais começaram a receber provas notáveis da sua sobrevivência.

A partir dos registos cuidadosamente mantidos pelo Sr. Harrison de todas as suas sessões, ao longo de vários anos, ele forneceu-me pormenores das provas que ele e a sua esposa receberam e que «são aquelas que considero mais satisfatórias, sabendo que não poderia haver qualquer meio possível de os factos serem conhecidos por alguém exceto nós próprios e aqueles que os comunicaram do mundo espiritual.»

O Sr. Harrison era um estranho em cada sessão inicial com um médium. Grande parte das provas foi recebida em sessões de grupo, cujas marcações tinham sido feitas um ou dois dias antes com a organização espiritualista apropriada. Os médiuns frequentemente realizam sessões de grupo quando os participantes não desejam sessões privadas, podendo estes ser de seis a uma dúzia de pessoas e não se conhecerem necessária ou geralmente entre si.

«Vocês têm duas crianças no mundo espiritual», disse Helen Spiers ao Sr. Harrison na primeira vez em que ele e a sua esposa se sentaram com ela. «Uma faleceu com meningite, a outra com pneumonia. Ambas estão aqui agora. O menino tem cerca de três anos de idade. A rapariga diz que tem cinco.» Todas estas afirmações estavam corretas, com exceção da idade do menino,

que foi exagerada. «Elas estão a mostrar-me um velho urso de peluche», continuou a médium, «também uma boneca. A menina está a brincar com algo.

Ela está a bater com as mãos e a dizer: "Fon-fon." Parece um carro, e penso que ela está a brincar com a buzina.» As crianças possuíam um velho urso de peluche desgastado. O Sr. Harrison entendeu a descrição da buzina. Quando estava na terra, a sua menina acompanhava frequentemente os pais no carro e, como uma criança, adorava pressionar a buzina do automóvel.

A médium, falando da rapariga «morta», continuou: «Ela diz que o nome dela é Maisie — não — é Mavis — Mavis Joan.» Helen Spiers declarou: «Ela segura um lírio nas mãos. A criança diz que não é o seu nome, mas um símbolo do seu nome.» O pai da rapariga «morta» entendeu a analogia. Lilley é um apelido de família. Mavis Joan são os seus dois nomes próprios.

Dirigindo-se à mãe das crianças «mortas», Helen Spiers disse: «As crianças vêm agora ter consigo. A menina diz que está a usar as suas contas. Ela diz que é a sua Mamã.» Nesta sessão de grupo, marido e mulher estavam sentados separados, e não havia razão para que tivessem sido associados um ao outro pela médium, para quem eram estranhos. A Sra. Harrison estava, na altura, a usar as contas da sua filha.

Três meses depois, assistiram a outra sessão de grupo, realizada pela mesma médium, na qual ela reiterou algumas das provas já dadas, mas apresentou-as de uma maneira diferente. «As crianças faleceram com um intervalo de tempo muito curto entre si», disse ela aos pais. «Parece que eram tão necessárias uma à outra que não podiam ser felizes separadas. A menina segura uma trombeta nas mãos. Ela diz que falará através dela um dia.» A criança cumpriu a sua promessa. Em muitas ocasiões, ela falou com os pais através da trombeta em sessões de voz subsequentes.

Mantendo ainda a sua atitude de investigação crítica, o Sr. e a Sra. Harrison, sob nomes falsos, sentaram-se com Leslie Flint, um médium de voz direta. Mas o controlo espiritual do médium dirigiu-se ao Sr. Harrison pelo seu nome verdadeiro e disse-lhe:

«Você tem uma filha no mundo espiritual. A fotografia dela está no seu bolso.

Ela tem seis anos agora. Ela está aqui.» No momento seguinte, uma voz infantil chamou: «Mamã, Papá», repetindo estas duas palavras duas ou três vezes na sua excitação antes de continuar: «Estou aqui e tenho o meu urso e também um gatinho.» Ela falou do seu vestido azul e disse aos pais que os visitava todas as noites. «Gosto das fotografias ao lado da vossa cama», continuou. «Tenho o Bebé aqui — o maninho — e a Tia está aqui — a Jinny.» Cada pormenor mencionado na sessão de voz estava correto, diz o Sr. Harrison.

Cerca de seis meses depois, os pais assistiram a uma sessão de grupo realizada pela conhecida médium Nan Mackenzie. Não demorou muito até que ela dissesse ao Sr. Harrison: «Uma menina de cabelo claro aproximou-se da sua cadeira. Sobe para o seu colo e ri-se com alegria. É uma criança encantadora, não estragada, mas cheia de travessuras. Tinha cerca de cinco anos na altura do seu falecimento. Ela coloca os braços à sua volta e tenta subir para o seu ombro, uma posição favorita.» O Sr. Harrison diz que este era um dos hábitos da sua filha.

A médium continuou, dizendo que a criança estava à procura da mãe. «Ela aponta para si», disse à Sra. Harrison, que estava sentada separada do marido. «Agora foi ter consigo e está a beijá-la. Ela diz que você tem um vestido e dois artigos numa gaveta que lhe pertencem.» A mãe reconheceu que estas afirmações estavam corretas. Depois, a médium disse-lhe que a rapariga estava a dizer: «Gosto do pequeno vaso com os narcisos que colocou para mim hoje» — uma afirmação que era probatória.

«A sua filha está frequentemente no vosso ambiente», continuou a médium, «e está a tomar grande interesse em tudo o que fazem. Ela diz que o Papá vai ser um "homem pregador"». O Sr. Harrison comenta: «A referência ao "homem pregador" tornou-se realidade. Desde esses dias, falei frequentemente em igrejas espiritualistas — algo que na altura considerava altamente improvável.»

Alguns meses depois, o Sr. Harrison sentou-se com outra médium notável, Agnes Abbott, que descreveu Mavis, indicou a sua idade e outros pormenores corretos. «Ela envia o seu amor à Tia Vera», disse a médium. «Ela tem um menino com ela, um irmão, muito mais novo.» A rapariga «morta» falou de outros parentes e pessoas no ambiente terreno dos pais.

Numa sessão posterior com Jack Webber, um médium de materialização, o seu guia descreveu todos os pormenores do falecimento de Mavis, até ao último gole de água que lhe foi dado e o efeito que teve na criança moribunda. Nenhum outro médium alguma vez mencionara estes pormenores específicos.

Numa secção posterior deste livro, refiro-me às razões pelas quais, na época do Natal, são realizadas sessões especiais para as crianças do espírito, para as quais os participantes decoram uma árvore. Brinquedos, depois dados a meninos e meninas da terra, são fornecidos aos jovens visitantes espirituais. Estas festas de Natal proporcionam grande prazer, ligando as crianças «mortas», na estação que tanto amam, aos seus amigos e parentes terrenos.

O Sr. e a Sra. Harrison assistiram a uma sessão de Natal realizada pela Sra. A. E. Perriman. Antecipadamente, enviaram presentes para a árvore — um coelho com orelhas grandes, uma boneca grande e um brinquedo macio de lã. Não foram colocados nomes ou mensagens no embrulho que continha os brinquedos. Nesta sessão de voz, 38 crianças do espírito — duas delas eram polacas e uma chinesa — deram os seus nomes próprios e apelidos completos. O Sr. Harrison escreve: «A sétima criança a falar disse: "Sou Mavis Harrison, com o Kenny. A minha Mamã está aqui e o meu Papá também."» Os pais saudaram as crianças «mortas» e Mavis continuou: «Quero a boneca que me trouxeram.» Ouviu-se um barulho de agitação e, na sala escura, os participantes ouviram alguns brinquedos caírem da árvore.

Depois, ouviu-se a voz de Mavis dizer: «Onde está essa boneca? Ah, já a tenho! Obrigada, obrigada, é linda!» A seguir, outra voz infantil, menos potente, interrompeu, dizendo: «Quero o

Coelho com orelhas grandes.» Mavis falou novamente. «Ele já o tem agora», disse ela. «Boa noite, Mamã, boa noite, Papá. A Avó trouxe-nos. Boa noite.»

Em Julho seguinte, os pais foram a uma reunião pública espiritualista onde um médium chamado Harry Dyer deu à mãe uma excelente descrição de Mavis e mencionou a sua idade quando deixou a terra. «Vejo agora um menino que faleceu com meningite», disse o médium. «A rapariga aponta para ele e diz Ben — não — Ken. Ela diz que ele é o irmão dela.»

O médium perguntou: «Vocês foram a uma sessão da árvore de Natal no ano passado? Estas crianças dizem que lá estiveram e falaram convosco.» Ele continuou, descrevendo uma bola colorida pertencente ao Ken, dizendo que o brinquedo estava numa gaveta da cozinha em casa. Disse também aos pais que a filha deles iria tentar tornar-se visível na própria casa deles.

Os pormenores dados nesta reunião pública foram todos reconhecidos como exatos pelos pais. Harry Dyer tinha começado recentemente a dar clarividência pública e era completamente desconhecido para eles. A profecia da filha cumpriu-se algumas semanas depois, quando a Sra. Harrison acordou nas primeiras horas da manhã. Ela viu distintamente Mavis de pé junto à sua cama. «Esta visão objetiva nunca mais se repetiu», declara o marido.

No quinto aniversário do falecimento da filha, a mãe assistiu a uma sessão de grupo realizada por Margaret Bevan, uma artista psíquica. Esta médium executou um retrato característico de Mavis. O Sr. Harrison escreve: «O quadro foi pintado em três minutos e meio e é um excelente semelhança. Por ser de perfil, é totalmente diferente de qualquer quadro que temos. É certamente o que mais prezamos.»

Vários médiuns transmitiram mensagens das crianças no sentido de que estão a ser cuidadas no mundo espiritual pela avó. Sob a sua responsabilidade, também visitam o ambiente terreno. Os pais ouvem constantemente falar do progresso que a filha e o filho estão a fazer no Outro Lado. O Sr. Harrison diz: «Mavis

disse-nos recentemente, através de diferentes médiuns, que agora é crescida e está a ajudar a "mãe" das crianças que faleceram para o seu mundo em condições de guerra.»

Tendo em conta as provas impressionantes que recebeu, não é surpreendente que o Sr. W. E. Harrison seja um propagandista fervoroso do Espiritualismo. «A sobrevivência comprovada dos meus filhos», afirma ele, «deu-me o impulso para proclamar a sua verdade de todas as formas possíveis durante o resto da minha vida.»

Quando uma criança «morta» controlou um médium e colocou à volta do pescoço da mãe um presente de aniversário, foi o culminar de uma série de notáveis mensagens espirituais que tinham sido dadas através de três médiuns conhecidos, Edith Clements, Helen Spiers e Estelle Roberts. Esta foi a história contada no "Psychic News".

O Sr. J. Stanford, um homem de negócios da City, estava numa sessão com Edith Clements quando a sua filha «morta» lhe pediu que comprasse, em seu nome, um colar de contas azuis para o aniversário da mãe. Ele disse que o faria. Mais tarde, sentiu-se inspirado a desenhar um modelo, que mandou copiar em diamantes e safiras, sendo a cor predominante o azul, como a filha pretendia.

Depois, o Sr. Stanford sentou-se com Helen Spiers e disse à filha «morta» que queria que ela própria desse o presente à mãe. Ele iria com a esposa a uma sessão no dia de aniversário dela e pediu à filha «morta» que controlasse o médium — quem quer que fosse — tirasse o presente do bolso dele e o entregasse à esposa.

Nada mais aconteceu até que Stanford foi a um serviço no Aolian Hall, em Londres, onde Estelle Roberts demonstrou clarividência. A médium deu-lhe mensagens espirituais da filha e começou a fazer referências tão diretas ao presente que o Sr. Stanford receou que o segredo fosse divulgado antes do aniversário da esposa!

Houve outros comentários quando ele e a esposa foram a outra sessão de Edith Clements: a filha e o guia da médium, Sunshine, provocaram-no, fazendo-o pensar que iriam contar tudo e estragar a surpresa. «Também temos um segredo», disseram-lhe.

Na noite anterior ao aniversário, o casal foi a uma demonstração psíquica de Helen Spiers. À Sra. Stanford foram dadas saudações de aniversário «para amanhã» pelas duas filhas — a que tinha enviado as mensagens anteriores tem uma irmã mais nova, que «morreu» antes de aprender a falar. Depois, a filha mais velha contou ao pai os seus planos para o dia seguinte, dizendo que ele pretendia colocar o presente no bolso esquerdo, o que era verdade.

Tendo perguntado se ela conseguia descrever o presente, disse que era «um broche de metal para colocar à volta do pescoço e que tem diamantes e safiras». Ela prometeu estar presente no dia seguinte, quando os Stanford tivessem a sua sessão com Edith Clements. No dia importante, o aniversário da Sra. Stanford, Sunshine assumiu o controlo de Edith Clements e colocou-se em frente do Sr. Stanford e da sua esposa. Depois, colocou a mão no bolso dele e retirou o envelope que continha o presente. «Ela vai levá-lo», disse o guia.

Enquanto observavam, o corpo da médium endireitou-se e tornou-se ereto. Uma voz diferente dirigiu-se a eles como «Mamã e Papá» e tirou duas rosas do vestido da médium, dando uma a cada um deles. Beijou-os a ambos, depois pegou no envelope e tentou abri-lo. «Esqueci-me de como o abrir», disse ela, então o Sr. Stanford tirou o colar do envelope e entregou-lho. Ele queria ajudá-la a colocá-lo à volta do pescoço da mãe, mas o espírito insistiu em fazê-lo sozinha. Depois, com um «Deus vos abençoe, Mamã e Papá», ela foi-se embora. Foi a vez de ele ficar surpreendido quando Sunshine assumiu novamente o controlo da sua médium e nomeou a filha mais nova como tendo ajudado.

«Então percebemos», disse ele, «que foi a nossa filha bebé que fez isto e que, pela primeira vez na vida dela e na nossa, nos falou diretamente, pois ela faleceu com dez meses e meio de

idade. Foi o maior choque e o momento das nossas vidas quando descobrimos isto. Esse era o segredo que me tinham guardado — mas que segredo!»

«Como completos estranhos, eu e a minha irmã assistimos a uma sessão com o Sr. Leslie Flint e obtivemos provas notáveis de sobrevivência.» Com estas palavras, o Sr. S. W. Horne, do Norte de Londres, registou no "Psychic News" os resultados que obteve através da voz direta. Primeiro, foi abordado pela voz do seu avô «morto», cujo tom reconheceu. Depois, Mickey, o controlo do médium, «trouxe John, o meu filho pequeno».

«Mickey deu-me o nome da criança (ligeiramente incorreto), a idade, as características físicas e a causa do falecimento», disse o pai. «Durante todo este tempo, as minhas mãos estavam colocadas sobre os joelhos, uma posição familiar para os participantes. Tínhamos sido aconselhados a manter os sobretudos vestidos devido à baixa temperatura da sala. O meu estava abotoado com segurança. Ouvi então a voz do meu filho bastante perto de mim e senti o meu sobretudo a ser desabotoado. Senti distintamente uma mão colocada no bolso do meu casaco interior e, com alguma dificuldade, um livro foi retirado.

«A voz, tremendo de excitação, disse: "Isto é um livro de cheques e a minha foto está lá dentro. Vi-o colocá-lo no bolso antes de vir." O livro foi colocado nas minhas mãos e senti dedos a fecharem-se à volta das minhas. Depois, as mesmas mãos dirigiram-se ao meu outro bolso e foram feitas tentativas para retirar algo dali, mas a energia, nessa altura, estava a diminuir e a tentativa foi abandonada. Durante cerca de cinco minutos depois, ocorreu uma conversa muito íntima com o meu rapaz, enquanto as mãos dele repousavam nas minhas.

«Ele deu-me o seu próprio nome, desta vez corretamente, os nomes próprios da irmã e da mãe, e descreveu muitos pormenores íntimos de incidentes passados, demasiado numerosos para mencionar. Chamou à minha irmã "Tia Chrissie" e lembrou-lhe a fotografia para a qual ela recentemente arranjara uma moldura especial. Lembrou-me que eu estava a usar o relógio de pulso da

mãe dele. Eu tinha-o colocado propositadamente para a ocasião, e estava completamente escondido na manga do sobretudo pesado. Cada facto mencionado por ele estava correcto em todos os aspetos.

«O facto de o meu livro de cheques com a fotografia incluída estar no bolso do meu casaco interior era conhecido apenas por mim. No meu outro bolso, tinha colocado à última hora, antes de sair de casa, o pequeno gorro que ele costumava usar.»

Esta é a história de um rapaz «morto» que prometeu, através de um médium, manifestar-se através de outro médium — e cumpriu a promessa. Os seus pais, Sr. e Sra. E. J. Farebrother, e a sua irmã Elsie, de Worcester Park, Surrey, assinaram uma declaração conjunta a atestar os factos.

Visitaram John Myers, o conhecido fotógrafo psíquico, e o mais velho dos dois filhos «mortos» do Sr. e da Sra. Farebrother apareceu numa chapa. Já estive em sessões de John Myers dezenas de vezes e testemunhei muitas demonstrações impressionantes da sua mediunidade. Estas incluem testes em que os investigadores compraram as suas chapas em lojas da sua própria escolha, assinaram essas chapas ao carregá-las nos suportes, inseriram-nas na máquina fotográfica eles próprios, tiraram as suas fotografias e realizaram a revelação na câmara escura. Tudo o que o médium fazia era ficar na sala de sessões enquanto as fotografias eram expostas. E, no entanto, foram encontrados nas chapas elementos extra reconhecidos — como lhes chamam — dos «mortos».

Pouco depois de os Farebrother terem tido a sua experiência com John Myers, tiveram uma sessão com Estelle Roberts. Jack, o filho espírito mais novo, disse que tinha tentado mostrar o seu rosto na chapa em que o irmão aparecera, mas não tinha conseguido porque a energia não era suficientemente forte. Acrescentou que, se fossem novamente a John Myers, ele se manifestaria. Foram — e Jacky cumpriu a promessa. Apareceu como um elemento extra espiritual numa chapa. Naturalmente, os pais ficaram radiantes.

Uma comunicação notável de um rapaz «morto» desconhecido, que deu muitos pormenores sobre si próprio, todos confirmados, foi descrita por uma Sra. Davidson no "Harbinger of Light", uma revista espiritualista australiana. A médium era a Sra. Leisk, esposa do Rev. David Leisk, de Brisbane.

Uma visitante do mundo espiritual era uma criança que, falando claramente, mas com alguma hesitação, disse: «Quero que alguém diga à minha Mamã que não estou morto. Ela está sempre a preocupar-se comigo, mas eu não posso ser tão feliz como os outros rapazes porque a vejo a chorar, e isso deixa-me triste. Alguém lhe pode contar isso?»

Quando lhe pediram mais pormenores sobre si próprio, o rapaz espírito deu os seus nomes próprios, Stanley Thomas, e o apelido, bem como o número da Rua Bell, em Elsternwick, Victoria, onde morava. Disse que tinha nove anos de idade, mas que «morreu» quando tinha seis. Perguntaram-lhe se tinha irmãos ou irmãs, e a criança respondeu: «Sim, o meu irmão mais velho Leslie tem 15 anos, e a Doris tem 12. A minha irmã mais nova e o meu irmão mais novo são a Norma e o Cliff.»

Depois, um dos participantes perguntou-lhe como tinha falecido. «Tive um arranhão na testa, por acidente, quando estava a brincar com os rapazes na escola», disse ele. «Mas sarou. Depois disso, tive dores na cabeça e na nuca, e a Mamã levou-me a um médico, mas não melhorei. Depois, fui para um hospital. O médico achou que eu apanhei um germe do arranhão na escola. Depois, vim para aqui, e quero mesmo que alguém diga à minha Mamã para não chorar por mim.»

A Sra. Davidson, que regressaria de Brisbane a Melbourne dentro de algumas semanas, ofereceu-se para investigar a história do rapaz. Encontrou a morada em Elsternwick que a criança tinha dado e descobriu que o inquilino tinha o apelido que o espírito tinha mencionado. Tendo confirmado os outros pormenores dados, a Sra. Davidson perguntou à mãe do rapaz: «A doença e a morte dele foram causadas por um acidente na escola?»

«A princípio não pensámos que sim», respondeu a mãe, «pois um arranhão que ele teve na testa sarou, mas ele continuou a queixar-se de dores na cabeça e na nuca. Levei-o ao médico para o examinar minuciosamente, e ele desejou que ele fosse para um hospital em Carlton. O Stanley não melhorou, e o médico disse-nos que a causa da morte foi um germe do arranhão que ele recebera na escola.»

A mulher não conseguia acreditar que a informação tivesse sido dada pelo próprio rapaz «morto», pois não sabia nada de Espiritualismo, e a mensagem deixou-a perplexa. A Sra. Davidson, no entanto, deixou-lhe a sua morada e pediu-lhe que pensasse no assunto. Se quisesse mais informações, ficaria contente em ouvi-la. Dois dias depois, a mulher telefonou à Sra. Davidson, perguntando quando seria conveniente para elas visitarem-na, pois o marido estava ansioso por saber mais sobre a mensagem.

«Combinei ir à sua pequena e tranquila casa e ajudar no que pudesse», escreveu a Sra. Davidson. Agora, a dor dos pais foi vencida, e a criança no mundo espiritual está feliz novamente.

CAPÍTULO VIII
SINAIS E MARAVILHAS

As deformidades físicas, embora não sejam reproduzidas no corpo espiritual, podem ser temporariamente assumidas numa sessão de materialização para fornecer provas da identidade da pessoa «morta». A vida terrena da filha de Florence Marryat limitou-se a dez dias. Na altura da morte da criança, a mãe não tinha experiência de Espiritualismo. Não poderia ter previsto que, dez anos mais tarde, a sua filha fornecesse provas impressionantes da sua sobrevivência ao reproduzir a deformidade física peculiar com que nascera. Como a criança espírito persistiu até conseguir estabelecer a sua identidade sem qualquer sombra de dúvida é

contado de forma convincente por Florence Marryat no seu clássico espiritualista, “There Is No Death”.

A sua filha bebé, nascida durante um período de grande sofrimento físico e mental, veio a este mundo com uma deformidade peculiar e rara. No lado esquerdo do lábio superior havia uma marca, como se um pedaço semicircular de carne tivesse sido cortado por um molde de bala, o que expunha parte da gengiva. A faringe também tinha sido submergida no esófago e, durante o curto período em que a criança esteve na terra, teve de ser alimentada por meios artificiais. A própria mandíbula estava tão distorcida que, se a sua vida terrena tivesse continuado, os dentes duplos, quando se formassem, teriam ficado na parte frontal. Esta imperfeição foi considerada tão notável que o médico que assistiu a mãe convidou vários outros médicos para examinarem o bebé. Todos concordaram que nunca antes lhes tinha passado pelos olhos um caso semelhante.

Florence Marryat salienta que este é um fator importante na sua história. Os médicos chegaram à conclusão de que a deformidade da criança foi causada pelo problema que a mãe sofrera antes do nascimento. O caso foi amplamente relatado no "Lancet". A pequena viveu o tempo suficiente para ser batizada com o nome de Florence e depois faleceu tranquilamente. «Neste mundo de miséria», regista Florence Marryat, «a perda de um bebé é rapidamente absorvida por problemas mais ativos. Ainda assim, nunca me esqueci completamente da minha pobre bebé, talvez porque, naquela altura, ela era, felizmente, o "único cordeiro morto" do meu pequeno rebanho.»

Dez anos após o nascimento da criança, Florence Marryat teve a sua primeira experiência de uma sessão de materialização. Foi anonimamente à casa de uma médium, a Sra. Holmes, onde recebeu provas de uma amiga «morta». No entanto, não conseguiu reconhecer uma criança que se materializou diante dela com a boca e o queixo cobertos por uma substância ectoplasmática e que indicou que Florence Marryat era a atração que a atraía para a terra. A criança espírito ficou amargamente

desapontada quando a participante não a ligou a ninguém que tivesse conhecido. «Eu era tão ignorante acerca da vida para além da sepultura naquela época», diz a autora, «que nunca me ocorreu que o bebé que me deixara com dez dias de idade tinha estado a crescer desde a nossa separação até atingir a idade de dez anos.»

A sessão, no entanto, causou-lhe tamanha impressão que ela se apresentou na casa da médium dois dias depois. Novamente, na presença de cerca de 30 outros participantes, a mesma rapariga espírita se manifestou e não conseguiu ser reconhecida por Florence Marryat.

«Nunca perdeu um parente com a idade dela?», perguntou a médium, tentando ajudar a criança espírita a estabelecer a sua identidade. «Nunca», respondeu a participante com alguma ênfase. Com essa declaração, a pequena espírita retirou-se com tristeza.

Poucas semanas depois, Florence Marryat foi convidada a assistir a uma sessão dada por Florence Cook. Descrevendo a sala da sessão, a autora escreve: «As duas salas de estar foram divididas por cortinas de veludo, atrás das quais a Srta. Cook estava sentada numa poltrona, estando as cortinas presas com alfinetes até meio, deixando uma grande abertura em forma de V.»

Sendo completamente estranha à médium, Florence Marryat ficou surpreendida ao ouvir o controlo espiritual ordenar-lhe que ficasse junto às cortinas e segurasse as partes inferiores para que os alfinetes não se soltassem. Desta posição, podia naturalmente ouvir todas as palavras que trocavam entre a psíquica e o seu controlo. O primeiro rosto a materializar-se foi o de um homem que lhe era desconhecido. Seguiu-se uma exclamação assustada da médium: «Vá embora!», gritou ela. «Não gosto de si! Não me toque; assusta-me!» A voz do seu guia interpôs-se: «Não seja tola. Não seja malvada. Isso não a vai magoar.»

Imediatamente, o rosto da rapariga que vira duas vezes na sessão da Sra. Holmes surgiu acima da abertura das cortinas. A parte inferior dos traços estava envolta em ectoplasma como

antes, mas os seus olhos sorridentes estavam fixos em Florence Marryat enquanto ela permanecia segurando as cortinas do gabinete. Devido à forma como a rapariga espírita estava sempre envolta na metade inferior do rosto, Florence Marryat dera-lhe o nome de "minha pequena freira".

Descrevendo as suas emoções nesta sessão, escreve: «Fiquei surpreendida com o evidente desagrado que a Srta. Cook demonstrara em relação ao espírito.» Quando a sessão terminou e a médium recuperou o seu estado normal, ela contou-lhe sobre a "pequena freira" e perguntou-lhe a razão do seu aparente medo.

«Mal posso dizer-lhe», disse a Srta. Cook. «Não sei nada sobre ela. É-me completamente estranha, mas o rosto dela não está totalmente desenvolvido, penso eu. Há qualquer coisa de errado na sua boca. Ela assusta-me.» Este comentário, feito com toda a casualidade, pôs a autora a pensar. Quando regressou a casa, escreveu a Florence Cook perguntando se ela poderia perguntar aos seus guias a identidade da pequena espírita. Na sua resposta, Florence Cook disse: «Perguntei a Katie King» — o seu famoso controlo com quem Sir William Crookes experimentou com tanto sucesso — «mas ela não me pode dizer mais nada sobre o espírito que veio através de mim na outra noite, a não ser que é uma rapariga jovem intimamente ligada a si.»

Florence Marryat manteve-se, naquela altura, não convencida da identidade da jovem espírita, apesar de John Powles, um amigo «morto», lhe assegurar constantemente que a "pequena freira" era a sua filha Florence. Ela tentou com afinco comunicar com a criança na sua própria casa, mas sem sucesso. John Powles disse-lhe, numa mensagem espiritual: «A falta de poder da sua filha para comunicar consigo não é porque ela seja demasiado pura, mas porque é demasiado fraca. Ela falará consigo um dia. Ela não está no céu.»

Porque, naquela altura, sabia tão pouco sobre a vida após a morte, esta última afirmação deixou Florence Marryat perplexa e entristecida. «Não conseguia acreditar que uma criança inocente não estivesse na Presença Beatífica», regista ela, «mas também

não conseguia compreender que motivo o meu amigo teria para me desencaminhar. Ainda tinha de aprender que [...] um espírito pode ter de passar por uma formação, mesmo que nunca tenha cometido um pecado mortal. Uma prova adicional, no entanto, de que a minha filha morta nunca morrera havia de chegar-me de um local onde menos esperava.»

Isto ocorreu na casa do Dr. Keningale Cook e da sua esposa — estes não eram aparentados com a médium que tinha o mesmo apelido — pessoas que ela nunca antes visitara. Eles não sabiam nada da vida privada de Florence Marryat. Ela nunca falava do seu bebé «morto», nem mesmo aos seus amigos íntimos. A memória da sua «morte» e dos eventos que rodearam esse período da sua vida não era feliz. Até os seus próprios filhos desconheciam a deformidade física da sua irmã «morta».

Durante uma conversa com o seu anfitrião e anfitriã, a autora descobriu que a Sra. Keningale Cook era uma poderosa médium de transe. Os três decidiram realizar uma sessão. Depois de vários comunicadores espirituais terem falado ao Dr. Cook, a médium levantou-se subitamente do seu lugar e caiu de joelhos ao lado de Florence Marryat, abraçando-a com emoção. «Fiquei à espera de ouvir quem poderia ser», escreve a autora, «quando as manifestações cessaram tão subitamente, a médium regressou ao seu lugar, e a voz de um dos seus guias disse que o espírito não conseguia falar devido ao excesso de emoção, mas tentaria novamente mais tarde durante a noite.

Quase me tinha esquecido das circunstâncias, ouvindo outras comunicações, quando fui sobressaltada por ouvir a palavra "Mãe", mais suspirar do que falar. Estava prestes a dar uma resposta emocionada quando a médium levantou a mão para impor silêncio.» Depois, vieram as seguintes palavras, através dos lábios em transe da médium: «Mãe, sou a Florence. Tenho de estar muito calada. Quero sentir que ainda tenho uma mãe. Estou tão sozinha. Porque hei de estar assim? Não consigo falar bem. Quero ser como uma de vocês. Quero sentir que tenho uma mãe e

irmãs. Estou tão longe de todas vós agora.» A mãe respondeu: «Mas eu penso sempre em ti, minha querida bebé morta.»

«É exatamente isso — o teu bebé», foi a resposta do espírito. «Mas já não sou um bebé agora. Vou aproximar-me mais. Dizem-me que vou. Não sei se posso vir quando estiveres sozinha. Está tudo tão escuro. Sei que estás ali, mas tão vagamente. Cresci sozinha. Não sou realmente infeliz, mas quero aproximar-me mais de ti. Sei que pensas em mim, mas pensas em mim como um bebé. Não me conheces como sou.»

«A aflição que tive antes do teu nascimento afetou o teu espírito, Florence?», perguntou a mãe. «Apenas na medida em que as coisas se causam umas às outras», veio a réplica. «Estive contigo, Mãe, durante toda essa aflição. Estaria mais perto de ti do que qualquer filho que tenhas, se apenas conseguisse chegar junto de ti.»

«Não suporto ouvir-te falar tão tristemente, querida», respondeu a mãe. «Sempre acreditei que tu, pelo menos, eras feliz no Céu.»

«Não estou no Céu! Mas chegará um dia, Mãe — posso rir quando digo isto — em que iremos para o Céu juntas colher flores azuis. Eles são tão bons para mim aqui, mas se os teus olhos não suportam a luz do dia, não podes ver os botões-de-ouro e as margaridas.»

Florence Marryat, que só soube mais tarde que as flores azuis são, na linguagem espiritual, típicas da felicidade, perguntou à criança «morta» se achava que seria capaz de escrever através da sua mão. Mas a filha não achava que seria muito bem-sucedida nessa forma de comunicação. Disse à mãe: «Pareço composta por duas coisas — uma criança na ignorância e uma mulher na idade.» E continuou: «Porque é que não consigo falar noutros lugares? Desejei e tentei. Cheguei muito perto, mas parece tão fácil falar agora. Esta médium parece tão diferente.»

«Gostaria que pudesses vir ter comigo quando estou sozinha, Florence», disse a mãe. «Hás de conhecer-me», foi a resposta do

espírito. «Virei, Mãe querida. Sempre poderei vir aqui. Venho ter contigo, mas não da mesma maneira.»

A criança falou com uma voz tão plangente e melancólica que lhe pediram para não deprimir a mãe. A sua resposta foi muito notável: «Sou como sou. Quando vieres aqui, se achares que a tristeza existe, não a poderás alterar mergulhando em prazeres materiais. A nossa tristeza faz o mundo em que vivemos. Não são os atos que nos tornam errados. É o estado em que nascemos. Mãe, tu dizes que eu morri sem pecado. Isso não é nada. Nasci num estado. Se tivesse vivido, ter-te-ia causado mais dor do que podes imaginar. Estou melhor aqui. Não era apta para lutar com o mundo, e tiraram-me dele. Mãe, não vais deixar que isto te entristeça. Não deves.»

«O que posso fazer para te aproximar mais de mim?», perguntou a mãe. «Não sei o que me aproximará mais, mas já sou ajudada só por falar contigo. [...] Mãe, parece-te estranho ouvir o teu "bebé" dizer coisas como se as soubesse? Vou-me embora agora. Adeus.»

A voz seguinte a falar através da médium em transe foi a de um guia a quem Florence Marryat pediu que desse uma descrição pessoal da sua filha «morta» tal como ela então aparecia. «O rosto dela está abatido», foi a resposta. «Tentámos animá-la, mas ela está muito triste. É o estado em que nasceu. Cada deformidade física é a marca de uma condição. Um corpo fraco não é necessariamente a marca de um espírito fraco... Não podes julgar de que forma a mente está deformada porque o corpo está deformado. Não se segue que uma chaga no corpo seja uma chaga na mente. Mas a mente pode ser demasiado exuberante — pode precisar de uma chaga para a refrear.»

Florence Marryat declara: «Copiei esta conversa, palavra por palavra, das notas taquigráficas tomadas na altura em que foi proferida; e quando se lembra que nem a Sra. Keningale Cook nem o marido sabiam que eu tinha perdido uma criança — que nunca tinham estado na minha casa nem tinham convivido com nenhum dos meus amigos —, será pelo menos reconhecido, até

pelo mais cético, que foi uma coincidência muito notável eu ter recebido tal comunicação dos lábios de uma perfeita estranha.»

A sua filha «morta» comunicou através desta médium apenas mais uma vez. Numa tarde, Florence Marryat foi consultar o seu advogado sobre um assunto estritamente privado e doloroso. Ele deu-lhe um conselho. No dia seguinte, enquanto tomava o pequeno-almoço, a Sra. Cook irrompeu sem cerimónias no seu quarto. Pediu desculpa pelo seu comportamento pouco convencional, mas disse que tinha recebido uma mensagem de Florence na noite anterior, que a criança «morta» lhe implorara que entregasse sem demora. A mensagem era: «Diz à minha mãe que eu estava com ela esta tarde no escritório do advogado e que ela não deve seguir o conselho que lhe foi dado, pois fará mal em vez de bem.» A Sra. Cook acrescentou: «Não sei a que Florence se refere, claro, mas pensei que era melhor informá-la imediatamente.»

Naquela altura, Florence Marryat tinha mais confiança no seu conselheiro terreno do que no seu conselheiro espiritual. Seguiu o conselho do seu advogado e arrependeu-se disso para sempre!

A sua conversa com a rapariga espírita teve um grande efeito sobre a mãe. «Sabia», escreve ela, «que a minha dor descontrolada tinha sido a causa da morte prematura do seu corpo, mas nunca me ocorrera que o seu espírito carregaria os seus efeitos para o mundo invisível. Foi um aviso para mim, como deveria ser para todas as mães, de não assumirem a solene responsabilidade da maternidade sem estarem preparadas para sacrificar os seus próprios sentimentos pelo bem dos seus filhos.»

Florence Marryat foi, no entanto, assegurada de que a comunicação entre ela e a sua filha removeria a depressão da criança «morta». Consequentemente, aproveitou todas as oportunidades para a ver e falar com ela. Assistiu a várias sessões, e a sua criança espírita nunca deixou de se manifestar de diferentes maneiras, de acordo com o dom psíquico do médium.

Florence Marryat diz: «Através de algumas, ela apenas me tocava, e sempre com uma mão de bebé, para que eu a

reconhecesse como sua, ou encostava a boca à minha para que eu pudesse sentir a cicatriz nos seus lábios; através de outras, falava, ou escrevia, ou mostrava o seu rosto.» Na verdade, nunca assistiu a uma sessão em que a sua filha não conseguisse notificar a sua presença.

«Parece-me curioso, agora», escreve a autora, «olhar para trás e lembrar-me de quão melancólica ela costumava ser quando voltou para mim, pois, assim que estabeleceu uma comunicação ininterrupta entre nós, tornou-se no mais alegre espírito que já conheci. Embora a sua infância tenha agora passado, e ela seja mais digna, mais pensativa e mais feminina, aparece sempre jovial e feliz.»

Florence Marryat sentou-se várias vezes com Arthur Colman, um médium físico cujas sessões se realizavam na escuridão enquanto ele estava firmemente amarrado e segurado no seu lugar. Nessas sessões, a criança materializada corria pela sala e misturava-se com os participantes. Fazia brincadeiras infantis com eles, tal como teria feito se ainda permanecesse na terra, uma rapariga feliz e mimada. «Conheci-a», escreve a mãe, «a vir no escuro, sentar-se no meu colo, beijar-me o rosto e as mãos, e deixar-me sentir o defeito na sua boca.»

Numa luminosa noite de verão, no aniversário de Florence Marryat, Arthur Colman visitou-a inesperadamente quando ela estava a entreter alguns amigos. Concordaram em realizar uma sessão. Era impossível escurecer eficazmente a sala, pois as janelas estavam apenas protegidas por persianas venezianas. Estas, no entanto, foram baixadas, e sentaram-se no crepúsculo. A primeira visitante espiritual foi a filha de Florence Marryat que, dizendo que tinha trazido um presente para o seu aniversário, colocou algo na mão da mãe. A mãe pôde perceber, ao tocar no presente, que era uma fila de contas e concluiu que o poder espiritual fora usado para trazer um colar de contas da prateleira da lareira da sua própria sala de estar e colocá-lo nas suas mãos como um gesto de aniversário.

Esta impressão, no entanto, foi rapidamente corrigida por Aimée, a auxiliar espiritual do médium, que disse: «Está enganada. Florence deu-lhe um colar que nunca viu antes. Ela estava extremamente ansiosa por lhe dar um presente no seu aniversário, por isso eu dei-lhe as contas que foram enterradas comigo.» A participante foi solicitada pelo espírito a não mostrar o presente ao médium por enquanto. Foi só alguns meses depois que Florence Marryat recebeu permissão para mostrar este colar a Arthur Colman. Ele reconheceu-o imediatamente como sendo o que tinha colocado nas mãos de Aimée quando ela jazia no caixão.

Florence Marryat escreve: «Mas o grande clímax que havia de provar, para além de qualquer dúvida, a identidade pessoal do espírito que comunicava comigo com o corpo que eu trouxera ao mundo, estava ainda para vir.» Este evento ocorreu numa sessão que fora primariamente organizada para benefício do Sr. William Harrison, então diretor do "Spiritualist", a quem uma amiga «morta» dissera que faria o seu melhor para se materializar se ele se sentasse com Florence Cook.

A sala, pequena, não tinha carpete e não continha mobília para além das três cadeiras fornecidas para os participantes. Um xaile preto foi pregado num canto da sala, a cerca de um metro e vinte centímetros do chão. Isto formava o gabinete da médium.

Florence Cook, que é descrita pela autora como "uma figura pequena e esbelta, com olhos e cabelo escuros", usava um vestido cinzento-claro enfeitado com fita carmesim. A médium sentou-se no chão atrás do xaile preto levantado, que deixava a parte inferior do seu corpo ainda visível para os participantes; a luz foi diminuída, e os três participantes ocuparam os seus lugares nas cadeiras fornecidas.

Antes de a sessão começar, Florence Cook disse à autora que estivera muito inquieta durante os seus recentes transes e adquirira o hábito de deixar o seu lugar no gabinete e caminhar entre os participantes. O facto angustiava-a. Pediu a Florence Marryat que a dirigisse de volta ao gabinete se ela o deixasse

durante o transe. Passados alguns momentos, quando se ouviu a médium a falar com os seus controlos espirituais, o xaile preto foi levantado por uma mão materializada, e uma figura feminina colocou-se diante dos participantes.

Era impossível, na luz ténue, identificar os traços à distância a que ela se encontrava deles. «Quem poderá ser?», perguntou Florence Marryat ao Sr. Harrison. «Mãe, não me conheces?», sussurrou a filha espírita. Não esperando que Florence se manifestasse nesta ocasião, a surpreendida mãe levantou-se da cadeira, dizendo: «Oh, minha querida filha, nunca pensei encontrar-te aqui.» A rapariga respondeu: «Volta para a tua cadeira e eu irei ter contigo.» Imediatamente, a figura totalmente materializada atravessou a sala e sentou-se no colo da mãe.

«Florence, minha querida, és mesmo tu?», perguntou ela, enquanto segurava a rapariga espírita nos braços. «Acende a luz», respondeu a rapariga, «e olha para a minha boca.» Quando a luz se acendeu, escreve Florence Marryat, «todos viram distintamente aquele defeito peculiar no lábio com que ela nasceu — um defeito, note-se, que alguns dos membros mais experientes da profissão afirmaram ser "tão raro que nunca antes lhes tinha passado pelos olhos".

Ela também abriu a boca para que eu pudesse ver que não tinha faringe... Não interromperei a minha narrativa para fazer quaisquer comentários sobre esta prova irrefutável de identidade. Sei que me deixou muda e comoveu-me até às lágrimas. Nesta altura, a Srta. Cook, que estivera a gemer e a mover-se muito atrás do xaile preto, explicou subitamente: "Não aguento mais isto", e saiu para a sala. Ali estava ela, no seu vestido cinzento e fitas carmesim, enquanto Florence estava sentada no meu colo, envolta em tecido branco.»

Mas apenas por um momento, pois assim que a médium ficou totalmente à vista, o espírito saltou e lançou-se para trás da cortina. Como lhe tinham pedido, Florence Marryat conduziu então a médium em transe de volta ao gabinete. Mal o fez, a rapariga espírita reapareceu. Agarrou a mãe, dizendo: «Não a

deixes fazer isso outra vez. Ela assusta-me.» A rapariga estava literalmente a tremer.

«Porquê, Florence», disse a mãe, «queres dizer que tens medo da tua própria médium? Neste mundo, somos nós, pobres mortais, que temos medo dos espíritos.» A filha sussurrou: «Tenho medo de que ela me mande embora, Mãe.» No entanto, a médium permaneceu calada e não os perturbou novamente. Florence ficou mais algum tempo. «Ela colocou os braços à volta do meu pescoço, apoiou a cabeça no meu peito e beijou-me dezenas de vezes», escreve Florence Marryat. «Pegou na minha mão e disse que tinha a certeza de que eu reconheceria a sua mão porque era muito parecida com a minha.»

A rapariga espírita explicou por que razão lhe fora permitido mostrar-se com a sua deformidade terrena. «Às vezes duvidas, Mãe», disse ela, «e pensas que os teus olhos e ouvidos te enganaram; mas depois disto nunca mais deves duvidar. Não penses que sou assim na terra dos espíritos. A imperfeição deixou-me há muito tempo. Mas coloquei-a esta noite para te certificares. Não te aflijas, Mãe. Lembra-te de que estou sempre perto de ti. Ninguém me pode levar. Os teus filhos terrenos podem crescer e sair para o mundo e deixar-te, mas terás sempre a tua filha espírita perto de ti.»

Florence permaneceu quase 20 minutos nessa sessão. «A sua presença indubitável foi para mim um facto tão estupendo», afirma a mãe, «que só conseguia pensar que ela estava ali, que realmente segurava nos braços a pequenina que eu própria tinha colocado no caixão, que ela não estava mais morta do que eu, mas que tinha crescido até se tornar uma mulher. E assim fiquei sentada, com os braços bem apertados à volta dela, e o meu coração a bater contra o dela, até que o poder diminuiu e Florence foi obrigada a dar-me um último beijo e a deixar-me.»

Descrevendo a aparência da sua filha espírita, a autora diz que a sua cabeça estava descoberta e tinha uma imensa quantidade de cabelo, que lhe caía sobre os ombros. Os braços estavam nus, assim como os pés. O vestido com que estava

envolta não tinha forma ou estilo particular, mas parecia ser composto por metros de musselina grossa e macia que drapejava o seu corpo e caía abaixo dos joelhos.

Quando sentada no seu colo, a figura materializada pesava cerca de 63 quilos e tinha membros bem fornidos. Florence Marryat observou que a rapariga espírita se assemelhava, em tamanho e aparência, à sua filha viva mais velha. Esta sessão ocorreu quando a sua criança estava «morta» há cerca de 17 anos. Depois dessa sessão, Florence nunca mais apareceu à sua mãe com a marca na boca.

Esta rapariga espírita materializou-se uma vez diante de Florence Marryat numa sessão pública a três mil milhas de Inglaterra, onde a sua mãe era completamente desconhecida para a médium ou para os participantes. Florence Marryat tinha ido à América para cumprir um compromisso profissional.

Em Nova Iorque, decidiu investigar por si mesma a qualidade da mediunidade americana. Por isso, escolheu de uma lista de médiuns num anúncio de jornal uma sessão pública de materialização que teria lugar nessa noite. A médium era a Sra. M. A. Williams. Florence Marryat escreve sobre a sessão: «Ocupei a cadeira na primeira fila, exatamente em frente ao gabinete da médium. Deviam estar presentes 35 ou 40 pessoas quando a Sra. Williams entrou na sala e, acenando aos que conhecia, entrou no gabinete.»

Várias formas espirituais se materializaram. Quando as suas vozes eram demasiado fracas para serem ouvidas pelos participantes ou quando as formas espirituais não estavam suficientemente "construídas" para serem vistas, um presidente, ou condutor, que estava perto do gabinete, transmitia as mensagens. Dirigiu-se a Florence Marryat, dizendo: «Não sei o seu nome.» «E não o saberá tão cedo», pensou a visitante, desejando, para fins probatórios, preservar o seu anonimato.

Ele continuou, dizendo que a sua presença era solicitada por uma materialização no gabinete. Ela aproximou-se, mas foi recebida por uma forma espiritual que lhe era desconhecida. Ele

aparentemente viera para preparar o caminho para outra, pois, depois de a cumprimentar e ela ter retomado o seu lugar, foi novamente abordada pelo condutor, que disse: «Aqui está um espírito que diz que veio para uma senhora chamada Florence, que acabou de atravessar o mar. Corresponde à descrição?»

A autora estava prestes a dizer que sim quando as cortinas se abriram novamente e a sua filha atravessou a sala correndo e caiu nos seus braços. «Mãe!», exclamou ela. «Eu disse que viria consigo e tomaria conta de si, não disse?»

«Olhei para ela», afirma a autora. «Era exatamente igual em aparência a quando viera ter comigo em Inglaterra — o mesmo cabelo castanho luxuriante, e os mesmos traços e figura que vira sob as diferentes mediunidades de Florence Cook, Arthur Colman, Charles Williams e William Eglinton; a mesma forma [...] estava diante de mim ali em Nova Iorque, a milhares de milhas através do mar, e pelo poder de uma pessoa que nem sequer sabia quem eu era. Florence parecia tão encantada como eu, e não parava de me beijar e de falar do que me tinha acontecido no navio durante a travessia, e estava evidentemente completamente a par de todos os meus procedimentos.»

Pouco depois, a rapariga espírita disse à mãe: «Há outro amigo teu aqui. Viemos juntos. Vou buscá-lo.» Como as outras formas espirituais, ela desmaterializou-se diante dos olhos da mãe, afundando-se para baixo, mas um momento depois reapareceu através da abertura das cortinas do gabinete. «Aqui está o teu amigo, Mãe», disse ela.

Ao seu lado estava a forma materializada do controlo de William Eglinton, Joey, que Florence Marryat vira pela última vez em Inglaterra. «Aqui estavam dois seres espirituais, in propria persona em Nova Iorque», escreve a autora, «a reivindicar-me numa terra de estranhos que ainda não tinham descoberto quem eu era. Fiquei profundamente comovida.»

Não é natural que esta mãe se sentisse tocada pela devoção da sua filha espírita em acompanhá-la através do mar para a receber numa terra estranha?

«Poderia encher páginas», diz Florence Marryat sobre a sua filha espírita, «com relatos das suas maneiras graciosas e afetuosas e das suas mensagens carinhosas e por vezes solenes. Tem sido maravilhoso para mim notar como os seus modos e modo de comunicação mudaram com o passar dos anos.»

A simples criança não sabia como se expressar quando apareceu pela primeira vez à sua mãe. Mas com o passar do tempo floresceu numa mulher, cheia de conselhos ternos. Florence Marryat conclui a sua história: «Só esta noite — a noite antes do Dia de Natal — enquanto escrevo, ela vem ter comigo e diz: "Mãe, não deves ceder a pensamentos tristes. O passado é passado. Deixa-o ser enterrado nas bênçãos que te restam." E entre as maiores dessas bênçãos conto a minha crença na existência da minha filha espírita.»

As notáveis experiências de Florence Marryat denotam o elevado padrão da mediunidade física disponível na sua época. Mas a força psíquica continua a fluir através dos médiuns atuais. Este facto é comprovado pela seguinte história de outra criança «morta» que sofreu de uma triste deficiência física e mental na terra. Este menino regressou com provas convincentes da sua sobrevivência. Também ele conseguiu confortar os pais com a garantia de que tinha alcançado uma saúde radiante no mundo espiritual.

Roy Brandon, um jornalista, contou a história numa série de artigos num jornal semanal. Uma semana após o falecimento do seu filho, o especialista que o tinha assistido informou o pai: «O seu filho não está morto. Pode acompanhar o seu progresso espiritual, se desejar.»

«Esta afirmação espantosa», escreve Roy Brandon no seu artigo de abertura, «vinda dos lábios de um médico hábil na sua profissão — um homem culto, muito viajado, em cuja palavra eu podia confiar absolutamente — deixou-me atónito. Para mim, o meu filho significava mais do que meras palavras podem expressar. Era um inválido desde o nascimento. Tínhamos cuidado dele — a mãe e eu — dia após dia, durante dez longos

anos. Uma criança aleijada e indefesa exige todo o amor, toda a simpatia, que um pai pode expressar. Umas poucas horas trágicas e rápidas, e o nosso filho fora-nos tirado. Lembro-me de olhar incrédulo para o médico e depois desatar numa torrente de perguntas.»

Foi dito ao pai que tudo o que precisava para uma investigação do Espiritualismo era uma atitude imparcial. O médico sugeriu que conduzisse a sua investigação em segredo, para que, quando as provas chegassem — como chegariam — não houvesse dúvida ou suspeita na sua mente. Foi num estado de crítica fria que Roy Brandon começou a sua busca de provas da existência continuada do seu filho.

A sua primeira sessão foi com Helen Duncan. Realizou-se na casa de um amigo que estava tão ansioso como ele por obter provas. Roy Brandon menciona que a casa da médium ficava a 640 quilómetros de distância. «Tanto quanto sei», disse ele, «ela não tinha encontrado anteriormente nenhum dos participantes. Era certamente uma perfeita estranha para mim e para a minha mulher.» A sessão realizou-se sob rigorosas condições de teste. Só depois de os participantes terem tomado os seus lugares em frente ao gabinete é que a médium entrou na sala pela primeira vez naquela noite. Ninguém foi apresentado. Helen Duncan sentou-se no gabinete, que não continha nada além de uma cadeira de madeira comum.

Albert, o seu controlo espiritual, foi o primeiro a materializar-se. Afastou as cortinas, que dividiam a médium dos participantes. «Com a luz vermelha que iluminava a sala», escreve Roy Brandon, «vimos a forma espiritual de um homem, com mais de 1,80 metros de altura, de pé, ereto, separado da médium, que ainda estava em transe. Ele escolheu-me para o "testar". Levantei-me e toquei na forma espiritual, achando-a sólida.

A mão que ele me estendeu estava quente.» Dez outras formas espirituais materializaram-se. Entre elas estava um índio vermelho, com quase 2,10 metros de altura, usando um cocar, que emergiu do gabinete. Com exceção dos guias da Sra. Duncan,

todos os espíritos que se materializaram tinham alguma ligação definitiva com um ou mais dos participantes, com quem mantiveram conversas afetuosas.

Depois chegou o momento emocionante para o jornalista e a sua esposa. Albert anunciou que um rapaz, ligado a ambos, desejava falar. Do gabinete emergiu uma pequena figura velada, que mostrou grande excitação. Chamou «Mamã, Papá», antes de ser vencido pela emoção. Nesta, a sua primeira materialização, estava coberto por um véu ectoplasmático. «Não vimos os seus traços», regista o jornalista, «mas os trejeitos que exibiu eram marcadamente seus, e as provas oferecidas por Albert foram suficientes para nos convencer de que este era realmente o nosso filho. Quando na terra, ele era muito sensível e facilmente excitável. A sua excitação agora tornava-o quase incoerente. Bateu repetidamente nas pernas para indicar que agora tinha uso dos membros, e parecia extremamente ansioso por aliviar a dor que ainda sentíamos pelo seu falecimento.»

A criança espírita implorou à mãe que não chorasse mais «porque já estou bem agora!» Depois, atirando um beijo ao pai e à mãe de uma maneira peculiarmente sua, desapareceu atrás do gabinete. Albert disse a estes pais: «Podem não se aperceber ainda, mas nos anos vindouros compreenderão melhor que bênção é o vosso filho estar no nosso lado da vida. Ele ainda está a receber tratamento aqui para o seu problema de cabeça. Sabem o que quero dizer. Deixem-me explicar mais completamente.

O vosso filho sofria de uma lesão cerebral. Nunca foi como outras crianças da sua idade.» O pai do rapaz concordou que era esse o caso. «Devo dizer-vos», continuou Albert, «que embora o tratamento que ele estava a receber o tivesse ajudado, ele teria sempre sido um inválido devido ao seu problema no peito.» Todas as provas fornecidas por Albert foram reconhecidas por Roy Brandon como exatas.

Na sessão seguinte dos Brandon com Helen Duncan, o rapaz «morto» pôde mostrar os seus traços. «Consegues ver o meu rosto?», perguntou orgulhosamente. «Sim, velhote», respondeu o

pai, «consigo ver os teus olhos e nariz.» Mas a criança não ficou completamente satisfeita com esta resposta. «Consegues ver-me, Mamã?», perguntou. «Sim, meu querido», disse a mãe, «consigo ver o teu rosto. Estás a ficar bastante esperto.»

Naquela pequena sala de estar, onde estavam sentadas 22 pessoas, o rapaz «morto» correu sem hesitar para um amigo do Sr. e da Sra. Brandon. Sem qualquer sinal dos pais, reconhecera, entre os presentes, a única outra pessoa que conhecia na terra. «Consegues ver os meus olhos, Tio?», perguntou, enquanto voltava os traços para a luz vermelha para os exibir mais claramente. O participante examinou atentamente a criança materializada. «Sim», anunciou finalmente, «és tu — não há dúvida nenhuma sobre isso.» Com isto, a criança moveu-se em direção ao gabinete e, dizendo que viria outra vez, desapareceu.

Sob um nome falso, Roy Brandon marcou por telefone uma sessão de transe com Estelle Roberts, para quem era completamente estranho. Descrevendo a sessão, escreve: «Red Cloud informou-me então que eu tinha uma criança no mundo espiritual e continuou a dar-me uma descrição do meu filho.

Nesta fase, o guia parecia ter dificuldades, devido, segundo ele, à grande excitação do meu filho por poder "contactar-me". Numa tentativa de facilitar as condições, ofereci informações sobre a idade do meu filho, o tempo decorrido desde o seu falecimento e a natureza da sua doença.» Convidando o participante para um futuro círculo de voz, Red Cloud assegurou-lhe que, embora durante a vida terrena do seu filho ele não tivesse conseguido falar, ele ouviria a voz da sua criança. Um mês depois, Roy Brandon e a sua esposa assistiram à sessão. «Estavam presentes nesta ocasião 20 participantes, entre os quais o Conde de Cottenham, Lady Segrave e Shaw Desmond, o romancista», escreve ele. «As provas nesta noite foram espantosas.

Durante uma hora e meia, voz após voz falou através da trombeta. Perto do fim da sessão, levei um rude choque. Uma voz, que se dizia ser do meu filho, veio através da trombeta.

Perguntou pelo "Papá" e deu o nome falso sob o qual eu estava sentado!»

Um pouco mais tarde, a voz disse: «Papá, Papá... A minha garganta está melhor agora... Preocupa-me quando tento falar... Estava paralisada... Não chores por mim, Mamã...» O Sr. e a Sra. Brandon fizeram o seu melhor para encorajar a voz. «Finalmente», escreve o jornalista, «perguntei se ele nos podia dar o apelido pelo qual era conhecido. Agucei os ouvidos, mas tudo o que ouvi foi um som abafado vindo da trombeta, que caiu então no chão.»

Imediatamente, Shaw Desmond disse: «Ouvi uma palavra que soava como "Bunty" ou "Bumpty".» O Conde de Cottenham interrompeu: «Foi o que eu ouvi.»

«Não lhe atirem perguntas sobre o nome dele», disse Red Cloud, em tom de repreensão. «Este rapaz tinha dez anos de idade e faleceu há dez meses.»

Roy Brandon escreve: «Estes pormenores foram oferecidos por mim na sessão privada, portanto, na minha opinião, não constituíam prova. Assim terminou a sessão. O nome do meu filho era Bumpty. Teria ele dado esse nome através da trombeta?»

Concordo com o comentário de Red Cloud sobre "atirar perguntas". Isso muitas vezes quebra a linha de comunicação. É sempre preferível deixar que os "mortos" forneçam as suas próprias provas. Não é surpreendente que a repetição pela voz espiritual do nome falso, dado à médium anteriormente, tenha sido um choque para o pai. Na minha longa experiência de fenómenos psíquicos, encontrei muito ocasionalmente incidentes semelhantes e desconcertantes quando, como neste caso, não podia haver dúvida sobre a absoluta honestidade e integridade da médium.

Não se deve esquecer que a mente inconsciente do psíquico, embora adormecida durante o transe, pode reter um vestígio do que foi absorvido durante a consciência ordinária. Ouvi de guias espirituais experientes que, em alguns casos, é melhor aliviar a

"congestão" repetindo a impressão errónea na mente inconsciente da médium, e assim permitir que o canal seja limpo para mais comunicação e provas. Se esta é a explicação da experiência de Roy Brandon, não posso dizer.

Mas sei que, quer o investigador seja do tipo que deseja dar um nome falso ou não, o padrão das provas recebidas permanece sempre a prova decisiva de uma sessão bem-sucedida.

Alguns dias após a sessão de voz, o Sr. Brandon foi a um serviço espiritualista público em Golders Green, onde a médium, Mabel Challis, lhe disse: «O seu filho está aqui no palco comigo. Parece terrivelmente perturbado e diz que você teve uma desilusão recentemente. É assim?» O pai respondeu afirmativamente, ao que a médium continuou: «Ele diz: "Não desistas! Por favor, Papá, não desistas!" Ele veio esta noite para te dar um pouco de prova — algo que nunca deu antes. Espera um momento.» Após uma pausa, disse calmamente, quase em dúvida sobre a mensagem que estava a receber: «Ele diz: "Bumps — diz-lhe Bumps; ele saberá o que significa."»

Roy Brandon escreve: «Bumps era uma abreviatura do nome de estimação do meu filho, Bumpty. Nunca tinha recebido isto através de qualquer outro médium. Nem a Sra. Challis, nem qualquer das cem pessoas presentes, poderia possivelmente saber o que isso significava.»

A investigação do pai continuou. Sob um nome falso, marcou por telefone uma sessão com a médium de escrita automática, Hester Dowden. «Até à hora marcada para a sessão, a Sra. Dowden e eu nunca nos tínhamos encontrado», diz ele. «Éramos completos estranhos um para o outro. Ninguém mais sabia que eu tinha marcado esta sessão. Portanto, é evidente que a médium não poderia saber nada sobre mim ou sobre a minha missão.»

Na noite anterior, enquanto estava sozinho em sua casa, o pai enviou o seguinte pensamento ao seu filho: «Se puderes comunicar através da Sra. Dowden, dar-me-ás a palavra-passe: "F.I.D."?» Estas letras representavam algo intimamente ligado à sua criança.

A sessão foi, durante algum tempo, malsucedida e a médium estava muito preocupada. Disse ao participante que estava convencida da presença de um espírito cuja excitação e emoção estavam a causar dificuldade. Pediu ao seu guia que ajudasse o espírito e depois, pegando na tábua ouija no colo, sugeriu que o participante fizesse algumas perguntas. Roy Brandon diz: «Fiz uma série de perguntas em voz alta e, sem um momento de hesitação, as respostas corretas vieram através da tábua.»

«Podes dar-me o teu nome?», foi a primeira pergunta. — «Stanley Thomas», veio a resposta na tábua através das suas letras alfabéticas.

«E o teu apelido?» — «Bumpty.»

«Mais alguma coisa?» — «Sim, F.I.D.»

«Podes dar-me o nome de alguém em casa?» — «Irmã June Dolores, e irmão Alan.»

«Quantos anos tinhas quando faleceste?» — «Dez, anos.»

«Há quanto tempo estás no Outro Lado?» — «Dois anos.» (Na realidade, o rapaz tinha falecido um ano e nove meses antes.)

«Havia duas coisas de que gostavas muito quando aqui estavas. Podes dizer-me quais eram?» — «Sim, música, gramofone.»

«Mais alguma coisa?» — «Passeios de carro.»

«Lembras-te do que aconteceu no domingo antes do teu falecimento?» — «Sim, lembro-me bem; levaste-me para um passeio de carro.»

«Visitas-nos em casa?» — «Muitas vezes.»

«O que fazes quando vens?» — «Tento dar batidas — uma na mesa.»

Esta resposta foi uma confirmação de um incidente que acontecera vários meses antes. Os pais estavam sozinhos em casa. Estavam sentados na sala de jantar quando foram sobressaltados por ouvir uma batida retumbante na mesa, que estava fora do alcance de ambos.

Bumpty era extremamente apaixonado por música. Muitas vezes, o gramofone era tocado para ele durante horas seguidas. O

seu maior prazer, no entanto, era dar um passeio de carro. No domingo antes do seu falecimento, o pai levou-o para um longo passeio pelo campo. Foi a sua primeira saída num mês. Acabou por ser o seu último passeio de carro na terra.

Resumindo as provas da sua sessão com Hester Dowden, Roy Brandon afirma: «Ver-se-á que, entre outras coisas, ele deu os seus nomes próprios completos, o seu apelido, a sua idade, os nomes do irmão e da irmã, e a palavra-passe "F.I.D."» Acrescenta: «Alguns de vocês que leem estas experiências podem encolher os ombros e descartar tudo como sendo tanta tontice. Há dois anos, confesso que poderia ter usado argumentos semelhantes, mas, à luz da minha experiência, fui forçado a mudar de opinião.»

Num artigo subsequente no "Psychic News", Roy Brandon contou uma experiência que ocorreu numa sessão posterior com Helen Duncan, realizada sob rigorosas condições de teste.

CAPÍTULO IX
PROVAS DOS NATIMORTOS

No total, materializaram-se 13 formas espirituais, entre as quais a criança "morta" do jornalista. Bumpty foi o segundo espírito a manifestar-se nessa noite. O seu rosto foi visto com luz branca, que é geralmente destrutiva para os fenómenos físicos. Ele manipulou uma lanterna de bolso de modo que o feixe de luz incidia sobre os seus traços.

«Várias vezes», diz Roy Brandon, «a luz da lanterna foi projetada sobre o seu rosto. Embora só fosse possível obter vislumbres fugazes dos traços, posso dizer com verdade que apresentavam uma nítida semelhança com os do meu filho. Minha esposa está igualmente convencida deste ponto. O crítico faria bem em lembrar que a Sra. Duncan nunca vira o meu filho durante a sua vida física; nem ela, nem qualquer outra pessoa ligada à sessão, poderia ter tido acesso a qualquer das suas fotografias.

As circunstâncias curiosas que envolveram a minha presença nesta sessão também merecem comentário. As sessões de Duncan estão geralmente marcadas com semanas de antecedência. Embora no dia anterior a esta sessão a Sra. Duncan tivesse sugerido que eu poderia assistir a uma sessão numa data conveniente futura, nenhuma data concreta foi combinada. No entanto, no dia seguinte — o quarto aniversário do falecimento do meu filho — recebi um telefonema a convidar-me para sentar nessa mesma noite. O significado da data, juntamente com as circunstâncias acima mencionadas, impeliram-me a cancelar um compromisso anterior e a aceitar o convite.»

É-nos dito por muitos seres altamente evoluídos do Outro Lado que, no momento da conceção humana, o espírito individual se identifica com o organismo físico através do qual se expressará durante a vida terrena. O corpo etérico desenvolve-se em uníssono com a forma física em crescimento, agora individualizada.

O processo de desenvolvimento sincronizado continua ao longo do período pré-natal e após o nascimento normal. A centelha de vida, uma vez acesa, nunca pode ser extinta. Muitas pessoas não percebem as tremendas implicações deste facto. Não apenas as crianças cujo período de vida física mede algumas horas, dias, meses ou anos sobrevivem à "morte", mas também aquelas que nunca respiraram o ar terreno.

O nascimento físico não é o início da vida, mas uma continuação natural do processo que começou meses antes. A dissolução pré-natal da forma terrena, em qualquer estágio de subdesenvolvimento que tenha ocorrido, não prejudica nem impede o crescimento contínuo do corpo espiritual individualizado que se identificou com o seu veículo terreno na conceção.

Assim, quando o processo de nascimento normal é impedido de ocorrer, seja por acidente ou por deliberação, o corpo etérico continua a crescer e a desenvolver-se no Outro Lado tal como o faria se o seu equivalente terreno não tivesse perecido. O espírito

imaturo, projetado no mundo seguinte através da destruição do corpo, é nutrido e acarinhado por seres espirituais especialmente qualificados, de maneira muito semelhante a um bebé prematuro na terra que é alvo de tratamento especializado até atingir a normalidade de crescimento.

A vida terrena é apenas a escola que prepara a alma para a existência maior e mais plena no mundo espiritual. Quando o período normal de anos é atingido, o indivíduo maduro, amadurecido pela experiência, abandona o veículo físico, agora desnecessário no novo estado de existência. Mas nós, que tão pouco compreendemos do propósito de Deus, não podemos entender a Mente que decide transplantar uma flor terrena imatura para o solo mais rico do jardim espiritual.

Os espiritualistas sabem que, quando as crianças falecem, todas as forças do Outro Lado são direcionadas para as ajudar a habituarem-se ao novo modo de vida. Quando todos os esforços humanos falharam em salvar uma jovem vida, podemos extrair conforto deste conhecimento.

A vida pertence ao Grande Espírito, que só Ele é capaz de criar a centelha vital que anima o nosso ser. Nós, que não podemos criar esta força, não temos autoridade para destruir o seu modo de manifestação. Se, pela nossa própria vontade, encurtamos uma vida terrena, causamos uma grave injúria ao espírito humano ao lançá-lo, despreparado e desprevenido, no mundo seguinte.

Dado que o corpo espiritual se identifica com o seu veículo terreno muito antes do nascimento, segue-se que a destruição do corpo físico, por mais subdesenvolvido que esteja, só pode ser justificada se a razão for inteiramente desinteressada. Um aborto premeditado, realizado por motivos indignos, é semelhante a um homicídio.

No nosso atual estágio de "civilização", podemos justificar, por uma razão ou outra, a tirania da vida humana. Mas sabemos que, se vivêssemos de acordo com os ensinamentos de Jesus, tal

curso de destruição seria evitado. A evolução humana ainda não conseguiu substituir a injunção "olho por olho" do Antigo Testamento pelo mais terno pedido do Nazareno de que nos amemos uns aos outros. Ainda matamos. Os nossos motivos ao fazê-lo podem estar de acordo com as nossas consciências éticas e nacionais, se não espirituais. O homicídio legalizado continua a ser homicídio.

Quando a humanidade estiver suficientemente evoluída, as guerras cessarão e métodos verdadeiramente civilizados de resolver disputas nacionais e internacionais eliminarão a destruição em massa. Lentamente, muito lentamente, caminhamos para um objetivo de maior humanidade. Em muitos países hoje, a pena capital foi, ou está em processo de ser, totalmente abolida. Os espiritualistas, como grupo, opõem-se fortemente ao sistema de pena capital.

Estão conscientes de que o ato de projetar um assassino no mundo seguinte através do processo de outro homicídio — legalizado que seja — não é o fim do criminoso.

Um assassino executado que procura vingar a sua "morte" pode tornar-se ligado à terra pela violência dos seus próprios desejos de vingança contra a humanidade. Pode obcecar um ser humano de vontade fraca e desequilibrado, ainda na terra, com o impulso para cometer um crime semelhante àquele pelo qual pagou a pena suprema. Tais casos de obsessão são bem conhecidos dos espiritualistas. Existe literatura autenticada disponível sobre este assunto e sobre a maneira como os espíritos ligados à terra e os humanos obcecados são ajudados por aqueles que compreendem as leis psíquicas. Habitamos num mundo imperfeito. Até que um mundo melhor seja alcançado através dos nossos próprios esforços, é muitas vezes necessário estabelecer um equilíbrio temporário no trato com os males existentes. Os nossos sonhos de uma Utopia devem, necessariamente, situar-se um pouco à frente da nossa realidade desperta.

Mas a visão de uma comunidade mais evoluída e verdadeiramente civilizada não deve ser permitida que se ofusque

porque não pode ser imediatamente plenamente realizada. Através da aplicação prática do conhecimento de que o homem sobrevive à morte, aprenderemos um dia a viver de acordo com as leis naturais que sabemos serem verdadeiras e imutáveis. Abster-nos-emos de encurtar o período de vida atribuído a qualquer indivíduo, quer o veículo físico esteja ainda em forma embrionária, quer seja um adulto maduro cuja vida na terra já tenha registado muitos anos.

Os espíritos imaturos que falecem sem terem respirado o ar terreno apresentam problemas especiais para aqueles do Outro Lado que estão encarregados dos seus cuidados. Tais problemas não surgem no caso de crianças que viveram, mesmo que apenas por alguns momentos, após o nascimento. Essas crianças habitaram por um curto período o mundo da matéria a que pertencem. Reclamaram a sua herança.

Mas os espíritos dos bebés natimortos e incompletamente formados falecem sem terem estabelecido o seu primeiro elo com o mundo em que foram concebidos. No entanto, são filhos da terra cujos espíritos se individualizaram através de circunstâncias materiais. Pertencem ao mundo da matéria, mas o processo de nascimento normal foi impedido pela dissolução precoce dos seus corpos.

Em "The Nurseries Of Heaven", da Srta. H. A. Dallas e do Rev. G. Vale Owen, há um excerto do texto automático deste último, recebido de um comunicador espiritual, sobre o assunto das crianças natimortas. Foi dito ao clérigo: «Estas crianças vêm para aqui a dormir, e perceberão que o seu primeiro despertar é esse processo aqui que corresponde ao nascimento na terra. Nunca respiraram a atmosfera, nem viram a luz, nem ouviram qualquer dos sons da terra. Em resumo, nenhum dos seus sentidos corporais foi exercitado da maneira para que foram preparados pela sua formação natural. Os órgãos desses sentidos são, portanto, quase, mas não totalmente, perfeitos na sua estrutura. Além disso, o cérebro nunca foi chamado a interpretar as suas

mensagens. E assim, a criança da terra carece de qualidades terrenas empiricamente, embora as possua potencialmente...

«O problema, portanto, que têm de resolver aqueles que tomam estas crianças a seu cargo não é pequeno. Pois é necessário tanto que os órgãos sejam tratados para que um progresso natural possa acompanhar a criança, como também que o cérebro receba a sua lição. No caso de um bebé de alguns minutos de vida, esta ligação entre o cérebro e os órgãos dos sentidos já foi estabelecida e pode ser usada na maturação daquelas faculdades que dependem para o seu exercício desses órgãos. Mas uma criança natimorta não traz essa ligação, e ela tem de ser feita deste lado. Uma vez feito isso, o progresso é meramente uma questão de desenvolvimento ordenado nas mesmas linhas das crianças comuns.

«Para este fim, vários meios são postos em uso. Há a relação entre a criança e os seus pais, e especialmente entre ele e a sua mãe. Ele é posto em contacto com ela de tal maneira que experimenta o que é o mais próximo possível do equivalente ao nascimento. Por este processo, é feito sentir a sua separação corporal dela e a sua individualização como uma entidade separada e completa. Isto é conseguido não por ele tomar um corpo de carne, mas por ser trazido a uma associação íntima, no seu corpo espiritual, com o corpo espiritual da sua mãe. Isto não efetua um início de contacto tão perfeito entre o cérebro e as faculdades orgânicas como o faz um nascimento natural, mas estabelece de uma forma definitiva a relação de parentesco terreno, e a partir desse momento a criança é mantida em contacto com a sua mãe para que, à medida que cresce até à maturidade, possa ser como os outros, tanto quanto possível. Ainda assim, há sempre alguma pequena diferença entre tais crianças e aquelas outras que nasceram na terra.

Carecem de algumas das virtudes mais austeras e, por outro lado, são mais espirituais na sua personalidade e perspetiva. Mas à medida que as crianças nascidas na terra progridem no desenvolvimento espiritual, e as crianças natimortas desenvolvem

o seu conhecimento da terra através do contacto com as suas mães, e mais tarde com os seus outros parentes, a diferença é minimizada até que sejam capazes de se associar em termos quase iguais de amizade amorosa, e assim ajudar na dádiva mútua do que cada uma falta.»

Provas da sobrevivência individual de crianças natimortas têm sido obtidas repetidamente por pais que nunca suspeitaram da sua existência continuada. Tais provas são particularmente valiosas para a mente cética que não consegue livrar-se do fantasma da telepatia. Por vezes, os pormenores relativos aos seus laços terrenos, fornecidos por aqueles que nunca respiraram na terra, têm de ser confirmados pelos participantes. Há ocasiões, também, em que pais que praticamente se esqueceram do incidente do nascimento de uma criança natimorta são lembrados do evento pela criança espírita que regressou com provas incontestáveis de Sobrevivência. A memória de um parto prematuro ou de uma criança natimorta pode facilmente tornar-se turva com o passar dos anos, particularmente se uma família de filhos tiver sido criada desde o incidente.

Então, a "morte" de um membro amado da família pode levar os pais a uma busca de informações sobre a sobrevivência da criança. Sentando-se com um médium, podem descobrir, para sua surpresa, que não só a criança recentemente chorada se manifesta, mas recebem provas adicionais da sobrevivência de uma criança natimorta que esqueceram, mas que não se esqueceu deles.

O Sr. H. T. Whorlow, do Norte de Londres, descreve no "Psychic News" como ele e a sua esposa assistiram a uma reunião espiritualista pública pela primeira vez. Ficaram impressionados com o serviço e decidiram continuar as suas investigações psíquicas em casa. Convidaram dois vizinhos, o Sr. e a Sra. Randall, para se juntarem a eles numa sessão de fenómenos de mesa. Sentaram-se sem resultado durante uma hora e meia, e estavam prestes a abandonar os seus esforços quando a mesa se moveu. Pelo código alfabético pré-combinado de inclinações da

mesa, receberam uma mensagem espiritual de alguém que se declarava ser Geraldine, a filha do Sr. e da Sra. Randall.

«Não temos filha morta», disseram estes participantes perplexos. Apesar da insistência da comunicadora espiritual de que era sua filha, afirmaram que isso não era verdade, e a sessão foi concluída. Na manhã seguinte, o Sr. Randall chegou à casa dos Whorlow com alguma pressa para lhes dar a sua notícia. Disse aos seus amigos que, quando ele e a esposa tinham conversado sobre os acontecimentos da sessão, ambos se lembraram de que uma criança natimorta tinha nascido. Além disso, recordaram agora a sua intenção, antes do evento, de batizar o bebé com o nome de Geraldine se fosse uma menina. A sua filha espírita tinha assumido o nome que queriam dar-lhe se ela tivesse vivido na terra.

Quando o Sr. F. S. Comer se sentou com o conhecido médium Horace Leaf, o seu guia descreveu uma bela rapariga espírita de 15 anos. Ela tinha muito pouco, ou nenhum, contacto com a vida terrena e era filha da irmã do Sr. Comer, Ethel. O participante disse que não conhecia nenhuma criança pertencente à sua irmã que correspondesse à descrição, mas a comunicadora espiritual assegurou-lhe que, se fizesse investigações, verificaria a exatidão da afirmação. Consequentemente, o Sr. Comer escreveu à sua irmã, Ethel, que respondeu: «Eras demasiado novo para saber na altura, mas o meu primeiro filho foi uma menina natimorta. Teria feito 15 anos este ano se tivesse vivido.»

Um incidente semelhante ocorreu com o médium Fred Jordan Gill. Quando ele primeiro investigou o Espiritualismo, antes de desenvolver os seus próprios poderes psíquicos, foi a uma sessão de voz. Naquela época, havia considerável dúvida na mente do Sr. Gill quanto à autenticidade dos fenómenos daquele médium em particular. Neste estado de espírito incerto, o participante foi abordado por um espírito que deu o seu nome como George. «Sou teu pai», declarou ele, «e tenho o teu irmão comigo.» O participante respondeu: «Isso é ridículo. Se és meu pai, sabes muito bem que sou filho único.» O participante estava agora

convencido de que as suas dúvidas sobre o médium eram justificadas e que a sessão era fraudulenta. Mas a voz espiritual insistiu que a sua esposa dera à luz uma criança de seis meses e meio que não vivera. Mencionou o ano e o mês em que o evento ocorrera.

Ainda não convencido, o Sr. Gill regressou a casa após a sessão e perguntou à sua mãe se tal incidente alguma vez acontecera. Não só a mãe confirmou todas as declarações feitas na sessão, como disse ao filho que propositadamente mantivera o conhecimento deste nascimento prematuro longe dele. Na verdade, com exceção do marido, ninguém soubera do evento.

Nos "Proceedings" da Society for Psychical Research encontra-se o registo do Sr. J. Rogers Rich de uma sessão com a famosa médium vitoriana, Sra. Piper. O controlo da médium disse que uma criança estava constantemente ao lado dele e no seu ambiente. Estava ligada a ele e tinha muita influência sobre ele. «É uma parente de sangue, uma irmã», afirmou o controlo. Ele negou, respondendo que nunca tivera uma irmã e nunca ouvira falar de uma. A resposta veio: «Sei que nunca te contaram isso. O nascimento foi prematuro, a criança morta, nascida alguns anos antes de ti. Vai perguntar às tuas tias para provar.»

Ele interrogou um membro da família e a informação foi confirmada. Escreve ele: «Quando vim ao mundo, o assunto já tinha sido esquecido e nunca houve razão para me informarem das circunstâncias, provando que eu não tivera de modo algum qualquer indicação disso, e que esta comunicação não podia ser explicada por transmissão de pensamento ou algo semelhante.»

O Rev. Lionel Calway escreveu uma série de artigos no "Psychic News" descrevendo como, através de vários médiuns, obteve provas notáveis da sobrevivência da sua esposa «morta», Mabel. Ela não só provou a sua existência continuada, mas, para alegria do marido, deu provas de que a criança, natimorta pouco antes do seu próprio falecimento, tinha sobrevivido. Poucos meses após a "morte" da sua esposa, este clérigo visitou Annie

Brittain, a conhecida médium. «Ela não sabia que eu vinha», afirma ele. «Ela não sabia absolutamente nada sobre mim.

Não sabia o meu nome, e eu não usava nada que indicasse que era padre.» Ele descreve a sua primeira sessão com a Sra. Brittain como "a hora mais extraordinária que passei na minha vida". Recebeu nesta sessão 22 pontos definitivos de prova! A médium disse-lhe que não conseguia compreender por que razão a mulher «morta» repetia o nome de Michael. Mas o Sr. Calway sabia. Declara ele: «Esperávamos que a criança nascesse no Dia de São Miguel e tínhamos a intenção de lhe chamar Michael — não há ninguém, nem na família de Mabel nem na minha, com esse nome.

Após a sua terrível agonia, a única referência ao que ela tinha passado foi: "Sem bebé, sem Michael." Ela disse-o com um sorriso tão saudoso, por isso tive de ser corajoso e sorrir também. Tive de consentir que a criança fosse destruída para salvar a vida da mãe — e era uma menina. Ela nunca soube. Pensava que a criança era um rapaz.»

Referindo-se à mulher «morta» na sua segunda sessão, a médium disse: «Ela tem um filho seu no mundo espiritual. A criança não nasceu propriamente, mas custou-lhe a vida. O bebé está com ela agora e está a crescer.» Annie Brittain continuou, dizendo que a criança estava reunida com a mãe quando ela atravessou para o Outro Lado. A médium foi informada pela mulher «morta» de que os membros do bebé "estão bem agora".

«Deve recordar-se», escreve o clérigo, «que a Sra. Brittain não sabia quem eu era, e Mabel não fazia ideia do que realmente acontecera. No entanto, aqui estava ela, quase quatro meses depois, a dizer-me que a criança estava viva e que os membros, que tinham sido separados do corpo quando a pobre pequenina foi destruída, estavam novamente sãos. Como é verdadeiramente maravilhoso!»

Durante estas sessões anteriores, a sua esposa persistiu em falar da sua criança espiritual em termos masculinos, apesar de a criança ser uma menina. Mais tarde, ela referiu-se ao verdadeiro

sexo da criança. Ela tinha desejado um filho e nunca lhe tinham dito na terra que tinha nascido uma filha. Sobre este ponto, o Rev. C. L. Tweedale, um clérigo espiritualista com muita experiência, escreveu ao Sr. Calway: «É muito interessante ver como o desejo inicial da mãe por um rapaz persistiu. Mas agora ela percebe e sabe. É um dos casos mais comoventes e patéticos que já encontrei.»

Numa sessão com J. J. Vango, Mabel disse ao marido que ela e a criança estavam sempre juntas. A sua voz suavizou-se quando declarou: «Ela está aos meus cuidados, para que possa vir a conhecer-te. Não gostaria que fosse de outra forma.»

Noutra sessão, com Elizabeth Cannock, Mabel reiterou as suas declarações anteriores através de outros médiuns, de que estava contente por ela e a pequena estarem juntas. Estava a preparar um lar no Outro Lado, acrescentou. Quando ele se juntasse a elas, o bebé já seria crescido. Seriam tão felizes juntos quando estivessem reunidos. Referiu-se à transição do bebé dizendo que agora achava que tinha sido o melhor. A criança tinha sido poupada a toda a ansiedade e tristeza mundanas.

Uma mulher cujo filho por nascer tinha falecido com ela materializou-se completamente numa das sessões de Helen Duncan e mostrou o seu bebé espiritual. A mãe, que "morreu" durante a sua vida de casada jovem, materializou-se num vestido de tecido branco brilhante. A sessão, realizada sob rigorosas condições de teste, foi descrita no "Psychic News" por Roy Brandon, cujo próprio filho, como já registado, também mostrou os seus traços na luz branca de uma lanterna.

Quando o controlo da médium se materializou, disse à Srta. Jeannette Strom, uma das participantes: «Tenho aqui uma senhora para si. Ela passou para o nosso lado pouco depois do seu casamento.» Dando mais pormenores probatórios, acrescentou: «Mais cedo esta noite, ouvi a vossa conversa em que foi feita menção de "cheesecloth" e "gaze". Quero que preste atenção especial ao vestido usado por esta senhora. Certamente não é "cheesecloth"!» Ela manipulou uma lanterna, dirigindo o seu

feixe de luz sobre o rosto e o vestido. Roy Brandon declara: «Quando a luz branca incidiu sobre os seus traços e vestido, os participantes soltaram murmúrios de espanto e admiração. A julgar pelo seu brilho, o vestido era de cetim.»

O espírito foi imediatamente reconhecido pela Srta. Strom, a quem a mulher «morta» disse que se estava a mostrar no seu vestido de noiva. Falou com um sotaque rápido e culto. Quando a participante disse que ela estava "mais bonita do que nunca", a resposta do espírito foi: «Vês, minha querida, não tenho maquilhagem!»

«Tens o teu bebé?», perguntou a participante. «Sim, aqui comigo», foi a resposta imediata enquanto, movendo-se rapidamente para o gabinete, regressou poucos segundos depois com uma criança nos braços.

A declaração assinada pela Srta. Strom foi incluída na descrição de Roy Brandon dessa notável sessão. Aqui está:

«Tive a experiência mais espantosa da minha vida. Esta noite, tive o privilégio de ver a forma espiritual materializada de Agnes Sakoshansky, uma judia russa que veio para este país quando era muito jovem. Uma jovem requintada, culta, de rara beleza, era uma amiga muito querida. Estive em contacto próximo com ela até à altura do seu falecimento, que ocorreu pouco depois do seu casamento. Ela faleceu com o seu bebé por nascer. Os seus traços estavam tão claramente definidos na luz branca que qualquer pessoa que a tivesse conhecido poderia facilmente tê-la reconhecido.

O encanto de maneiras, a voz, e cada gesto da forma materializada eram característicos de Agnes. É verdade o que ela disse sobre o seu vestido de noiva. Casou-se com um vestido de cetim branco. Quando lhe falei do seu bebé, ela respondeu imediatamente: "Tenho o bebé comigo." Voltou diretamente para o gabinete, e apenas um ou dois segundos devem ter decorrido antes de regressar com a criança nos braços. Prestaria juramento num tribunal de que a forma espiritual que vi e com quem falei era Agnes Sakoshansky.»

A Sra. Edith Wynne Mitchell, de Shrewsbury, diz numa carta para mim: «O meu neto, que nunca viveu na terra, foi visto e desenhado por Frank Leah, o artista psíquico, que obteve dele os itens mais probatórios. O desenho é muito parecido com o seu irmão terreno, que ele ajuda nos seus estudos.» A Sra. Mitchell e a sua filha casada, Norah, visitaram um dia a Comunidade Espiritualista, então instalada no Grotrian Hall, em Londres, e perguntaram se poderiam ter uma sessão com Frank Leah naquele dia ou no dia seguinte.

O secretário disse que não seria possível, pois não eram os seus dias de atendimento. A Sra. Mitchell e a sua filha ficaram muito desapontadas e imploraram ao secretário que telefonasse a Frank Leah para lhe perguntar se ele poderia alterar os seus horários habituais e dar-lhes uma sessão.

Enquanto falavam, o próprio Frank Leah entrou, para grande surpresa do secretário. «O que o traz aqui hoje?», perguntou ela. Ele respondeu que fora informado psiquicamente de que era necessário no Grotrian Hall. Depois, quase imediatamente, aproximou-se da filha da Sra. Mitchell e, afastando-a um pouco, disse-lhe que havia um rapaz espírito com ela. Ela disse que não conhecia tal criança. «É seu próprio filho, mas ele nunca viveu na terra», respondeu Frank Leah. Esta informação estava correta, pois, alguns anos antes, ela tivera um aborto espontâneo numa fase inicial do desenvolvimento fetal. «Também tem um rapaz ainda na terra», continuou o médium, que deu as idades aproximadas dos rapazes, o vivo e o "morto".

Depois de entrar na sala de sessões com a sua participante, ele desenhou a semelhança da criança que nunca respirou na terra, mas cujo crescimento continuara no mundo espiritual. O rapaz teria cerca de 11 anos de idade se o seu parto prematuro não tivesse ocorrido. Foi com esta idade que ele se mostrou ao artista psíquico. Mas Frank Leah ficou intrigado com o facto de o rapaz lhe aparecer vestido com um fato Eton e de os arredores do Winchester College lhe serem transmitidos psiquicamente.

Perguntou à participante o que o espírito estava a tentar indicar com estes símbolos. A mãe compreendeu. Ela tinha decidido que, se nascesse um rapaz, ele seria educado em Winchester. O rapaz espírita também disse ao artista que tinha o mesmo nome dos seus antepassados — que é Michael. Quando o desenho foi concluído, mostrava uma nítida semelhança com o filho terreno da participante, que tinha então cerca de nove anos de idade. O artista, claro, nunca o vira. «Foi a nossa primeira apresentação a Frank Leah», declara a Sra. Mitchell, que acrescenta que nem ele nem o secretário da Comunidade Espiritualista sabiam quem elas eram ou onde viviam.

Em sessões, Michael disse aos seus familiares que existem maravilhosas escolas de instrução no mundo espiritual. Paul, seu irmão mais novo na terra, é considerado na escola uma criança brilhante e avançada para a sua idade. Tem sido clarividente desde muito cedo e diz que o seu irmão espírita o ajuda nas lições. Se Paul encontra dificuldade em dominar um problema particular, fala dele ao seu irmão espírita antes de se deitar para a noite. Invariavelmente, o problema é simplificado na sua mente na manhã seguinte. Numa altura, Paul achava a matemática muito difícil. Depois de pedir a Michael que o ajudasse a dominar a disciplina, fez grandes progressos e, diz a Sra. Mitchell, «ficou em primeiro lugar nos seus exames de matemática.»

CAPÍTULO X
SE NÃO VOS TORNARDES...

Existem guias e controlos infantis cujas qualificações especiais os colocam em contacto direto com o mundo material. São os mensageiros espirituais cujo trabalho de amor é fornecer aos médiuns provas de Sobrevivência para aqueles que choram. Na sua estreita relação com os seus instrumentos terrenos, estes guias adquirem uma compreensão ampla e simpática do comportamento e das reações humanas. Estão familiarizados com o sofrimento, as tristezas e as desilusões da humanidade. Estas

crianças espirituais dão um serviço sem reservas a todos os que entram na sua influência.

Por vezes, pergunta-se por que razão os guias infantis nunca parecem envelhecer e continuam, ao longo dos anos de associação com os seus médiuns, a falar em tons infantis. Pergunta-se aos espiritualistas por que razão estes guias não crescem até à maturidade, uma vez que afirmam que as crianças crescem no Outro Lado. A razão pela qual a personalidade infantil é mantida no caso de guias e controlos é simples. As crianças têm uma simplicidade de perspetiva. Devido à sua inexperiência dos problemas e dificuldades da vida, as suas mentes são frescas e imparciais. O comportamento convencional adotado pelo mundo adulto ainda está por adquirir. Os jovens geralmente dizem, com total franqueza, o que pensam. Aceitam as condições e aparências pelo seu valor aparente.

Quando as provas devem ser transmitidas do Outro Lado, é necessário que as mensagens sejam transmitidas com a maior precisão possível. As crianças espirituais são particularmente adequadas para transmitir mensagens sem distorção e má interpretação. Não sofrem de inibições adultas ou de timidez. Não são perturbadas por dúvidas e considerações sobre se estão a transmitir corretamente as mensagens que lhes são confiadas. É por estas razões que as crianças que faleceram são particularmente bem-sucedidas em dar provas da sua sobrevivência aos seus entes queridos. Embora as crianças normalmente cresçam até à maturidade no mundo espiritual, aquelas que escolheram atuar como guias e controlos retêm voluntariamente as suas personalidades juvenis para que as suas qualidades infantis, tão úteis na transmissão de mensagens, possam continuar a ser utilizadas. Se renunciassem ao seu serviço voluntário de confortar os enlutados, gravitariam para a sua esfera de consciência legítima no mundo espiritual.

Conheço muitos destes jovens guias espirituais. Têm personalidades variadas, mas duas grandes qualidades são comuns a todos eles. Ainda não conheci um guia infantil que não irradie

amor, ou cujo objetivo não seja outro senão confortar corações doridos.

Uma das mais adoráveis destas crianças espirituais é Poppet, que se manifestou pela primeira vez através de Lilian Bailey cerca de oito meses depois de a médium ter desenvolvido fenómenos de transe. Lilian Bailey diz sobre estas primeiras manifestações espirituais: «Fui controlada por um poder que só conseguia expressar-se num tom muito agudo e numa língua inteiramente estrangeira.» Estando então nos estágios imaturos dos seus agora esplendidamente desenvolvidos poderes psíquicos, Lilian Bailey não conseguia compreender como tal personalidade, incapaz de falar inglês, poderia ser útil aos enlutados. Não tinha desejo de encorajar este controlo desconhecido a continuar a manifestar-se através da sua mediunidade.

Um dia, Lilian Bailey foi colocada em transe na presença de um homem, um linguista consumado. A estranha fala aguda de Poppet foi finalmente compreendida. O visitante disse mais tarde à médium que fora abordado em hindi perfeito. A voz era a de uma criança, disse ele, que lhe contou que esperara muito tempo pela oportunidade de se fazer entender. Queria aprender a língua inglesa e implorara-lhe que obtivesse o consentimento de Lilian Bailey para que a sua filha mais nova atuasse como tutora. Poppet falou da profunda importância do futuro trabalho psíquico da sua médium, e da necessidade de Lilian Bailey compreender a sua relação nesse contexto.

Lilian Bailey ficou um pouco desconcertada quando soube que o seu estranho controlo estrangeiro queria aprender inglês com a sua filha. A sua mediunidade ainda era bastante nova e perplexa, e pensou que um contacto mais próximo com condições psíquicas poderia deixar a sua filha mais nova nervosa até estar melhor familiarizada com todo o assunto.

Mas, após consideração adicional, contou com alguma timidez à filha o pedido do espírito. Para sua surpresa, Dorothy ficou absolutamente entusiasmada com a ideia. Queria que as aulas começassem imediatamente. Passaram-se, no entanto,

algumas semanas antes de a criança "morta" e a viva falarem uma com a outra.

Aconteceu uma manhã em que Dorothy tinha ido ao quarto da mãe e se encolhera no fundo da sua cama. «Quase imediatamente», diz Lilian Bailey, «encontrei-me a cair em transe. Temendo assustar Dorothy, consegui dizer: "É a menina", antes de ser completamente controlada.» A criança contou mais tarde à mãe o que acontecera nesta "sessão" improvisada. Disse a rapariga viva: «A vozinha engraçada soltava risadinhas e guinchos. Depois eu ria e ela ria. Depois ela deu-me palmadinhas e eu bati em si, Mamã, porque não sabia o que mais fazer. Apontei para mim e disse "Dorothy", e a voz engraçada repetiu "Dolsfry". Depois apontei para as coisas no quarto e disse os seus nomes. A voz dizia o mesmo que eu dizia, o mais próximo que conseguia. Apontei novamente para si, Mamã, e disse: "A minha Mamã." A voz disse: "A minha Mamã, também." Depois tudo ficou calmo e você voltou.»

Este, o primeiro encontro das crianças, foi o início de uma grande amizade que perdura até hoje. «Dorothy é agora uma jovem», diz a médium. «Mas a voz da pequena espírita permanece a mesma. Ela continua a referir-se a si mesma como "My" em vez de "I", pois foi assim que aprendeu a falar quando Dorothy descrevia "My house, my dollie, my books". Passado algum tempo, as duas crianças entenderam-se muito bem. Naturalmente, Dorothy queria saber o nome da sua amiga espírita.

Acabou por ser um que a criança inglesa não conseguia pronunciar. A dificuldade foi um obstáculo na sua amizade até que, um dia, a criança "morta" falou de alguém no seu próprio mundo que sempre começava: "Now, my poppet..." quando se dirigia a ela. "Gosto desse nome", disse ela, e ficou acordado entre elas que Poppet era um nome mais fácil de usar do que o estrangeiro que Dorothy não conseguia pronunciar. Assim, Poppet se tornou e como Poppet vive no nosso ambiente. Tornou-se um dos membros mais queridos da nossa família. O amor que existe entre ela e Dorothy é inexprimível.»

Após o primeiro encontro, as conversas entre as duas crianças tornaram-se cada vez mais fáceis. Uma vez, Dorothy disse à sua amada amiga espírita: «Seremos sempre irmãs para todo o sempre.» Isto encantou Poppet, que respondeu imediatamente: «Sim, own sisser Dolsfry.» E ainda hoje, quando Poppet deseja dar a conhecer a sua presença a Dorothy, dirá, em voz direta: «Own sisser Dolsfry», antes de dar o resto da sua mensagem.

Devo concordar com Lilian Bailey que Poppet nunca dominou completamente o inglês. A sua gramática permanece divertidamente pouco convencional. A última vez que falei com ela, perguntei se estava contente com um certo incidente. «Oh, estou deliciamentada!», declarou ela.

Nos primórdios da mediunidade de Lilian Bailey, o seu marido não conseguia aceitar a causa do Espiritualismo. Era distintamente cético em relação aos dons psíquicos da sua esposa. Conhecendo a sua grande integridade de caráter, não podia, claro, duvidar da sua honestidade, mas acreditava que parte do seu subconsciente estava a personificar uma criança.

Mesmo quando Poppet se materializou para ele numa das sessões de Helen Duncan, ele ainda era incapaz de aceitar a sua realidade. Um dia, quando Lilian Bailey e o seu marido estavam sentados sozinhos junto à lareira em sua casa em Crewe, a médium foi controlada pela criança espírita. O Sr. Bailey pediu a Poppet que lhe fornecesse provas da sua individualidade separada.

«Estarei em Londres dentro de alguns dias», disse ele. «Se és, como me dizes, uma pessoa completamente separada da minha mulher, far-me-ás saber, quando regressar a casa no próximo sábado, o que eu estava a fazer às sete horas do dia anterior?» Poppet concordou em dar-lhe esta prova, mas estipulou que ele não deveria contar à sua esposa sobre o pacto.

Na altura da conversa com Poppet, o Sr. Bailey não fazia ideia do que estaria a fazer na sexta-feira seguinte, o dia do teste. Na verdade, deliberadamente pôs a conversa de lado para que não houvesse questão de telepatia entre a sua esposa e ele.

Na sexta-feira seguinte, aconteceu que o Sr. Bailey encontrou um homem que não via há muito tempo. O seu conhecido convidou-o para jantar na sua casa perto de Romford. Entraram juntos na casa. A filha mais nova do anfitrião, que estava prestes a ser levada para cima para a cama, correu para saudar o pai. Depois, vendo o Sr. Bailey, a pequena colocou-lhe nos braços a boneca que segurava. Ao fazê-lo, ele ouviu o relógio no hall bater as sete. As badaladas recordaram-lhe o teste pré-combinado com Poppet e mentalmente anotou o que acabara de acontecer.

No dia seguinte, viajou para casa. Não contou à esposa onde passara a noite anterior. Mais tarde, quando Lilian Bailey estava em transe por Poppet, ele perguntou à criança espírita: «O que estava eu a fazer na noite do nosso teste combinado?» «Às sete horas estava a cuidar da boneca da Barbara», respondeu ela. «Quem é a Barbara?», perguntou ele. «É o nome da menina onde foste jantar», disse ela.

A experiência revelou-se um sucesso maior do que ele ousara antecipar. Nem ele nem a sua esposa sabiam o nome próprio da criança. Ela era sempre chamada de Bebé. Quando o Sr. Bailey perguntou ao pai: «Qual é o verdadeiro nome da sua filha?», ele respondeu: «Barbara.» Este teste convenceu o Sr. Bailey da identidade separada da criança espírita e estabeleceu uma firme amizade entre eles. Quando está longe de casa, ele frequentemente "fala" com Poppet e, se lhe pede ajuda mentalmente, ela responde sempre.

Um dos seus amigos, estranho para a sua esposa, adoeceu subitamente de forma grave e foi levado às pressas para o hospital mais próximo. A caminho de se informar sobre o progresso deste homem, o Sr. Bailey pediu mentalmente a Poppet que o acompanhasse ao hospital para ver se ela podia fazer algo para ajudar o homem doente. A médium entrou em transe quando o marido chegou a casa e Poppet disse-lhe imediatamente: «My foi consigo ao hospital. O homem vai melhorar. A cabeça dele está má, mas ele vai melhorar.» Embora a vida do homem doente estivesse dada como perdida, ele recuperou completamente

quando foi realizada uma operação cerebral. Agora goza de boa saúde.

«Sou apenas uma pequenina», Poppet informa por vezes os seus amigos terrenos. Mas tão grande é o coração desta pequenina espírita que ela é, na verdade, uma grande influência nas vidas de todos aqueles que têm o privilégio de possuir a sua amizade.

A história inicial de Poppet foi transmitida à sua médium. Quando na terra, era uma aleijada e uma pária. Não recebera amor dos pais e, após consideráveis dificuldades, passou para o Outro Lado aos quatro anos de idade. Esta criança a quem fora negado afeto no mundo material encontrou no Além o amor que desejava. Como uma flor se abre ao sol, assim a sua evolução espiritual se expandiu sob a influência do amor que agora lhe era concedido no Além. Em gratidão e felicidade, foi movida pelo desejo de irradiar o afeto que encontrara, servindo aqueles na terra que precisavam de conforto e ajuda.

Para cumprir esta missão satisfatoriamente, era desejável que o seu espírito, agora altamente evoluído, reassumisse a personalidade da criança que fora quando primeiro faleceu, mas ainda retivesse o poder espiritual que a sua evolução adquirira. É esta grande força psíquica que lhe permite permanecer estreitamente ligada à sua médium, o canal terreno através do qual opera.

Lilian Bailey afirma: «É o poder do amor que permite à minha pequena Poppet permanecer tão perto das densas vibrações da terra. O amor foi a pedra fundamental do seu regresso à terra e do seu trabalho. Ela ajudou muitas crianças queridas a regressar às suas mães e pais. Na verdade, ajudar qualquer pessoa e de qualquer maneira é a principal alegria na vida de Poppet.»

Lilian Bailey diz que a coisa mais impressionante em Poppet é o seu comportamento natural e infantil. «É uma verdadeira menina», diz a sua médium, «não uma aparição fantasmagórica a flutuar com uma vestimenta frágil. Ela provou dezenas de vezes que as crianças após a morte física agem exatamente da mesma

maneira que na terra. Não são transportadas para um estado de vida superior que as transforme subitamente em seres angelicais.»

Para ilustrar o seu ponto de vista, Lilian Bailey relata o seguinte incidente. Quando Dorothy tinha 15 anos, foi-lhe oferecido um relógio de pulso de ouro. Ela adorou-o, claro, e quando Poppet controlou a sua médium, ficou muito entusiasmada com a visão do presente de aniversário de Dorothy. Com um tom algo saudoso, disse: «My nunca teve um relógio na vida, então posso ficar com ele durante um dia inteiro para tomar conta dele, Dolse?» A filha da médium, que não conseguia perceber bem o que significava para a sua amiga espírita ficar com o relógio durante um dia inteiro, respondeu: «Claro que podes ficar com ele.»

Uma semana depois, num domingo de manhã, Dorothy desceu as escadas a correr para a mãe e exclamou: «Estava a pôr o meu relógio quando o vi desaparecer!» A médium não conseguia aceitar completamente o relato da filha sobre o incidente. Achava que a imaginação da criança estava a descontrolar-se. Subiu as escadas e procurou em todo o lado pelo relógio, movendo e varrendo tudo o que o pudesse ter escondido. Depois de ter mudado todas as roupas que Dorothy vestia, ficou finalmente satisfeita de que o relógio estava certamente perdido. À medida que o dia avançava, o incidente afastou-se da sua mente.

Alguns amigos chegaram ao fim da tarde e sugeriram uma sessão de mesa. Dorothy estava encolhida numa grande poltrona junto à lareira, um pouco aborrecida com o que se passava e a tentar ler. De repente, a mesa moveu-se na sua direção e elevou-se quase até ao seu colo. Então, a seguinte mensagem de Poppet foi soletrada através de inclinações da mesa: «My tem relógio, parou às dez. Volta esta noite.» A médium não deixou a filha fora do seu campo de visão depois de receber a mensagem. Quando chegou a hora de Dorothy se deitar, a mãe acompanhou-a até ao seu quarto. Abriu a porta do quarto e acendeu a luz.

Simultaneamente, outra luz mais forte envolveu-as por um momento. «Entrámos no quarto», declara Lilian Bailey, «e

Dorothy soltou um pequeno guincho de excitação, pois ali, sobre o edredão, estava o relógio. Os ponteiros tinham parado às dez horas. Estava muito quente, como se tivesse estado apertado durante muito tempo num pequeno punho quente. Poppet tinha guardado o "relógio" durante um dia, como Dorothy lhe dissera que podia. Mas imagino que o facto de ter parado de funcionar a tenha preocupado um pouco.»

Ao relatar esta experiência, a Sra. Bailey lembra-se de outro incidente que a divertiu muito. Foi uma façanha que se poderia esperar de uma menina com gosto por cores vivas. Numa linda noite de verão, a médium estava sozinha no seu quarto, no andar de cima. Sentindo-se em paz e em harmonia com o mundo da natureza, olhou pela janela, que dava para uns campos. Estava consciente da presença de Poppet, mas não prestou particular atenção a esse facto, pois a criança espírita estava frequentemente com ela. «Poppet deve ter esperado por um momento oportuno para se manifestar mais de perto», diz a médium. «A minha calma abstraída, enquanto olhava através dos campos, deve ter-lhe dado a oportunidade de me controlar. A próxima coisa de que me lembro é de me encontrar sentada numa cadeira, ainda a olhar pela janela. Quando olhei para baixo, no entanto, fiquei espantada ao ver que tinha um pedaço de fita larga, cor de chama, drapeado sobre mim.

A última vez que vira a fita estava cuidadosamente dobrada numa gaveta! Agora, presa a esta faixa larga, estavam todos os tipos imagináveis de broches e alfinetes que alguma vez possuíra. Nas minhas mãos estavam todos os anéis, bons, maus e indiferentes, que a minha filha e eu possuíamos. Colares de contas estavam enrolados à volta dos meus braços e pescoço. Deve ter levado algum tempo para encontrar todos estes enfeites e prendê-los a mim.»

Lilian Bailey ficou tão intrigada que foi ao espelho e estudou o efeito geral, que, diz ela, «era horrível». Além disso, ficou surpreendida ao observar que o seu rosto estava coberto com uma camada espessa de pó. Os lábios estavam muito vermelhos, e

havia manchas de vermelho em ambas as bochechas. Diz ela: «Embora tivesse de rir da minha aparência grotesca, fiquei extremamente irritada com a possibilidade de tal coisa voltar a acontecer em circunstâncias diferentes. Depois, Poppet explicou a Dorothy que pensara que a Mamã ficaria tão contente por se ver tão lindamente arranjada. "My gostou tanto de fazer isto!" foram as suas palavras. Aqui, nesta criança espírita, estava o amor de uma menina humana por se arranjar. Mais tarde, arrependi-me de ter sido dura com ela, pois tinha-lhe dado tanta diversão.»

Há alguns anos, Lilian Bailey tinha uma gata muito querida chamada Topsy. Como a gata estava à espera de alguns gatinhos, era especialmente cuidada por toda a família. Uma noite, ela insistiu em ficar ao ar livre. Todos os esforços para a fazer entrar em casa foram inúteis. Não havia nada a fazer senão deixar Topsy no jardim. A casa nessa noite era composta pela médium, pela sua filha e por uma governanta.

«Por volta das duas da manhã», diz Lilian Bailey, «fomos acordados pela voz de Poppet a chamar cada um de nós pelo nome. Ela disse: "Levantem-se, levantem-se. A Topsy tem quatro bebés debaixo da lilás. Estão molhados e frios e vão morrer se não os apanharem." Todos a ouvimos, mas, como se pode imaginar, não estávamos, por um momento, excessivamente ansiosos por saltar das nossas camas quentes e descer para um jardim frio e molhado.

Dorothy disse sonolenta: "Tenho a certeza de que deve haver um engano, Poppet. Os gatinhos ainda não vão nascer." Na verdade, Dorothy não tinha autoridade para dizer isto, pois não sabia realmente. No entanto, a voz insistente de Poppet levou-nos a vestir roupões e chinelos. Armados com uma lanterna, descemos sonolentamente as escadas e saímos para o jardim. Lá, debaixo da lilás a pingar, estava a pobre Topsy, com quatro gatinhos meio mortos. Ela chorava lamentavelmente. Como ficámos gratos por termos ido! Rapidamente os acomodámos num cesto quente e acolhedor, onde eles reanimaram. Se os nossos companheiros espirituais se dão a esse trabalho sem fim para

salvar quatro gatinhos recém-nascidos, quanto mais tentariam por nós se apenas cooperássemos com eles?»

Depois de Poppet ter ajudado Philip Clarke a provar a sua sobrevivência aos seus pais — esta história foi contada num capítulo anterior — uma firme amizade foi cimentada entre as duas crianças espirituais. Poppet fala frequentemente do "meu amigo Philly", por quem tem considerável admiração. Ela acha que ele é um menino inteligente. Lilian Bailey conta uma história bastante divertida sobre a sua companhia.

Uma manhã, por volta da uma hora, a médium acordou sobressaltada ao descobrir que as luzes do seu quarto estavam acesas. Um tanto alarmada, decidiu ir ao quarto da filha para verificar se estava tudo bem. Enquanto atravessava o patamar e o hall da casa, ficou espantada ao ver que todas as luzes estavam acesas. Encontrou Dorothy a dormir tranquilamente, mas o seu quarto também estava iluminado pela luz elétrica. A preocupação de Lilian Bailey aumentou. O marido estava fora de casa e ela receou que alguém tivesse entrado na casa.

«Caminhando com cuidado», diz ela, «dirigi-me ao quarto da minha governanta e disse-lhe que havia um homem em casa — pergunto-me porque é que as mulheres pensam sempre que é um homem! A minha governanta levantou-se com raiva, pronta para lidar com cem desses intrusos. Ela também estava convencida de que algo estava errado, pois tínhamos visto que todas as luzes estavam apagadas antes de nos deitarmos. A ideia de que qualquer tipo de poder espiritual fosse responsável pelas luzes acesas não me passou pela cabeça.

Nunca aceito a ideia de que os amigos do Outro Lado estão sempre em evidência. Sei que não é assim. Bem, ambas percorremos a casa, eu tendo arranjado para mim uma arma de defesa — a haste de carvalho do degrau de cima da escada. Muitas vezes me divirto a pensar no par cómico que devíamos ter feito. Não encontrámos nada de errado — para além do facto de todas as luzes da casa estarem acesas. Janelas e portas permaneceram seguras e trancadas, como as tínhamos deixado.

«Decidimos voltar para as nossas camas, apagando cada luz ao passar. Finalmente, entrámos no quarto de Dorothy para ter a certeza de que ela estava bem. Ao entrarmos no quarto dela, ouvimos uma enorme pancada que parecia uma cadeira a cair no meu próprio quarto. "Meu Deus", disse eu, "é aí que o maldito ladrão esteve todo este tempo, no meu quarto!" Toda a nossa coragem se esvaiu, e trancámo-nos no quarto de Dorothy.

Ela já tinha acordado a essa hora. Decidimos, as três, meter-nos na cama dela, e ali passámos a noite. Na manhã seguinte, cheias de coragem novamente, destrancámos a porta e fomos ao meu quarto para ver o cenário do crime. Encontrámos três livros no chão e a estante em grande desordem. Quanto ao resto, estava tudo como de costume.»

Lilian Bailey continua, dizendo como, mais tarde nesse dia, Poppet falou. A sua voz estava muito contida quando disse: «My tem muito pena de a ter assustado. Philly Clarke disse-me que sabia tudo sobre eletricidade e My disse que tinha o poder psíquico se ele mostrasse como fazer. My tornou a mão dele sólida e ele acendeu a luz lá em baixo. Mas a luz fez o poder psíquico ir embora e Philly disse que se a desligasse na caixa» — significando a caixa de interruptores no hall que controlava todas as luzes da casa — «a luz apagar-se-ia. Mas todas se acenderam em vez disso e My não sabia o que fazer.»

A sua história fez com que todos percebessem o dilema de Poppet, e a sua médium disse que não podia zangar-se com isso. Poppet disse-lhes que, como as suas mentes estavam num estado tão perturbado e agitado, ela não conseguira controlar a sua médium e acalmar os seus medos. Foi por isso que tinha perturbado os livros no quarto da médium, esperando que a ação sugerisse a sua presença às suas mentes e aliviasse a sua ansiedade.

«Esta história prova quão pouco a morte muda a mente de uma criança», diz Lilian Bailey. «Escrevi à Sra. Clarke e perguntei-lhe se o seu filho Philip se interessara por eletricidade quando estava na terra. Ela respondeu que Philip estava sempre a

instalar novas luzes e dispositivos e tinha um enorme interesse por eletricidade.

«Muitas são as coisas que Poppet fez», conclui a médium. «Ouvimos frequentemente os seus pés a correr pelos corredores lá em cima. A sua risada aguda chega até nós, a sua voz sintonizando-se com a nossa. Sim, e em tempos perigosos e difíceis, ouvimo-la dizer: "Não tenham medo, My cuidará de vocês." Temos muito que agradecer a Deus, mas o amor e a companhia de Poppet é, para nós, a Sua maior bênção.»

O controlo de cor de Louisa Bolt, a conhecida médium de voz, é outra criança espírita que tem feito muito para provar a Sobrevivência. Ivy tem uma gargalhada muito distinta e travessa. Estive presente numa notável sessão de materialização realizada por Louisa Bolt, quando ouvimos a gargalhada característica de Ivy a emanar das cortinas fechadas do gabinete. No momento seguinte, ela estava, totalmente materializada, diante dos nossos olhos.

Descrevendo esta sessão, o meu marido relata como se ajoelhou diante da criança espírita, segurando nas mãos um piano de brinquedo que ela tocou. «Ela estava na minha altura ajoelhada», diz ele. «Pude ver o seu rosto negro, os seus dentes brancos, os seus lábios grossos e a sua longa língua cor-de-rosa, que ela insistiu em mostrar a todos os presentes.»

Noutra ocasião, estive presente numa sessão de voz em que Ivy prometeu a Marcel Poncin, um talentoso artista francês, que visitaria a sua casa no dia seguinte e tentaria impressioná-lo para pintar o seu retrato. Ela alcançou o seu objetivo. No dia seguinte, o artista teve um forte impulso para pintar o retrato da criança que nunca vira. Em poucas horas, o retrato estava terminado e ele experimentou a sensação de exaustão que sempre se segue à conclusão das suas pinturas inspiracionais.

Alguns dias depois, Ivy manifestou-se na sessão de voz da sua médium e disse aos participantes que Marcel Poncin pintara o seu retrato, um facto que ele não contara a Louisa Bolt. Embora encantada com o seu retrato, Ivy expressou desapontamento por o

artista ter omitido de incluir um laço favorito no seu cabelo. Quando Marcel Poncin soube do arrependimento de Ivy, reparou a omissão e a criança espírita ficou feliz. O quadro está agora na sala de sessões de Louisa Bolt. A maioria das pessoas que o veem comentam o brilho impressionante dos olhos. A explicação foi fornecida por um comunicador espiritual numa sessão de voz subsequente.

Ivy vivera nos Estados do Sul da América nos maus velhos tempos da escravatura. Sofreu tratamento cruel e teve mesmo os olhos queimados. Na sua nova vida no Outro Lado, a criança "morta" foi compensada pela dolorosa destruição da sua visão terrena, tornando-se possuidora de olhos espirituais de excecional beleza e luminosidade.

É lamentável que a saúde frágil de Bertha Hirst a tenha impedido de continuar a sua mediunidade pública. A sua guia infantil, Rosie, uma comunicadora especialista, tem sido o meio de enxugar as lágrimas de muitos pais enlutados. Há muitos anos que conheço esta pequena espírita, cuja natureza generosa sempre esteve ao dispor daqueles que precisavam de ajuda e conforto. A simplicidade da sua expressão contém profunda verdade e conhecimento. Mais de um pretenso materialista foi afetado pela sua sabedoria.

A guia infantil de Gladys Osborne Leonard, Feda, é bem conhecida pelo trabalho que tem feito com a sua médium ao provar a Sobrevivência a dezenas de pessoas famosas.

Por vezes, pergunta-se porque é que muitas destas crianças espirituais que atuam como guias pertenciam a raças de cor quando estavam na terra. As raças de pele escura, que viviam perto da natureza, tinham, e ainda possuem, grande poder psíquico. Os índios, em particular, eram grandes mestres das leis psíquicas, e a sua capacidade de comunicar com facilidade tornou-os inestimáveis para ajudar os "mortos" a provar a sua sobrevivência.

Frank Decker, um dos mais famosos médiuns de voz da América, tem como um dos seus controlos um rapaz chamado

Patsy, que, quando na terra, vendia jornais. No mundo espiritual, este rapaz continuou a entregar-se ao seu espírito de criança de rua e ao seu vivo sentido de humor. Os seus atrevidos "comentários espirituosos" mantêm os participantes nas sessões de Frank Decker de bom humor.

A tensão nervosa entre os recém-chegados a uma sessão física pode arruinar uma sessão potencialmente boa. A personalidade alegre de Patsy e a sua réplica divertida geralmente deixam todos os participantes completamente à vontade. Patsy tem sido o meio de fornecer provas de Sobrevivência a dezenas de céticos. Forneceu-lhes fenómenos psíquicos notáveis. Tão espantosas são algumas das suas façanhas que devem soar quase inacreditáveis para aqueles que não tiveram experiência das maravilhas da sala de sessões.

No auge de um verão, estive presente numa sessão de voz realizada por Frank Decker em Nova Jersey, EUA. A temperatura da cave onde nos sentámos registava 35 graus Celsius. Mas a atmosfera húmida, geralmente tão prejudicial aos fenómenos físicos, não diminuiu o fluxo de comentários espirituosos de Patsy. Devido ao calor intenso, o meu marido deixara o casaco num quarto dois andares acima da cave.

Num dos bolsos do seu casaco estava um envelope que continha quatro postais ilustrados que comprámos nessa tarde no Museu Metropolitano de Nova Iorque. Quando Patsy nos falou nessa noite, indicou que sabia tudo sobre a nossa compra. Fez mais. A sua voz silenciou-se por alguns momentos. Depois, ouvimos novamente a sua gargalhada vivaz. «Estenda a mão», disse ele ao meu marido. Depois, colocando algo na palma da mão virada para cima do participante, Patsy declarou orgulhosamente: «Trouxe a imagem de Joana d'Arc. Gosto da vossa escolha.»

Ora, embora o médium não tivesse conhecimento da nossa visita ao Museu, tínhamos comprado, entre outros cartões, uma reprodução da pintura de Bastien-Lepage que retrata Joana enquanto ela ouvia as vozes dos seus inspiradores espirituais.

Quando a sessão terminou e as luzes foram acesas, confirmámos que Patsy nos trouxera, de facto, do quarto de cima o único postal com significado psíquico. Mais tarde, o meu marido subiu os dois lances de escadas e examinou o envelope onde colocara os quatro cartões. Havia agora apenas três, como esperávamos!

Quase vinte vozes espirituais foram ouvidas nesta sessão física. Cada uma provou a sua identidade. Descrevendo esta notável sessão, o meu marido escreve: «Nome após nome sucederam-se rapidamente, com Patsy a "meter-se" a toda a hora com provas adicionais para os céticos que tinham a sua primeira experiência de uma sessão de voz. Geralmente, as vozes começavam baixinho, mas rapidamente se tornavam suficientemente altas para serem identificadas por aqueles que tinham conhecido os falantes na terra. Patsy tinha um prazer especial em divertir-se com os céticos.

Forçava-os a lembrar-se de incidentes e nomes esquecidos. Para mostrar o controlo de Patsy sobre leis ainda não compreendidas pela ciência, ele tocou uma melodia numa harmónica que estava dentro de um dos meus bolsos. Isto foi feito enquanto a minha mão cobria o bolso, de modo que Patsy não teve qualquer contacto físico de espécie alguma.

Os fenómenos psíquicos exibidos nessa sessão foram muito variados, pois mais tarde Patsy mostrou-nos a sua própria luz espiritual, uma suave bola de fosforescência que apareceu com surpreendente rapidez em diferentes partes da sala.»

Uma vez, enquanto a sua médium dormia numa sala adjacente, Patsy materializou-se completamente e falou ao telefone com alguns dos seus amigos terrenos. Isto foi feito na presença do Sr. Joseph De Wyckoff, um conhecido homem de negócios americano. A história desta notável manifestação foi descrita pelo Dr. E. F. Bowers, uma das pessoas que falaram com Patsy ao telefone.

«Esta experiência é única nos anais da história psíquica», diz o médico no "Psychic News". «Não há forma possível de explicar esta experiência espantosa, exceto declarar — com a habitual

frieza daqueles que não acreditam, detestam ou negam os fenómenos do Espiritualismo e as suas implicações — que três pessoas estão deliberadamente a não dizer a verdade, ou que todas sofrem de alucinações idênticas — algo completamente desconhecido na sintomatologia psiquiátrica.

Essas três pessoas são a minha esposa, Joseph De Wyckoff e eu próprio, todos pessoas honestas e tementes a Deus. Ah, sim, outro participante nesta demonstração que quase me esqueci — a operadora da American Telephone and Telegraph Company, que recebeu a chamada estranha e a colocou em andamento. Ela provavelmente ficaria estupefacta de espanto ou paralisada de medo se soubesse a identidade da pessoa cuja chamada estava a transmitir. Há também o mordomo que atendeu o telefone na casa de De Wyckoff em Ramsey, Nova Jersey, e que ficou pasmado quando De Wyckoff lhe revelou no dia seguinte a identidade da pessoa com quem falara.»

O Dr. Bowers descreve como, nessa noite memorável, o telefone tocou no seu apartamento na Riverside Drive, na cidade de Nova Iorque. Não querendo perturbar desnecessariamente o marido adormecido, a Sra. Bowers levantou-se da cama e atendeu o telefone. A voz de Patsy é inconfundível e inesquecível para aqueles que falaram com ele. Pode imaginar a surpresa momentânea da Sra. Bowers ao ouvir a sua voz a dirigir-se a ela.

«Olá, Ouise», disse ele. «Devo dizer aqui», escreve o médico, «que Patsy faz questão de tratar quase toda a gente que vem às sessões de Decker pelo primeiro nome — quer sejam milionários, viúvas, advogados de empresas importantes, capitães de indústria ou estenógrafos. Ele tem uma memória fotográfica para nomes e incidentes que apenas os mais proficientes funcionários de hotel parecem adquirir. A minha esposa, claro, falou com Patsy dezenas de vezes durante os cinco ou seis anos em que tem frequentado intermitentemente as sessões de Decker.»

Patsy brincou com a Sra. Bowers durante um minuto ou dois, dizendo-lhe que a operadora que o tinha ligado lhe chamara "Senhora!" — a sua voz juvenil poderia facilmente ser confundida

com uma voz feminina. A Sra. Bowers acordou o marido, que falou com Patsy durante um minuto ou dois, dizendo ao rapaz espírita como estava encantado por falar com ele de uma forma tão inesperada. Patsy disse: «Esperem um momento. Vou pôr o Joe ao telefone e ele conta-vos tudo.»

O Sr. Joseph De Wyckoff disse então ao Dr. Bowers: «Não conseguia esperar para lhe contar a demonstração mais fenomenal que já testemunhei em toda a minha vida. Estou tão emocionado que mal posso falar.» Continuou, dizendo que visitara Frank Decker no seu apartamento nessa noite, mas ficara tão tarde que decidira ficar na cidade. O médium deu-lhe uma cama improvisada no seu estúdio, no quarto ao lado.

Pouco depois da uma da manhã, o Sr. De Wyckoff foi acordado de um sono profundo. Alguém estava a sacudi-lo pelo ombro. Com a iluminação bastante brilhante de um candeeiro de rua a entrar pela janela, ele viu uma figura, vestida com uma espécie de uniforme justo de mensageiro e usando um gorro branco.

Por um momento, ele ficou sobressaltado. Depois, ouviu a voz familiar de Patsy a dizer, como que em tom de repreensão: «Não tens medo de mim, pois não, Joe?» O Sr. De Wyckoff recuperou imediatamente a compostura ao ouvir-se ser tratado pelo amigo espiritual que conhecia e amava tão bem. Respondeu: «Ora, Patsy, meu caro rapaz, como poderia eu alguma vez ter medo de ti?»

Patsy, muito satisfeito com a sua reação, disse-lhe que a sua médium estava numa excelente condição naquela noite para a produção de fenómenos psíquicos. «E vamos mostrar-te algo que nunca viste antes», continuou ele. «Agora fecha todas as janelas, para não se constipar. Baixa o estore e tira o máximo de luz possível. Veste o roupão, senta-te na cama e verás algo.» Patsy moveu-se então rapidamente pelo chão e desapareceu no quarto de Frank Decker.

O Sr. De Wyckoff fez tudo como instruído pelo rapaz espírita. Olhou para o quarto da médium e notou com interesse

que ele estava em transe profundo e a respirar ruidosamente. Pouco depois, do quarto da médium, que Patsy e os seus ajudantes espirituais estavam evidentemente a usar como "gabinete" para conservar e consolidar o ectoplasma, uma forma feminina flutuou em sua direção. A voz de Patsy gritou da sala adjacente: «É a Madame Pav-a-lo-va, Joe.» O rapaz espírita acentuou cada sílaba do nome da bailarina e, como comenta o Dr. Bowers, acrescentou uma para garantir. «Ela quer que cantes algumas canções russas e ela dançará para ti», continuou Patsy. O Sr. De Wyckoff, que fala várias línguas, começou uma pequena canção usada como melodia de dança pelos camponeses na Ucrânia.

Enquanto cantava, a figura fascinante e graciosa da bailarina espírita começou a rodopiar pela sala. A forma estava coberta por um tecido. A rápida rotação da figura em movimento revelava, no entanto, os membros e pés perfeitamente formados da bailarina que, durante a sua existência terrena, fora vista pelo Sr. De Wyckoff dezenas de vezes em várias capitais do mundo.

A figura dançante desapareceu e Sir Arthur Conan Doyle, que o Sr. De Wyckoff conhecera intimamente na terra, falou-lhe a seguir. Mais tarde, um espírito que se identificou como Lucille Weston, dizendo que fora cantora de concertos antes da sua "morte", cantou "Annie Laurie" em tons lindamente modulados.

Finalmente, Patsy disse ao hóspede da sua médium: «Joe, vem aqui e senta-te neste sofá, perto do telefone. Quero telefonar à tua esposa.» Foi dito ao rapaz espírita que era improvável que a Sra. De Wyckoff estivesse em casa naquela noite. No entanto, Patsy insistiu em telefonar, dizendo: «Será um bom treino.» Então, o rapaz materializado levantou o telefone e deu à operadora o número de telefone da casa do Sr. De Wyckoff em Ramsey, Nova Jersey. A voz do mordomo pôde ser ouvida a atender a chamada. Foi dito ao inquisidor espiritual que a Sra. De Wyckoff "não estava em casa". O rapaz repôs o auscultador e pareceu perdido em pensamentos por um momento. Depois, com algum deleite, anunciou: «Já sei. Vamos chamar o "Doc"

Bowers» — o seu apelido algo irreverente para o médico. «Sabes o número dele?», perguntou o Sr. De Wyckoff. «Sim», respondeu Patsy, e pela segunda vez naquela noite, o rapaz espírita levantou o telefone, colocou-o no ouvido e falou no auscultador.

Quando se ouviu a voz da operadora a atender a chamada, Patsy voltou-se meio para o seu amigo terreno, dizendo, com algum desgosto: «Ela chamou-me "Senhora"», como se, como um rapaz, se ressentisse da diminuição da sua masculinidade. A operadora ligou-o para a casa do Dr. Bowers, sem imaginar que o chamador era um visitante de outro mundo, um "morto" vendedor de jornais.

Aqueles que se sentam com Helen Duncan conhecem Peggy, uma criança espírita que frequentemente se materializa. Há alguns anos, a Sra. Hazeldine, de Newport, Fife, pediu ao Dr. Montagu Rust que atendesse a sua filha doente. Apesar da sua competência médica, Peggy "morreu" com três anos e meio. Mas nem a sua mãe nem o Dr. Rust viram o último dela, embora o seu corpo físico tenha sido enterrado. Muitas vezes desde então, viram a sua forma totalmente materializada e falaram com ela, pois Peggy tornou-se a pequena controlo viva e espirituosa de Helen Duncan.

Peggy mostra-se como uma criança perfeitamente formada. A sua figura diminuta está em nítido contraste com o outro controlo da médium, Albert, um "morto" australiano, cuja voz masculina é muito diferente do agudo da criança escocesa. Peggy é uma comunicadora especialista e experiente. Por vezes, aparece noutras sessões físicas de médiuns, onde a sua voz distintiva é facilmente reconhecível por aqueles que a conhecem.

Em boas sessões de materialização, tenho visto esta criança espírita executar uma dança, mantendo um ritmo excelente com os seus pés a bater. Por vezes, canta uma canção favorita. Já a vi, com boa luz vermelha, afastar-se consideravelmente do gabinete e acariciar um dos seus amigos terrenos. Esta rapariga espírita está geralmente cheia de vitalidade e de travessuras infantis.

Numa sessão de Helen Duncan, dois dos meus conhecidos receberam provas da sua filha "morta", Yvonne, que se

materializou diante deles. Pouco antes de a sessão terminar, ouvimos todos Peggy, atrás das cortinas do gabinete, a brincar com algo que parecia uma bola. «Estás a brincar com uma bola, Peggy?», perguntou um dos participantes. A sua resposta foi atirar algo entre nós, dizendo com desembaraço: «Aí vai; aqui está a "bola".»

Descobrimos que ela atirou uma tangerina entre nós — sem dúvida, era uma sessão anterior à guerra! Mais tarde, soubemos que a fruta fora trazida por poder psíquico da casa dos pais de Yvonne, a oito quilómetros de distância do local onde a sessão se realizou. «Como fizeste isso?», perguntou o meu marido a Peggy numa sessão de materialização a que assistimos mais tarde. «Não fiz nada», respondeu ela, «isso seria roubar. A Yvonne levou-o, e era a casa dela.» No entanto, estou bastante certo de que a Peggy a ajudou!

Lili Alani, conhecida como Topsy, o esplêndido controlo espiritual de Pamela Nash, passou para o Outro Lado no seu oitavo ano. Norman Swaine registou a história comovente desta criança na sua "Autobiografia de Dois Mundos". A vida terrena de Topsy assemelha-se a uma segunda "A Cabana do Pai Tomás". Através de uma série de infortúnios, os seus pais deixaram o ambiente feliz do seu lar no Pacífico Sul e foram para o Brasil, onde a sua filha nasceu na escravatura.

Ela foi separada dos pais e estava destinada a nunca mais os encontrar na sua existência terrena. A jovem escrava tornou-se vítima da crueldade de um feitor branco, cujo comportamento perverso incutiu na rapariga solitária um ódio feroz e amargo pelos brancos. Ela sofreu tais torturas que rezou para nunca crescer. O seu pedido foi atendido e ela passou para o mundo espiritual. O amor e a compreensão que recebeu no Outro Lado despertaram nela o desejo de compensar o intenso ódio pelas raças brancas, gerado pelas dificuldades e sofrimentos terrenos. No mundo espiritual, aprendeu o verdadeiro valor do amor e do perdão.

Escolheu regressar para tentar confortar aqueles que sofriam. Topsy escolheu, como seu instrumento terreno, Pamela Nash, através da cuja mediunidade continua a sua missão de levar consolo a corações doridos.

Estes são, portanto, alguns dos guias e controlos infantis que regressaram para ajudar a provar a Sobrevivência. Em muitos casos, estes espíritos conheceram pouco mais do que miséria e sofrimento nas suas curtas vidas terrenas. No entanto, porque no Outro Lado aprenderam as alegrias do serviço, tornaram-se ansiosos por ajudar a espalhar o conhecimento de que não há morte.

CAPÍTULO XI
PORQUE REGRESSAM

A maioria das crianças "mortas" tem a capacidade de comunicar com sucesso com este mundo. Pode perguntar-se porque é que os jovens que faleceram recentemente desejam regressar à terra atribulada, uma vez que o seu novo ambiente é de brilho e alegria. Se é um pai enlutado, a pergunta é supérflua, pois tem a resposta. As crianças "mortas" regressam à terra porque o amor as chama e não as deixará ir até que as lágrimas de uma mãe sejam enxugadas, e o coração de um pai seja confortado por este reencontro.

As crianças "mortas" regressam para provar a sua sobrevivência àqueles que anteriormente acreditavam que elas se tinham ido para sempre. Regressam à sala de sessões por sua livre vontade para partilhar as suas novas experiências e aventuras com os entes queridos que deixaram para trás. Regressam para manter contacto com todos os interesses que as prendiam na terra. Ainda querem saber como os seus parentes e companheiros de brincadeiras terrenos estão a passar. A sala de sessões é um local de reunião sagrada mas alegre, onde a lei natural opera e permite que o véu diáfano que divide os dois mundos seja levantado.

É perfeitamente natural que as crianças "mortas" mantenham o seu interesse no mundo que deixaram. Não tenha receio de que o tempo que passam consigo perturbe a sua felicidade no Outro Lado. Estas jovens espíritas brilhantes nada perdem com o seu reencontro com parentes e amigos terrenos. Pelo contrário, a compaixão, a simpatia e o desejo de confortar corações doridos são qualidades que enriquecem a alma e desdobram a natureza espiritual de uma criança.

Há crianças "mortas" que regressam a este mundo por outras razões que não o reencontro com parentes. Podem ser impelidas a regressar por algo que ficou por fazer antes da sua transição. Podem precisar de assistência que apenas indivíduos terrenos podem prestar. Foi-nos dito que o poder psíquico que se gera numa sala de sessões é visto pelos "mortos" como um farol de luz.

As crianças espíritas que precisam de ajuda terrena são conduzidas em direção a este feixe psíquico. E, se as condições são boas, tais crianças podem manifestar-se na sala de sessões e dar a conhecer a sua presença. São frequentemente desconhecidas dos médiuns e dos participantes quando regressam pela primeira vez. Mais tarde, tornam-se frequentemente visitantes regulares do círculo que primeiro as atraiu.

Foi desta forma que "Jimmy Sparrow" se tornou atraído para o círculo de Lady Caillard. Um rapaz de dez anos, de um bairro pobre, foi atropelado e morto por um camião na zona leste de Londres. Embora no mundo espiritual este rapaz negligenciado tivesse verdadeiramente encontrado o "céu", a compaixão trouxe-o de volta a este mundo — compaixão pelos pardais que costumava alimentar. Ele tinha medo que eles passassem fome sem ele.

A criança "morta" manifestou-se cerca de dez dias após o seu falecimento no círculo familiar de Lady Caillard, através da mediunidade de voz de Louisa Bolt. Através da trombeta, veio a voz de um rapaz desconhecido que, com sotaque cockney, exclamou: «Bli'me, onde estou? Isto é um palácio? Digo, estou com medo, estou. O Rei mora aqui?» Lady Caillard assegurou-lhe

que era sua casa. «Bli'me!», repetiu a voz. «Não é lindo aqui? O patrão disse que eu podia vir. O meu nome é Jimmy.

Agora estou num lugar lindo. Não tenho mais fome. A única coisa são os meus pardais — eles não estão a ser alimentados agora. Digo, Senhora, pode alimentar os meus pardais?» Lady Caillard prometeu que cuidaria das aves cujo bem-estar tanto o preocupava. «Não é ótimo?», disse Jimmy. «Estou feliz agora.» Várias vezes após essa primeira visita, "Jimmy Sparrow" — como ficou conhecido — falou através da mediunidade de voz de Louisa Bolt. Estava tão grato pelo que estava a ser feito pelos seus "pardais". Na terra, costumava partilhar a sua comida com eles, mesmo havendo pouca.

Os pardais eram seus amigos, tudo o que tinha para amar, pois os seus pais bebiam demasiado e não se interessavam por ele. A linguagem de Jimmy, quando falou pela primeira vez no círculo, não era muito edificante. Regressou tal como tinha falecido, usando a gíria coloquial e a linguagem obscena habitual que ouvira no seu ambiente doméstico. Mas um dia disse a Lady Caillard: «Senhora, não vou mais jurar. Agora vou à escola, e dizem-me que não devo jurar. Estou tão feliz agora. Estou muito contente por estar "morto". Antes ninguém se importava comigo. São tão gentis comigo aqui. Sabes que agora tenho um colarinho e gravata? Digo, Senhora, porque são tão bons para mim aqui?» Foi-lhe dito: «Porque, Jimmy, amaste os teus pardais aqui e o amor significa tudo. Agora vais ter todo o amor que devias ter tido na terra.»

Jimmy fez grandes e rápidos progressos no mundo espiritual. Foi um comunicador especialista, quase desde o primeiro momento. Quando o meu marido visitou o círculo de voz de Lady Caillard, "Jimmy Sparrow" anunciou a sua intenção de falar no seu próprio círculo de voz na próxima vez que se reunisse. O rapaz "morto" disse que tentaria provar a sua identidade. Quando, posteriormente, realizámos a nossa própria sessão, a médium não foi informada antecipadamente da visita do meu marido ao círculo de Lady Caillard. Pouco depois de a médium estar em transe, uma

voz infantil com sotaque cockney veio através da trombeta. «Jimmy», anunciou. «Qual Jimmy?», perguntámos. «Bli'me!», veio a resposta, confirmando que o rapazinho tinha cumprido a sua palavra. Com o típico humor de criança de rua, Jimmy comentou a sala, os móveis e outros objetos. Falou dos seus amados "pardais" e da sua felicidade por saber que as suas necessidades estavam a ser atendidas. Finalmente, anunciou: «Tenho de ir agora, o meu fôlego está a faltar.»

No dia seguinte, manifestou-se através da mediunidade de voz de Louisa Bolt e disse a Lady Caillard que tinha cumprido a sua promessa ao meu marido. Aliás, como nem ela nem a médium tinham sido informadas sobre o sucesso de Jimmy em cumprir a sua promessa, ele proporcionou um teste adicional ao combinado.

As crianças que tiveram pouco ou nenhum contacto com este mundo regressam por vezes para aprender o valor do contraste entre as suas próprias vidas espirituais e as dos indivíduos terrenos. Esta experiência dá-lhes uma compreensão das desigualdades da existência e desenvolve na sua natureza qualidades de amor e compaixão.

Em "The Dead Have Never Died", um advogado americano, Edward C. Randall, regista como uma criança abandonada, que falecera na infância, foi trazida de volta à terra para ganhar experiência. Um professor espiritual contou a história da rapariga "morta". «Nós ensinámo-la, guardámo-la cuidadosamente e educámo-la», disse ele, «nas puras condições da nossa esfera, até que ela se aproximou da idade adulta. Mas ela não tinha contrastes, portanto não podia julgar a pureza relativa e as delícias do seu ambiente. Para que ela pudesse desfrutar do seu lar e das glórias do nosso mundo, era necessário que tivesse conhecimento das condições terrenas.» O professor espiritual foi, portanto, instruído a conduzir a criança de volta à terra de tempos a tempos.

No início, ela mal conseguia suportar as grosseiras condições da terra. «Ela não conseguia compreender como as pessoas podiam existir em elementos tão escuros e grosseiros», disse o comunicador espiritual. «Mas, à medida que a conduzia de uma

condição para outra, pelo caminho que ela teria percorrido se tivesse permanecido na terra pelo período ordinário atribuído, eu disse-lhe: "Se tivesses vivido o teu tempo no corpo, terias estado na condição em que vês estas pessoas." Disse-lhe também que elas lhe pareceriam grosseiras quando atingissem o estado espiritual, mas que, com o tempo, melhorariam o suficiente para assumir o estado de pureza e paz que ela desfrutava.»

A criança espírita foi conduzida através das casas dos ricos e cultos; viu os filhos dos pobres e ignorantes. «Demorámo-nos», explicou o comunicador espiritual a Edward C. Randall, «até que a minha pequena protegida aprendesse completamente os diferentes ambientes das crianças na terra, e os grandes contrastes entre os seus lares, vida diária e escolaridade, e aqueles na vida espiritual.

Esta criança nunca conhecera nada além da inocência e pureza, e estava muito distante das condições ordinárias da infância da terra. Levou muito tempo até que ela pudesse, em qualquer grau, reconhecê-lo como uma realidade.»

As crianças "mortas" frequentemente retêm afeto por certos dos seus brinquedos terrenos. Invisíveis à visão não clarividente, as crianças espíritas regressam por vezes aos seus antigos ambientes para renovar o conhecimento com as suas posses favoritas. Geralmente são os brinquedos gastos e estragados que ocupam o lugar de destaque no afeto de uma criança. Aprendemos com comunicadores espirituais que uma criança "morta" pode ficar angustiada, ao regressar, ao descobrir que uma boneca velha e estragada, ou um urso de peluche aleijado e meio calvo, foi removido do ambiente familiar.

Por vezes, estas crianças trazem outros companheiros de brincadeira consigo quando regressam. Os seus amigos espirituais podem nunca ter respirado no nosso mundo, mas são trazidos do Outro Lado para se familiarizarem com as alegrias que as crianças terrenas experimentam. É necessário que uma criança espírita, que se tornará guia ou controlo de um médium, compreenda as mentalidades e reações das crianças que estiveram no mundo

físico. Só através de tal compreensão é que um guia pode interpretar com sucesso uma mensagem e ajudar uma criança que faleceu recentemente a dar provas de Sobrevivência.

As faculdades psíquicas naturais das crianças tornam-se frequentemente atrofiadas na vida adulta. As experiências sobrenaturais da juventude desvanecem-se da memória à medida que os anos avançam. Muitos adultos esqueceram as experiências psíquicas da sua infância. Outros, refletindo, conseguem recordar esses eventos. Conheço a Sra. A. J. Farr durante a maior parte da minha vida. No entanto, foi apenas através de uma conversa casual que me foi revelada uma recordação da sua companheira de brincadeiras espiritual. O nome da sua companheira era Lucy. A Sra. Farr consegue recordar o seu comportamento e aparência tão claramente que ainda hoje se lembra do seu longo cabelo solto, bem como do vestido, com uma fita azul amarrada à cinta, que ela usava. A sua memória dos jogos que brincavam está inalterada.

A realidade de Lucy era aceite sem questionamento. O facto de ela não pertencer ao mundo físico não teve efeito perturbador na mente da criança terrena. Ela considerava a sua amiga espiritual como algo perfeitamente natural. Não havia mais dúvida sobre a sua existência do que sobre todas as outras crianças no seu ambiente. A Sra. Farr não consegue agora explicar por que razão nunca mencionou a sua companheira espiritual à sua mãe. Possivelmente sabia que a sua progenitora não seria compreensiva.

Muitos médiuns retêm a memória dos amigos espirituais da sua juventude. «Desde a minha mais tenra infância», diz Edith Clements, «sempre estive consciente da presença de outras pessoas que aparentemente não eram vistas por aqueles com quem eu pudesse estar a conversar. Sempre tive companheiros de brincadeiras "invisíveis", rapazes e raparigas, mas os meus pais costumavam rir-se de mim porque pensavam que era pura imaginação da minha parte. Nunca consegui fazê-los

compreender que eu realmente tinha companheiros de brincadeiras infantis.»

A época do Natal é geralmente uma das estações mais felizes para as crianças no mundo material. Frequentemente, meses antes, os jovens fazem os seus planos simples, mas tão importantes, para o Natal. Preparam segredos e surpresas elaborados para os seus pais e amigos. A sua excitação cresce à medida que a estação da boa vontade se aproxima. Quer a festa puramente religiosa seja celebrada ou não, o Natal é geralmente uma estação de felicidade e alegria para os jovens.

Em circunstâncias normais, o Natal é tempo de férias, um período de descanso para crianças e pais. É uma estação em que as famílias dedicadas se reúnem, quando os adultos deixam de lado as preocupações e dificuldades dos negócios e recuperam a atitude despreocupada da juventude, para que possam participar de todo o coração nas celebrações das crianças. A árvore de Natal acrescenta à emoção de dar e receber presentes. Memórias alegres desta época do ano estão profundamente enraizadas nos corações das crianças comuns. São memórias ligadas ao amor parental e às associações familiares.

Embora no mundo espiritual também se realizem festas felizes para os pequeninos, não é perfeitamente compreensível que os pensamentos das crianças "mortas" se voltem para as suas mães e pais na época do Natal? Não é igualmente natural que, à medida que a estação se aproxima, os pensamentos amorosos dos pais se dirijam aos jovens que faleceram?

É nas salas de sessões que se reencontram, para recuperar e renovar as suas associações natalícias, e trocar mensagens pessoais de amor e boa vontade. Em tempos normais, os espiritualistas realizam sessões de Natal expressamente para benefício das crianças "mortas". Uma árvore decorada, carregada de presentes, é geralmente fornecida pelos participantes. Acha isto tolo? Porque haveríamos de oferecer brinquedos a crianças espíritas que não podem levar consigo estes presentes terrenos

quando a sessão termina? Não afirmámos também que as crianças "mortas" têm tudo para a sua felicidade no mundo espiritual?

Tais perguntas podem naturalmente passar-lhe pela mente. Deixe-me explicar. Os jovens não são menos humanos por terem falecido. Os seus caracteres e personalidades permanecem inalterados. Ainda experimentam as mesmas reações alegres a surpresas emocionantes. É por isso que nós, na terra, fazemos o nosso melhor para proporcionar às crianças espíritas um momento feliz quando regressam aos seus parentes e amigos terrenos na estação alegre. A estas sessões de Natal vêm também crianças "mortas" que, nas suas vidas físicas, ansiaram por brinquedos que nunca puderam possuir.

Pode ser difícil para o cético acreditar que uma criança "morta" retém realmente o equivalente etérico do brinquedo material que escolheu numa sessão de Natal. O duplicado do presente é remontado no mundo espiritual, onde continua a deliciar o pequeno. Um equivalente etérico, ou astral, de um objeto físico pode ser comparado a uma impressão-pensamento, uma vez que, num mundo mental, uma forma-pensamento é tangível e real. Mesmo na terra, os projetos materiais são criados pelo processo de imaginação mental. As próprias palavras que está agora a ler são produtos de formas-pensamento que foram traduzidas em símbolos materiais. São expressões físicas de impressões mentais. Dado que os objetos materiais são produtos da imaginação mental, não deverá ser demasiado difícil ajustar as nossas mentes à ideia de que os objetos físicos têm equivalentes não físicos.

Assisti a várias sessões de Natal realizadas por médiuns talentosos. Nestas sessões físicas, ouvi dezenas de crianças "mortas" a falar e a rir com excitação enquanto escolhiam os brinquedos da árvore de Natal. Embrulhos de papel foram desembrulhados por dedinhos, trombetas de brinquedo foram tocadas, piões giraram, brinquedos mecânicos funcionaram, num misto de comentários excitados das crianças "mortas". Estas festas de Natal não são eventos calmos! A excitação das crianças

"mortas" é tão intensa, as alegrias tão profundas, as emoções tão naturais como as reações normais de qualquer criança numa festa terrena.

Após as sessões de Natal, os presentes são geralmente enviados para hospitais infantis, ou distribuídos entre os pequenos cujas circunstâncias mundanas não são prósperas. As repercussões destas festas espirituais podem ir ainda mais longe. Uma criança "morta" chamada Margaret Hambling disse, numa sessão realizada no Stead Bureau, que o brinquedo que lhe foi dado numa sessão de Natal anterior estabeleceu um elo de amizade entre ela e uma criança terrena que mais tarde passou para o mundo espiritual. O brinquedo escolhido por Margaret foi enviado, após a sessão, a uma rapariga doente. «Esta criança tinha muito pouco para alegrar a sua vida», disse Margaret. «Descobri o quanto podia ajudá-la. Vi como ela era paciente, enquanto eu sempre fora impaciente na terra. Depois ela veio para este lado e agora somos grandes amigas.»

Outra rapariga espírita, escolhendo uma boneca na mesma sessão, disse aos participantes que a boneca estava destinada a ser dada a uma pequena criança terrena que então estava no hospital. A rapariga "morta" explicou que, durante o sono, a criança doente a visitaria no mundo espiritual, onde um elo mais estreito de amizade seria forjado entre elas. Assim, não só o mesmo presente terreno traz felicidade a uma criança "morta" e a uma viva, mas pode estabelecer uma aliança mutuamente benéfica para as duas crianças.

Algumas das festas de Natal mais alegres que se podem imaginar costumavam ser realizadas pela Sra. A. E. Perriman, essa talentosa médium de voz que agora já passou para o mundo espiritual. Sem dúvida, ela reencontrou algumas das crianças "mortas" que, ano após ano, foram calorosamente recebidas nas suas festas de Natal. Talvez porque o controlo da médium, Belle, fosse ela própria uma criança, pudesse compreender tão bem as reações das crianças espíritas. Belle atuava como anfitriã ou "principal rececionista" dos pequeninos. Quando achava que um

convidado "morto" tinha permanecido tempo suficiente perto da árvore de Natal, a pequena controlo tocava um sino que pendia dela. O tilintar do sino era um sinal para a criança espírita dar lugar ao próximo jovem visitante que estaria ansiosamente à espera da sua vez de receber um brinquedo. Geralmente, havia tantos presentes na árvore carregada que os brinquedos excedentes se amontoavam à volta dela.

A médium não estava em transe a maior parte do tempo e podia juntar-se aos participantes na conversa com as crianças espíritas. Não eram usadas trombetas nas sessões da Sra. Perriman. Os jovens convidados espirituais reproduziam distintamente e com clareza as suas vozes terrenas.

A primeira voz a ser ouvida numa destas festas pertencia a uma menina. «Sou a Betty Chester», declarou ela. «Por favor, posso levar uma boneca?» «Claro que pode», respondeu uma participante. «Sou o Jimmie Tasker», veio a voz de um rapaz. «Gostava de um carro.» Frank Hobson queria um tipo diferente de brinquedo. Depois, Rosie, uma menina, perguntou se podia ficar com "a boneca cor-de-rosa".

Nesta fase, foi usada um pouco de diplomacia por Belle e pelos participantes, pois outra criança queria o mesmo presente! No entanto, finalmente apaziguadas, deram lugar a mais uma criança "morta". Esta menina desejava ardentemente um "pianinho" de brinquedo, como lhe chamou. Quando lhe disseram que o piano era seu, ela começou a tocar as notas com mais boa vontade do que boa execução.

Devido aos poderosos dons físicos da médium, as crianças espíritas estavam suficientemente materializadas para manusear os brinquedos. Um rapaz espírita chamado Desmond seguiu-se à pequena pianista. Falava com um acentuado sotaque de Lancashire. Escolheu, como presente, uma trombeta de brinquedo que, afirmou, tinha a mesma forma do cachimbo do seu pai. «Mostra-me a trombeta», disse um dos participantes.

«Os teus olhos não podem ver», respondeu Desmond — pois a sessão realizava-se na escuridão. Mas o rapaz "morto" levou a

trombeta ao participante que falara para que ele pudesse sentir a forma do brinquedo. Esta ação pareceu ser o sinal para que outros brinquedos fossem colocados nos colos de vários participantes, descrevendo as crianças espíritas o tipo de presentes que passavam de um lado para o outro.

Entretanto, a voz de uma menina perguntou com insistência: «Posso ficar com a boneca mamã?» «Sim», foi-lhe dito, «podes ficar com a boneca mamã.» Houve uma gargalhada quando ela continuou ingenuamente: «Então, se posso ficar com a boneca mamã, também posso ficar com as três bonecas filhas?»

Ouvimos as vozes destas crianças "mortas" a incitarem-se umas às outras a escolher os seus presentes. «Andem, andem», gritavam com entusiasmo enquanto as ouvíamos mover os ramos da árvore de Natal — uma árvore robusta, felizmente. Entretanto, trombetas soavam, apitos eram soprados, concertinas e pianos de brinquedo eram tocados. Quando um participante colocou um disco no gramofone, as vozes das crianças espíritas acompanharam com entusiasmo a melodia. Depois, uma menina chamada Peggy Rowland disse que gostaria de dançar para nós. Em breve, vimos uma luz psíquica, de forma esférica, mover-se pelo chão. «Consegues ver os meus pés?», perguntou a voz de Peggy. «Sim», respondemos, pois agora a forma globular tornara-se num feixe de luz pontiagudo que se movia graciosamente e ritmicamente, indicando que Peggy estava na ponta dos pés.

Dezenas de crianças falaram em voz direta naquela noite antes de a sessão terminar. Quando as luzes foram acesas, vimos a sala desarrumada, repleta de brinquedos e tiras de papel. A árvore de Natal estava praticamente despojada dos presentes que continha. Muitos dos participantes ainda seguravam os brinquedos que as crianças espíritas lhes tinham passado durante a sessão.

Quem dera que todos aqueles que acreditam que os seus filhos se foram para sempre pudessem assistir a uma destas alegres festas de Natal. Os pais perceberiam que os rapazes e

raparigas "mortos" não perderam a sua capacidade de desfrutar, e permanecem tão humanos e vivos como antes do seu falecimento.

CAPÍTULO XII
«O TEU SERVO OUVE»

Registos consagrados pelo tempo forneceram exemplos de capacidade psíquica em crianças. No Antigo Testamento, lemos como o menino Samuel, enquanto estava aos cuidados do sacerdote Eli, estava preparado para dormir uma noite quando ouviu o seu nome ser chamado. «Eis-me aqui», respondeu e correu para Eli, pensando que o sacerdote o tinha chamado. «Não chamei», disse Eli, «deita-te novamente.» No entanto, uma segunda vez a voz disse o seu nome, e mais uma vez a criança apressou-se a ir ter com Eli, dizendo: «Eis-me aqui, pois chamaste-me.» O sacerdote respondeu: «Não chamei, filho meu, deita-te novamente.»

Não foi até que a criança foi abordada pela terceira vez pela voz espiritual que se tornou evidente que ele estava a ouvir clarividentemente. E, obedecendo à ordem de Eli, quando a voz chamou o seu nome novamente, Samuel respondeu: «Fala, pois o teu servo ouve.» Naquela altura, até Eli acreditava que a voz espiritual vinha diretamente de Deus. Hoje, consideramos que Samuel foi provavelmente abordado por um espírito altamente evoluído que encontrou no jovem psíquico um instrumento

através do qual mensagens do Outro Lado poderiam ser entregues a Eli.

O curso da história mudou quando, no seu décimo terceiro ano, os poderes psíquicos de uma rapariga do campo francesa floresceram. Ela tornou-se célebre como Joana d'Arc. Enquanto estava no jardim do seu pai, Joana ouviu clarividentemente uma voz. Olhou na direção de onde vinha o som, "da direita em direção à igreja", como descreveu posteriormente a sua localização. Ali viu um ser espiritual radiante que, com suaves palavras de sabedoria, revelou à simples rapariga a missão que ela havia de cumprir.

Ao longo do curto período de anos terrenos que se seguiram à sua primeira revelação psíquica, a Donzela cumpriu fielmente as suas promessas aos seus guias. Tão humana nas suas fraquezas, tão sobre-humana na sua força espiritual e conhecimento, Joana foi para a fogueira confiante de que os seus conselheiros espirituais a sustentariam durante a provação do fogo e receberiam o seu espírito quando este fosse libertado do cativeiro físico.

A Igreja Católica Romana, através de cuja instrumentalidade ela sofreu a "morte" de uma herege impenitente, reabilitou-a posteriormente. Finalmente, foi canonizada como santa "da Igreja Católica, da qual foi sempre uma filha submissa..." — certamente uma sequência irónica de eventos.

O "milagre" da aptidão de Joana para a liderança, o seu génio militar, as suas qualidades "sobrenaturais", as suas profecias, e todos os elementos contraditórios no seu comportamento continuam a perplexar tanto historiadores como teólogos. Apenas aqueles que estão familiarizados com as leis psíquicas conhecem a única resposta para todo o caso. "Santa" Joana d'Arc, uma rapariga de uma aldeia dos Vosges, era uma médium — é tudo.

Respeitamos os grandes psíquicos do passado. Mas as manifestações sobrenaturais não são mais sagradas por terem o selo da antiguidade ou da importância histórica do que os fenómenos psíquicos da atualidade. O Grande Espírito não teve

uma mensagem para o mundo de ontem que não tenha tornado igualmente disponível para a era moderna. Aqueles cujos ouvidos clarividentes estão sintonizados ainda ouvem vozes espirituais. Aqueles cuja visão interior está aberta ainda veem visões clarividentes. A implicação das mensagens do Além permanece a mesma porque a verdade espiritual é consistente e imutável.

Não estamos em posição de julgar ou avaliar a história contemporânea, uma vez que nós próprios a estamos a viver. No entanto, tenho pouca dúvida de que, entre a geração mais jovem de hoje, estão aqueles destinados a ajudar a construir um mundo melhor devido às revelações que estão a receber do Outro Lado.

A perceção sobrenatural em crianças não é uma anormalidade. É uma faculdade perfeitamente natural que deve ser fomentada e encorajada. Infelizmente, com demasiada frequência, tais qualidades são mal compreendidas por pais ignorantes ou insensíveis. Feliz é a criança psíquica cujos pais encorajam os dons que trarão consolo e alegria a corações doridos.

As reações sensíveis da maioria das crianças mediúnicas tornam-nas extremamente suscetíveis às condições do seu ambiente. Sofrem intensamente se as suas faculdades sobrenaturais não forem compreendidas. Quando revelam uma experiência sobrenatural, estas crianças são por vezes repreendidas, por parentes bem-intencionados mas incompreensivos, por dizerem mentiras ou serem "demasiado imaginativas". Começam a sentir uma sensação de vergonha por serem diferentes dos que as rodeiam e deixam de divulgar as suas experiências psíquicas. Por vezes, desta forma, uma faculdade perfeitamente normal e dada por Deus torna-se atrofiada ou sufocada.

Como são inconsistentes alguns pais na sua atitude para com os jovens! Encorajam os seus filhos a aceitar sem questionar a autenticidade do "Pai Natal". Na verdade, um pai pode até sentir-se ofendido se, numa véspera de Natal, o seu filho acordar inesperadamente e reconhecer o Papá no papel do Pai Natal!

No departamento de brinquedos de uma loja popular, ouvi alguns pais a tentar convencer o seu filho, de aspeto sensível, de que um indivíduo jovial mas de aparência algo desgastada, vestido com uma túnica ordinária e usando barbas falsas, era realmente o "Pai Natal" que chegara naquele dia com a sua equipa de renas. Devo admitir que o rapazinho parecia muito pouco convencido. É provável que, se a mesma criança descrevesse aos seus pais um espírito brilhante que vira, vestido com roupas muito superiores às usadas pelo impostor da loja, lhe dissessem: «Deves ter sonhado.»

Muitas crianças são informadas de que, enquanto dormem, os seus anjos da guarda velam por elas durante a noite. Mas suponhamos que uma criança vê realmente o seu anjo da guarda, que não é outro senão o seu próprio guia espiritual. «Não deves inventar histórias, querido», diz a sua mãe quando ele relata a sua experiência psíquica. «Que ideias é que esse miúdo tem na cabeça!», pode ela dizer ao marido. «Tenho a certeza de que ele não quer dizer mentiras. É apenas a sua imaginação vívida. Talvez tenha ficado demasiado excitado hoje. É melhor dar-lhe um pouco de medicamento.»

«Como a grande maioria das crianças», escreve Margery Lawrence, «vim a este mundo com uma consciência muito definida do Outro Lado e dos seres que o habitam. Mas, à medida que fui crescendo, e descobri que as coisas que via e ouvia e relatava inocentemente aos meus mais velhos eram ridicularizadas ou então descritas como "mentiras", com o tempo aprendi a não dizer nada sobre os meus contactos com o "outro mundo". E, à medida que fui crescendo ainda mais, e me interessei por coisas como vestidos, diversão e namoro, a minha sensibilidade inicial tornou-se temporariamente obscurecida, como acontece tantas vezes.»

As recordações das experiências juvenis de muitos médiuns não são felizes, principalmente porque as suas faculdades sobrenaturais foram mal compreendidas pelos pais. Estelle Roberts recebeu a sua primeira manifestação psíquica quando

tinha oito anos de idade. Estava a brincar com a irmã num quarto do terceiro andar de uma casa em Isleworth, Middlesex. De repente, a janela escureceu como se uma nuvem de trovoada tivesse lançado uma sombra ali. Estelle olhou para cima e viu na janela um cavaleiro vestido com armadura brilhante. Na sua mão, segurava erguida uma espada reluzente. A sua viseira estava levantada, e os seus traços eram claramente visíveis para a rapariga atónita. A coisa mais espantosa de todas era que ele parecia suspenso no ar. Temendo que a aparição assustasse a irmã, ela gritou: «Oh, não olhes, não olhes!» Como uma criança, a irmã virou imediatamente os olhos para a janela e saiu do quarto aos gritos.

Toda a manifestação psíquica desapareceu tão subitamente como aparecera. Descrevendo este acontecimento no "Sunday Pictorial", Estelle Roberts declara: «Essa foi a minha primeira experiência de ver um espírito. Não sabia o que era ou o que significava. Mas causou-me tal impressão na minha mente infantil que, embora desde então tenha visto e falado com milhares de espíritos de todos os tipos, todas as idades, de todas as gerações, a minha recordação do cavaleiro de armadura nunca por um momento se desvaneceu ou confundiu.»

O efeito imediato desta visão não foi agradável para Estelle. Quando a irmã saiu do quarto com medo, o pai subiu as escadas apressadamente. Estelle contou-lhe sobre a aparição. Ele ralhou com ela por ser malcriada e disse que devia ter visto um morcego! Entretanto, a irmã desmaiara. Quando recuperou, também ela contou ao pai sobre o cavaleiro de armadura. E também ela foi repreendida pelo seu pai descrente por fazer uma afirmação tão fantástica.

Estelle Roberts diz que esta, a sua primeira experiência sobrenatural — que a irmã também partilhou — foi uma indicação do trabalho mediúnico que mais tarde absorveu todas as suas energias. Não foi senão aos cinquenta e um anos que voltou a ver a mesma figura brilhante do cavaleiro. Desta vez, o visitante espiritual revelou a sua identidade. «É um nome», escreve a

médium, «que reconheceriam instantaneamente se eu pudesse dizê-lo.»

Nos seus dias de escola, Estelle não era particularmente brilhante nem muito estúpida. Era uma rapariga média para a sua idade — com uma exceção notável. Ouvia constantemente vozes espirituais. «Estavam sempre a falar comigo», escreve ela. «As outras crianças chamavam-me sonhadora. Mal sabiam elas que, quando parecia demasiado abstraída para prestar atenção ao que diziam, estava a ouvir conversas muito mais fascinantes. Os meus pais, boas pessoas de igreja, suprimiram deliberadamente as minhas tendências psíquicas. Não os culpo. Não sabiam nada sobre Espiritualismo. Nem eu sabia. Atribuíram as minhas aparições e vozes à imaginação.»

Edith Clements é outra médium talentosa cujas faculdades psíquicas juvenis foram mal compreendidas pelos pais. Na verdade, ela recebeu tratamento médico para a "doença" da clarividência! Ninguém no seu ambiente compreendia os poderes psíquicos da criança. No "Psychic News", Edith Clements escreve sobre as manifestações psíquicas da sua infância: «A minha mãe contava por vezes aos seus amigos os meus comportamentos estranhos e comentários sobre as coisas que via. Eles chegaram à conclusão de que era porque eu era uma criança tão débil e, por isso, acharam melhor fazerem-me as vontades!»

Depois de o seu irmão "morrer" na sequência de um acidente, Edith deu um choque à mãe quando insistiu que o vira depois do enterro. A médium descreve assim os eventos que se seguiram imediatamente ao acidente: «Um polícia chegou nas primeiras horas da manhã, quando toda a gente estava profundamente adormecida. A batida forte do polícia despertou-me e, embora os nossos quartos ficassem na parte de trás da casa, assustei os meus pais ao exclamar que era um polícia a bater e que algo acontecera ao meu irmão Harry. Meu pai confirmou que isso estava correto quando falou com o agente, que aconselhou os meus pais a irem ao hospital ver o meu irmão.

«Passaram-se várias semanas, e a minha pobre mãe estava a recuperar da sua morte trágica, quando eu subitamente "vi" o meu irmão diante de mim, com exatamente a mesma aparência de antes da sua "morte". Fiquei simplesmente aterrorizada com a visão e corri aos gritos para os braços da minha mãe, dizendo-lhe que devíamos ter enterrado o homem errado. "O Harry não está morto", disse eu, "porque o vi!"»

Completamente alarmada com o comportamento da criança, a mãe levou-a imediatamente ao médico. A pobre Edith foi prontamente ordenada a ficar de cama num quarto escuro, e foi-lhe prescrito um frasco de medicamento calmante.

As experiências de infância de outra médium conhecida foram mais felizes do que as de Edith Clements.

Grace Cooke tinha visões clarividentes quando contava sete anos de idade, mas pertencia a uma família de Espiritualistas que compreendiam os seus dons e foram capazes de a ajudar a desenvolvê-los. A menina não ficou de todo perturbada a primeira vez que viu um indivíduo “morto”, pois o seu pai falara-lhe frequentemente da sua mãe em espírito. Grace achava perfeitamente natural e normal ver aqueles que tinham partido para o outro lado. A sua mediunidade nascente foi alimentada e encorajada e, quando tinha 13 anos, foi incorporada por uma rapariga africana chamada Lulla. Este mesmo guia espiritual ainda se manifesta e ajuda a médium na sua clarividência.

T. E. Austin, um outro médium, começou, à idade de quatro anos, a falar com alguém invisível para o resto da família. Quando a sua mãe lhe pediu que descrevesse o seu amigo invisível, ele deu-lhe uma descrição exata do seu irmão que tinha “morrido” antes do seu próprio nascimento. A criança psíquica nunca tinha ouvido falar por parte da sua família sobre este irmão, do qual não existia qualquer fotografia.

Escrevendo no “North Mail and Newcastle Chronicle”, uma colaboradora afirma que o seu neto, uma criança de cinco anos, viu por clarividência o seu bisavô, que partira para o outro lado muitos anos antes do nascimento do rapaz. A autora conta como o

seu neto, que lhe estava a fazer uma visita, tinha acabado de ser deitado quando, de repente, deu um salto e apontou para uma fotografia do pai dela que estava pendurada no quarto. “Vês aquele homem, Avó?”, disse ele. “Bem, ontem à noite, depois de teres descido as escadas, ele veio e disse-me que tu eras a menina dele.” Pensando que a imaginação da criança estava a correr solta, ela perguntou-lhe se o homem era do mesmo tamanho da fotografia — cerca de oito polegadas de altura. “Oh, não”, respondeu o rapazinho, “ele era um homem muito grande.” A colaboradora declara: “O meu pai tinha seis pés e duas polegadas, e morreu 35 anos antes de o pai desta criança sequer ter nascido.”

As faculdades psíquicas funcionam por vezes no estado de sono. Nas primeiras horas da manhã, um rapaz de Edimburgo de sete anos acordou a sua mãe, a Sra. Warrington, dizendo-lhe que tinha sonhado que o seu irmão se tinha afogado. A mãe vestiu-se pressuradamente e viajou para Granton, onde o seu filho mais velho estava acampado. À sua chegada a Granton, encontrou uma mulher que lhe disse que os corpos de dois rapazes tinham acabado de ser retirados de uma pedreira de água salgada. Um dos rapazes afogados era o filho da Sra. Warrington. Ele encontrara a sua “morte” da maneira indicada no “sonho” do seu irmão mais novo.

A mediunidade é frequentemente hereditária. Um oficial de bordo, que escreve sob o pseudónimo de “Jazon”, conta no “Psychic News” os poderes clarividentes do seu filho, que começaram a funcionar quando ele era pouco mais que um bebé. “Jazon júnior, de dois anos de idade”, escreve o oficial, “estava a brincar um dia no tapete da lareira da minha casa em Barry. De onde estava sentado, não conseguia ver a estrada através da janela, que, em todo o caso, ficava a oito pés do chão. A minha sogra, Antoinette, uma bem conhecida clarividente do Sul de Gales, estava sentada na sala a costurar, e mais ninguém estava presente na altura.”

De repente, a criança olhou para cima, interrompendo a brincadeira, e disse: “Homem.” A sua avó perguntou: “Onde?” O

pequenino apontou para um canto da sala junto à lareira. A sua avó viu por clarividência a forma espiritual do seu próprio guia. Ele permanecia de pé, a sorrir para os dois psíquicos, a criança e a sua avó. Poucos minutos depois, o rapazinho exclamou:

"Outro homem", e apontou noutra direção. Novamente a sua avó viu por clarividência a forma de um índio maciço, completo com os seus ornamentos e o seu toucado de penas. A figura alta assustou um pouco a criança pequena, que correu para o lado da sua avó em busca de proteção.

O pai do rapaz chegou a casa algumas semanas mais tarde. Uma manhã, na presença de seu pai, a criança arrastou uma grande enciclopédia da estante e começou a olhar para as imagens. "De repente", escreve Jazon, "ele veio a cambalear em minha direção, sendo o grande livro aberto quase o máximo que conseguia carregar.

Apontando para uma imagem, disse: 'Homem das penas.' Ele tinha encontrado uma grande estampa colorida que retratava três índios Sioux com os seus toucados de penas. Imediatamente a sua jovem mente viu neles a semelhança com o índio que tinha visto por clarividência algumas semanas antes.

"Poderão os céticos de mente superficial, que estão tão prontos a gritar 'Farsa' e 'Fraude' como a única explicação para a clarividência, levantar estes gritos para explicar este episódio? Poderiam eles acusar os seus próprios bebés inocentes de uma precocidade tão fraudulenta que permitisse a encenação de tal farsa por parte de uma criança de dois anos?

É inconcebível e positivamente absurdo sequer pensar que uma criança tão jovem pudesse planear tal engano, e apoiar as suas primeiras ações com o pretexto de encontrar uma imagem, indicando e concordando com aquilo que evidentemente o tinha assustado antes.

Pelo contrário, é mais razoável adotar a explicação natural e mais fácil: a de que a criança viu realmente as formas espirituais. 'Eu ouvi a voz', disse o menino Samuel. 'Eu vi aquele índio', disse o pequeno Jazon, com efeito, ao apontar para a imagem."

As descrições clarividentes dadas por crianças apoiam fortemente o caso da Sobrevivência. Por vezes, uma criança, pouco mais que um bebé, dirigiu-se, de uma maneira natural, a um parente "morto", de cuja partida tinha sido mantida na ignorância, por ser considerada demasiado imatura para compreender o significado da morte.

A obra "Après la Mort" de Camille Flammarion contém um relato escrito pela Madame Anne E. Carrére. Ela afirma que o seu marido prometeu que, se partisse para o outro lado antes dela, regressaria e forneceria, se fosse possível, provas da sua sobrevivência. "A nossa família", escreve ela, "era composta pelo meu marido, por mim e pela minha filha, que tinha ficado viúva muito jovem, com três meninos pequenos, o mais velho dos quais tinha cinco anos, o segundo três e meio, e o terceiro dois e meio. Durante o triste período da última doença do meu marido, alguns amigos tinham levado as crianças, às quais a morte do avô foi ocultada. O mais novo dos três, Guy, estava à mesa com os nossos amigos à hora do funeral, quando de repente se endireitou na cadeira exclamando: 'Olhem o Avô lá fora, à janela! Olhem!' E, dizendo isto, desceu da cadeira e correu ao seu encontro.

"Na manhã seguinte, ele estava a brincar numa sala ao lado da minha, e ouvi-o de repente a rir e a gritar alegremente: 'Avô! Meu Avô!'" Ela foi para a sala contígua e encontrou o rapazinho a bater palmas de alegria enquanto dizia, a rir: "Olha para o Avô, como ele está bonito, vestido todo de branco. E tem roupas brilhantes!"

Ouvindo o barulho que a criança fazia, a cunhada da Madame Carrére e os criados entraram na sala. Ficaram espantados com as suas exclamações. Perguntaram-lhe em que parte da sala via ele o seu avô. O rapazinho pareceu espantado por eles serem incapazes de ver o que era tão tangível para ele. Exclamou surpreso: "Ali! Não o estão a ver?" A sua avó escreve: "Os seus olhos estavam fixos num ponto no espaço à altura em que estaria o rosto de um homem; depois, vimos os seus olhos acompanhar algo que subia no espaço, e ele exclamou: 'Ah! Agora o Avô já se foi embora.'"

Não só, como a Madame Carrére salienta, esta criança tinha apenas dois anos e meio de idade, como também não tinha qualquer ideia do significado da morte.

F. W. H. Myers regista no seu clássico, "Human Personality And Its Survival Of Bodily Death", a comovente história de uma criança que, após a "morte" do seu irmão bebé, falava persistentemente da presença do bebé. A mãe das crianças afirma que quando o seu bebé "morreu", à idade de oito meses, Ray, o seu filho de dois anos e meio, estava então em perfeita saúde. Mas cada dia que se seguiu à partida do lactente, este rapaz, pouco mais do que um bebé ele próprio, dizia: "Mamã, o Bebé chama pelo Ray." Ele vinha a correr para ela, interrompendo a sua brincadeira, repetindo: "Mamã, o Bebé chama pelo Ray a toda a hora." Acordava-a do sono dizendo: "O Bebé quer que o Ray vá para onde ele está; não deves chorar quando o Ray for, Mamã, não deves chorar, porque o Bebé quer o Ray."

"Um dia", diz a mãe, "eu estava a varrer o chão da sala de estar, e ele veio a correr o mais depressa que podia através da sala de jantar, onde estava a mesa com a cadeira alta do Bebé (que o Ray agora usava) ao lado. Nunca o vi tão excitado, e ele agarrou o meu vestido e puxou-me até à porta da sala de jantar, abriu-a de repente, dizendo: 'Oh, Mamã, oh, Mamã, vem depressa; o Bebé está sentado na cadeira alta dele.'"

A mãe seguiu-o até à sala, mas assim que o Ray abriu la porta, disse: "Oh, Mamã, porque é que não te despachaste? Agora ele já se foi; ele riu-se para o Ray quando passou pela cadeira, oh, ele riu-se para o Ray tão bem. O Ray vai com o Bebé, mas tu não deves chorar, Mamã."

O Ray ficou muito doente pouco tempo depois. Nem os cuidados nem os medicamentos serviram de nada. Ele "morreu" dois meses e sete dias após a partida do seu irmão bebé.

CAPÍTULO XIII
OS DONS DO ESPÍRITO

Através da mediunidade de uma rapariga tímida no início da sua adolescência, Abraham Lincoln foi encorajado a emitir a sua famosa Proclamação de Emancipação de 1863, que aboliu a escravatura. A jovem médium que ajudou a mudar a história do Novo Mundo foi Nettie Colburn.

Lincoln nunca declarou publicamente que era Espiritista, mas também não negou o facto. Após a sua eleição para a Presidência, foi publicado um artigo num jornal americano afirmando que Abraham Lincoln era Espiritista. A informação baseava-se nas declarações de um bem conhecido médium de Nova Iorque chamado H. B. Conkling, que afirmava que o Presidente se tinha reunido com ele em numerosas ocasiões.

Quando o artigo de jornal foi levado ao conhecimento de Lincoln, na esperança de que ele contradissesse as afirmações, ele limitou-se a responder: "A única falsidade na declaração é que metade dela não foi contada. Este artigo não começa sequer a relatar as coisas maravilhosas que testemunhei."

Nettie Colburn, cuja mediunidade funcionava desde que era uma criança pequena, deu a sua primeira sessão a Abraham Lincoln na Casa Branca. Ela recorda a ocasião em "Was Lincoln a Spiritualist?", um livro que escreveu em anos posteriores, depois de se tornar a Sra. Maynard. Ela conta como, ao ser apresentada ao Presidente na Casa Branca, se sentiu tímida e desajeitada, até que ele atenuou o seu embaraço com a sua maneira amável. Fez-lhe perguntas sobre a sua mediunidade e disse-lhe que já tinha ouvido bons relatos sobre a sua capacidade psíquica.

"Enquanto ele ainda falava", diz a médium, "perdi toda a perceção do que me rodeava e entrei em transe de incorporação. Durante mais de uma hora fui levada a falar com ele, e soube pelos meus amigos mais tarde que foi sobre assuntos que ele parecia compreender plenamente, enquanto eles compreendiam muito pouco, até que se chegou à parte que se referia à futura Proclamação de Emancipação.

"Ele foi exortado com a maior solenidade e força de modos a não atenuar os termos da sua emissão, e a não adiar a sua aplicação como lei para além do início do ano. Foi-lhe assegurado que esse seria o evento culminante da sua administração e da sua vida; e que, embora estivesse a ser aconselhado por partidos influentes a adiar a aplicação da mesma, esperando suplantá-la por outras medidas e atrasar a ação, ele não deveria de modo algum atender a tais conselhos, mas manter-se firme nas suas convicções e realizar sem medo o trabalho e cumprir a missão para a qual tinha sido erguido por uma Providência soberana.

"Os presentes declararam que perderam de vista a rapariga tímida perante a majestade da elocução, a força e o vigor da linguagem, e a importância daquilo que era transmitido, e pareceram dar-se conta de que alguma força espiritual masculina e poderosa dava voz a comandos quase divinos."

Quando a jovem médium recuperou a normalidade, estava de pé diante do Presidente. Ele estava inclinado para trás na sua cadeira enquanto, com os braços cruzados sobre o peito, olhava fixamente para ela. Nettie ficou infantilmente confusa com a situação e não se lembrou imediatamente das circunstâncias em que se encontrava. Depois, recompondo-se, ouviu um dos presentes dizer a Lincoln: "Sr. Presidente, notou algo de peculiar no método de alocução?"

O Presidente olhou rapidamente para um retrato de corpo inteiro de Daniel Webster — um antigo Secretário de Estado. "Sim", respondeu ele, "e é muito singular, muito!" Uma outra pessoa, um Sr. Somes, perguntou: "Sr. Presidente, seria impróprio da minha parte indagar se houve alguma pressão exercida sobre o senhor para adiar a aplicação da Proclamação?"

Lincoln respondeu: "Nestas circunstâncias essa pergunta é perfeitamente própria, dado que somos todos amigos. Está a exigir todo o meu vigor e força para resistir a essa pressão."

"Por fim", escreve la médium, "ele voltou-se para mim e, colocando a sua mão sobre a minha cabeça, proferiu estas palavras de uma maneira que nunca esquecerei: 'Minha filha,

possuis um dom muito singular; mas que ele vem de Deus, não tenho dúvidas. Agradeço-te por teres vindo aqui esta noite. É mais importante do que talvez qualquer pessoa presente possa compreender.'"

Pouco tempo depois da sua primeira sessão com Nettie Colburn, o Presidente Lincoln aboliu a escravatura com a sua famosa Proclamação de Emancipação — um ato que libertou as mentes dos homens, bem como os seus corpos, de prisões estreitas de ignorância e preconceito.

Lincoln teve muitas sessões subsequentes com la jovem médium que tinha sido utilizada pelo mundo espiritual para lhe dar coragem e tenacidade de propósito face a muita oposição. Numa ocasião, ela foi incorporada pelo espírito de um Dr. Bamford, que aconselhou o Presidente a visitar a frente de combate durante a Guerra Civil. O homem "morto" salientou que existia um estado de coisas muito precário na frente, onde o General Hooker tinha recentemente assumido o comando.

Afirmou que o exército estava completamente desmoralizado, recusando-se os homens a obedecer a ordens ou a cumprir o seu dever. Uma retirada geral estava ameaçada. A posição descrita pelo médico foi uma grande surpresa para todos na sessão, exceto para o Presidente Lincoln, a quem as graves palavras eram dirigidas.

"O senhor parece compreender a situação", disse Lincoln, "pode indicar o remédio?"

"Sim", respondeu o médico, "se tiver a coragem de o usar."

"Experimente-me", respondeu o Presidente, com um sorriso.

O espírito declarou que o remédio era simples. "Sendo tão simples", disse ele, "pode não lhe parecer suficiente para lidar com o que ameaça revelar-se uma dificuldade grave. O remédio reside no senhor mesmo. Vá pessoalmente à frente de combate; levando consigo a sua esposa e filhos; deixando para trás a sua dignidade oficial e todo o tipo de exibição.

Resista às instâncias dos funcionários para o acompanharem e leve apenas os acompanhantes que sejam absolutamente

necessários; evite os oficiais de alta patente e procure as tendas dos soldados rasos. Inteire-se das suas queixas; mostre-se como aquilo que é, 'O Pai do seu Povo'. Faça-os sentir que o senhor está interessado nos seus sofrimentos e que não está esquecido das muitas provações que os assolam na sua marcha através dos pântanos sombrios, pelos quais tanto a sua coragem como o seu número foram reduzidos."

Abraham Lincoln respondeu calmamente: "Se isso fizer algum bem, é facilmente feito." O espírito respondeu que seria um empreendimento bem-sucedido.

"Unirá os soldados como um só homem", afirmou ele. "Unirá-os ao senhor em laços de aço. E agora, se quer evitar um desastre grave, se não fatal, para a sua causa, faça com que a notícia seja promulgada imediatamente e disseminada por todo o acampamento do Exército do Potomac. Isto travará a insubordinação e manterá os soldados sob controlo; sendo algo para desviar as suas mentes, e eles esperarão para ver o que a sua vinda augura."

Abraham Lincoln disse imediatamente: "Assim será feito."

Na conversa que se seguiu, o espírito disse a Lincoln que ele seria renomeado e reeleito para a Presidência. Abraham Lincoln sorriu tristemente: "Dificilmente é uma honra a ser cobiçada", disse ele, "a não ser que alguém sinta ser seu dever aceitá-la."

Quando, após a sessão, um dos participantes lhe perguntou se as condições eram verdadeiramente tão más como tinham sido descritas pelo espírito, o Presidente disse: "Dificilmente podem ser exageradas; mas peço como um favor a todos os presentes que não falem destas coisas." Continuou dizendo que tinha acabado de receber mensagens da frente que retratavam o estado de coisas como sendo praticamente o mesmo que o médico "morto" tinha descrito.

"Estávamos precisamente a ter uma reunião de Gabinete sobre o assunto", disse ele, "quando algo, não sei o quê, me induziu a deixar a sala e a descer as escadas, altura em que

encontrei a Sra. Lincoln no ato de vir para aqui. Senti que poderia ser útil eu vir; não sabia porquê."

Ao fazer esta declaração, inclinou-se para a frente na sua cadeira com a cabeça baixa. Depois, olhando para cima de repente, disse: "As coisas estão bastante graves por lá, e talvez o remédio mais simples seja o melhor. Tenho notado frequentemente na vida que as coisas pequenas têm por vezes maior peso do que as maiores."

E assim, mais uma vez, o sábio conselho do mundo espiritual dado em transe por uma rapariga jovem e inexperiente foi seguido sem demora por Abraham Lincoln. Ele visitou o Exército do Potomac, onde foi recebido com grande entusiasmo, tal como o médico espiritual tinha profetizado. A situação foi salva.

No seu livro, a médium recorda a sua última entrevista com Abraham Lincoln. Ele referiu o facto de estar a ser avisado por psíquicos de uma conspiração para lhe tirar a vida. Achava difícil absorver os avisos, dizendo a Nettie Colburn que não achava que existisse uma faca ou uma bala fabricada que o pudesse alcançar. "Além disso", continuou ele, "ninguém me quer fazer mal." Perante estas palavras, um sentimento de inexplicável tristeza dominou a rapariga e ela respondeu: "Aí reside o seu perigo, Sr. Presidente — a sua excessiva confiança nos seus semelhantes."

Um olhar de melancolia ensombrou o seu rosto enquanto respondia calmamente: "Bem, Miss Nettie, viverei até que o meu trabalho esteja concluído, e nenhum poder terreno o pode impedir. E depois disso não importa, desde que esteja pronto — e isso eu pretendo sempre estar."

Poucas semanas depois, o Presidente foi assassinado. O seu trabalho na Terra estava terminado, mas no mundo espiritual, tal como o de um outro famoso opositor americano da escravatura, "a sua alma continua a marchar..."

Desde a sua partida, Abraham Lincoln tem regressado muitas vezes a este mundo, utilizando os mesmos canais de comunicação espiritual que ele próprio tantas vezes usara na Terra. Através de diferentes médiuns, tem demonstrado o seu contínuo interesse

pelos semelhantes por cujo melhoramento trabalhou tão incessantemente durante a sua vida. Antes de Hannen Swaffer embarcar para a América numa das suas visitas, Abraham Lincoln falou com ele no círculo da nossa casa.

"Fui um", disse ele, "que compreendeu esta verdade, que conseguia retirar-se do embate das coisas políticas e obter a orientação do espírito nas minhas horas de tormento e conflito. Eu libertei os escravos. Vós estais a ajudar a pôr fim à escravatura, também. Fui confrontado por todas as forças reacionárias que não conseguiam compreender que o erro era erro, independentemente de há quanto tempo vinha sendo defendido... Tudo o que impede a liberdade deve ser varrido."

Numa sessão realizada na América, Lincoln imprimiu a sua semelhança numa fotografia psíquica tirada no aniversário do seu nascimento. Na mesma sessão, ele incorporou um médium através do qual confirmou a sua mensagem anterior a Hannen Swaffer, transmitida em Inglaterra. Lincoln deixou registada uma inspiradora alocução em transe antes de deixar o médium.

As paredes da Casa Branca encerraram muitas sessões dadas pela jovem médium, Nettie Colburn, ao mais honrado Presidente da América, Abraham Lincoln. O mundo espiritual esteve sempre pronto a sustentá-lo nas suas horas de provação. Palavras de conselho e encorajamento ajudaram-no a realizar as suas grandes tarefas. Porque a América atravessa dias sombrios enquanto escrevo estas palavras, não posso acreditar que Abraham Lincoln esteja longe do seu amado povo. Não duvido da presença do seu nobre espírito a guiar e a aconselhar um outro grande Presidente de elevados princípios morais e coragem indomável.

No seu árduo labor para preservar a ameaçada liberdade do povo do seu país, não posso duvidar que o Presidente Roosevelt esteja sob a influência do seu grande predecessor, Abraham Lincoln, que tão caro estimava o direito do homem comum a ser livre.

A carreira psíquica de Cora Tappan, uma das maiores oradoras em transe do Espiritualismo, começou à idade de 11 anos, quando entrou inesperadamente em transe.

Pareceria que o Outro Lado estava determinado a estabelecer o Espiritualismo moderno através da instrumentalidade de crianças. O desenvolvimento mediúnico de Cora deu-se apenas pouco tempo depois de as irmãs Fox terem descoberto a sua capacidade de comunicar com os "mortos". Na sua casa em Wisconsin, E.U.A., Cora estava sentada sozinha num pavilhão de jardim, a preparar na sua lousa uma composição para a sua professora da escola, quando foi subitamente incorporada.

Ela recuperou a normalidade para descobrir que a sua lousa estava coberta com uma caligrafia desconhecida que tomava a forma de uma carta que começava por: "Minha querida Irmã." A criança correu para a sua mãe com a lousa, declarando: "Alguém escreveu por toda a minha lousa enquanto eu estava a dormir."

A mãe leu a mensagem. Era uma comunicação da sua irmã que partira para o outro lado quando ambas eram crianças. A carta referia-se a cenas da infância de ambas e terminava com a assinatura da sua irmã. A mãe de Cora ficou profundamente comovida com esta comunicação. Ela guardou a lousa, mas não fez nenhum comentário particular à sua filha que, como qualquer criança, afastou o incidente da sua mente.

Mas um dia ou dois mais tarde, enquanto estava sentada ao lado da sua mãe, Cora entrou novamente em transe.

Ao início, a sua mãe pensou que a rapariga tinha desmaiado e tentou, sem sucesso, todo o tipo de medidas de reanimação. Depois, observando que a mão de Cora se movia, a sua progenitora pensou na comunicação anterior. Trouxe uma lousa e colocou um lápis na mão da rapariga em transe. Cedo a mãe leu: "Somos os espíritos dos teus amigos que partiram. Não faremos mal à tua filha, mas encontrámos um método de manter conversação com a terra."

Este incidente foi o início das atividades mediúnicas de Cora. Ela desenvolveu a oratória em transe, a clarividência e a cura

psíquica. Por um período de quatro anos, Cora foi incorporada por um médico alemão “morto”.

Através dos lábios em transe da criança, que não conhecia outra língua senão a sua própria, o espírito falava na sua língua nativa, em francês e em italiano. Descobriram que o médico “morto” era plenamente experiente em todos os ramos da profissão médica. A partir da sua casa de aldeia em Lake Mills, Cora visitava os doentes que desejavam os cuidados do seu médico espiritual.

Incorporando completamente a jovem médium, o clínico examinava os seus doentes, receitava para os seus males e muitas vezes curava-os fazendo passes psíquicos.

Um carpinteiro que vivia na aldeia sofreu uma lesão num dedo, que rapidamente inchou e ficou altamente inflamado. Após vários dias de dor excruciante, o médico que o assistia lancetou o dedo até à primeira articulação. Desenvolveu-se gangrena e o carpinteiro implorou à sua esposa que mandasse chamar Cora. O seu pedido foi recusado, pois a sua esposa acreditava que o Espiritualismo não era santo.

O médico também se recusou a ter qualquer ligação com tal sugestão. Não obstante, a jovem médium foi acordada do seu sono pelo médico “morto”, que a fez despertar o seu pai e pedir-lhe que a acompanhasse à casa do carpinteiro. Juntos, visitaram o homem doente, a quem encontraram na maior agonia. O seu próprio médico estava sentado ao seu lado, incapaz de aliviar a dor que há três semanas vinha aumentando de intensidade.

Cora, agora completamente incorporada pelo médico “morto”, pediu ao médico terreno o seu estojo de instrumentos. O pedido foi categoricamente recusado pelo proprietário, que se apressou a sair da casa, declarando que se o seu doente “morresse”, ele não seria responsável. Mas ele saiu sem os seus instrumentos.

A rapariga em transe desenfaixou a mão e o braço do homem doente. Depois, tendo selecionado um instrumento adequado para a operação, procedeu ao corte da gangrena do dedo do doente.

Quando a ferida recebeu atenção completa e especializada, a mão e o braço foram novamente enfaixados. Foram feitos passes magnéticos e, antes de a médium deixar a casa, o doente dormia pacificamente.

Durante duas semanas, o carpinteiro recebeu uma visita diária da jovem médium. Ao fim desse tempo, ele estava melhor. Recuperou o uso da sua mão, permanecendo apenas a articulação do dedo um pouco rígida.

Embora as ocorrências psíquicas que tiveram lugar na presença das duas irmãs Fox uns anos antes tivessem criado uma certa sensação, a oratória em transe era ainda desconhecida. Cora foi a primeira médium a exercer esta faculdade psíquica. Não se percebeu ao início quão importante era este desenvolvimento da sua mediunidade, o qual permitia aos "mortos" provar a sua sobrevivência falando através dos lábios de um instrumento vivo.

Cora Tappan, uma criança simples, criada no meio de ambientes rurais, iria, poucos anos após a descoberta do seu dom de oratória em transe, confundir enormes audiências de Nova Iorque com a sua eloquência de improviso. Por volta da altura em que completou 16 anos, a agora famosa jovem médium tinha viajado por todos os Estados Unidos, proferindo palestras eruditas para cientistas e teólogos. Sem preparação prévia, Cora era capaz, sob influência espiritual, de responder às perguntas mais elaboradas e altamente complexas que lhe eram colocadas sobre matérias de história, ciência, ética moral e religiosa.

Um dos casos mais notáveis de incorporação espiritual que alguma vez ocorreu é o de Mary Lurancy Vennum, uma jovem médium que foi incorporada durante quase quatro meses por uma rapariga "morta". Quando o espírito finalmente deixou a médium, o corpo doente de Lurancy estava completamente restabelecido na sua saúde. O caso, um clássico na história do Espiritualismo, é conhecido como a "Maravilha de Watseka".

Os detalhes da ocorrência são totalmente consubstanciados por testemunhas fiáveis e autorizadas. A história começa em Watseka, Illinois, E.U.A., quando Mary Lurancy Vennum, uma

criança de 13 anos, começou a cair em transes catalépticos. Ela permanecia num estado de completa rigidez durante horas, como se o seu corpo já estivesse morto. Enquanto estava nesta condição, a sua mente parecia funcionar em dois planos de existência ao mesmo tempo, e ela descrevia as pessoas em espírito com quem se estava a associar enquanto o seu corpo físico jazia inerte. Esta condição cataléptica não terminou senão cerca de dois meses depois.

Depois, quase dois meses mais tarde, Lurancy começou a sofrer dores excruciantes, que lhe atormentavam o corpo em períodos intermitentes ao longo do dia. Esta condição durou duas semanas. Depois, os seus transes anteriores foram retomados e a sua clarividência funcionou de novo. Entretanto, a infeliz rapariga tornou-se sujeita a obsessões. Foi pensado por muitos dos seus familiares e amigos que ela estava insana. O ministro metodista em Watseka estava ansioso por conseguir a sua admissão num asilo.

Naturalmente, os pais da rapariga estavam relutantes a que a sua filha fosse condenada a tal destino. Quando alguns espiritualistas locais, o Sr. e a Sra. A. Roff, se interessaram pelo caso, os pais de Lurancy concordaram em fazer com que a rapariga obsidiada fosse examinada por um profissional médico que era espiritista. Ela foi incorporada, na presença do Dr. E. W. Stevens, por uma entidade espiritual de baixa inteligência, que por fim deixou o seu corpo, o qual desabou então no chão.
Por uma ação magnética especializada, o experiente médico espiritista esteve logo em comunicação com a mente sã e serena de Lurancy, agora livre de influências obsidentes. Ela respondeu às perguntas do Dr. Stevens de forma racional e com entendimento. Declarou que estava “no céu” e disse que lamentava ter permitido que entidades espirituais de baixa inteligência incorporassem o seu corpo físico. O médico sugeriu que ela deveria procurar a cooperação de um espírito de elevada evolução para este propósito.

Ela pareceu estar mais do que ansiosa por cumprir esta sugestão. Declarando que havia muitos indivíduos "mortos" no seu ambiente que ficariam felizes em ajudá-la, Lurancy disse que Mary Roff, em particular, estava ansiosa por cooperar. Ora, Mary era a filha "morta" do Sr. e da Sra. Asa Roff, que tinham apresentado o Dr. Stevens aos Vennum. Mary tinha partido para o Outro Lado 12 anos antes. Na sua vida terrena, ela tinha sofrido do mesmo tipo de ataques que Lurancy.

E assim, Mary Roff concordou em assumir a incorporação do corpo de Lurancy de modo a protegê-la das influências das entidades irracionais que anteriormente a tinham incorporado. Daí em diante, a rapariga "morta", habitando o corpo da que estava viva, foi viver com os Roff como sua filha — como de facto era.

A ação causou amarga hostilidade por parte de alguns dos fanáticos locais. O ministro metodista, o Rev. B. M. Baker, disse ao Sr. Vennum: "Penso que verá o tempo em que desejará ter enviado a sua filha para o asilo." Um parente informou encorajadoramente o pai de Lurancy: "Antes acompanharia uma filha minha ao túmulo do que a veria ir para os Roff e ser tornada uma espiritualista."

Desde o primeiríssimo início da incorporação de Mary Roff no corpo da rapariga viva, uma notável mudança teve lugar na condição física. Desapareceram os ataques catalépticos e os estados de espírito selvagens e ingovernáveis. Deve ser salientado que, antes do seu interesse no caso de Lurancy, o Sr. e a Sra. Roff eram relativamente estranhos para os Vennum, tendo as duas famílias vivido em limites completamente opostos da cidade. Na sua nova casa com os Roff, a rapariga parecia perfeitamente feliz, reconhecendo toda a gente e tudo o que Mary tinha conhecido na sua existência terrena. Ela referia-se a incidentes que tinham ocorrido na vida de Mary muitos anos antes. No entanto, não reconhecia nenhum dos familiares dos Vennum, e não tinha conhecimento de nenhuns dos amigos ou vizinhos que tinha conhecido antes de Mary Roff assumir a incorporação.

Certa vez, quando a rapariga viu, pela primeira vez, um toucado que pertencera a Mary Roff, disse: “Oh, ali está o toucado que eu usava quando o meu cabelo era curto.” Outra vez, disse à Sra. Roff: “Onde está a minha caixa de cartas?” A caixa que ela pedia continha cartas e recordações avulsas pertencentes a Mary. Enquanto olhava através da caixa com deleite, reconhecendo diferentes relíquias do passado, la rapariga disse: “Ora, aqui está a gola que eu fiz em frivolité.

Porque não me mostraste as minhas cartas e coisas antes?” A gola tinha sido trabalhada por Mary Roff antes de Lurancy Vennum ter sequer nascido. Quase cada dia que passava, alguma prova da contínua habitação de Mary Roff no corpo de Lurancy era fornecida. Nem uma única vez, durante todo o período de tempo em que viveu com o Sr. e a Sra. Roff, ocorreu um incidente que os levasse a duvidar da realidade da presença da sua filha “morta”.

O corpo terreno de Mary Lurancy Vennum era um veículo perfeito para a incorporação espiritual. Muitas vezes, os Roff realizavam uma sessão, na qual outros indivíduos “mortos” se manifestavam por um curto período de tempo. Numa destas sessões, Lurancy Vennum voltou e manifestou-se através do seu próprio corpo físico desocupado por Mary Roff. Olhando desorientadamente ao redor da sala de sessões dos Roff, disse: “Onde estou? Nunca estive aqui antes.” Após alguns minutos, Mary Roff regressou.

Certa vez, a rapariga “morta” disse aos Roff que o seu irmão Frank teria de ser vigiado cuidadosamente durante a noite seguinte. Ele estava então em perfeita saúde, mas às duas da manhã foi acometido por um espasmo e um calafrio congestivo. Tomando as rédeas da situação, Mary Roff disse: “Mandem à casa da Sra. Marsh pelo Dr. Stevens.” Disseram-lhe que o médico não estava lá, mas ela insistiu, e quando o Sr. Roff foi à casa da Sra. Marsh, descobriu que o médico estava lá. Ele tinha chegado, sem ser anunciado, na noite anterior. Entretanto, a rapariga “morta” tinha tomado a direção completa do caso. O médico

declarou mais tarde que a vida do irmão dela tinha sido salva pela sua ação e cuidados céleres.

Numa ocasião em que os Roff realizavam uma sessão com um Dr. Steel e outros amigos, Mary libertou a sua incorporação do corpo de Lurancy e entrou em transe no Dr. Steel, dando provas definitivas da sua identidade.

Durante todo este tempo, a condição física do corpo de Lurancy Vennum continuou a melhorar. Finalmente, foi restaurado para uma saúde completa e Mary anunciou que em breve Lurancy estaria de volta. Ela indicou a hora e a data em que a mudança seria efetuada. Visitou vizinhos e amigos, despedindo-se deles. Ficou combinado que a irmã de Mary estaria presente quando a mudança ocorresse e depois levaria a Lurancy regressada, primeiro ao escritório do Sr. Roff, e a seguir para a casa dos seus próprios pais. Após uma cena comovente, Mary prometeu que, embora estivesse prestes a deixar a sua casa e amigos terrenos, regressaria frequentemente do Outro Lado e manifestaria a sua presença sempre que pudesse. Ela estaria com eles em tempos de dor e eles sentiriam a sua proximidade a eles.

A rapariga "morta" ainda parecia relutante em ir, e a sua irmã já tinha partido para o escritório do Sr. Roff antes de a mudança ser feita. Por um momento Lurancy falou, e ofereceu-se para se retirar novamente de modo a permitir que Mary Roff tivesse mais uns momentos com a sua familiar terrena. Assim, Mary regressou e acompanhou a sua irmã até chegarem ao escritório do pai delas. A mudança final teve lugar na altura predita, e Lurancy Vennum regressou permanentemente ao seu próprio corpo físico. Declarou que se sentia como se tivesse estado a dormir, contudo sabia que não era assim.

Lurancy dirigiu-se ao Sr. Roff com a deferência de qualquer jovem rapariga bem-comportada na presença de um adulto de pouca convivência. Mas quando encontrou os seus próprios pais e os seus irmãos, saudou-os com caloroso afeto e alegria.

Tal é a notável história de Mary Lurancy Vennum. Ela emprestou o seu corpo a um espírito que, após quatro meses de

habitação, lho devolveu, completamente curado de todos os males anteriores. A Sra. Vennum afirmou que a sua filha estava agora "perfeitamente e inteiramente bem, e perfeitamente natural." Continuou dizendo: "Lurancy tem sido mais esperta, mais inteligente, mais trabalhadora, mais mulher e mais educada do que antes. Damos o crédito da sua cura completa e restauração à sua família, ao Dr. E. W. Stevens e ao Sr. e Sra. Roff... Acreditamos firmemente que se ela tivesse permanecido em casa teria morrido, ou teríamos sido obrigados a enviá-la para o asilo de alienados... Vários dos familiares de Mary Lurancy, incluindo nós próprios, acreditam agora que ela foi curada pelo poder espiritual e que Mary Roff incorporou a rapariga."

Um número de jornais americanos comentou este caso notável. Todos eles aceitaram os factos, embora não professassem compreender as implicações.

Oito anos após esta notável experiência, o Sr. Asa Roff foi solicitado a dar um historial do caso até à data. Ele afirmou que durante quatro anos após o evento, Lurancy continuou a viver com os seus pais. Depois casou-se e mudou-se para o Kansas. Ele escreveu: "Ela nunca teve qualquer necessidade de um médico desde que nos deixou, nunca tendo estado doente desde então. Também não houve um retorno dos antigos sintomas — nenhuma dor, nenhuns ataques."

Para demonstrar que a sua filha continuou daí em diante a permanecer sob os cuidados de ajudantes invisíveis, o seu pai disse: "Aquando do nascimento do seu primeiro filho, ela entrou em transe. Os seus olhos estavam voltados para o céu, um belo sorriso pairava sobre o seu rosto. O trabalho de parto prosseguiu sem dor, e só quando a nova alma deu voz à sua presença é que ela mostrou qualquer sinal de consciência do que tinha ocorrido." Quando foi informada de que o seu bebé tinha nascido, pareceu cheia de alegria ao saber que a assistência espiritual a tinha impedido de experienciar a agonia do parto.

Quando tais ocasiões eram possíveis após o casamento de Lurancy, organizava-se uma sessão com o Sr. e a Sra. Roff.

Então, controlando mais uma vez o corpo da rapariga que tinha ajudado a curar, Mary Roff conversava por um breve período com os seus amados pais.

Lewis Carroll não concebeu aventuras mais estranhas para a sua própria "Alice no País das Maravilhas" do que aquelas que realmente ocorreram a Alice Bell Kirby, do Louisiana. Esta médium de 13 anos tornou-se recentemente uma sensação da noite para o dia quando os fenómenos físicos que ocorriam na sua presença foram publicitados por jornais americanos e rubricas de rádio. Apenas era necessária a presença desta rapariga numa sala para que mesas se movessem por si mesmas e um piano deslizasse pelo chão. A jovem médium e outros participantes foram levitados. Enquanto estava de olhos vendados, Alice respondia a perguntas escritas. Na sua presença, a sala inteira vibrava frequentemente e o mobiliário chocalhava.

O Sr. Eric E. Montgomery, um espiritista que tem estudado os fenómenos físicos desta rapariga desde que começaram, deu, no "Journal of the American Society for Psychical Research", um relato de uma sessão espantosa a que assistiu, quando uma mesa foi levitada em plena luz do dia, ao ar livre.

Alice estava a demonstrar os seus poderes psíquicos a sete pessoas na sua casa, quando la mesa que estava a usar "caminhou ou saltou" para um alpendre, depois desceu os degraus e moveu-se através de um relvado nas traseiras da casa. Dali viajou 200 jardas através de um prado até um celeiro e subiu uma rampa de acesso até ao segundo andar do celeiro.

Então a jovem médium disse: "Sentem-me." Os visitantes viram a rapariga ser erguida por uma agência invisível a mais de dois pés no ar, ser rodada e depois sentada suavemente sobre a mesa que deslizou pelo chão com Alice empoleirada nela.

Noutra sessão, na casa de um amigo, não só Alice foi levitada, como também James, o filho de dez anos de um dos participantes, foi igualmente elevado do chão. Alice tomou o rapaz pela mão e, juntos, foram erguidos até ao topo de uma mesa.

A mesma força magnética elevou outrora Alice até ao topo de uma mesa que tinha sido colocada sobre uma outra. Numa sessão posterior em que o Sr. Montgomery esteve presente, Alice Bell Kirby foi vendada por um homem que apresentou 12 perguntas escritas. A jovem rapariga reescreveu e respondeu corretamente às perguntas. Ela disse ao investigador a sua idade exata e o número de filhos na sua família. Citou corretamente quantos eram rapazes e quantas eram raparigas, e deu as suas idades. Também lhe disse o número de irmãos e irmãs da sua esposa, e as suas idades. Disse-lhe quais deles estavam na terra e quais deles tinham partido para o outro lado.

Todos os outros participantes foram então solicitados a sair da sala. Sozinho com Alice, o investigador segurou as suas mãos enquanto a rapariga era erguida no ar por poder psíquico e colocada sobre o topo de uma mesa.

Depois de este investigador ter saído, realizou-se outra sessão durante a qual a mesa deslizou mesmo através do chão até uma das paredes. Ergueu-se então no ar tão alto quanto alguém conseguia alcançar. Compelida pela mesma força psíquica, pareceu flutuar e, depois, ser puxada de volta através da sala antes de descer novamente.

Num canto havia uma peça de mobiliário coberta de pequenos artigos. Muitos deles foram transferidos para o regaço dos participantes. Enquanto isto acontecia, o Sr. Montgomery sentiu-se preocupado porque nada tinha sido colocado nas suas mãos. No momento seguinte, algo tocou contra as suas mãos na mesa. Era a maior jarra da sala!

Desejando testar a médium, um investigador tirou o relógio do Sr. Montgomery do seu bolso. Alterou os ponteiros e colocou o relógio na mesa, pedindo às potências invisíveis que este fosse novamente dado à corda e acertado corretamente. Todos os participantes deram as mãos em redor da mesa. Ouviram o relógio a receber corda e, mais tarde, descobriram que tinha sido acertado para a hora correta.

Noutra sessão, quando oito mulheres estavam presentes, uma voz espiritual pediu-lhes que retirassem os seus anéis e os amontoassem na mesa. As luzes foram apagadas, mas, no escuro, cada anel foi colocado corretamente na mão da sua proprietária.

Milhares de pessoas testemunharam os fenómenos psíquicos que têm lugar na presença desta rapariga. O Sr. Montgomery diz que ela se senta mais para agradar aos seus amigos e convidados do que para se tornar famosa. Ela descobriu a sua mediunidade à idade de dez anos. Estivera a jogar dominó quando, cansada do jogo, ela e os seus amigos experimentaram com uma mesa, copiando a sua avó mediúnica. Alice descobriu, nessa que foi a sua primeira sessão, que a mesa se movia sem causa aparente. Depois, os outros fenómenos físicos começaram a ocorrer.

Têm existido muitos casos publicitados onde fenómenos do tipo de movimento de mobiliário e quebra de louça ocorreram na presença de jovens durante a sua puberdade. As potências psíquicas perturbadas de uma criança, ao passar por esta fase da vida, atraem por vezes entidades espirituais de uma ordem subdesenvolvida e amante de partidas, que são responsáveis por causar esta aflição e desconforto. Por vezes, um médium experiente tem sido solicitado para ajudar a superar estas perturbações. Normalmente, com a ajuda dos guias espirituais do médium, as perturbações têm diminuído.

Na era vitoriana, quando as crenças materialistas eram mais prevalecentes, a notável mediunidade de Florence Cook, uma rapariga de 15 anos, convenceu pela primeira vez o prestigiado cientista, Sir William Crookes, de que a Sobrevivência podia ser demonstrada sob estritas condições científicas. Embora muitos dos seus colegas não partilhassem das suas visões sobre o Espiritualismo, honras e distinções continuaram a ser derramadas sobre Sir William depois de ele ter relatado livremente as suas convicções. Ao longo de uma longa vida, ele nunca se desviou das suas afirmações relativas à comunicação espiritual. Nunca ocultou o seu conhecimento, baseado na evidência que recebeu através dos canais da mediunidade. Em 1898, Sir William recebeu

a maior distinção que pode ser concedida a um cientista. Foi eleito Presidente da Associação Britânica, uma posição que ocupou durante três anos. Mais tarde ainda, tornou-se Presidente da Royal Society.

Quando Florence Cook procurou pela primeira vez o cientista e lhe pediu para testar os seus poderes psíquicos, esta jovem rapariga podia não estar ciente de que viria a tornar-se uma das mais famosas médiuns de materialização do mundo. Foi em grande parte devido à notável cooperação entre a médium, o seu guia, Katie King, e Crookes que os testes científicos foram tão bem-sucedidos.

Muitas e variadas foram as experiências realizadas por Sir William para provar a individualidade separada e distintiva de Katie King. Por vezes, ela materializava-se totalmente no clarão da luz elétrica e revelava-se como uma bela jovem mulher que tinha temporariamente assumido a aparência de carne e osso de um indivíduo terreno. Tão poderosa era a mediunidade de Florence Cook que a luz branca não destruía os fenómenos.

Sob a luz elétrica, Crookes tirou 44 fotografias da rapariga materializada. Foram utilizados para esta experiência cinco conjuntos completos de aparelhos fotográficos. Estas câmaras, de diferentes tamanhos e estruturas, eram todas operadas ao mesmo tempo, mas a partir de ângulos diferentes. Uma das mais espantosas fotografias espirituais existentes mostra Sir William Crookes, o cientista terreno, de braço dado com a rapariga "morta", Katie King.

"Durante estas experiências fotográficas", escreve Sir William, "Katie envolveu a cabeça da sua médium num xale para evitar que a luz incidisse sobre o seu rosto. Afastei frequentemente a cortina para um lado quando Katie estava de pé por perto, e era uma coisa comum para os sete ou oito de nós no laboratório ver a Miss Cook e a Katie ao mesmo tempo, sob o pleno clarão da luz elétrica.

Uma das imagens mais interessantes é aquela em que estou de pé ao lado de Katie; ela tem o seu pé descalço sobre uma parte

específica do chão. Depois, vesti a Miss Cook como a Katie, coloquei-a a ela e a mim exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas câmaras, colocadas exatamente como na outra experiência, e iluminados pela mesma luz. Quando estas duas imagens são colocadas uma sobre a outra, as duas fotografias de mim próprio coincidem exatamente no que diz respeito à estatura, etc., mas Katie é meia cabeça mais alta do que a Miss Cook, e parece uma mulher grande em comparação com ela."

"Mas a fotografia", escreve Sir William Crookes, "é tão inadequada para retratar a beleza perfeita do rosto de Katie como as palavras são impotentes para descrever os seus encantos de maneiras. A fotografia pode, de facto, dar um mapa da sua fisionomia, mas como pode reproduzir a pureza brilhante da sua tez, ou a expressão sempre variável das suas feições extremamente móveis, ora obscurecidas pela tristeza ao relatar algumas das amargas experiências da sua vida passada, ora a sorrir com toda a inocência da juventude feliz quando reunia os meus filhos em redor de si e os entretinha contando anedotas das suas aventuras na Índia?"

Sir William não tinha medo de introduzir os seus próprios filhos nos fenómenos naturais do Espiritualismo! Para além das suas experiências científicas, Katie era uma convidada familiar e bem-vinda no seu próprio círculo familiar.

O Dr. Gully, um médico bem conhecido, também foi fotografado enquanto cronometrava a pulsação de Katie King materializada. Sir William mediu as diferenças de altura do guia e da médium quando estavam juntos. Também testemunhou que o pescoço de Katie era perfeitamente liso à vista e ao toque, ao passo que no pescoço da médium havia uma grande bolha, que era distintamente visível e áspera ao toque. Várias marcas no rosto da médium estavam ausentes no da sua guia.

As orelhas de Katie não estavam furadas, enquanto Florence Cook usava brincos nas suas orelhas perfuradas. A tez de Katie era clara, a da médium era muito escura. As suas mãos eram de formatos e tamanhos diferentes. A médium tinha cabelo castanho

muito escuro. A mecha de cabelo que o cientista foi outrora autorizado a cortar das tranças luxuriantes de Katie era de um loiro acobreado rico.

Quando, numa ocasião, Crookes testou o batimento cardíaco de Katie materializada, descobriu que batia firmemente a 75. Após a sessão, a pulsação da médym estava ao ritmo habitual de 90. O batimento cardíaco de Katie era mais firme do que o de Florence Cook e, quando testados, os pulmões da guia revelaram-se mais saudáveis do que os da sua médium. Florence Cook, nessa altura, estava sob cuidados médicos devido a uma tosse grave.

Certa vez, respondendo à sugestão de que poderia ter sido a vítima de uma fraude, o cientista replicou: "Imaginar que uma rapariga em idade escolar, inocente e de quinze anos, seria capaz... de levar a cabo com sucesso durante três anos uma impostura tão gigantesca como esta, e que nesse tempo se submeteria a qualquer teste que lhe pudesse ser imposto, suportaria o mais estrito escrutínio, estaria disposta a ser revistada a qualquer momento, antes ou depois de uma sessão, e alcançaria um sucesso ainda melhor na minha própria casa do que na dos seus pais, sabendo que me visitava com o objetivo expresso de se submeter a testes científicos estritos — imaginar, digo eu, a Katie King dos últimos três anos como o resultado de impostura, violaria mais a razão e o senso comum de alguém do que acreditar que ela é aquilo que ela própria afirma."

Chegou o momento em que o trabalho de Katie com a sua médium devia terminar, pois outro guia estava previsto para assumir o seu lugar. Sir William despediu-se de forma comovente da guia que tanto fizera para o ajudar a proclamar ao mundo o seu conhecimento espiritista. Katie tinha pedido a Florence Cook que providenciasse um grande cesto de flores e fitas, que distribuiu aos seus amigos terrenos nesta última sessão.

No seu relato da materialização final, Florence Marryat escreve: "O meu, que consiste em lírios-do-vale e gerânio rosa, parece quase tão fresco hoje, perto de dezassete anos depois,

como estava quando ela mo deu." As flores eram acompanhadas por uma pequena nota de despedida escrita pelo espírito materializado.

Sir William Crookes também regista a comovente cena de despedida. Depois de conversar com ele durante algum tempo, a rapariga "morta" caminhou através da sala até à sua médium. "Inclinando-se sobre ela", escreve o cientista, "Katie tocou-lhe e disse: 'Acorda, Florrie, acorda! Tenho de te deixar agora.' A Miss Cook acordou então e implorou em lágrimas a Katie para que ficasse mais algum tempo. 'Minha querida, não posso; o meu trabalho está concluído', respondeu Katie. 'Deus te abençoe!' Continuou então a falar com a Miss Cook...

Durante vários minutos as duas estiveram a conversar uma com a outra até que, por fim, as lágrimas da Miss Cook a impediram de falar." Seguindo as instruções da guia, o cientista adiantou-se para amparar a médium em pranto. Quando olhou em redor de si novamente "a Katie de vestes brancas tinha partido."

Quando a honra da Presidência da Associação Britânica lhe foi concedida em 1898, Sir William Crookes, na sua alocução presidencial, disse: "Sobre um outro interesse ainda não toquei — para mim o mais pesado e de maior alcance de todos. Nenhum incidente na minha carreira científica é mais amplamente conhecido do que a parte que tomei há muitos anos em certas investigações psíquicas. Trinta anos passaram desde que publiquei um relato de experiências que tendiam a mostrar que, fora do nosso conhecimento científico, existe uma Força exercida por inteligência que difere da inteligência comum aos mortais... Não tenho nada a retratar. Adiro às minhas declarações já publicadas. Na verdade, poderia acrescentar muito a elas."

E, em 1917, dois anos antes da sua partida, o famoso cientista fez esta declaração no que respeita à comunicação espiritual: "Nunca tive qualquer ocasião para mudar de ideias sobre o assunto. Estou perfeitamente satisfeito com o que disse em dias anteriores. É bem verdade que uma ligação foi estabelecida entre este mundo e o próximo."

Os fenómenos físicos estavam no seu melhor nessa era vitoriana. Nesses dias, em que ver era acreditar, foi considerado necessário pelo Outro Lado concentrar os seus poderes na produção dos fenómenos psíquicos que pudessem ser vistos, ouvidos e tocados. Esses foram dias de maravilhosos fenómenos físicos, onde espíritos totalmente materializados se manifestavam sob as condições mais ordinárias e comuns. Eram vistos à luz do dia e eram por vezes capazes de caminhar, sem restrições pelas condições habituais da sala de sessões.

Os dias de crenças materialistas desapareceram em grande parte. Os próprios cientistas destruíram os argumentos a favor do materialismo que outrora apoiavam. Novos factos foram agora descobertos e o trabalhador honesto no campo da ciência deve seguir a verdade e abandonar aquilo que está antiquado e desacreditado.

Em vista do nosso aumento de conhecimento das realidades não físicas, o mundo espiritual cessou de se concentrar tão amplamente em fenómenos puramente físicos. Houve um declínio, por exemplo, no número de médiuns de materialização, e um aumento no número de psíquicos especializados em fenómenos mentais. A qualidade da mediunidade mental melhorou tremendamente desde os dias em que uma rapariga em idade escolar revelou a um cientista que a vida após a morte é um facto indiscutível que pode ser demonstrado.

CAPÍTULO XIV
ENTRE DOIS MUNDOS

A perda ou o enfraquecimento de um ou mais dos sentidos físicos desenvolve frequentemente outras faculdades. Com a perda da visão, o sentido do tato torna-se frequentemente mais agudo, ao passo que a surdez crescente pode trazer um outro sentido mais latente para uma utilização mais plena.

De uma forma semelhante, a doença corporal e a resultante diminuição das capacidades físicas trazem frequentemente à

superfície faculdades psíquicas latentes. Quando a morte está iminente, e os poderes físicos estão no seu nível mais baixo, podemos desenvolver a clarividência, mesmo que a visão psíquica nunca tenha encontrado expressão durante um período de vida vigoroso e saudável.

O fino véu de teia de aranha que divide os dois mundos torna-se cada vez mais transparente para os que se encontram no limiar de uma vida maior. Aqueles que estão prestes a passar através da cortina da morte podem ver claramente e reconhecer alguns dos amigos espirituais que vieram acolhê-los para uma nova vida de renovada força e vitalidade. As crianças, em comum com os adultos, tornam-se frequentemente psíquicas à medida que o seu período de vida terreno se aproxima do fim.

O testemunho das crianças no leito de morte quanto à realidade do mundo espiritual tem um valor particular. Em numerosos casos, tais crianças não são membros de uma família espiritista e nada sabem dos argumentos a favor da Sobrevivência. Não pode, portanto, ser apresentado que estejam meramente a repetir, consciente ou inconscientemente, as coisas que aprenderam ou ouviram por acaso relativamente a fenómenos psíquicos.

Contudo, crianças moribundas têm, em muitas ocasiões, indicado o seu conhecimento da presença de indivíduos invisíveis para outros na mesma sala. As descrições que deram de forma tão espontânea e inocente coincidiram em todos os aspetos com o conhecimento espiritista.

Daisy Dryden, filha de um ministro metodista, partiu para o Outro Lado à idade de dez anos. Durante os seus últimos dias, as suas faculdades psíquicas despertaram. Tão detalhadas e explícitas foram as revelações no leito de morte da criança que a sua mãe registou as suas palavras. Um relato completo das experiências de Daisy Dryden ao morrer é dado no “Journal of the American Society for Psychical Research”.

Daisy Dryden partiu para o outro lado em resultado de uma enterite subsequente a febre tifoide. Embora duas semanas antes

da sua "morte" parecesse estar no caminho da recuperação, a própria criança insistia que não iria ficar na terra.

Três dias antes da sua partida, quando o seu pai lia em voz alta a Bíblia, a criança interrompeu para dizer que esperava regressar após a sua "morte" para consolar os seus pais. Acrescentou: "Vou perguntar ao Allie sobre isso." (Allie, o seu irmão mais novo de seis anos, tinha partido para o Outro Lado cerca de sete meses antes.) Após um curto silêncio, Daisy disse: "O Allie diz que eu posso ir ter convosco às vezes; ele diz que é possível, mas não sabereis quando eu lá estiver, mas posso falar ao vosso pensamento."

Registando os dias finais de Daisy na terra, a sua mãe afirma: "Durante este tempo ela viveu em ambos os mundos, conforme ela se expressava. Dois dias antes de nos deixar, o superintendente da Escola Dominical veio vê-la. Ela falou muito livremente sobre partir e enviou uma mensagem por ele para a escola. Quando ele estava prestes a sair, disse: 'Bem, Daisy, em breve estarás do outro lado do rio escuro.' Depois de ele ter partido, ela pediu ao seu pai para explicar o que ele queria dizer com 'o rio escuro'. Ele tentou explicá-lo, mas ela disse: 'É tudo um erro; não há rio nenhum; não há cortina nenhuma; não há sequer uma linha que separe esta vida da outra vida... É aqui e é ali. Sei que é assim, porque posso ver-vos a todos, e vejo-os ali ao mesmo tempo.'"

A mãe de Daisy continua dizendo que, quando solicitada a contar-lhes algo sobre a aparência do outro mundo, a criança respondeu: "Não o posso descrever; é tão diferente, não vos conseguiria fazer compreender." Enquanto a mãe estava sentada junto à cama, segurando a mão da sua filha, Daisy olhou para cima com saudade e disse: "Gostava tanto que pudesses ver o Allie; ele está de pé ao teu lado." Involuntariamente, a sua mãe voltou a cabeça, mas Daisy continuou: "Ele diz que não o podes ver porque os teus olhos espirituais estão fechados, mas que eu posso, porque o meu corpo apenas segura o meu espírito, por assim dizer, por um fio de vida." A Sra. Dryden perguntou: "Ele

diz isso agora?" A criança moribunda respondeu: "Sim, mesmo agora."

Admirando-se de como Daisy podia estar a falar com o seu irmão quando não havia o mais pequeno sinal de conversação entre eles, a Sra. Dryden perguntou: "Como falas tu com o Allie? Não te oiço nem vejo os teus lábios moverem-se." Sorrindo, a rapariga respondeu que falavam com os seus pensamentos.

"Como te aparece o Allie?", perguntou a sua mãe. "Ele parece usar roupas?"

"Oh, não, não roupas como as que nós usamos", respondeu a criança. "Parece haver em redor dele algo branco, belo, tão fino e subtil e cintilante, e oh, tão branco, e no entanto não há uma dobra ou um sinal de fio nele, pelo que não pode ser tecido. Mas fá-lo parecer tão adorável."

O que a rapariga moribunda realmente via era, presumo, as vestes espirituais do seu irmão.

Quando a irmã de Daisy cantou para ela a partir de um livro de hinos sobre "anjos e as suas asas de neve", la rapariga moribunda exclamou: "Oh, Lulu, não é estranho? Nós sempre pensámos que os anjos tinham asas! Mas é um erro; eles não têm nenhumas."

"But eles devem ter asas, senão como poderiam eles voar lá de cima do céu?", perguntou a sua irmã.

"Oh, mas eles não voam, eles simplesmente vêm", disse Daisy. "Quando penso no Allie, ele está aqui."

Certa vez, quando a Sra. Dryden pediu à sua filha doente para explicar como via as suas visitas espirituais, Daisy respondeu: "Não os vejo a toda a hora, mas quando vejo, as paredes parecem desaparecer, e posso ver até muito longe, e nem se começaria a conseguir contar as pessoas. Algumas estão perto, e eu conheço-as; outras nunca as vi antes."

A Sra. Dryden escreve: "Na manhã em que morreu, ela pediu-me que lhe deixasse ter um pequeno espelho. Hesitei, pensando que a visão do seu rosto emaciado seria um choque para ela. Mas o seu pai, sentado ao lado dela, comentou: 'Deixa-a

olhar para o seu pobrezinho rosto se ela quiser.' Então dei-lho. Pegando no vidro nas suas mãos, olhou para a sua imagem durante algum tempo, calma e tristemente. Por fim disse: 'Este meu corpo está quase gasto. É como o vestido velho da Mamã pendurado ali no armário. Ela já não o usa, e eu não usarei mais o meu corpo, porque tenho um novo corpo espiritual que tomará o seu lugar. Na verdade, já o tenho, pois é com os meus olhos espirituais que vejo o mundo celestial enquanto o meu corpo ainda está aqui... Agora a minha vida aqui está no fim, e este pobre corpo será guardado, e eu terei um belo corpo como o do Allie.'"

Pedindo à sua mãe que não chorasse, a criança, cuja consciência espiritual desperta lhe tinha dado sabedoria e conhecimento além dos seus anos, continuou: "É muito melhor para mim ir agora. Poderia ter crescido para ser uma mulher má, como tantas fazem. Deus sabia o que era melhor para mim." Depois, pedindo à sua mãe para abrir as portadas para que pudesse olhar para o mundo pela última vez, disse: "Antes de outra manhã eu terei partido." O seu pai amparou o seu corpo frágil enquanto ela olhava fixamente para fora da janela. "Adeus, céu", disse ela. "Adeus, árvores."

"Adeus, rosa branca.

Adeus, rosa vermelha.

Adeus, mundo belo. Como eu o amo, mas não desejo ficar!"

Nessa noite, ela olhou para as horas e observou: "São oito e meia agora; quando forem onze e meia, o Allie virá buscar-me... Quando chegar a altura, eu vos direi." Ela despediu-se da sua irmã Lulu, cuja hora de deitar havia chegado, dizendo: "Boa noite e adeus, minha doce e querida Lulu."

A sua mãe escreve: "Por volta das onze e um quarto, ela disse: 'Agora, Papá, pega-me ao colo. O Allie veio buscar-me.' Depois de o pai a ter pegado, ela pediu-nos para cantar. Daí a pouco alguém disse: 'Chama a Lulu', mas Daisy respondeu prontamente: 'Não a perturbes, ela está a dormir.' Então, no preciso momento em que os ponteiros do relógio apontavam para

a meia-hora passada das onze, a hora que ela tinha predito que o Allie viria para a levar com ele, ela levantou ambos os braços e disse: 'Vem, Allie', e não respirou mais."

A mãe conclui o seu comovente relato da partida de Daisy nestas palavras: "Havia um silêncio solene na sala. Não conseguíamos chorar, e por que haveríamos de o fazer? Só podíamos agradecer ao nosso Pai Celestial pelos ensinamentos dos seus últimos dias, esses dias tornados sagrados pela glória do céu que os iluminou. E enquanto permanecíamos ali, a olhar para o rosto daquela ente querida, sentimos que a sala devia estar cheia de anjos que tinham vindo confortar-nos, pois uma paz doce caiu sobre os nossos espíritos, como se eles tivessem dito: 'Ela não está aqui, ela ressuscitou.'"

Ora, não há nada que Daisy Dryden tenha dito no seu leito de morte que não fosse inteiramente consistente com o conhecimento espiritista das leis psíquicas e da vida após a morte. No entanto, esta menina era filha de um ministro. Tinha sido instruída nas crenças e doutrinas do seu pai. Os seus pais não estavam familiarizados com o conhecimento espiritista. Na verdade, à data da partida de Daisy, em 1864, o Espiritualismo moderno estava nos seus primórdios. Contudo, da sua criança moribunda, eles ouviram e aceitaram os mesmos factos psíquicos, as mesmas verdades que são propostas hoje em dia por médiuns em todo o mundo.

Recentemente, a experiência psíquica no leito de morte de uma outra criança foi descrita no "Psychic News" por um colaborador médico. Ele relata como, quando era estudante de medicina do último ano numa conhecida enfermaria, uma menina foi recebida na sua ala. Ela estava a morrer de uma doença incurável da coluna.

Winnie era uma criança adorável que se fez querida de todo o pessoal devido à coragem, paciência e gratidão que demonstrou durante as suas últimas e difíceis semanas. Ela era obrigada a deitar-se em decúbito dorsal, pois o seu corpo estava definhado.

"À medida que as semanas passavam", escreve este colaborador, "a mobilidade dos braços e das pernas tornou-se praticamente impossível, a tal ponto que ela tinha de ser alimentada por uma enfermeira. Este facto é importante em vista do que se segue. Nós éramos um grupo de estudantes universitários endurecidos, com uma visão muito mais voltada para o material do que para o espiritual na nossa formação, de modo que os 'casos', por muito maus que fossem, eram simplesmente 'casos' para todos nós. Com a Winnie, porém, era diferente. Alguém se sentia quase reverente e mudo na presença da criança, pois havia certamente mais de espiritual do que de material na composição desta pequena doente."

Uma manhã, quando ele estava a "redigir" um caso na ala principal, uma enfermeira acenou-lhe, dizendo: "Poderia vir ver a Winnie. Penso que deveríamos mandar chamar os pais dela." O estudante de medicina do último ano dirigiu-se imediatamente ao pequeno quarto privado onde Winnie jazia. A criança falava em tons fracos com o cirurgião residente, mas saudou imediatamente o recém-chegado com um sorriso. À medida que a sua respiração e pulsação abrandavam gradualmente, tornou-se óbvio que a morte estava muito próxima. Por duas vezes, os médicos que a assistiam pensaram que tudo tinha terminado, mas a pequena doente recuperou novamente as forças.

"Então", continua o autor, "o milagre... Winnie, deitada completamente de costas, que não mexia nem a mão nem o pé há semanas, abriu subitamente ambos os olhos de uma forma totalmente invulgar enquanto olhava fixamente para o teto. Nós, os observadores, levantámos inconscientemente as nossas cabeças em direção ao teto a fim de ver o que a criança achava tão interessante. Vimos o teto e mais nada."

Com os olhos brilhantes e fixos, a rapariga moribunda estendeu ambos os braços. As suas mãos curvaram-se sobre algo invisível para os observadores, enquanto ela se erguia lentamente para uma posição sentada. Nessa postura, chamou, com uma voz forte: "Oh, Avó, querida Avó, eu vou!"

“Exatamente com a mesma lentidão com que se tinha erguido”, diz o autor, “ela regressou à posição deitada, dando-nos a todos a impressão de que tinha sido erguida lentamente por alguma entidade invisível, e depois gentilmente deixada cair de novo, de forma tranquila, na cama.”

E assim Winnie passou para o Outro Lado. “É perfeitamente óbvio”, conclui o autor, “que os pobres músculos definhados eram inteiramente incapazes de realizar a proeza (para nós) maravilhosa que a criança moribunda alcançou. Apurou-se mais tarde que a ‘Avó’ era a sua avó, que era dedicada à criança e que tinha partido para o outro lado cerca de um ano antes.”

Tão objetiva foi uma manifestação psíquica concedida a uma criança que jazia moribunda na cabine de um navio, que foi vista pelo médico que a assistia, bem como por quatro outras pessoas numa parte diferente do navio. A história, registada pelo Professor Bozzano em “Discarnate Influence In Human Life”, foi contada pelo oficial médico, o Dr. T. L. O’Hara:

Durante uma viagem para Yokohama, uma pequena rapariga, que viajava sozinha ao encontro de familiares no Japão, foi confiada aos cuidados do capitão. A criança, uma órfã, era tão encantadora e inteligente que cedo conquistou os corações de todo o pessoal do navio. Quando o navio entrou no Mar da China, a pequena rapariga adoeceu gravemente com febre tropical. Ela piorou rapidamente e tornou-se evidente que o seu fim terreno se aproximava.

Enquanto o médico se sentava à cabeceira da cama da criança, tornou-se consciente de uma condição supernormal no quarto. Depois, embora não estivesse perto da manhã, a cabine tornou-se lentamente mais luminosa até ficar tão clara como o pleno amanhecer. A luz parecia convergir em ondas trémulas e incertas de raios azuis, brancos e dourados, que se reuniam diretamente sobre a criança. Estes raios permaneceram por um momento e depois desapareceram, deixando a cabine na escuridão, exceto pela luz de uma lâmpada de presença protegida. A pulsação da pequena rapariga ainda batia suavemente. Ela

olhou para o médico; os seus dedos fecharam-se sobre a mão dele enquanto dizia: “Oh, olha! Que belo!”

O Dr. O’Hara escreve: “Ela voltou os seus olhos para cima e, olhando, vi, perto do teto, diretamente acima da sua cabeça, um globo desfocado, enevoado e luminoso, como uma luz distante difusa e brilhante num nevoeiro cerrado. Isto cresceu lentamente, de forma quase impercetível, como antes, até ficar suspenso, uma esfera vibrante de luz ondulante branca-azulada. Era mais parecido com o fogo de Santelmo que se agarra às extremidades das vergas numa forte tempestade elétrica do que com qualquer outra coisa com que o possa comparar.”

“Vê”, disse a criança moribunda, “Oh, vê!”

O médico continua: “Lentamente, tão lentamente que não o notei ao início, a bola de luz desceu até parecer envolver o seu rosto e cabelo, dando ao aspeto pacífico e contente do seu rosto uma glória e um esplendor tais como os que pensamos que os anjos têm; a visão mais doce e mais celestial que alguma vez vi ou que alguma vez espero ver. Enquanto ela pairava por um momento a ondular em redor da sua almofada, senti a mão da criança ficar tensa na minha, o seu corpo tremeu ligeiramente, e ela fez um esforço débil para levantar a cabeça enquanto gritava de forma vacilante: ‘Oh, Mamã, Mamã, eu vejo... o caminho... e... está... tudo brilhante... e luminoso!’ E quando a voz morreu num sussurro baixo, a luz subiu rapidamente, dissolvendo-se e desaparecendo ao atingir o teto; a cabeça encaracolada repousou tranquilamente de volta entre as almofadas; houve o mais leve sopro de um suspiro, um tremor nervoso dos músculos, os dedos das mãos relaxaram, a pulsação perdeu-se e ela ficou muito quieta e branca, enquanto eu me ajoelhava ao lado do seu leito, sozinho com a morte.”

O médico olhou mecanicamente para o seu relógio. Eram 2h30 da manhã. Ele colocou as mãos da criança cruzadas sobre o seu peito e ergueu-se quando a porta se abriu e o capitão entrou, seguido pelo primeiro e segundo oficiais e dois outros oficiais. O capitão adiantou-se para o lado da cama e colocou a sua mão na

testa da criança, dizendo: “Bem me parecia!” Depois acrescentou: “Doutor, eu não acredito em fantasmas e espíritos e esse tipo de coisas.

Penso que não há nenhum de nós aqui que acredite, mas estes homens e eu próprio acabámos de ver algo que era muito estranho; e foi tão real e claro que não há erro em como realmente o vimos. Havia uma bola de fogo azul, tal como o fogo de Santelmo numa trovoada, que apareceu mesmo por cima das nossas cabeças na sala de fumo, e quando olhámos para ela, a coisa flutuou diretamente através da sala para a porta. Ali pairou por um segundo, voltou-se nesta direção e desapareceu. Quando tinha partido, eu disse logo: ‘Rapazes, aquela nossa menina está morta.’”

Este globo de luz, visto por seis pessoas em duas secções diferentes do navio, deve ter sido guiado por uma inteligência invisível. Foi visto pelo médico e pela criança moribunda. Antes de se voltar na direção da cabine da criança, foi visto na sala de fumo pelos oficiais, entre os quais estava o capitão a cujos cuidados a pequena rapariga tinha sido confiada.

A rapariga moribunda tinha reconhecido a sua mãe “morta” quando olhou na direção da massa cintilante. Teria sido a manifestação psíquica, vista por todos os outros objetivamente, o espírito da mãe da criança que tinha vindo buscar a sua filha e, ao mesmo tempo, indicar este facto àqueles que tinham aprendido a amar a pequena rapariga?

CAPÍTULO XV
CONSELHO DO ALÉM

Existem guias espirituais altamente evoluídos que elegeram regressar a este mundo para dar à humanidade o benefício da sabedoria que acumularam durante o seu progresso através de vidas terrenas e espirituais. Estes grandes instrutores encaram frequentemente os nossos problemas sob um aspeto diferente e mais amplo do que o ponto de vista mundano. Não estão

condicionados pela ortodoxia, por credo, costume ou preconceito. A pureza e a simplicidade das verdades que propõem clarificam a nossa visão e ajudam-nos no nosso tatear em direção à luz do entendimento.

Muitos dos guias espirituais avançados regressam a este mundo usando um manto de anonimato, dado que o seu verdadeiro estatuto poderia impressionar excessivamente alguns de nós, caso conhecêssemos os seus nomes. Porque os índios eram, no seu apogeu, mestres do conhecimento e poder psíquicos, não é surpreendente que um número de guias espirituais utilize a "personalidade" de um índio "morto" enquanto trabalham com médiuns. Em tal categoria encontra-se Silver Birch, o guia do círculo caseiro do qual sou membro. Este espírito evoluído disse uma vez: "Tive de vir na forma de um humilde índio para conquistar o vosso amor e dedicação, não pelo uso de qualquer nome sonoro, mas para me provar pelas verdades que ensinei."

"Pelos seus frutos os conhecereis", declarou o instrutor de verdades simples, Jesus de Nazaré. E é pelo seu serviço a este mundo que Silver Birch, um humilde índio, é conhecido pelos muitos milhares que o têm em alta estima.

Silver Birch tem sido questionado sobre vários aspetos da sobrevivência infantil. Quando um membro do círculo perguntou o que acontecia às crianças que partiam em resultado de bombardeamentos, Silver Birch respondeu:

"O período de recuperação e restabelecimento é mais longo no caso das crianças, mas elas aprendem muito mais rapidamente uma vez feito o ajustamento. Este período de interregno, que é uma espécie de crepúsculo da alma, não é doloroso — não quero dar essa impressão —, é um processo de recuperação. O espírito tem de aprender a expressar-se no seu novo corpo, e essa expressão está dependente da experiência que possui. Obviamente, no caso das crianças a experiência é mais limitada. É por isso que o período de recuperação é mais longo. E, no caso delas também, para mostrar como a lei provê, eu gostaria de dizer que se elas vêm sozinhas e as suas mães ainda estão na terra,

então aquelas que se encarregam delas são as pessoas cujos fortes instintos maternais nunca foram expressos no vosso mundo, mas agora podem ser dedicados ao cuidado da nova vida que está gradualmente a acordar e a desabrochar no nosso reino."

"No nosso mundo, as crianças adaptam-se muito rapidamente a novas condições", observou um participante.

"Isso é puramente físico", disse Silver Birch. "Estamos a lidar com o espírito agora, com o espírito a condicionar-se no mundo do espírito, que é vastamente diferente do mundo físico em muitos aspetos e muito semelhante noutros. Deveis compreender que é tudo uma questão de perceção. A perceção fornece a chave. Ouvis-me sempre falar sobre o conhecimento como o dom de valor inestimável do espírito. É um mundo da mente onde vivemos, e as pequenas mentes têm de ser preparadas para ele. Há um outro aspeto que não é verdadeiramente germano, e que é uma lei de compensação, a qual se realiza no caso das crianças que, embora privadas da experiência terrena, não estão manchadas por faltas terrenas."

"Elas também não são melhoradas por virtudes terrenas", observou um participante.

"Essa é a compensação", disse o guia, "que as almas que são privadas da experiência terrena não têm de pagar o preço por faltas terrenas que se teriam desenvolvido."

"Isso equilibra-se igualmente?", perguntou um participante.

"Essa não é uma pergunta que possa ser respondida de forma geral", disse Silver Birch. "Depende de cada alma individual. Estou apenas a apontar para a lei de compensação."

"Se o erro terreno fosse inerente ao indivíduo, não se desenvolveria no Outro Lado?", foi perguntado a Silver Birch.

"Não concordo com a vossa pergunta", respondeu ele. "O erro terreno não é inerente ao indivíduo. Dai um exemplo daquilo que quereis dizer."

"Suponha que uma criança, se tivesse continuado a viver na terra, teria sido gananciosa", disse o participante, "não

desenvolveria ela a ganância tão facilmente no mundo espiritual como se ainda estivesse aqui?"

"Deveis tentar colocar todo o assunto na sua perspetiva correta", disse o guia. "Uma vez que a tomada de consciência chega ao nosso mundo, os pés são colocados nos caminhos do adiantamento. Até lá, há espaço para o exercício de todas as qualidades subdesenvolvidas. Até lá, habitais nessas esferas cinzentas onde existe um simulacro dos desejos que desejais ver satisfeitos. Mas uma vez que acordais, o mero facto de terdes acordado significa que dissestes adeus a todos os desejos de satisfazer o que pertence ao lado subdesenvolvido da vossa natureza. É por isso que digo: 'Colocai a pergunta na sua perspetiva correta.' Se ainda sois gananciosos, significa que ainda não acordastes, pelo que podeis satisfazer essa ganância."

"Mas os caracteres das crianças pequenas estariam subdesenvolvidos", comentou um participante.

"O ponto que eu estava a tentar estabelecer", disse o guia, "era que elas chegariam ao nosso mundo imaturas porque lhes tinha faltado a experiência terrena para equipar a alma. Mas também não estariam manchadas pelas faltas que se tinham desenvolvido, infelizmente, na vida adulta, e até esse ponto a lei de compensação funcionaria, e elas não teriam de remover essas manchas dos seus caracteres."

"Não vieram elas aqui para errar, de modo a aprenderem a agir corretamente?", perguntou um participante.

"Não, não vindes aqui para errar a fim de aprenderdes a agir corretamente", disse o guia.

"Mas não fomos enviados para aqui para ser santos de gesso desde o momento do nascimento, pois não?", persistiu o participante.

"Não", disse Silver Birch, "mas há uma diferença entre vir aqui para semear a malícia e para ser extremamente egoísta, e vir aqui como matéria-prima e tornar-se um produto acabado."

"A diferença não se explica em termos de errar?", perguntou o participante.

“Sim, mas não gosto muito dos termos que usais”, disse o guia. “Não visualizo o supremo e sublime desenvolvimento da alma humana como sendo em direção a um santo de gesso, como lhe chamais, nem concebo que o propósito da vida terrena seja procriar uma raça de criminosos que cometerão crimes até aprenderem que o crime é um erro.

Não, o número daqueles que erram insensivelmente, deliberadamente, com premeditação pensada, é comparativamente pequeno quando comparado com o vasto número daqueles que habitam o vosso mundo. A pessoa verdadeiramente má está, felizmente, na minoria. A maior parte dos crimes, se crimes se podem chamar, são causados pela ignorância, por instrução errada, educação defeituosa, crença na superstição.”

“Se uma criança fosse gananciosa na terra”, disse um participante, “não seria ela ainda gananciosa por um curto período de tempo no mundo espiritual, e desse ponto de vista teria experiência terrena?”

“Quereis dizer se a criança fosse naturalmente gananciosa, se passaria ainda com o desejo enraizado na sua consciência?”, perguntou o guia.

“Sim, isso é perfeitamente possível. Mas então a vida que tinha vivido, se fosse uma vida jovem no vosso mundo, não lhe teria dado muita oportunidade para essa ganância crescer, e poderia facilmente ser corrigida. Há toda a diferença entre uma ganância incipiente que mal foi expressa e uma ganância egoísta que durou 50 ou 70 anos e tem sido constantemente satisfeita e cresceu alimentando-se do seu próprio apetite.”

A pergunta seguinte foi de um membro do círculo que queria saber se as famílias mortas juntas num ataque aéreo continuariam a permanecer juntas no próximo mundo.

“Tudo depende”, disse Silver Birch, “e respondo com muito cuidado porque não desejo ferir os sentimentos de ninguém. Depende de se querem estar juntas ou não. Deveis compreender que no mundo do espírito o laço que une é o laço que deseja unir

e que há muitas famílias mantidas juntas no vosso mundo por uma ligação que é logo dissolvida pela morte.

Se a família possui uma comunidade de interesses, se há uma atração natural de amor, de afeto, ou mesmo de amizade, os laços que unem não serão cortados. É exatamente como o casamento. Há muitos no vosso mundo que estão unidos apenas por um laço físico. Os seus espíritos são divergentes. Não há unidade entre eles. A morte fornece um abismo intransponível. Mas onde existem aqueles cujos espíritos estão casados também, então a morte os trará ainda mais para perto uns dos outros."

"A que altura antes do nascimento físico, tanto quanto sabeis, entra o espírito no corpo?", foi perguntado a Silver Birch. Esta foi a sua resposta:

"Como espírito, sempre exististes porque o espírito é parte da vida e a vida é parte do espírito. Sempre exististes. Porque sois parte do Grande Espírito, que é a força da vida, nunca tivestes um princípio, mas vós, como um indivíduo, como uma individualidade consciente separada, deveis começar em algum lado, mesmo na corrente da vida. Quando a conceção tem lugar, as células do macho e da fêmea encontram-se e fornecem um veículo para que uma partícula da força da vida comece a expressar-se através de um corpo físico.

A força da vida não se expressa enquanto não houver um veículo através do qual se possa manifestar. É isso que os pais terrenos fornecem. Desde o momento em que as células se fundiram e formaram a sua união, a minúscula partícula de espírito ligou-se naturalmente e começa a sua expressão no vosso mundo da matéria. E eu sustento que essa é a aurora da consciência. A partir desse momento, ela começa a sua vida individual consciente. Daí em diante, será sempre uma entidade individual por si mesma."

"Sem culpa própria, bebés inocentes nascem no mundo vítimas de doenças hereditárias, venéreas e outras", começou a pergunta seguinte. "Isto não parece muito justo, dado que não é

culpa da criança que tenha herdado tal doença. Pode dizer algo sobre isso?"

"Aqueles que falam de injustiça estão ainda a pensar em termos de corpos, de um mundo da matéria, e não de uma vida infinita", respondeu o guia. "O espírito não sofre de doença venérea. O espírito não é aleijado, deformado ou curvado. O espírito não está a sofrer de nenhuns traços hereditários ou de quaisquer características adquiridas dos pais.

Estas não mudam o indivíduo, embora afetem o corpo através do qual o espírito se manifesta na terra. Embora possais muito possivelmente argumentar que, do ponto de vista terreno, olhando para a vida unicamente sob um prisma material, aquele que nasce num corpo doente tem um período muito pior fisicamente do que aquele que nasce num corpo saudável, essas opiniões não se sustentam no que respeita ao espírito que está por trás do corpo.

Não sereis automaticamente mais pobres em espírito porque o vosso corpo está doente, e mais ricos em espírito porque o vosso corpo é mais saudável. Na verdade, pode argumentar-se que o vosso espírito será mais rico porque tereis aprendido as muitas lições de dor e sofrimento que fazem todas parte do equipamento do espírito na sua evolução essencial."

Aqui um participante interjetou: "Mas seria sempre melhor que o corpo nascesse livre de doença."

"Com certeza", foi a réplica do espírito. "Seria melhor que o vosso mundo estivesse livre de bairros de lata, mas os bairros de lata são causados por parte desse mesmo livre-arbítrio que poderia capacitar o vosso mundo a ser um paraíso na terra. Se tendes livre-arbítrio, então deveis dar margem ao seu mau uso e ao seu uso correto."

Pensando em todas as crianças que nunca atingem a maturidade física, um membro do círculo disse a Silver Birch: "No próximo mundo, sabemos que as crianças crescem até se tornarem adultas; mas o que dizer daqueles guias que permanecem crianças durante muitos anos na terra, e também das

crianças que estão ‘mortas’ há 18 ou 20 anos e que ainda regressam como crianças?”

“Sairei em defesa das Topsies que nunca crescem”, respondeu o guia. “O vosso mundo duro e amargo condena aquelas que continuam a ser crianças, e afirma a todo o momento que ama a inocência da criança. Contudo, opõe-se a elas quando decidem persistir nessa forma de evolução unicamente para o ajudar.

As vantagens são muito fáceis de compreender. A criança não sofre das inibições do adulto. Tem uma perspetiva naturalmente fresca sobre a vida. Não está assediada pelos muitos problemas que preplexam os adultos e, portanto, é o melhor canal para a comunicação. A criança pode naturalmente realizar esta tarefa porque não tem tantas das intolerâncias e preconceitos das pessoas adultas para conquistar.

“Ela começa como um ser fresco, radiante, disposto a ajudar, e não está preocupada com todos os problemas que pertencem à vida adulta. Porque não está preocupada com eles, pode rapidamente agarrar-se a essas vibrações esquivas que contribuem para o sucesso da comunicação espiritual. Mas essa personalidade infantil é apenas uma personalidade voluntariamente adotada, num grande número de casos, com o único desejo de auxiliar o vosso mundo.

Se a qualquer momento decidir renunciar à sua tarefa, pode regressar a uma esfera mais elevada, para aí retomar o fio da consciência mais ampla na qual a criança tinha vivido. Não as condeneis, elas são os instrumentos mais amáveis do Grande Espírito cujo único desejo é servir, um serviço que dão de boa vontade e livremente porque pensam que podem ajudar aqueles que estão feridos ou esmagados pelo vosso mundo.

“No caso da criança comum que regressa após muitos anos ainda como uma criança, isto é feito para reconhecimento. Quando estais preocupados com a identificação, deveis lembrar-vos de que as crianças não seriam reconhecidas a menos que se mostrassem na forma e com as características e hábitos pelos

quais serão conhecidas dos seus pais. Mas isso é apenas uma imagem desenhada para a médium transmitir. É como a televisão projetada no ecrã. A médium vê a imagem que é projetada no ecrã da sua mente e transmite-a. Com um médium de voz, é o mesmo, exceto que, em vez de o processo ser visual, é oral, moldado a partir do ectoplasma. A voz que é moldada reproduz, tanto quanto as condições o permitem, a voz que a criança tinha na terra."

"Como seria tratada no Outro Lado uma criança que tivesse sido ensinada a ser cruel com os animais; ser-lhe-iam dados animais para cuidar?", foi a pergunta seguinte. O guia respondeu:

"Teríamos de desfazer o ensinamento terreno, mostrando como os animais prestaram grandes serviços ao longo de muitos anos. A criança seria levada às várias esferas dos animais para ver como eles são realmente quando lhes é permitido ter contacto com aqueles que os amam e os compreendem. Gradualmente, o falso ensinamento seria abandonado à medida que um conhecimento maior chegasse à criança. E ser-lhe-ia mostrado que os efeitos da crueldade não se observam apenas nos animais, mas naquele que pratica o ato."

Outra participante introduziu a sua pergunta dizendo: "Muitas pessoas, quando partem para o outro lado, não têm conhecimento da vida futura. Estão numa espécie de torpor e não sabem que partiram. Isso aplica-se às crianças, ou elas aceitam a nova vida instintivamente?"

"Depende do conhecimento da criança", respondeu Silver Birch. "Se não tiver sido demasiado contaminada com a ignorância e a superstição do vosso mundo, então o seu entendimento natural, baseado nos seus poderes psíquicos naturais, permitirá que ocorra uma apreciação natural."

"Teria o Grande Espírito a intenção de que alguns seres humanos morressem antes de cumprirem o seu plano de vida?", foi a pergunta seguinte.

"O plano é sempre que desfruteis de uma expressão plena na terra, de modo a ficardes equipados para a vida maior do espírito", disse o guia. "Se a fruta cai da árvore antes de estar

madura, é azeda. Toda a vida que é forçada a deixar o seu corpo antes de ter atingido a sua maturidade na terra está impreparada para o mundo do espírito."

"Se uma criança morre num acidente, terá isso sido pretendido pelo Grande Espírito?", foi perguntado ao guia.

"Isso é difícil de responder, porque tenho sempre de dizer 'sim, com qualificações'", foi a resposta do espírito. "Toda a vida é controlada pela lei, e o Grande Espírito é responsável pela lei. Mas a lei funciona através dos seres humanos. Em última análise, tudo regressa à responsabilidade do Grande Espírito. Podeis argumentar que, se fazeis algo de errado, não sois responsáveis porque o Grande Espírito vos fez assim. Mas isso é um raciocínio falacioso. É verdade, até certo ponto, que Ele é, em última análise, responsável por todo o universo, porque o Seu poder o criou e a Sua inteligência o dotou, mas vós tendes a vossa inteligência. Tendes o poder de raciocínio. Se decidis colocar a vossa cabeça debaixo de um comboio, não vale a pena culpar o Grande Espírito."

"Poderia explicar os 'prodígios infantis'?", foi a dúvida seguinte.

"Existem três tipos", disse Silver Birch. "Alguns são almas encarnadas com uma memória de experiências passadas para ajudar, outros são médiuns sujeitos à influência espiritual, embora inconscientemente, e por isso recetáculos de muita erudição, sabedoria, conhecimento e verdade do nosso mundo. Na terceira categoria estão os génios, que são as vanguardas da evolução."

Um participante referiu-se ao caso de um prodígio infantil, o famoso violinista Florizel von Reuter. A sua mãe tinha, antes do nascimento do filho, implorado ao génio musical "morto", Paganini, que influenciasse a sua criança para se tornar um grande violinista. Paganini respondeu ao apelo da mãe.

"Essa é a categoria mediúnica", disse Silver Birch.

"O apelo da sua mãe tornou-o um médium?", perguntou um participante, "ou foi o pedido dela o canal que permitiu a Paganini ligar-se a Florizel von Reuter?"

"O poder psíquico estava lá da mesma forma", respondeu o guia. "Se ele não fosse psíquico, não teria podido funcionar. Há muitas pessoas que são psíquicas sem ser mediúnicas. Têm todos os poderes da alma, a psique, mas não os exprimem em comunicação consciente com o nosso mundo. São inconscientemente influenciadas. Esse é o segredo da inspiração."

Numa ocasião, um membro do círculo perguntou a Silver Birch: "De que utilidade é a vida terrena de todos os incontáveis milhões de bebés que perecem no nascimento, ou logo após, por infanticídio ou de outra forma?"

"Enquanto as pessoas julgarem os princípios eternos por padrões materiais, nunca compreenderão estas coisas", respondeu o guia. "O mais sábio dos vossos sábios não vê além do conhecimento terreno. Quando a luz do conhecimento espiritual os atingir através da sua evolução, então verão o plano que, por enquanto, não lhes está revelado.

Veem através de um vidro obscuramente, e por isso não compreendem. Pretenderíeis julgar a vida de um rapaz de escola apenas pelos anos em que vai à escola, e ignorar essa vida maior que começa além da sua escola? Há uma vida maior do que aquela em que viveis — um mundo de beleza, um mundo de cor, um mundo de amor, um mundo de trabalho, um mundo onde cada desejo sincero encontra expressão, onde cada impulso criativo se pode exprimir, onde tudo o que não pode ser cumprido no vosso mundo é capaz de se realizar. Até que tenhais visto este mundo, não podeis criticar o Grande Espírito."

"No nosso mundo", disse um participante, "algumas crianças nascem numa atmosfera de bairro de lata, de bebida, de imundície mental, moral e física, e confrontam-se com uma vida de trabalho árduo e monótono, enquanto outras crescem rodeadas de coisas belas e têm uma preparação deliciosa para a vida. Como é tida em conta a injustiça de tais casos?"

"A alma regista a sua própria evolução", respondeu o guia. "As pessoas no vosso mundo julgam sempre por padrões

materiais e não pela expressão da alma. A todos, quer nascidos em alta ou baixa condição, surgem oportunidades de serviço, para que a alma se encontre a si mesma e exprima a sua própria divindade. Esse é o único padrão de julgamento. Todas as coisas no vosso mundo, julgadas por um padrão material, parecem produzir desigualdades, mas a verdadeira compensação é a compensação da alma, que aprende a expressar-se através de todas as dificuldades."

"Mas com certeza", comentou um membro do círculo, "é mais fácil para uma alma expressar bons motivos quando rodeada por um bom ambiente do que em ambientes onde o pecado, a fome e tudo o que é baixo predominam?"

"Não concordo convosco", respondeu Silver Birch, "porque vejo que quase sempre as grandes almas do vosso mundo nasceram de baixa condição. Todos os grandes mestres do vosso mundo vieram de baixa condição. Quanto mais dificuldades a alma tiver de lutar contra, maior a alma se pode tornar. É na luta contra as circunstâncias que a alma entra na posse do que é seu. Tentai julgar não de fora, mas de dentro."

"Sabendo que o aborto é um erro, qual é a visão do mundo espiritual sobre o controlo de natalidade?", foi então perguntado a Silver Birch.

"Foi-vos dado o livre-arbítrio e uma consciência para distinguir entre aquilo que é erro e aquilo que é correto", foi a réplica do espírito. "Depende sempre do motivo. Digam isso uma vez. Digam-no cem vezes. Qual é o vosso motivo? É isso que conta, nada mais."

"Mas a restrição de nascimentos interfere com a lei?", interjetou o participante.

"Onde um espírito tenha de nascer no vosso mundo, virá através daqueles que não impedirão a sua entrada", insistiu o guia. "A lei é suprema. Se faz parte da vossa evolução que através de vós venha a entrar no vosso mundo um espírito, uma nova vida, então não o impediríeis, porque não o desejaríeis."

“Então, se tivesse de ser, desejaríeis que acontecesse”, disse o participante.

“Sim”, respondeu o guia, “porque teríeis atingido essa fase na evolução onde era necessário que a influência de uma nova vida fosse trazida para a vossa vida.”

“Será isso necessariamente uma evolução mais elevada?”, foi-lhe perguntado.

“Não, não é alta, não é baixa”, disse Silver Birch. “Devo fazer uma distinção entre aqueles que procuram apenas desfrutar da luxúria do corpo e evitar as consequências. Com isso não concordo, porque o motivo é de egoísmo.”

“Mas se alguém tivesse a ideia de que não era aconselhável, do ponto de vista da criança, o que seria então?”, foi a pergunta seguinte.

“Depende sempre do motivo”, veio a resposta. “Não podeis enganar a lei. A lei está registada na vossa alma. Cada ato, cada pensamento, cada ideia, cada desejo está registado para sempre na aura da vossa alma. Pode ser lido por aqueles que têm os olhos do espírito. O motivo de tudo o que alguma vez fizestes no vosso mundo da matéria é conhecido por aqueles que vêem com os olhos do espírito. A vossa alma está nua diante deles.” - 176

CAPÍTULO XVI
O AMOR ENCONTRA O QUE É SEU

As crianças crescem e desenvolvem-se no mundo espiritual até atingirem a condição de mulher ou de homem. Em contradição com la vida terrena, o corpo espiritual não começa a deteriorar-se após a maturidade, mas permanece no auge do seu vigor. No próximo mundo, como no temporal, é a evolução espiritual do indivíduo que confere a verdadeira beleza. Imaginai, então, a personalidade radiante de um ser espiritual evoluído.

Suponho que tenhais notado, tal como eu, que há pessoas neste mundo cuja beleza emana de dentro de si mesmas e não tem absolutamente nada a ver com as suas feições ou aparência física.

Uma vida de serviço altruísta à humanidade dotou tais indivíduos de uma beleza subtil, indefinível, que prende a nossa atenção e compele a nossa admiração. Sejam as suas feições físicas por mais comuns que sejam, conheço poucas pessoas de caracteres altamente evoluídos que não tragam a marca da verdadeira beleza nas suas fisionomias.

Intocado pela tentação mundana nas esferas espirituais, o vosso filho crescerá em graciosidade e encanto. No decurso do progresso, o rapaz nascido morto atingirá uma maturidade vigorosa. A menina pequenina, cujos olhos outrora fechastes tão tristemente, irá, no Além, eventualmente manifestar a glória total do seu encanto feminino. "Mas como", podereis perguntar, "conhecerei eu o que é meu quando eu também partir para o outro lado? Como serei capaz de reconhecer a minha filhinha, crescida até à condição de mulher no mundo espiritual?"

Antes de mais, ela conhecer-vos-á a vós. Desde a sua partida, ela tem visitado os entes queridos na sua casa terrena. Não faz diferença que, até há pouco tempo, não tivésseis conhecimento do regresso espiritual ou das leis psíquicas. O vosso filho tem estado convosco em incontáveis ocasiões, quer o soubésseis quer não. Ela tem visto a passagem dos anos cobrar o seu tributo nas vossas feições. O seu espírito não tem estado condicionado por limitações terrenas. Embora possais ter viajado até aos confins da terra, ela nunca vos terá perdido de vista, desde que o amor e a lembrança operassem.

Quando partirdes para o outro lado, possivelmente ela virá ao vosso encontro para vos saudar na companhia de um familiar "morto" que vos conheça a ambos. Afinal de contas, se a força das circunstâncias terrenas vos separou da vossa filha bebé até ela atingir a condição de mulher, uma nova apresentação semelhante por parte de um amigo ou familiar mútuo poderia ter de ter lugar.

Um outro método de reconhecimento espiritual é quando uma criança, utilizando o seu poder psíquico, reassume temporariamente a jovem aparência terrena.

Há outras maneiras pelas quais podereis conhecer o que é vosso quando partirdes. Durante o sono, é possível que tenhais visitado as esferas enquanto o vosso corpo físico repousava dormente. Temporariamente libertos do cativeiro quadridimensional, desfrutastes, por um tempo, da companhia do vosso ente querido. Infelizmente, ao acordar, a lembrança da experiência astral não se registou através da consciência terrena. Mas o espírito, a personalidade maior, não esquece. Ao partir para o outro lado, podereis perfeitamente reconhecer cenários e indivíduos que vos eram familiares nas vossas visitas astrais durante o sono.

Pouco depois da "morte" da sua filhinha, a Sra. C. Fisher, uma médium que vive agora na Austrália, acordou uma manhã plenamente consciente do facto de que, enquanto o seu corpo terreno dormia, se tinha reunido com a sua criança em espírito. A sua filhinha discutiu a sua nova vida e deu detalhes do seu ambiente espiritual.

"Cada noite depois dessa", escreve a mãe, "adormecia rapidamente com o conhecimento consciente de que ia passar o meu estado de sono com a minha filha. Em consequência, recebi consolação e felicidade. Ela estava encantada por se encontrar comigo e eu fiquei assim mais facilmente conformada com a grande separação que tão recentemente tinha tido lugar. Tinha a consolação todas as manhãs de saber que a minha filha estava tão viva como sempre estivera, e nada senão os nossos próprios desejos nos podia manter afastadas.

"Como poucas mães, que perderam os seus queridos, se dão conta da existência e da bênção desta maravilhosa manifestação da bondade de Deus ao providenciar um lugar onde podemos, no nosso estado de sono, ainda continuar a ser mães dos nossos entes queridos! Em vez disso, estes pais afligem-se e carpeiam, e o pequenino aflige-se e carpeia também, pois uma criança responde ao anseio de uma mãe. Não é essa criança parte de si mesma?

"É tão natural visitar um ente querido no Outro Lado durante o sono como é para uma mãe levantar-se da cama para ver se os

seus bebés estão cobertos nos seus berços durante uma noite fria. Poucas mães acordaram para a tomada de consciência de que passam uma grande parte das suas horas de sono com os seus filhos partidos."

Há, em verdade, muitas maneiras pelas quais vos podereis conhecer novamente uns aos outros. Poderieis reconhecer o vosso filho por meio do laço puramente espiritual que vos une. Os laços espirituais não existem necessariamente entre pais e filhos. Mas quando o verdadeiro amor, a simpatia e o entendimento reinam numa família, há não apenas um relacionamento físico, mas um laço mais duradouro e infinitamente mais profundo.

Em todos os casos desejáveis, é sempre dada aos pais a oportunidade de reunião com os filhos que partiram para o outro lado antes deles, mesmo aqueles que nunca respiraram na terra. Digo "em todos os casos desejáveis" com razão. Uma criança não amada, indesejada, negligenciada na vida terrena por pais delinquentes, não teria qualquer ligação com eles após deixar o mundo físico. As crianças negligenciadas ou maltratadas encontram, ao partir para o outro lado, a felicidade e o afeto que lhes foram negados no mundo terreno. Tornam-se os protegidos de indivíduos espirituais cuja vocação escolhida é ajudar estas crianças a obliterar das suas mentes memórias dolorosas e prejudiciais do passado.

Naturalmente, então, os jovens que viveram sob influências hereditárias nocivas não são encorajados a regressar aos seus lares terrenos, a menos que tal experiência seja considerada necessária para o seu progresso evolutivo no Além. Mesmo neste mundo, em países humanitários, as crianças são legalmente retiradas das influências de pais cruéis ou viciosos. Ainda assim, as crianças que partem para o outro lado em tais circunstâncias são a exceção e não a regra. A reunião entre famílias tem lugar sempre que o afeto ainda exista. O elo físico de parentesco já está forjado. Se o laço deve ser mantido e fortalecido no Outro Lado, isso deve depender dos desejos mútuos. O amor é sempre o fator decisivo. É o único laço permanente.

Talvez as reuniões perfeitas no mundo espiritual sejam entre aqueles que se amaram na terra e que possuíam conhecimento da Sobrevivência e da comunicação espiritual. Quando os espiritualistas partem para o outro lado, não têm dificuldade em encontrar os seus próprios filhos, dado que estes nunca, em momento algum, estiveram perdidos para eles! Não há barreiras, mesmo temporárias, para impedir o reconhecimento e a reunião imediatos. Não são necessárias explicações, não há lacunas a preencher por aqueles que têm estado em constante comunicação através dos canais da mediunidade. Vezes e vezes conta, os pequeninos têm regressado à terra e dado detalhes do seu progresso e experiências no mundo espiritual.

Em círculos caseiros, têm tido conversas íntimas e felizes com os seus familiares terrenos. Os pais têm notado a expansão gradual do conhecimento e da capacidade mental dos seus filhos "mortos". As crianças têm falado dos seus instrutores espirituais, das lições que aprenderam, dos jogos que jogaram. Os pais terrenos têm, em retorno, relatado tais incidentes nas suas próprias vidas como teriam sido discutidos se os pequeninos tivessem ainda permanecido no seu ambiente físico. Os laços familiares, em tais casos, nunca em momento algum foram cortados.

O Sr. R. H. Saunders, un bem conhecido espiritista, descreve no "Psychic News" como se manteve em estreito contacto com os seus seis filhos que tinham nascido mortos.

"Durante os últimos 25 anos", diz ele, "tenho acompanhado as suas carreiras no jardim de infância, nas escolas e nos colégios das Esferas, e sei do seu trabalho e das suas recreações. Vi-os e ouvi-os em centenas de ocasiões."

Ele afirma: "A minha esposa, que achava difícil aceitar a verdade do Espiritualismo aqui, falou comigo dez dias após a sua partida e disse: 'Lamento não ter tomado a minha posição ao teu lado. Havia algo na minha natureza que o impedia. Quando cheguei aqui e vi os meus seis queridos filhos que eu tinha considerado como perdidos à minha espera de braços abertos para

me receberem, fiquei inundada de alegria. Descobri que tinha ido muitas vezes vê-los durante o sono, e conhecia-os a todos.'"

Como Silver Birch afirmou, as crianças "mortas" revelam-se normalmente na sala de sessões com a idade com que partiram para o outro lado. Mesmo que, no Outro Lado, tenham progredido em direção à maturidade, o aspeto infantil de si mesmas é uma realidade enquanto se manifestam no seu ambiente terreno.

O tempo é uma realidade, mas tem mais dimensões do que os nossos padrões materiais conseguem medir. A nossa medição artificial não é senão um meio conveniente e necessário de registar eventos. A hora do dia e a data registadas são circunstanciadas pela parte específica do globo que habitamos. Estendendo o longo braço da coincidência ao seu limite, dou, como exemplo, o caso hipotético de um cidadão de Nova Iorque e um inglês que mantêm uma curta conversa por meio do telefone transatlântico. Durante a sua conversa, são informados de que acaba de nascer um lactente de cada uma das suas esposas. Porque a hora americana e a britânica diferem num número de horas, as certidões de nascimento das crianças, nascidas simultaneamente, poderiam ostentar datas diferentes.

Escrevendo sobre o assalto japonês à Ilha Wake no Pacífico, e referindo-se ao bombardeamento de Pearl Harbour, Donald Wilhelm no "The American Legion Magazine" diz: "O domingo, 7 de dezembro em Pearl Harbour foi segunda-feira, 8 de dezembro aqui, pois Wake fica precisamente a oeste da linha internacional de mudança de data." Assim, num hemisfério, o mesmo evento teve lugar em duas datas diferentes!

Quando queremos ouvir uma transmissão dos Estados Unidos, devemos dar o desconto para a diferença entre as horas deles e as nossas. "A noite passada" na Austrália é "hoje" na Grã-Bretanha. Enquanto escrevo, a "Hora Dupla de Verão Britânica" está em vigor, o que significa que adiantámos os nossos relógios e estamos a viver, por assim dizer, duas horas no futuro!

"O Amanhã por nascer e o Ontem morto", escreveu Omar Khayyám sobre a humanidade. Na vastidão da eternidade, os

termos passado, presente e futuro cessam de comportar o seu significado terreno. O tempo é medido pela progressão da alma em direção à perfeição espiritual. As nossas punidas vidas físicas, do berço ao túmulo — e além —, registam-se na verdade numa dimensão adicional, à qual podemos chamar "espaço-tempo".

Aqueles que partiram há muito como crianças para o Além apenas se conformam com a nossa aproximação material do tempo quando regressam no aspeto infantil de si mesmos. Não obstante, este aspeto é real enquanto se estão a manifestar nas vibrações terrenas. Muitos espiritualistas experientes, contudo, têm testemunhado o crescimento dos seus filhos em recorrentes sessões de materialização.

Isto é o que uma colaboradora do "Psychic News" diz da sua experiência nas sessões de Helen Duncan: "Tenho observado a forma materializada da minha filha crescer da infância para uma condição de mulher belamente desenvolvida." Não será um problema para esta mãe saber como reconhecer a criança cuja aparência espiritual lhe é já familiar.

CAPÍTULO XVII
ALÉM DO VÉU

O corpo etérico poderia ser descrito como um reflexo perfeito do físico visto que, como tem sido apontado, não reproduz qualquer discrepância ou incapacidade física. O corpo espiritual de um ser humano idoso e fraco permanece jovem e vigoroso, mas é incapaz de refletir esta vitalidade através do decrépito veículo terreno. Um disco de gramofone riscado e gasto não pode reproduzir a verdadeira qualidade da voz que tão rigorosamente registou quando o disco era novo.

De igual modo, condições mentais imperfeitas num indivíduo não são refletidas pelo espírito, o verdadeiro ego. O cérebro é uma parte puramente física do corpo. Discrepâncias do cérebro ou de outros organismos corporais podem impedir a mente de se registar de forma verdadeira ou, como dizemos, de forma sã. Por

muito perita que uma datilógrafa possa ser, por muito ágeis que sejam os seus dedos, o manuscrito que ela datilografa será imperfeito se as teclas estiverem defeituosas ou danificadas. Da mesma forma, o maior músico do mundo apenas poderia produzir uma melodia distorcida se as cordas ou as teclas do seu instrumento musical estivessem desafinadas, danificadas ou incompletas.

A mente de um indivíduo é incapaz, durante a vida terrena, de se registar com precisão através do meio de um cérebro prejudicado. Uma vez libertada pela morte dos laços físicos, a incapacidade terrena cessa de colocar obstáculos à expressão da verdadeira personalidade. Aqueles que, na sua existência terrena, sofreram de qualquer deficiência que impedisse uma verdadeira expressão das suas individualidades, passam para o mundo espiritual com caracteres inexperientes e não testados. As suas mentes são sãs e completamente adequadas, mas estão "fora de forma" devido à falta de exercício terreno.

Tais indivíduos passam para o outro lado comparativamente intocados pelas condições mundanas. As suas qualidades inerentes têm ainda de ser testadas e provadas na sua nova existência. As suas mentalidades, pela primeira vez, são capazes de se registar com precisão através dos seus corpos espirituais perfeitamente equipados. Estão livres para expressar o seu verdadeiro ser e para assumir as suas responsabilidades como indivíduos humanos. Uma rica experiência de vida ergue-se diante deles. Passam para o outro lado mais pobres por falta de experiência mundana, mas mais puros em espírito visto que não sucumbiram a, nem foram sujeitos a, fraquezas humanas. A lei de compensação estabelece um equilíbrio igual.

Neste mundo, os muito jovens são habitualmente ajudados nos seus primeiros passos hesitantes até terem dominado o uso dos seus membros inexperientes. Indivíduos que eram deformados ou incapacitados na terra encontram-se, ao passar pela primeira vez para o outro lado, em muito a mesma posição que uma criança terrena. Aqueles que eram coxos têm de aprender

a usar os seus membros etéricos completamente saudáveis. Pessoas que foram totalmente cegas durante a existência física passam para o próximo mundo com uma visão recém-desperta.

Mas os seus olhos têm de se habituar às variações de luz. Devem aprender a reconhecer objetos já familiares para aqueles que possuíam visão física. Devem aprender a apreciar o significado de tamanho, largura, profundidade e distância a fim de avaliar os valores visuais. No mundo espiritual, cenários de beleza e esplendor desdobrar-se-ão diante do seu olhar maravilhado. Contemplarão montanhas poderosas. Examinarão minúsculos objetos de beleza. Verão, pela primeira vez, a riqueza da cor nas flores e na folhagem. Aprenderão a usar a sua visão recém-encontrada com a maior vantagem a fim de que a plenitude das suas vidas no mundo espiritual não seja prejudicada ou retardada.

Aqueles que eram surdos durante a vida terrena têm de adquirir uma apreciação do som e uma perceção de notas previamente não registadas pelos seus sentidos físicos.

As crianças que sofreram deformidades e discrepâncias físicas estão em muito a mesma posição que os adultos quando passam pela primeira vez para o próximo mundo. Mas aprendem a usar as suas novas faculdades fácil e rapidamente.

A doença corporal tem muitos efeitos. Uma longa doença pode reduzir a mentalidade habitualmente brilhante e alerta de uma criança à letargia e à inércia. Dado que o corpo etérico está tão estreitamente associado à contraparte física durante a vida terrena, certas condições físicas podem ter um efeito transitório no corpo espiritual quando este passa pela primeira vez para o outro lado.

Uma criança que foi fortemente medicada para aliviar o sofrimento, ou cuja mentalidade ficou perturbada durante a doença, ou que sofreu de uma longa e desgastante enfermidade, ou que se submeteu a graves operações, necessitaria, no próximo mundo, de um tratamento reparador para o corpo etérico temporariamente afetado. Tal criança passaria, quase de certeza, por uma convalescença repousante para permitir que o corpo

espiritual recuperasse das condições resultantes da doença terrena. A saúde radiante é o direito de nascença de todos os que renascem no mundo espiritual.

Há muitas crianças "mortas" que acordam no Outro Lado de forma bastante natural, e não necessitam de qualquer período de recuperação ou convalescença. Muito depende da idade da criança, do caráter, do conhecimento e da natureza da doença terrena suportada.

Foi dito a uma participante por Rupert, o guia de Edith Clements, que muitas crianças acordam perfeitamente normal como se de um sono comum se tratasse. "Com talvez apenas um pequeno suspiro", disse Rupert, "abrem os seus olhos e olham em redor. Enfermeiras e mães espirituais estão ao seu lado, à espera de lhes dar um sorriso amoroso de boas-vindas e de responder às numerosas perguntas que são feitas por crianças alertas e de mente ativa. Como é da natureza de uma criança maravilhar-se e indagar, assim elas, ao acordar para a vida deste lado, fazem quaisquer perguntas que lhes venham à mente. 'Quem és tu? Onde estou? Onde está a minha mãe? Onde está a minha boneca?' Todas estas e muitas outras perguntas são respondidas de forma sábia e tática. Quando os brinquedos são necessários para a felicidade de uma criança, eles são providenciados."

Este guia disse à participante: "Nunca temais que os vossos queridos filhos sejam confiados apenas a estranhos, ou àqueles por quem nunca vos interessastes neste mundo. Apenas aqueles que amam, e estão aptos para a tarefa, têm o direito de se encarrear de uma criança. O medo, a cólera ou as palavras duras são desconhecidos no reino das crianças na vida espiritual." -

As crianças precipitadas no próximo mundo em resultado de ação inimiga são recetoras de cuidados e atenções especializados. Em todos os casos, qualquer que seja a causa da sua partida, os jovens são tratados com amor e entendimento. Normalmente, ajustam-se com facilidade aos seus novos ambientes. Sofrem apenas quando descobrem que são carpeados como perdidos pelos seus entes queridos. Felizes são as crianças que passam para o

outro lado com o conhecimento de que os seus pais se dão conta de que elas sobreviveram à morte corporal, de que estão em mãos amorosas e sábias, e de que serão capazes de regressar para junto deles no momento apropriado.

Os espiritualistas acumularam uma vasta quantidade de conhecimento sobre a vida no Outro Lado. Através de diferentes formas de mediunidade, em salas de sessões por todo o mundo, relatos do mundo que habitam têm sido dados por aqueles que são mais competentes de todos para descrever o seu próprio ambiente — os próprios "mortos".

Médiuns que visitam as esferas espirituais durante o sono ou o estado de transe têm dado descrições lúcidas das suas experiências. Detalhes do mundo etérico têm sido fornecidos por viajantes astrais e psíquicos que não aceitaram, necessariamente, a tese espiritista, e que atribuíram as suas experiências "fora do corpo" a circunstâncias inexplicáveis além da sua compreensão.

Seja qual for a fonte de informação de onde os relatos da vida além do véu são recebidos, os factos principais fornecidos são de caráter confirmatório. Não há contradições sobre quaisquer pontos importantes. As implicações morais que devem ser inferidas da evidência acumulada não diferem.

Há muitas esferas de existência no mundo espiritual, como, de facto, há neste mundo. Diz-se frequentemente que "uma metade do mundo não sabe como vive a outra metade." Se um milionário e um homem pobre fossem descrever o seu próprio mundo físico a um hipotético visitante de Marte, o estranho poderia ser perdoado se se recusasse a acreditar que ambos viviam na mesma terra. No entanto, estes dois seres humanos teriam apresentado relatos honestos de um mundo, a partir dos seus próprios pontos de vista pessoais.

Um lama do Tibete existe num plano inteiramente diferente de um materialista que vive no hemisfério ocidental. No entanto, ambos habitam o mesmo mundo físico. A impressão que um mineiro de carvão tem da vida difere consideravelmente da de um

aviador. A existência diária de um aldeão tem pouco em comum com a de um indivíduo que habita numa cidade industrial.

Mesmo numa cidade como Londres, há muitas esferas de vida. Os habitantes da literária Bloomsbury, da elegante Mayfair, da comercial Cheapside, da bem-nascida Kensington e da plebeia Poplar vivem, lado a lado, dentro de uma única cidade cosmopolita. Cada estrato da sociedade dá a sua própria contribuição para a vida comunitária da qual é parte integrante. Em qualquer cidade, um diletante ocioso pode cruzar-se com um erudito professor. Estes dois indivíduos habitam estados separados, embora possam viver na porta ao lado, na mesma fiada de casas.

As variadas esferas no Além não são territórios no sentido geográfico. Podem ser descritas como graus diferentes de ambiente, atraindo o indivíduo cuja evolução está mais adaptada à esfera particular de existência.

Arthur Findlay, o autor do maior sucesso de vendas do Espiritualismo, “On The Edge of the Etheric”, conta neste livro como questionou um homem “morto” sobre a vida no Outro Lado. O escritor descreve o comunicador espiritual como alguém que tinha um domínio da linguagem muito além da capacidade normal do médium, John G. Sloan. “Acredite em mim”, disse o espírito, falando numa sessão de voz direta, “existem outros mundos de substância, mais fina do que a matéria física, nos quais a vida existe e dos quais vós na terra não podeis formar conceção alguma... A circundar o vosso mundo estão planos de densidade diferente, e estes movem-se em rotação com a rotação da terra.”

O autor perguntou ao homem “morto” se o mundo espiritual era real e tangível. “Sim”, respondeu o seu informador, “é muito real para nós, mas as condições em que nos encontramos dependem da condição da nossa mente. Se o desejarmos, podemos estar rodeados por uma bela região. A nossa mente desempenha um grande papel na nossa vida aqui. Assim como vivemos em ambientes adequados ao nosso desenvolvimento mental, também atraímos para nós próprios mentes do mesmo

tipo que a nossa. O semelhante atrai o semelhante neste mundo. Assim também, o semelhante atrai o semelhante, no que diz respeito ao vosso mundo e ao nosso mundo... Podemos, à vontade, assumir condições terrenas baixando as nossas vibrações. Os nossos corpos tornam-se mais pesados e mais percetíveis ao olho humano, o que explica o facto de sermos vistos às vezes por aqueles que têm na terra a faculdade de sentir as nossas vibrações...

O nosso mundo não é material, mas é real apesar de tudo, é tangível, composto de substância num estado de vibração muito mais elevado do que a matéria que constitui o vosso mundo. As nossas mentes podem, portanto, atuar sobre ele de uma forma diferente da que as vossas podem sobre o material do vosso mundo. Conforme a nossa mente é, assim é o nosso estado. Para os bons, os seus ambientes são belos; para os maus, o inverso."

Arthur Findlay queria saber mais. "Quer dizer", perguntou ele, "que vive num mundo de sonho onde tudo parece real mas não o é?" O comunicador espiritual rejeitou esta sugestão. Explicou que o mundo espiritual é real, embora os átomos de que é composto difiram dos do mundo físico. Afirmou que as mentes dos "mortos" atuam sobre esta substância tangível de uma forma que as mentes no mundo material são incapazes de fazer, porque o mundo físico é um mundo de vibrações mais lentas.

"Cada um de vós vive, portanto, num mundo próprio?", perguntou o inquisidor. "Toda a gente vive", disse o espírito. "O senhor vive e eu também, mas se quer dizer: 'Pode cada um de nós ver e sentir a mesma coisa?', respondo que Sim. Todos no mesmo plano podem sentir as mesmas coisas. Temos o mesmo mundo que o senhor tem, mas num estado mais fino...

Tenho um corpo que é uma réplica do que tinha na terra, as mesmas mãos, pernas e pés, e movem-se da mesma forma que os seus... Este corpo etérico é precisamente tão substancial para nós agora como o corpo físico o era para nós quando vivíamos na terra. Temos as mesmas sensações. Quando tocamos num objeto, podemos senti-lo; quando olhamos para algo, podemos vê-lo.

Embora os nossos corpos não sejam materiais, como compreende a palavra, contudo têm forma, feições e expressão. Movemo-nos de lugar para lugar como o senhor faz, mas muito mais rapidamente do que o senhor consegue."

O autor foi informado de que havia muitos planos ou estados de existência no próximo mundo, mas apenas aqueles que estavam no mesmo plano experienciavam as mesmas sensações. Havia casas nesses planos. Quando perguntado sobre como eram essas casas, o espírito respondeu: "As nossas casas são exatamente como nos apraz fazê-las. As vossas casas da terra primeiro foram concebidas na vossa mente e depois a matéria física foi reunida para as fazer como a vossa mente primeiro as viu. Aqui temos o poder de moldar a matéria etérica conforme pensamos. Por isso as nossas casas são também os produtos das nossas mentes. Pensamos e construímos. É uma questão de vibração de pensamento, e enquanto mantivermos estas vibrações, podemos segurar o objeto."

"Que línguas falam?", perguntou Arthur Findlay. Foi-lhe dito que várias línguas terrenas eram usadas no mundo espiritual, mas eram transmitidas de mente para mente. "A comunicação tem lugar mentalmente de um para outro", foi a resposta, "não apenas pela palavra falada como na terra. Isto é exatamente como se eu dissesse que a mente do espírito entra em contacto telepático com a mente com a qual está a comunicar."

Arthur Findlay soube que uma grande atividade prevalece no mundo etérico. Ele escreve: "Cada um tem o seu próprio trabalho para fazer. O serviço aos outros e o amor são os padrões éticos que ali prevalecem num grau mais elevado do que aqui." Ele continua dizendo: "Não há noite como a compreendemos, e a luz que recebem não vem do nosso sol. Se querem descanso, podem obter luz atenuada, mas não a escuridão como a experienciamos... Desfrutam de muito mais liberdade de movimentos, pois vão de lugar para lugar a uma velocidade que não conseguimos compreender."

Aprendemos de várias fontes que apenas as ocupações que são do agrado de um indivíduo são continuadas no mundo espiritual, onde as considerações materiais já não contam. Os "mortos" não encontram necessidade de continuar uma ocupação ou profissão para a qual estivessem inaptos na terra. Cientistas, poetas, artistas, compositores e músicos, todos continuam a seguir as suas vocações, se assim o desejarem, mas com acrescidas e maiores oportunidades para aperfeiçoar as suas ideias terrenas. Instrutores, filósofos e escritores continuam as suas ocupações. Apenas o trabalho construtivo é, contudo, encorajado no Outro Lado. Quando a visão espiritual foi aberta, muitos cujo trabalho terreno era destrutivo desviam-se com consternação da memória dos seus antigos apelos.

O Rev. C. Drayton Thomas descreve em "Beyond Life's Sunset" como o seu pai "morto" lhe disse: "Tudo o que treina a mente é útil, embora o conhecimento puramente técnico e detalhado adquirido na terra possa ser perdido ou deixado para trás; pois é o efeito do treino e da educação que vos acompanha aqui." A irmã em espírito do clérigo disse sobre a sua vida: "Continuo a minha pintura. Na terra estava insatisfeita com ela; havia algo que me escapava. Mas agora posso colocar muito mais nela, e fazê-la mais como desejo; é uma expressão de nós mesmos e também dá prazer aos outros." O seu irmão ficou curioso por saber o que acontecia às imagens concluídas. Ela disse-lhe: "Dou-as àqueles que não têm imagens ou poder criativo eles mesmos."

No Além, indivíduos altamente evoluídos visitam constantemente aqueles que habitam num plano de existência inferior. A ajuda, o encorajamento e o ensinamento destes espíritos avançados auxiliam os subdesenvolvidos a progredir de estados de consciência inferiores para os mais elevados. Nenhum de nós é uma alma tão depravada que não possa caminhar, se assim o desejar, em direção à perfeição.

CAPÍTULO XVIII
ALGUNS MINUTOS NA ETERNIDADE

O COMANDANTE A. B. CAMPBELL, o popular membro do “Brains Trust” da B.B.C., foi, durante uma doença, desenganado pelo seu médico, que o deu como morto. Enquanto a certidão de óbito estava a ser preparada, o doente recuperou e descreveu como tinha deixado o seu corpo físico e visitado o mundo espiritual. Desde então, registou as suas experiências astrais em Bring Yourself To Anchor.

Ele ficou gravemente doente quando regressava a casa após uma viagem no apagão (black-out). O médico foi chamado à pressa pela Sra. Campbell. Durante os dias seguintes, o doente permaneceu num estado de torpor. Registava impressões vagas de lhe tomarem a pulsação e a temperatura, mas foi tudo. Depois, inesperadamente, deu por si de pé junto à sua cama, a olhar para baixo, para o seu próprio corpo físico. “Quão abatido e cinzento eu estava”, escreve o Comandante Campbell, “e a barba no meu queixo tinha o crescimento de cerca de quatro dias. Senti um impulso de sair de casa. Não me surpreendeu descobrir que passei com facilidade através da porta fechada do quarto de dormir.

No andar de baixo, passei pela porta da frente com a mesma ausência de esforço. Limitei-me a questionar por que razão não era necessário eu abrir as portas, só isso.”

No momento em que saiu pelo familiar portão do jardim, encontrou-se numa região desconhecida. Diante dele, um vasto areal estendia-se até onde a vista alcançava. Caminhou até chegar a um trilho estreito e bem batido. Experienciando um grande sentimento de solidão, seguiu o trilho até chegar a um estrada. Estava apinhada de pessoas de todas as idades; crianças misturavam-se com homens e mulheres idosos. Juntou-se aos peões e descobriu que eram de variadas nacionalidades. Reconheceu muitas das raças de pessoas que tinha conhecido nos seus dias de marinheiro. Quando o caminho subiu para a crista de uma colina, dirigiu-se ao homem mais próximo de si.

“Que estrada é esta e para onde leva?”, perguntou ele. O homem respondeu: “Saberá tudo sobre isso quando chegar ao topo.” Poucos momentos depois, atingiram a crista da colina e

olharam para além do cume. “Nunca esquecerei aquela imagem deslumbrante de beleza etérea”, escreve o Comandante Campbell. “Castanhos dourados, vermelhos e laranja perseguiam-se uns aos outros pelo cenário. À medida que as cores se interpenetravam, pareciam difundir calor e amor ao redor de todos nós. O conforto disso era maravilhoso.”

O efeito do cenário sobre os viajantes foi notável. Ficaram inundados de alegria e proferiram exclamações de deleite. O próprio Comandante Campbell ficou emudecido perante a beleza pura da visão. Mas a imensidão de tudo aquilo começou a desalentá-lo. Sentindo algum receio, perguntou ao seu companheiro: “Para onde leva?” O homem respondeu: “Ora, isto é a Morte. Não é lindo? Se ao menos as pessoas na terra se dessem conta disso. Elas são realmente os mortos. Nós estamos precisamente prestes a viver.” As suas palavras surgiram como um choque para o comandante. Pensou na sua esposa e perguntou se podia regressar à terra. O homem olhou para ele de forma perscrutadora, mas com ternura nos olhos, enquanto respondia: “Camarada, arrepender-se-á se o fizer.”

“Mas a minha querida esposa”, disse o Comandante Campbell, “não posso deixá-la assim tão subitamente.” O seu companheiro olhou para ele de uma maneira apiedada antes de seguir em frente com o resto da multidão.

O comandante voltou-se para retroceder os seus passos. Teve de abrir caminho com os cotovelos através da massa aparentemente infindável de pessoas. Cedo deparou com o trilho estreito que o tinha conduzido em direção à estrada. Em poucos minutos, chegou ao seu próprio jardim. Não lhe pareceu estranho caminhar diretamente através da porta da frente e da porta do seu quarto de dormir. Dirigiu-se à cama. “Ali estava eu”, escreve ele, “deitado confortavelmente entre os lençóis. Parecia muito melhor. Tinha desaparecido o aspeto contraído do meu rosto e conseguia ouvir-me a respirar de forma tranquila e compassada.”

Depois, abriu os olhos para descobrir que estava realmente na cama. Respirou fundo e sentiu-se certamente consideravelmente

melhor. Ouviu a sua esposa a chorar baixinho. Ergueu-se sobre o cotovelo. “O que se passa, querida?”, perguntou ele. Ela deu um grito agudo e assustado que desconcertou tanto o marido que este recaiu na inconsciência.

Quando acordou da vez seguinte, as portadas estavam abertas e um sol de inverno ténue entrava na sala. A sua esposa aproxima-se da cama e perguntou-lhe como se sentia. Quando ele lhe disse: “Muito melhor, querida”, lágrimas felizes correram-lhe pelas faces.

Nessa mesma manhã, o médico, vindo a casa para assinar a certidão de óbito do Comandante Campbell, foi recebido por uma mulher sorridente. “Leve esses papéis embora, Doutor”, disse ela, “não são necessários.” O médico disse mais tarde ao comandante: “Por um momento, pensei que o desgosto lhe tivesse perturbado a mente, mas ela sorriu e conduziu-me escadas acima até à cama onde o senhor jazia. Quando o vi, soube que um milagre tinha acontecido.”

Tão rapidamente o doente recuperou que, dois dias após o seu regresso do túmulo, andava a passear de automóvel.

As experiências astrais da vida além do véu do Comandante Campbell foram partilhadas por muitas pessoas que, sem nenhum interesse religioso pessoal a defender, testemunharam as suas aventuras supernormal no próximo mundo.

Três dias antes da sua partida, o bem conhecido autor, John Oxenham, concluiu um dos mais interessantes relatos que já foram escritos relativamente à vida no Além. Out Of The Body, recentemente publicado, é uma obra importante porque o autor se dá ao trabalho de explicar, no seu prefácio, que ele e a sua filha, que o ajudou a escrever o livro, não têm “qualquer ligação com o sobrenaturalismo, o espiritualismo ou a investigação psíquica”. John Oxenham tinha visões religiosas ortodoxas e o seu prefácio sugere que não possuía qualquer conhecimento pessoal dos fenómenos da sala de sessões. Contudo, as suas experiências astrais confirmam o caso da Sobrevivência. Concordam em cada detalhe importante com todas as descrições do mundo espiritual

que, aparentemente sem o seu conhecimento, se têm vertido através dos canais da mediunidade durante quase um século.

John Oxenham chama às suas experiências astrais "um sonho", contudo refere-se ao seu livro como a conclusão do seu trabalho na terra. Na verdade, ele batalhou contra a própria morte de modo a poder terminar Out Of The Body.

As suas aventuras psíquicas começaram quando jazia gravemente doente. A queda de uma bomba muito próxima abalou os alicerces da casa. O choque do impacto teve um efeito notável no homem doente. Durante os 15 minutos seguintes, o seu corpo etérico esteve desprendido da sua estrutura física enfraquecida. Livre das limitações físicas, submeteu-se a experiências numa dimensão diferente da terrena. As suas aventuras duraram muito tempo no mundo etérico. No entanto, durante todo o decurso das suas notáveis aventuras, o seu relógio registou apenas 15 minutos!

Na noite em que a bomba caiu, o homem doente estivera deitado na cama a conciliar o sono. Cansado, contava as horas que tinham de passar antes que as portadas do apagão pudessem ser retiradas e a luz da manhã acolhida de novo. Notou que os ponteiros do relógio na sua mesa de cabeceira apontavam para as 3h da manhã. "E então...", escreve ele, "sem um momento de aviso, surgiu um estrondo sibilante lá fora e um estrondo cataclísmico... E soube que o fim tinha chegado e que eu tinha passado num momento, como sempre esperara fazer, da pequena vida limitada da Terra para a vida grande e livre que apenas começa quando esta termina."

A sua tomada de consciência seguinte foi a de que estava sozinho num lugar amplo e elevado. Por momentos, sentiu-se torporizado e apenas conseguia permanecer de pé e olhar fixamente. "Parecia estar na própria coroa do mundo", escreve ele, "e conseguia ver — eu, cuja visão nunca tinha sido muito boa — conseguia ver como nunca tinha visto antes." O seu olhar absorveu o aspeto belo. Acima da sua cabeça flutuava uma nuvem branca num céu azul-celeste. "A toda a volta e abaixo de mim",

afirma ele, “olhei sobre distâncias infindáveis — florestas, rios, lagos e cordilheira após cordilheira de colinas e montanhas, até àquilo que pareciam os confins do mundo. E conseguia ouvir, como nunca na minha vida tinha ouvido antes. Conseguia ouvir o sussurro suave dos ventos nas árvores abaixo de mim. Conseguia ouvir o ondular e o tinir de muitas águas correntes. Conseguia ouvir os gritos distantes de crianças a brincar.” - 193

Ouviu o cantar de muitas aves nas árvores abaixo dele. E as suas orelhas surdas não tinham sido capazes de escutar o canto de uma ave durante muitos anos! Com la tomada de consciência dos seus órgãos dos sentidos recuperados, surgiram ainda mais surpresas.

Três homens, absortos em conversação, caminharam na sua direção. Um deles tinha a aparência de um profeta de outrora; o segundo era aparentemente um nativo da China. Tinha um rosto pensativo e imperscrutável, e um aspeto muito amável. A terceira pessoa parecia um nativo de África. Era de proporções nobres. Destes homens, o autor aprendeu o segredo da comunicação entre os chamados mortos pois, embora aparentemente se dirigissem a ele nas suas próprias línguas, as palavras chegavam até ele como se fossem faladas em inglês.

Acolheram-no e explicaram-lhe como era possível para ele compreender as suas diferentes línguas e como eles, também, podiam interpretar a sua própria língua com o mesmo sucesso. Informaram-no de que apenas tinha de desejar mentalmente estar com um determinado indivíduo e veria o seu desejo satisfeito.

Mas disseram também que seria preferível concentrar-se numa pessoa de cada vez, dado que os seus amigos poderiam bem estar espalhados por qualquer parte do universo. “Mesmo aqui”, foi-lhe dito, “não se pode facilmente estar em mais do que um lugar de cada vez.” Despedindo-se dos seus novos conhecidos, ele apressou-se através do espaço para junto da pessoa cuja presença desejava, a sua esposa, que tinha partido para o outro lado muitos anos antes.

Ela adiantou-se em direção a ele com as mãos estendidas e um rosto que mostrava felicidade e acolhimento. Cedo o conduziu a outros membros "mortos" da sua família, que o saudaram alegremente. Reencontrou o seu filho "morto"; visitou outros velhos amigos que tinham partido para o outro lado. Tudo era tangível, real e sólido.

No seu novo ambiente nas esferas, este visitante astral viu muitos lugares de grande interesse. Num centro de arte, examinou obras-primas pintadas no mundo terreno, mas apresentadas neste "Jardim da Arte" para a realização absoluta das mais altas esperanças e ideais dos seus criadores. Estavam presentes artistas de todos os tipos que procuravam alcançar o cumprimento perfeito dos seus sonhos terrenos.

Agora que tinha encontrado uma saúde vigorosa, John Oxenham passou horas felizes a tomar banho e a andar de barco. Descobriu também que, quando desejava, podia retirar-se para descansar. Podia comer se sentisse que necessitava de sustento. Descobriu, contudo, que na atmosfera maravilhosa daquela esfera de existência, cada respiração tomada restaurava a vitalidade e supria todas as necessidades.

Mais tarde, John Oxenham descobriu um "Jardim da Música" onde alguém se podia sentar hora após hora a ouvir grandes mestres a tocar as suas peças imortais em instrumentos comparados com os quais os da terra não passavam de "apitos de lata". "Handel, Bach, Beethoven e dezenas de outros estavam ali", escreve ele, "e muitas vezes reuniam-se em redor do executante com apreço e, por vezes, com amáveis sugestões." Noutra parte desse jardim, ouviu alguns dos maiores cantores que a terra conheceu. Estes artistas "mortos" continuavam, na sua nova existência, a dar alegria e felicidade àqueles que desejavam ouvir as suas notas gloriosas. Entre estes cantores estavam Patti, Melba, Caruso, Christine Nilsson e Jenny Lind.

Em vastas bibliotecas, o autor encontrou réplicas de cada livro publicado na terra. Além disso, havia registos dos

pensamentos, palavras e atos registados por cada ser humano desde o início dos tempos.

Neste novo mundo, John Oxenham encontrou novamente muitos dos amigos que tinha conhecido na terra. Descobriu, também, que havia esferas espirituais além daquela em que estava temporariamente a funcionar. Nesses reinos mais elevados, havia indivíduos cujo estado de evolução lhes tinha ganho o direito de levar uma vida mais avançada. Aqueles que estavam no reino mais elevado podiam, e de facto faziam-no, passar tempo com os habitantes dos planos menos avançados, de modo a ajudá-los a obter progresso. Foi-lhe dito que os indivíduos que o desejassem podiam ainda visitar amigos na terra, vigiar por eles e ajudar aqueles que necessitavam de força vinda do mundo espiritual. - 194

Foi-lhe dito que os indivíduos que quisessem fazê-lo podiam ainda visitar amigos na terra, zelar por eles e ajudar os que precisassem de força do mundo espiritual.

Uma outra descoberta feita por este autor "sonhador" foi a de que todos os que assim o desejavam encontravam uma ocupação do seu agrado nas esferas. A preguiça e a ociosidade barravam o caminho para o adiantamento espiritual. Descobriu que àqueles que, nas suas vidas terrenas, tinham sido frustrados no seu desejo de ter filhos, era dado, após a "morte", o encargo de crianças que necessitavam do seu amor e cuidados. Muitos desses pequeninos tinham sido subitamente precipitados no próximo mundo através de ação inimiga. Durante a sua estada astral, conheceu duas pessoas chamadas Mary e Joseph Garth, que tinha conhecido na terra. John tinha sido um horticultor.

Escrevendo sobre a sua existência física, o autor diz: "O maior desgosto de todas as suas duas vidas simples e graciosas foi o facto de não terem filhos, embora nenhum pai e mãe mais nobres o mundo inteiro pudesse ter produzido... As crianças e o seu bem-estar, corporal, mental, espiritual, tornaram-se a paixão suprema das suas vidas. Para as ajudar, nenhum trabalho ou privação era excessivo. Adotaram órfãos abandonados dos bairros

de lata e lançaram-nos no mundo como homens e mulheres íntegros e galhardos."

No mundo etérico, John Oxenham descobriu que Mary Garth tinha atingido a felicidade suprema. Sob os seus cuidados estavam algumas crianças que tinham sido bombardeadas na terra. O autor acompanhou o marido de Mary à casa simples que partilhavam com as crianças.

À medida que se aproximavam da casa, foram saudados com o som de gargalhadas alegres. "Vejo que estás tão ocupada como sempre", disse John Oxenham a Mary. Ela concordou e disse quão feliz estava por poder encarregar-se destes pequeninos, que tinham sido vítimas de ataques aéreos na terra. "Ficam todos tão baralhados quando chegam aqui", explicou ela, "que alguém tem apenas de fazer tudo o que pode por eles."

Quando John Oxenham disse que os pequeninos não podiam ter ninguém melhor do que Mary para cuidar deles, ela respondeu simplesmente: "Amo-os tanto, sabe", e abriu o caminho para uma sala grande onde meia dúzia de crianças desfrutavam de uma refeição. O autor foi informado de que elas estavam ainda demasiado desacostumadas à nova existência para se darem conta de que podiam viver sem comida. "Mas passam a passar sem ela gradualmente", disse Mary, "e depois isso poupa muito trabalho." Ela mostrou ao visitante o resto da casa e ele viu que cada criancinha tinha o seu próprio quarto de dormir, simplesmente mobilado. Quando o autor lhe falou do trabalho que ela estava a fazer, ela respondeu: "Amo-o... Não necessito de mais nada para me tornar completamente feliz."

Mary tinha de facto encontrado o "ceu".

* * * * *

John Oxenham escreve: "A minha casinha no topo da colina oscilou ligeiramente nos seus alicerces, e depois estabilizou novamente numa posição equilibrada.

Outra bomba tinha acabado de falhar o alvo.

Eram exatamente 3h15 pelo meu relógio.

Durante quinze minutos abençoados eu tinha estado noutro lugar."

O seu "sonho", como lhe chama, causou tal impressão no homem doente que a sua filha afirma, num epílogo ao volume: "O maior desejo de J.O. era que este livro ajudasse alguns nestes dias conturbados — ajudá-los a olhar em frente com tanta ânsia como ele fazia, para a nova vida que se avizinhava, e talvez retirar-lhes um pouco do pavor e do medo que muitos sentem ao pensar na Morte.

A Morte para ele tinha sempre significado Nova Vida e um Novo Começo. Era adequado que a sua última mensagem fosse uma como esta, e ele e eu tínhamos ambos o sentimento de que lhe estava a ser dada força precisamente para a terminar."

Três dias após a revisão final ter sido concluída, John Oxenham partiu para o outro lado. O seu trabalho terreno estava terminado.

Enquanto separada do seu corpo físico, Lilian Bailey viu algumas das maravilhas do mundo espiritual. Pode dever-se ao seu amor intenso pelas crianças o facto de se ter encontrado entre alguns dos pequeninos que o mundo chama mortos. Pedi-lhe que escrevesse um relato das suas experiências astrais. Aqui está:

"Muito tem sido dito e escrito sobre as viagens astrais e a projeção astral, mas nunca fui atraída para o estudo disso, nem tive o menor desejo de experienciar essa condição. Sempre estive inteiramente convicta do facto de que fazemos muitas viagens enquanto o corpo físico dorme, e que nos reunimos vezes e vezes conta com aqueles que partiram para o outro lado. O cérebro é habitualmente incapaz de dar qualquer clareza a tais eventos mentais e espirituais.

Estamos tão imersos em cuidados, ansiedades e preocupações materiais que a experiência é distorcida, tornando-se apenas um sonho vívido. Menciono isto porque não desejo que ninguém acredite que a minha aventura astral foi o resultado de desejo ou de pensamento ilusório. Sem dúvida, algumas pessoas condenarão esta experiência ou até a ridicularizarão. Não me importarei com

isso no mais mínimo. Na verdade, compreenderei perfeitamente, pois penso que seria isso que eu teria feito se tivesse lido tal relato quando era inteiramente ignorante sobre o assunto. Apenas sei que aconteceu."

Lilian Bailey descreve como, uma noite, após se ter deitado e de jazer perdida em pensamentos, se tornou consciente de uma poça de luz a pairar acima de si. Não tomava forma, mas girava rapidamente, de certa maneira como uma roda incandescente. Desceu mais e pareceu ligar-se à médium.

"O meu coração batia fortemente", escreve ela, "e a minha respiração parecia muito rápida, mas não por medo. Estava de tal modo interessada e, na verdade, encantada com o fenómeno, que não sentia absolutamente nada exceto maravilha. De repente, pareceu-me erguer. Olhei para baixo, para a cama, e vi o meu corpo deitado ali, de forma bastante pacífica. Não fiquei de todo surpreendida.

Pareceu-me perfeitamente natural, mas senti pena daquele corpo físico inerte. Tinha um aspeto um pouco patético e cansado, enquanto eu experienciava uma sensação de leveza e exultação. Era um pouco como alguém se sentiria após escapar de uma sala abafada e sem ar. Nada do que estava a acontecer parecia estranho. Sinto-me certa de ter feito esta mesma coisa noutras ocasiões, mas não retive a memória. Agora, parecia tudo demasiado familiar. estava consciente de que alguém estava presente, mas não consegui registar na altura, nem desde então, o nome do indivíduo. A única memória que retenho de me transportar é que o processo foi sem esforço e célere. Não caminhei, o efeito pareceu automático.

"Cedo me encontrei num vale verdejante, mais belo do que qualquer palavra escrita pudesse transmitir. Caminhei então — a relva de aspeto sumarento era profunda e maravilhosamente verde. O meu passo não a achatava; cada folha de relva parecia saltar de volta para a sua perfeição anterior. De alguma forma, também, parecia irradiar uma força de vigor que me dava energia e revigoramento. Amava aquela relva e, por estranho que possa

parecer, sabia que a relva retribuía esse amor e me estava a dar algo da sua própria essência de vida. Faltam-me as palavras quando tento expressar a beleza das árvores naquele vale da minha aventura.

Algumas eram altas e esguias, outras eram espécimes gigantescos e poderosos. A folha era mais brilhante, mais 'viva' do que qualquer outra que eu tenha visto na terra. Uma brisa ligeira agitava as folhas em notas musicais, como o tinir de vidro suspenso em lanternas chinesas, mas ali havia música e harmonia no som. Inclinei-me contra uma das árvores e contemplei a beleza maravilhosa diante de mim.

Novamente, senti energia e força a vir da árvore. O meu companheiro invisível continuava comigo, provavelmente a dar-me força ou poder para continuar.

"Havia massas de flores por toda a parte. Em tamanho e cor, nunca vi semelhantes na terra. Havia também variedades que nunca antes tinha visto. Algumas cresciam até uma grande altura, os seus caules eram tão altos como eu. Fisicamente, careço do sentido do olfato. Na terra não conheço o significado deste sentido em falta. Mas ali, naquele vale, sei que podia e de facto sentia o perfume maravilhoso daquelas flores."

A médium viu muitas aves, algumas cobertas de uma plumagem de cores notáveis. Uma ave, de aparência semelhante a uma pomba, pousou-lhe no ombro. Quando isto aconteceu, ela foi interpelada, pela primeira vez, pelo seu companheiro invisível, que disse numa voz masculina: "Estas são as aves das crianças."

Imediatamente, Lilian Bailey perguntou-se onde poderiam estar essas crianças invisíveis. No próprio momento em que a pergunta lhe cruzou a mente, deu por si a passar para um grande terreno relvado, reminiscentes de uma campina, mas não exatamente o mesmo.

"Ali, naquela bela terra de relvado", escreve ela, "estavam 50 ou mais crianças felizes, a rir, vestidas com roupas de todas as cores. Pareciam pétalas de muitas tonalidades sopradas indiscriminadamente a partir de uma massa de belas flores. Os

pequeninos eram de todas as nacionalidades e alguns eram de pele escura. À medida que me aproximava, pareceram tornar-se conscientes da minha presença.

Uma menina linda correu em minha direção e lançou os seus braços ao redor de mim, saudando-me como se me conhecesse bem. Isto não me pareceu de todo estranho, pois eu evidentemente já tinha encontrado esta pequenina antes. Mais tarde, soube que, através da minha mediunidade, esta criança tinha sido ajudada a comunicar com os seus pais calorosamente amados. Daí as grandes boas-vindas que recebi da parte dela."

Muitas das outras crianças saudaram a visitante terrena. Embora não ouvisse as suas vozes fisicamente, sabia que lhe estavam a dizer: "Viemos aqui para nos encontrarmos contigo." Lilian Bailey escreve: "Experienciei uma grande vaga de amor por estas crianças.

O simples facto de estar com elas, naquele lugar de beleza, era uma alegria maior do que consigo encontrar palavras para descrever. Sempre tive um amor tremendo por crianças, mas aqui, na terra, alguém não é capaz de lhes dizer exatamente como se sente. Naquela campina, no Outro Lado, elas sabiam-no. Da mesma forma, sabia que elas retribuíam o meu amor. Apenas posso presumir que, uma vez fora do corpo físico e das suas limitações, somos capazes de conversar sem linguagem. Provavelmente, através da radiação da alma ou aura, os pensamentos são transferidos em palavras.

"As idades destas crianças pareciam variar entre os dois e os nove anos. Nunca testemunhei tal felicidade como a que manifestavam. Não tinham um aspeto etéreo. Irradiavam uma vitalidade saudável. Com todos os sinais de contentamento, as mais velhas pareciam zelar pelas suas companheiras mais jovens.

"Esta, a minha primeira visita, pareceu terminar abruptamente. Lembro-me de regressar rapidamente. No meu próprio quarto, vi o meu corpo físico deitado na cama, mas parecia mover-se irrequieto. Pensei novamente: 'Pobre coisa!', pois de alguma forma aquilo evocava uma grande pena dentro de

mim. A coisa seguinte de que me dei conta foi que estava bem acordada, sentada na cama, e imensamente emocionada com as minhas recordações vívidas do que tinha tido lugar."

Não muito tempo depois, Lilian Bailey fez novamente uma visita astral ao lugar a que chama "O Meu Vale". Nesta segunda jornada às esferas, viu o mesmo cenário de anteriormente, mas não se demorou até chegar de novo à campina onde as crianças estavam reunidas. Desta vez, contudo, uma mulher estava com elas.

"Ela parecia muito jovem", escreve Lilian Bailey, "no entanto, eu estava consciente de que ela era muito mais velha do que eu. Tendo olhado para a sua fisionomia bela e serena, conheço agora o verdadeiro significado de esplendor."

Esta mulher disse-lhe que as crianças tinham vindo parte do caminho ao seu encontro porque não era possível para ela visitar a habitação real delas nas esferas. "Pensa que isto é belo", disse o espírito, "mas é apenas um fragmento do verdadeiro ambiente delas. Quem dera que aqueles que amam as crianças pequenas pudessem saber como elas são amadas e acarinhadas nas esferas espirituais. Traria felicidade ao vosso povo na terra se pudessem apenas ver tudo o que é feito pelos pequeninos aqui."

A médium declara: "Observei as crianças a brincar felizes. Ouvi as suas gargalhas a ecoar por aquele vale. A memória do cenário dissipa toda a depressão. É bom saber que aqueles que passam pela porta da morte vão para uma vida de maior beleza do que aquela que deixaram. Desejo que cada pai no universo pudesse visitar o meu belo vale verde para que o medo da morte fosse varrido."

O espírito disse à médium: "Estou tão feliz porque vieste aqui. Nós queremos tanto que ajudes os pequeninos."

"Como posso eu fazer algo por eles?", perguntou a médium com alguma surpresa. "É tudo tão belo aqui. O que poderia eu fazer por eles que já não esteja feito?"

O espírito explicou que nem todas as crianças "mortas" estavam felizes e contentes. "Quando chegam pela primeira vez a

este lado", disse ela, "o pensamento no desgosto dos seus pais causa frequentemente sofrimento entre os pequeninos. Estão tão conscientes do que está a ter lugar nos seus lares terrenos. Temem regressar para testemunhar o desgosto dos seus entes queridos.

Tentam tão arduamente dizer aos seus pais que não estão mortos. Os seus esforços são frequentemente dolorosos. Se pudesses apenas testemunhar a alegria de uma criança que foi capaz de transmitir uma palavra de entendimento àqueles que ficaram para trás, farias mais — e ainda mais — para as ajudar. Cada nova experiência que uma criança tem aqui é guardada com a esperança de a relatar a uma mãe e a um pai. Podes ajudar a transformar muito do sofrimento destas crianças em felicidade. Para aqueles de vós na terra que queiram ajudar estas preciosas crianças a banir o desgosto e o desespero dos seus pais, nós traremos toda a ajuda dentro da nossa influência."

Ali mesmo, a médium prometeu que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para auxiliar as crianças "mortas". Posso afiançar a sua sinceridade quando ela escreve: "Rogo para que, se quaisquer pais tristes ou desgostosos lerem isto, acreditem em mim quando lhes digo que os seus filhos que partiram continuam a necessitar do seu amor.

Acima de tudo, os pequeninos desejam a vossa felicidade. Se, na sua nova vida, vos virem carpir, não podem desfrutar da beleza e da maravilha do seu ambiente espiritual. As oportunidades sem limites que lhes são apresentadas no Além significam pouco para os seus corações amorosos se vos ouvirem constantemente clamar em desespero. Estão vivos. Conseguem ouvir quando chamais. Se lhes derdes as oportunidades para o fazer, falarão convosco novamente." - 200

CAPÍTULO XIX
"DELES É O REINO"

TODAS aquelas pessoas cujas vidas terrenas foram dedicadas aos seus semelhantes continuam, no mundo espiritual, a servir a

humanidade. Podem, na sua existência física, ter-se autodenominado ateias. Alternativamente, podem ter vivido dentro dos limites da ortodoxia. Sejam quais forem os seus rótulos, ou a falta de doutrina religiosa classificada, seguiram o apelo do serviço e da abnegação. Podem ter ganho renome pelas suas boas obras; por outro lado, talvez tenham vivido numa relativa obscuridade, desconhecidas exceto por alguns.

Há indivíduos cujas vidas físicas foram dedicadas a espalhar o conhecimento científico. Outros ergueram os caídos e confortaram os desalentados. Com ternura, simpatia e entendimento, mulheres nobres dedicaram as suas vidas ao alívio do sofrimento e a cuidar dos doentes. Outros dedicaram-se ao cuidado e à educação de crianças abandonadas e negligenciadas. Psicólogos especializaram-se em problemas de crianças difíceis, temperamentais e atrasadas. Outros interessaram-se pelo importante trabalho de treinar e enriquecer as mentes dos jovens. Adultos, sem qualificações especiais, além de um afeto profundamente sincero pelas crianças, deram a medida total do seu amor a todos aqueles que entraram na órbita da sua influência.

O trabalho de todos os que servem a humanidade é motivado por qualidades espirituais que sobrevivem à "morte". É perfeitamente normal que, após a partida, continuem a prosseguir as suas vocações escolhidas. Nem considerações materiais nem padrões mundanos de conduta convencional prevalecem no Outro Lado.

Aquelas mulheres que, por uma razão ou por outra, foram obrigadas a sublimar os seus fortes sentimentos maternais na terra, encontram a sua vocação após a "morte". É-lhes dado o encargo de crianças que nunca experienciaram o amor de mãe durante a sua curta existência terrena. Crianças que foram tratadas cruelmente, indesejadas ou negligenciadas são compensadas após a partida pelo amor de uma mãe espiritual.

Nem todas as mulheres, quer tenham tido filhos terrenos ou não, estão qualificadas para tais vocações importantes no mundo espiritual. Mas se o impulso maternal teve, por necessidade, de

ser reprimido na vida física, pode ser expresso no Além para benefício mútuo de todos os envolvidos. Há lactentes minúsculos cujos corpos espirituais têm de ser tratados. Os nascidos prematuramente, e os nascidos mortos, necessitam de cuidados e atenção até que os corpos etéricos tenham atingido o desenvolvimento normal. Enfermeiras espirituais cooperam com médicos e outros especialistas neste trabalho.

Quando Rupert, o guia de Edith Clements, foi questionado sobre a receção de lactentes nascidos prematuramente no mundo espiritual, respondeu: "Quem dera que pudésseis ver alguns dos belos lares para onde estes minúsculos seres são levados e criados. Nestes lares, semelhantes a instituições de enfermagem, embora mais luminosos e frequentemente abertos ao ar fresco, encontram-se enfermeiras e ajudantes espirituais.

Alguns deles vigiam e cuidam destas pequenas almas, tratando-as como flores preciosas. É uma experiência maravilhosa visitar os seus aposentos e ver os vários estágios de progressão. Podem ver-se as formas minúsculas dos 'prematuros' a jazer completamente livres, mas seguros. Nota-se pouco movimento, visto que são demasiado pequenos para mover os seus membros."

Embora, como tem sido afirmado, as esferas etéricas não sejam territórios no sentido terreno, contudo as crianças "mortas" gravitam naturalmente para a sua própria condição apropriada de vida espiritual, a qual está concentrada numa esfera ou condição particular. No próprio ambiente das crianças encontra-se tudo o que se pode desejar para promover o seu bem-estar, felicidade e desenvolvimento. Elas podem visitar aqueles que amam, tanto em condições terrenas como etéricas. Mas o seu próprio plano é o centro das suas atividades.

Os adultos que habitam nesta esfera são aqueles cujas vocações os mantêm nesse ambiente. Muitos destes indivíduos são espíritos evoluídos que escolheram permanecer na esfera das crianças em vez de reclamar a sua herança de direito em planos mais elevados de existência.

Não há crianças não amadas ou negligenciadas no Outro Lado. Aqueles pequeninos sem familiares "mortos" adequados para cuidar deles são colocados ao encargo de mães espirituais que lhes prodigalizam amor. Fazem tudo o que está ao seu alcance para ajudar as crianças, recém-chegadas, a habituarem-se ao seu estado alterado. Em lares, especialmente planeados para o seu bem-estar, as mães espirituais reúnem os seus protegidos em redor de si.

Contam-lhes as histórias familiares que elas nunca se cansavam de ouvir na terra. Relatam contos novos e admiráveis do mundo que agora habitam. As mães espirituais fazem o seu melhor para confortar os corações das crianças que estão infelizes porque os seus pais terrenos carpeiam a sua perda e não se dão conta de quantas vezes elas regressam aos seus lares.

As crianças "mortas" nem desejam, nem são encorajadas a esquecer os seus próprios pais. Sempre que é desejável, são sempre ajudadas a regressar aos seus ambientes domésticos e a ver por si mesmas aqueles que amam. Dadas as condições corretas, elas farão, sempre que possível, notar a sua presença na sala de sessões, no círculo caseiro e noutros locais.

Poderá perguntar-se se o regresso de crianças "mortas" aos seus entes queridos retarda o seu progresso no Outro Lado. Por que haveria de o fazer? Nunca quereríeis que as crianças terrenas viessem da escola para casa? Nunca quereríeis que deixassem a sua brincadeira por uns momentos para vos contar a diversão que estão a ter? Nunca quereríeis que corressem para vós, cheias de excitação, para relatar as experiências que não fostes capazes de partilhar? Na verdade, não quereríeis que viessem ter convosco para o abraço e o beijo de boa noite antes da hora de deitar?

O desejo das crianças em espírito de voltar para os seus pais é perfeitamente normal. Não retarda o seu progresso espiritual, nem lhes desestabiliza as mentes. Apenas quando dão por si carpeadas como perdidas é que ficam tristes e perplexas. Então, e apenas então, é que os esforços dos seus guardiões espirituais para

confortar corações perturbados se tornam verdadeiramente difíceis.

Quando os adultos partem para o outro lado, levam para o mundo espiritual os caracteres que moldaram na terra. O seu novo ambiente é condicionado pelas vidas que levaram na terra. Nós, adultos, não podemos esperar escapar às consequências do comportamento e das ações mundanas ao passar para o próximo mundo, embora possamos fazer retribuição. O nosso progresso espiritual é determinado pela restituição que fazemos por erros passados. O Criador concedeu-nos a dignidade da responsabilidade pessoal. Não há mediador divino entre nós próprios e Deus. Mas, no mundo espiritual, também recebemos compensação pelo sofrimento que experienciámos sem que a culpa fosse nossa.

Quando uma criança "morre", a posição é diferente. Os jovens passam para o mundo espiritual comparativamente impolutos pelo erro mundano. Não foram sujeitos ao stresse e à tensão dos cuidados, responsabilidades e tentações dos adultos. Não têm de fazer retribuição por erros que nunca cometeram. Reclamam, imediatamente, a sua herança por direito de luminosidade no mundo espiritual.

No entanto, os pratos da balança da justiça estão perfeitamente equilibrados. Porque as crianças escaparam às armadilhas mundanas, são também mais pobres em experiência humana. As suas almas não testadas nunca atingiram as alturas elevadas do esforço humano, nem conheceram as alegrias da conquista sobre as dificuldades. Sabem pouco sobre a consecução de ideais nobres no serviço da humanidade.

Não experienciaram a sensação de satisfação que se segue ao sucesso após longa luta e esforço. As suas mentalidades são imaturas. Os seus caracteres têm ainda de ser testados. Têm lições a aprender no mundo espiritual que os adultos já dominaram na escola da vida terrena. Aqueles que partem para o outro lado numa idade tenra devem adquirir conhecimento e ganhar

experiência de modo a que o seu progresso e evolução não sejam retardados.

No clássico Spirit Teachings, recebido através da mediunidade de escrita automática do Rev. W. Stainton Moses, um comunicador altamente evoluído lida com algumas das questões que surgem da "morte" de crianças. Este sábio instrutor espiritual afirma: "A ausência de contaminação assegura uma passagem rápida através das esferas de purificação, mas a ausência de experiências e conhecimento necessita de ser remediada pelo treino e pela educação, por espíritos cujo cuidado especial é treinar estas almas ternas, e suprir-lhes aquilo que perderam.

Não é um ganho ser retirado da vida terrena, salvo de uma maneira — a de que o mau uso das oportunidades poderia ter implicado maior perda e ter retardado mais o progresso... Muitos espíritos infantis deixam a vida terrena puros e impolutos, que teriam estado expostos à tentação e a provações dolorosas; e assim ganham em pureza o que perderam em conhecimento."

O comunicador espiritual salienta: "O amor e o conhecimento ajudam a alma a avançar. A criança pode ter a primeira qualificação, não pode ter a outra salvo pela educação."

Os parques de infantis nas esferas, as matas e as clareiras, as colinas e os vales, os lagos e as campinas ecoam com as vozes de crianças felizes e sem preocupações.

Em condições ideais, elas praticam muitos tipos de jogos organizados. É tão necessário para as crianças-espírito terem exercício saudável e variado como o é para os jovens na Terra. As suas recreações promovem o desenvolvimento da graça e do ritmo nos seus corpos etéricos em crescimento. Mas os jogos organizados são cooperativos, em vez de competitivos. São concebidos para erradicar a realização egoísta e o orgulho da perícia. Ganhar um jogo não precisa de significar necessariamente uma conquista pessoal, mas sim cooperação e boa vontade. Nas esferas das crianças, não há desportos ou passatempos que explorem os fortes à custa dos fracos.

Um certo número de lições necessárias são ensinadas às crianças através dos jogos, posturas e exercícios. Elas aprendem com entusiasmo quando as lições são apresentadas de maneira interessante e inovadora.

Por vezes, as maravilhas do universo são apresentadas às crianças-espírito sob a forma de espetáculo ou dança. Elas veem a história dos céus representada como um espetáculo impressionante de movimento e ritmo, encenado para seu benefício por indivíduos espirituais cujos nomes, quando na Terra, podem ter sido famosos pelas suas realizações artísticas.

As próprias crianças são incentivadas a participar em diferentes apresentações artísticas que são concebidas para desenvolver nas suas naturezas uma apreciação de todas as formas de verdadeira beleza.

Tal como no caso dos adultos, ao passarem para o outro lado, os jovens gravitam para a mesma "localidade" etérica que outros da sua raça e nacionalidade. Uma rapariga ou rapaz chinês poder-se-ia sentir deslocado e infeliz num lar espiritual planeado segundo um esquema ocidental de habitação. As crianças são geralmente recebidas por membros da sua própria raça ou nacionalidade. Mas os preconceitos enraizados de raça e cor, credo e casta são rapidamente superados na esfera das crianças, pois estas são falsas barreiras do mundo material. Desde que os seus temperamentos e estágios de evolução sejam adequados, crianças de pele escura e de pele clara convivem felizes no Além, no trabalho e na brincadeira. As qualidades da alma são os únicos padrões de superioridade espiritual.

A criança de cor controlada por Pamela Nash, Topsy, que partiu com um amargo ressentimento contra as pessoas brancas no seu coração, foi suavemente conduzida pela influência da sua mãe espiritual até que a pequena superou a sua antagonismo. Ela disse a Norman Swaine, numa das suas sessões com Pamela Nash, que quando esteve no mundo espiritual durante algum tempo, não conseguiu resistir à atração das outras crianças "mortas" com quem se misturou.

Como este autor regista na sua "Autobiografia De Dois Mundos", Topsy disse-lhe que as crianças eram tão amorosas que derrubaram as barreiras de reserva que ela inconscientemente construíra em volta da sua alma. "Aprendi a amá-las", disse ela, "e a partilhar os meus pensamentos com elas quase tão livremente como elas partilhavam os deles comigo. Aprendi algo da alegria e felicidade que vieram com o conhecimento de ter alguém para amar e alguém que amava em troca, e gradualmente o meu ressentimento diminuiu à medida que a minha compreensão crescia."

Foi isto que Topsy contou ao autor sobre as suas experiências no Outro Lado: "Muitas crianças mais ou menos da minha idade vieram para nossa casa, onde eram cuidadas pelas mães espirituais. Éramos um grupo feliz de crianças, aprendendo as belezas das flores e das árvores e a maravilha da vida espiritual e do crescimento da alma, ensinadas pelas nossas gentis mães espirituais cujo único diploma era o amor pelas crianças.

Aprendemos tanto, também, das nossas conversas diárias juntas — crianças de todas as cores e nações, aqui unidas numa só família feliz. Falávamos sobre todos os assuntos relativos a nós mesmas, pois não havia reserva ou timidez como no plano terreno, — 206 — QUANDO UMA CRIANÇA MORRE e muitas horas felizes passávamos nos jardins, trocando experiências e histórias."

Da mesma forma que as crianças terrenas vão à escola, também os pequeninos no mundo espiritual o fazem. Quando atingem um certo estágio de desenvolvimento mental, começam a frequentar aulas conduzidas por adultos especialmente qualificados.

Uma professora "morta" disse ao Sr. Guy P. J. L'Estrange, numa sessão, que se especializava no ensino de crianças-espírito entre os 11 e os 13 anos. Ele publicou um registo dessa sessão no "Yarmouth Independent".

"Pode dizer-me algo sobre a sua escola?", perguntou ele à professora espiritual.

"Não é um edifício, mas um jardim", respondeu ela. "Toda a instrução necessária é dada ao ar livre, entre as árvores, as flores e os pássaros. As crianças gostam muito mais disso do que de estar encerradas entre quatro paredes."

O assistente perguntou se as condições ao ar livre poderiam distrair a atenção dos alunos das suas lições. Dizendo-lhe que não era esse o caso, a espírita declarou: "É o primeiro dever de cada professor manter o interesse dos seus alunos. Quando se consegue fazer isso, não há necessidade de temer a falta de atenção adequada."

"Você, como professora, ama o seu trabalho", disse o Sr. L'Estrange. "Os seus alunos são igualmente entusiastas nos seus estudos?"

"Claro que são", respondeu ela. "As crianças não viriam às aulas se não apreciassem verdadeiramente as suas lições. A frequência escolar não é obrigatória no mundo espiritual."

Ela explicou que, embora parte da instrução escolar da vida terrena não fosse considerada necessária no Além, havia muitas lições que ajudavam o desenvolvimento espiritual e mental das crianças. "Elas devem ser ensinadas", explicou ela, "sobre o maravilhoso universo do qual fazem parte. Têm de adquirir uma compreensão das grandes leis naturais que prevalecem. É-lhes mostrado como, se falharem em agir de acordo com essas leis, a sua negligência traz o seu próprio castigo."

"Há mais do que uma turma na sua escola?", foi a pergunta seguinte. "Não", respondeu a professora espiritual, "crianças mais velhas e mais novas vão para outros lugares. Tentei especializar-me no ensino de alunos num estágio particular de desenvolvimento mental. Mesmo quando, com a ajuda de amigos, planeava o meu jardim, concebi cuidadosamente um resultado que deveria ter o efeito psicológico mais feliz sobre os meus futuros alunos." O assistente exclamou: "Admiro a minúcia com que tudo é alcançado no mundo espiritual."

"Nas nossas esferas", disse a professora, "as pessoas dedicam-se apenas ao trabalho que amam de todo o coração, por isso, naturalmente, tudo é feito com muita minúcia."

A sua sala de aula-jardim foi construída para encorajar as crianças a apreciar muitas das coisas belas que tinham ignorado na Terra, simplesmente porque não tinham valor material. A mulher "morta" exemplificou o facto de as crianças terrenas muitas vezes desprezarem as flores silvestres porque os seus pais não lhes atribuíam valor.

"Este hábito", disse ela, "persiste na vida adulta e estende-se a outras coisas, com o resultado de que falsos ideais se formam lentamente na mente, e as coisas doces e simples da criação, que podem dar tanto prazer, são esquecidas." A professora espiritual disse que, no seu jardim do Outro Lado, dera um lugar tão proeminente à margarida e à rosa-brava como ao lírio prezado, à orquídea e a outras flores cultivadas escolhidas.

"As crianças notam estas coisas", afirmou ela, "e depois de superarem o primeiro espanto, começam a analisar as suas emoções. 'Que coisa engraçada!', dizem elas. 'Nunca antes tínhamos notado que estas flores eram tão belas.' E porque ficam satisfeitas com a descoberta de que a beleza pode espreitar em lugares insuspeitados, mantêm os olhos abertos para ela noutros lugares. Começam rapidamente a apreciar todos os tipos de coisas pelo seu verdadeiro valor, livres de ideias convencionais."

Por vezes, a professora contava aos seus alunos a história de vida de grandes indivíduos que agora viviam no mundo espiritual. Ocasionalmente, recebiam visitas de algumas das grandes personalidades sobre as quais ela tinha dado palestras. "Quando ocorre tal visita", disse ela ao assistente, "as crianças ficam especialmente encantadas. Do ponto de vista delas, é como se um herói de livro de histórias ganhasse vida."

Perguntada a que idade as crianças deixavam de frequentar a escola, a professora respondeu: "Não há limite de idade. Posso garantir-lhe que há alguns alunos muito idosos em certas escolas, pois há sempre muito para aprender nas nossas esferas."

No mundo material, os jovens são muitas vezes impedidos de seguir um determinado curso de estudos simplesmente por falta de meios dos pais. Isso nunca acontece no mundo espiritual, onde considerações monetárias não prevalecem. Desde que a vocação escolhida seja construtiva e não destrutiva, o aluno encontrará especialistas nesse campo de interesse específico, dispostos e ansiosos por transmitir conhecimento e instrução sobre a matéria que se deseja dominar.

No mundo espiritual, viajar de um lugar para outro não é condicionado ou restringido por fronteiras físicas. As crianças "mortas" podem prosseguir os seus estudos de uma forma muito mais interessante do que os estudantes terrenos. Os naturalistas e botânicos podem levar os seus alunos para qualquer parte do mundo etérico ou terreno que desejarem.

Se for necessário examinar em primeira mão um espécime de vida animada ou inanimada, os alunos e os seus professores podem viajar imediatamente para o local desejado. Há laboratórios, equipados com todos os tipos de instrumentos científicos, onde os alunos podem experimentar sob orientação e supervisão especializada. Artes belas e úteis podem ser aprendidas com mestres dessas realizações. Há oficinas cheias de atividade onde os alunos, aplicando a sua própria habilidade, podem pôr as suas ideias criativas em prática operacional.

Muitos dos artistas, compositores, músicos e designers que seguem as suas vocações no mundo espiritual estão geralmente dispostos a dar a alunos promissores o benefício do seu próprio conhecimento.

"No nosso mundo", disse Silver Birch numa sessão, "temos professores que olham para os seus alunos e veem se eles são musicais ou artísticos. Imediatamente começam a ensinar a jovem alma a expressar o talento natural que possui. Não se tenta forçar um crescimento que não seja adequado à alma. Não tentam fazer com que o músico pinte ou com que o artista componha. Temos no nosso mundo uma gama muito maior do que vocês para

interpretar toda a variedade de formas e cores mostradas às crianças pela criação dos seus próprios pensamentos.

"Se queremos descrever alguma coisa, tudo o que temos de fazer é pensar nela. "DE TAIS É O REINO" — 209 — Fazemo-la crescer pelo nosso pensamento. Ora, tendo-a obtido, temos de nos concentrar numa certa forma e depois na nossa cor. Se for uma lição de pintura, os professores pensarão nas cores e formas dos modelos que as crianças desejam pintar e desenhar para si mesmas. Todos os nossos modelos são naturais e são extraídos da substância mais plástica — o pensamento."

Noutra sessão, Silver Birch descreveu os salões de música onde todos os que desejassem podiam ouvir qualquer obra desejada de um compositor. "Estas composições", disse ele, "são tocadas para nós por qualquer um dos grandes mestres que já habitaram no vosso mundo. Cada peça está registada. Podemos ter vários mestres a tocar a mesma peça para nós, um após o outro, para que possamos ter diferentes interpretações de beleza e arte."

Ele explicou que indivíduos evoluídos também podiam produzir música da sua própria criação. Devido às grandes facilidades disponíveis no Outro Lado, os "mortos" podem experimentar ideias musicais de uma maneira completamente impossível no mundo material.

A vida para muitos de nós no mundo espiritual seria incompleta sem a companhia dos animais. Tal como no caso dos humanos, quando o laço de amor ainda liga, os nossos animais de estimação "mortos" esperam-nos no Além. Muitas crianças ficam radiantes de alegria por serem recebidas por um animal muito amado cuja "morte" precedeu a sua própria. Os jovens, regra geral, têm um amor intenso pelos animais. Aqueles que, nas suas vidas terrenas, nunca puderam prodigalizar afeto a um animal doméstico, têm no Além a oportunidade de ter essa companhia tão desejada. Há uma grande camaradagem entre os animais jovens e as crianças.

Já observou alguma vez uma criança e um cachorro a brincar? Parece-me uma visão encantadora e comovente. Eles parecem incorporar a afinidade natural que deveria existir entre todas as criaturas jovens, independentemente da espécie. Na Grã-Bretanha e em muitos outros países, as crianças são geralmente incentivadas a amar os seus animais domésticos. Ensinam-lhes a compreender que esses animais dependem dos humanos para o seu bem-estar e necessitam de consideração e tratamento afetuoso. As crianças observam que os seus animais respondem de forma incondicional ao afeto que lhes é concedido.

Infelizmente, há algumas crianças terrenas que são permitidas pelos mais velhos a praticar crueldade contra certas criaturas indefesas. Ensinam-lhes a tratar os animais domésticos com amor e respeito, mas podem ser autorizadas a matar criaturas de outras espécies. As crianças que foram educadas para caçar a raposa descobrem, ao passar para o outro lado, que prevalece um padrão diferente de ética "desportiva". Aprendem que todas as criaturas indefesas têm os mesmos direitos a um tratamento ponderado. Aprendem que outros animais, para além dos domésticos, têm reações à dor e ao desconforto semelhantes às experimentadas pelos humanos, pois a nossa herança comum mantém-nos unidos. As crianças são geralmente indivíduos razoáveis. Quando lhes são apontadas inconsistências gritantes no tratamento dos animais, encontram pouca dificuldade em se reajustarem a outros padrões de conduta.

O comportamento convencional terreno não é necessariamente bom comportamento no mundo espiritual. Alguns pais terrenos pensam que a conduta dos jovens deve, em todas as ocasiões, ser modelada segundo o padrão de convenção estabelecido pelos mais velhos. Qualquer desvio das crianças em relação a um código estabelecido é desaprovado pelos seus pais. Os pequenos não são incentivados a pensar ou agir por si mesmos, nem autorizados a afastar-se da linha rígida do que é "feito" e do que "não é feito". Não é surpreendente que algumas crianças cresçam com perspetivas limitadas — produtos

padronizados de um código material ou social de comportamento. A individualidade é sufocada, e a expressão individual é deplorada.

No mundo espiritual, a originalidade de pensamento e de perspetiva é sempre incentivada entre as crianças. Elas aprendem a expressar-se sem timidez. As suas mentes impressionáveis são orientadas, mas nunca forçadas, pelos seus professores e guardiões.

Há pais terrenos que cedem a todos os caprichos e fantasias de um querido adorado. Uma disposição doce e amável pode ser arruinada por familiares excessivamente indulgentes, e um caráter potencialmente bom pode ser distorcido para um de egoísmo e falta de consideração pelos outros. Uma criança mimada, mal-humorada ou egoísta não se transforma, pelo ato da "morte", subitamente num querubim doce e angelical. Mas, através de um processo de reeducação sábia e especializada, o pequenino é suave, mas firmemente, orientado para um novo padrão de conduta.

Mães espirituais, guardiões e professores ajudam e incentivam as crianças difíceis a desabrochar as qualidades inatas de bondade que não tiveram uma oportunidade justa de se desenvolver na Terra.

As crianças mimadas e excessivamente indulgentes raramente são felizes. Nem os seus corpos físicos, nem as suas mentes, são completamente saudáveis. Muitas vezes, também, são incompreendidas e impopulares entre os seus contemporâneos de idade. No Outro Lado, elas descobrem que há muitos jovens que estão bem-dispostos para com elas e dispostos a partilhar com elas os seus jogos e passatempos.

Descobrem que um sistema de fraternidade e harmonia prevalece nas esferas infantis. Aprendem que a cooperação amigável no trabalho e na brincadeira significa, para elas, o fim da incompreensão, do tédio e da solidão, e que a conduta ponderada para com os outros traz uma felicidade até então inimaginável para as suas vidas anteriormente descontentes.

O grande vidente americano, Andrew Jackson Davis, herdou a sua mediunidade da sua mãe. Ele foi o precursor do Espiritualismo Moderno. Em 1847, escreveu nas suas "Princípios da Natureza" estas palavras: "É uma verdade que os espíritos comungam uns com os outros enquanto um está no corpo e o outro nas esferas superiores, e isto também quando a pessoa no corpo está inconsciente do influxo e, portanto, não pode ser convencida do facto."

No ano seguinte, as irmãs Fox, na sua casa em Hydesville, estabeleceram comunicação com os "mortos". No mesmo dia, longe de Hydesville, Andrew Jackson Davis registou nas suas notas que ouviu a voz de um visitante espiritual dizer: "Irmão, a boa obra começou — eis que nasce uma demonstração viva." Ele ficou a pensar o que significaria a mensagem. Mas o Espiritualismo moderno começou naquele dia!

Andrew Jackson Davis, em estados visionários de clareza que descreveu como "a condição superior", visitou as esferas infantis várias vezes. Manteve uma memória clara de tudo o que viu. O vidente ficou profundamente impressionado com o sistema de educação, que abrangia instrução moral, mental e espiritual. Testemunhou os métodos de exercício concebidos para promover a graça e a beleza nos corpos etéricos em crescimento. Observou como a apreciação da música e da arte era incentivada e desenvolvida.

Porque compreendeu que "a criança é o repositório de possibilidade infinita", Andrew Jackson Davis concebeu um esquema semelhante de treino mental, espiritual e físico para crianças terrenas, baseado no que testemunhara no Além.

No seu tempo, o sistema de educação que defendia era revolucionário, quebrando muitas ideias convencionais sobre a maneira como as raparigas e rapazes deveriam ser ensinados. Mas embora quase um século tenha passado desde que os planos detalhados deste grande psíquico foram postos em prática na Terra, o movimento que fundou ainda existe. Estes Liceus, como são chamados, são o equivalente espiritualista das escolas

dominicais ortodoxas, mas há pouca semelhança entre os dois métodos de treino. Os alunos são divididos em grupos de acordo com a sua idade e desenvolvimento mental, mas não há limite de idade para a adesão ao Liceu.

Como o Sr. A. T. Connor salienta no seu admirável folheto sobre a educação nos Liceus, o trabalho do professor é tornar as lições interessantes e garantir que a educação não se degrade em mera instrução. Ele cita Lord Avebury, que disse: "É muito mais importante cultivar a mente do que armazenar a memória. A instrução é apenas uma parte da educação... os estudos são um meio, não um fim."

As crianças no movimento dos Liceus crescem sem medo da morte. É-lhes ensinado que a sobrevivência pessoal é a lei natural do universo. Aprendem que é perfeitamente normal que aqueles que partiram regressem aos seus entes queridos na Terra. Embora não se tente forçar as faculdades psíquicas dos jovens, as crianças aceitam de forma bastante natural os factos da mediunidade.

O propósito do treino nos Liceus não é meramente ensinar as verdades do Espiritualismo, mas sim proporcionar aos alunos uma formação que lhes permita encontrar por si próprios princípios que apelam à sua própria razão e intelecto. Ditames teológicos ou sectários de qualquer tipo não são permitidos num Liceu. O ensino é concebido segundo um plano amplo e harmonioso.

Baseado nas observações de Andrew Jackson Davis sobre a educação das crianças-espírito, o sistema terreno é uma tentativa de estimular as próprias capacidades mentais dos alunos. A confiança em si é promovida ao incentivar — CIDADÃOS DO AMANHÃ — 213 os esforços individuais das crianças. Canções, danças, recitações, atuações instrumentais são apresentadas pelos alunos nas demonstrações dos Liceus.

Para citar novamente o folheto do Sr. Connor: "O ponto de importância primordial não é o que foi feito ou como foi feito, mas que a tentativa foi feita.

Uma criança de três ou quatro anos que se levantou perante o Liceu e murmurou a simples lengalenga de 'João e Maria' recebe

tantos aplausos calorosos como os dados à recitação de uma obra-prima. Nesse ambiente, a capacidade latente de cada criança é incentivada a expandir-se e, gradualmente, os nossos rapazes e raparigas adquirem o hábito de se sentirem confiantes na sua capacidade de fazer o que quer que tenham empreendido."

A autossuficiência é incentivada nos alunos. Eles aprendem que as recompensas mais valiosas são aquelas conquistadas pelo esforço pessoal. As crianças são sempre instadas a expressar as suas próprias individualidades e a não se tornarem meras copiadoras de outras pessoas.

Os jovens que possuem uma calma confiança em si, autossuficiência e que têm o dom da expressão individual podem atravessar a vida com uma perspetiva serena. Desenvolvem o hábito de raciocinar por si mesmos. Possuem confiança na sua própria capacidade para executar os seus planos, resolver os seus problemas e perseguir os seus ideais sem medo.

CAPÍTULO XX
CIDADÃOS DO AMANHÃ

Muitas mulheres e homens terrenos, de elevado caráter e integridade, dedicam as suas vidas ao ensino dos jovens. O seu conhecimento da psicologia infantil é considerável.

Trabalham incansavelmente para inspirar as crianças com um sentido das suas responsabilidades como futuros cidadãos do mundo. Mas o conhecimento que conseguem colocar à disposição dos jovens pode ser medido em termos da experiência terrena que estes professores e guardiões acumularam — algumas dezenas de anos, quando muito.

No mundo espiritual, há indivíduos evoluídos que, tendo adquirido considerável conhecimento nas suas vidas terrenas, não cessaram, desde a sua partida, de absorver ainda mais sabedoria e discernimento espiritual. Essa riqueza de conhecimento está disponível para aqueles que ainda estão na Terra.

Pessoas que não estão familiarizadas com o caso espiritualista afirmam por vezes que apenas mensagens triviais ou banais vêm do Outro Lado. Uma breve análise da literatura do Espiritualismo facilmente desmente tais afirmações. Os "mortos" fizeram, e continuam a fazer, contribuições valiosas para a ciência, invenção, aprendizagem, literatura, música e outras artes. Aqui estão apenas alguns exemplos. Através da Sra. J. H. Curran, uma médium americana de educação média, surgiram, em escrita automática, textos em prosa chauceriana. A comunicadora espiritual, Patience Worth, disse que viveu no século XIV. A Sra. Curran registou milhares de palavras que, embora sem significado para ela, foram consideradas por especialistas literários como inglês do século XIV. Alguns dos poemas recebidos através da sua mediunidade receberam prémios pelo seu mérito. Os jurados não foram informados da sua origem espiritual.

Oscar Wilde provou a sua sobrevivência escrevendo mensagens no seu estilo inimitável. Epigramas típicos de Wilde salpicavam as páginas da escrita automática que veio através da mediunidade de Hester Dowden. Aqui também, os especialistas deram o seu testemunho, tal como fizeram com as características mensagens de Jack Londres através de outra médium.

O Dr. W. Osterley, Capelão Examinador do Bispo de Londres, e uma das maiores autoridades na Bíblia, descreveu como "veridicamente evidencial" o texto, que se diz ser uma continuação dos Atos dos Apóstolos, recebido através da mediunidade de Geraldine Cummins. Parte desta escrita automática, obtida no estudo de um antigo Bispo de Kensington, atingiu uma velocidade de 1.714 palavras por hora!

Uma contribuição notável para a Egiptologia foi feita por "Rosemary", uma médium de Blackpool. Um comunicador espiritual, que partiu há 3.000 anos, contou, pela primeira vez, como se falava o antigo egípcio. A pronúncia desta língua morta era quase desconhecida, apenas a sua forma escrita estando disponível desde a descoberta da pedra de Roseta. A propósito,

este mesmo comunicador espiritual deu informações valiosas sobre a vida e os costumes do Antigo Egito.

Os poderes psíquicos de duas mulheres — uma delas é a famosa violinista, Jelly D'Arányi — permitiram que o esconderijo de um concerto perdido de Schumann fosse descoberto, facto que a B.B.C. reconheceu quando Jelly D'Arányi tocou a composição na primeira vez que foi transmitida.

Sir Oliver Lodge, o "Grande Velho da Ciência", prestou homenagem à ajuda espiritual que recebeu nas suas pesquisas. "Sei que sou continuamente ajudado por aqueles do Outro Lado", disse ele certa vez. "Sou grato àqueles poderes superiores que me levaram assim a convencer-me da realidade de um mundo espiritual."

Os renomados filósofos, sábios e professores do passado, cujas vidas físicas foram exemplos para toda a humanidade, regressam ainda à Terra. Oferecem os frutos da sua sabedoria acumulada àqueles que queiram absorver o conhecimento. Como afirmei anteriormente, alguns dos grandes professores regressam envoltos num manto de anonimato. Vêm sob uma aparência modesta, mas tão eloquentes são as palavras, tão profundas as verdades, tão sábios os conselhos que nos dão, que só podemos maravilhar-nos com a sua riqueza de compreensão.

O sábio professor de verdades simples, Silver Birch, diz-nos: "Não nos importamos com credo, doutrina ou dogma, a menos que permitam a uma alma viver uma vida melhor. Não nos preocupamos com mais nada senão a ação, pois é o viver das vossas vidas diárias que é de importância fundamental. Nenhum credo, nenhum dogma e nenhum ritual podem alterar nem que seja por um fio de cabelo a sequência desta lei de causa e efeito; tampouco podem subtrair um iota, nem adicionar uma partícula, ao vosso estado espiritual, que é determinado apenas pelas vossas vidas diárias. A nossa lealdade não é a um credo, não a um livro, não a uma igreja, mas ao Grande Espírito da vida e às Suas eternas leis naturais."

As crianças criadas no ambiente de um lar espiritualista conseguem, em ocasiões adequadas, falar com os sábios guias espirituais que conquistaram o amor e o respeito do círculo familiar. Essas crianças podem aceder a uma fonte mais elevada de conhecimento e sabedoria do que aquela disponível em circunstâncias terrenas comuns. Destes guias evoluídos, os jovens aprendem sobre as suas próprias naturezas espirituais inerentes e as implicações e responsabilidades que essa consciência traz.

O Nazareno não se afastou da companhia das criancinhas. Pelo contrário, gostava de falar com elas. "Não as proibais", repreendeu aqueles que as queriam afastar da sua presença, "pois de tais é o reino dos céus." Não menos do que este homem de compaixão, os professores espirituais altamente evoluídos rejeitam a amizade das criancinhas.

A perspetiva direta e imparcial dos jovens torna-os, regra geral, excelentes assistentes. Não defendo que frequentem indiscriminadamente sessões públicas. Mas, na atmosfera do círculo familiar, ou numa sessão com um médium cujo guia é amado e estimado pelos pais, as crianças podem encontrar alegria e interesse em ouvir palavras de sabedoria daqueles que habitam as esferas.

Enquanto escrevo, tenho em mente uma amizade entre duas crianças que conheço e Silver Birch. Ruth e Paul sempre foram ensinados pelos seus pais a aceitar, de forma bastante natural, os factos da sobrevivência pessoal. Há vários anos, consideram Silver Birch como o seu "guia, filósofo e amigo".

Em certas ocasiões, têm uma sessão de transe especial com o seu médium na própria casa. Estas duas crianças têm um profundo amor por Silver Birch, que sabem que as vigia em todos os momentos com um cuidado paternal. Apesar do grande respeito que têm pelo guia espiritual, não têm reservas ou medo na sua presença. Silver Birch, por seu lado, sei que é tocado pela devoção das crianças.

O seu privilégio especial é falar com Silver Birch em todas as épocas de Natal. Embora os "adultos" da família estejam

presentes, não deixa de ser a sessão das próprias crianças. Ruth e Paul não são exceção à maioria das crianças. A sua sede de conhecimento e informação parece quase insaciável. Que perguntas tortuosas e complicadas os jovens esperam ver respondidas! Quantos adultos já esgotaram o cérebro numa tentativa de fornecer aos seus filhos respostas razoavelmente simples a perguntas que têm ocupado as mentes dos seres humanos durante séculos!

A própria simplicidade da pergunta de uma criança torna, por vezes, difícil a resposta do adulto. É difícil devolver o olhar direto de uma criança que faz perguntas como: "Porque é que os homens se matam uns aos outros? Porque é que há pessoas pobres quando algumas são tão ricas? Porque é que algumas pessoas têm de passar fome quando outras têm bastante para comer?" Não é fácil responder a tais acusações inconscientes à "civilização" sem um rubor de vergonha por estas perguntas inocentemente feitas serem necessárias no mundo de abundância que Deus nos proporcionou a todos.

Antes da sua sessão com o médium de Silver Birch, Ruth e Paul costumam preparar uma lista de perguntas para fazer ao guia. Ele está habituado a responder a perguntas. Membros de diferentes denominações religiosas, homens de letras, pessoas conhecidas de todas as partes do mundo visitaram, por vezes, o nosso círculo familiar e apresentaram a Silver Birch perguntas complexas sobre todos os tipos de assuntos. Nunca o conheci sem resposta imediata, em linguagem direta, à pergunta mais complicada.

A primeira vez que Ruth e Paul falaram com Silver Birch foi quando a rapariga tinha oito anos e o rapaz seis. Foram avisados pelos pais de que o médium "adormeceria" e o guia tomaria posse do corpo. Com grande interesse, observaram o controlo a acontecer. Há sempre uma diferença marcada na fisionomia do médium quando Silver Birch se manifesta.

O pai das crianças, Paul Miller, jornalista e autor, registou a sessão em que eu também estive presente. Estou-lhe grato pelo seguinte relato.

Silver Birch começou com uma invocação no seu costume inevitável. "Ó Grande Espírito Branco, que possamos aproximar-nos de Ti com a simplicidade do coração e da mente da criança e aprender aquelas grandes verdades que são reveladas apenas àqueles que têm a perfeita confiança das crianças num Pai amoroso e onisciente. Que possamos aprender a aproximar-nos de Ti sem medo, sabendo que Tu és a perfeita sabedoria, amor e bondade."

Quando as crianças estavam sentadas, uma de cada lado do médium, Silver Birch disse: "Não falaremos com as crianças grandes esta noite, vamos fingir que elas não estão aqui. Sabem que venho muitas vezes brincar convosco."

"Tens uma voz tão bonita, e ouço-te com tanta facilidade", declarou Ruth.

"Esta é a minha voz e não a voz do meu médium", respondeu o guia. "Faço-a especialmente."

Isto levantou na mente da pequena a pergunta: "Como é que falas na terra dos espíritos?"

"Nós não falamos", explicou Silver Birch. "Enviamos os nossos pensamentos uns aos outros em pequenas asas e, transportados pelas estrelas, voam rapidamente através do espaço. E depois recebemos outros pensamentos em resposta; não temos de encontrar palavras. Quando temos uma bela imagem nas nossas mentes, podemos enviá-la imediatamente. Temos aqui tantas coisas belas, muitas mais do que vocês têm — árvores, flores, pássaros e riachos. Sempre que queremos uma bela imagem, podemos fazê-la imediatamente para nós mesmos. Podemos fazer tudo o que precisamos."

"Há quanto tempo nasceste?", perguntou uma das crianças.

Silver Birch disse que estava no mundo espiritual há quase 3.000 anos. "E ainda sou muito jovem", acrescentou.

"Não acho isso muito jovem", disse Ruth. "Quando morrermos, tornamo-nos espíritos?"

"Vocês são pequenos espíritos agora, a crescer para se tornarem grandes espíritos", disse Silver Birch.

"Mas não somos iguais a ti", declarou Paul.

"Somos todos filhos do Grande Espírito a que chamam Deus", respondeu o guia, "e como todas as pequenas partes do Grande Espírito estão ligadas, somos uma família de espírito."

O rapaz refletiu. "Deus deve ser muito grande", disse ele.

"Ele é tão grande como o mundo inteiro", respondeu Silver Birch. "E há muito que não podes ver."

"Mas foi Deus que fez o Grande Espírito?", foi a sua pergunta seguinte.

"Ele não o fez, pois Deus é o Grande Espírito que está sempre ali."

"Ele vem alguma vez à Terra?", Ruth quis saber.

"Sim", respondeu o guia. "Ele vem sempre que um bebé nasce, pois então coloca uma parte de Si mesmo nele."

As crianças disseram que estavam contentes por saberem sobre o mundo espiritual. "São afortunados", disse-lhes Silver Birch, "porque sabem que estão rodeados pela luz e pelo amor daqueles que partiram do vosso mundo para o meu. Eles estão sempre a proteger-vos."

"O teu mundo é maior do que o nosso?", perguntou Ruth.

"É muito, muito maior", respondeu o guia, "e contém muito mais coisas belas do que vocês têm no vosso mundo, cores tão belas, música tão maravilhosa, árvores tão grandes — e flores, pássaros e animais."

Paul quis saber mais sobre os animais e Silver Birch garantiu-lhe que nenhum animal era morto no mundo espiritual.

"Pergunto-me por que razão os homens matam animais", disse Paul um pouco depois.

"Porque ainda não aprenderam que isso é errado", foi-lhe dito.

"Alguns homens alimentam os animais apenas para os matar", observou Ruth.

"Tentem viver sem comer animais", disse Silver Birch. (Ruth e Paul são vegetarianos.)

"Têm fome no mundo espiritual?", perguntou o menino.

"Nunca", respondeu o guia, "porque estamos sempre rodeados de vida, e quando ficamos um pouco cansados, simplesmente inspiramos mais vida. Quando vais para a cama à noite, ficas de pé e respiras ar, e quando fazes isso, também inspiras vida."

"Quando é que vou ver com os meus olhos espirituais?", perguntou Ruth.

"Tens olhos e ouvidos espirituais, mãos e dedos espirituais, e pernas com dedos dos pés espirituais, pois tens outro corpo — ou seja, o corpo do espírito. Podes ver com os teus olhos espirituais agora, mas não te lembras do que vês enquanto estás no pequeno corpo físico que tens agora. Mas gradualmente, conseguirás captar o que viste e retê-lo."

"Os meus olhos espirituais vão ser assim tão grandes?", perguntou Ruth com curiosidade feminina.

"Isso não importa, pois os olhos do espírito podem ver cada vez mais longe."

"Conseguem ver mesmo sobre o mundo?", Paul quis saber.

"São como um telescópio que pode trazer coisas distantes para o alcance da tua visão."

"Quando é que te posso ver bem?", perguntou a menina.

"Terás de esperar um pouco. Vês-nos muitas vezes, mas não te lembras. Quando vais dormir, eu pego-te pelas mãos espirituais. Ambos deixam os vossos corpos terrenos a dormir nas vossas camas e viajamos para o meu mundo e temos aventuras tão maravilhosas. Mas quando voltam aos vossos corpos, esquecem-nas. Dizem apenas: 'Que sonho engraçado tive!'"

Ruth parecia ainda fascinada pela voz do guia, pois repetiu: "Tens mesmo uma voz bonita", e Paul acrescentou: "Acho que é bastante invulgar."

As crianças acharam que era bom as pessoas terem vozes diferentes. "Se fôssemos todos iguais", declarou Paul, "seria muito aborrecido."

O guia disse-lhes que, embora todos fossem diferentes, também éramos todos muito semelhantes, porque pertencíamos ao Grande Espírito. "Algumas pessoas", disse ele às crianças, "têm grandes espíritos em corpos pequenos, e algumas têm grandes corpos com pequeno espírito."

Depois de Ruth ter perguntado se todos os guias espirituais eram iguais, Silver Birch pediu-lhes que observassem enquanto ele transfigurava os traços do seu instrumento para que pudessem ver a diferença entre a face do médium e a do seu guia.

As crianças acharam que o guia tinha um rosto mais comprido e um queixo mais pontiagudo do que o do médium. Ruth declarou também que, enquanto a mudança ocorria, viu uma luz a brilhar na face do médium.

O menino, geralmente muito reservado em declarar os seus afetos, disse então a Silver Birch: "Amo-te."

"O Grande Espírito está cheio de tal amor", respondeu o guia, "tal amor como o que existe entre nós."

Silver Birch falou às crianças de um festival nas esferas para onde ia. Ruth e Paul quiseram saber mais sobre isso. "Os guias encontram-se", disse-lhes ele, "tendo deixado os seus médiuns para trás. Deliberamos e aprendemos sobre as coisas que fizemos e tentámos fazer. Obtemos uma nova perspetiva, e talvez nova sabedoria, talvez ainda mais amor, fé e poder para levar ao vosso mundo quando continuarmos o nosso trabalho."

"O que é a sabedoria?", perguntou Paul.

"É o que sabes", veio a resposta.

"Onde é o céu?", perguntou Ruth.

"O céu está nos vossos corações quando estão felizes", foi a resposta simples.

"Então não está no teu coração quando estás infeliz?", declarou a menina.

"Nunca precisas de estar infeliz", foi-lhe dito. "Podes estar sempre no céu quando quiseres. Estou sempre contigo e tento ajudar-te. Se alguma vez te esqueceres e chorares, virei enxugar as tuas lágrimas e trarei de volta o riso aos teus olhos para que possas crescer em felicidade."

Paul Miller descreve assim o fim da primeira sessão dos seus filhos com o amado guia: "Colocando uma mão sobre cada cabeça, o guia, cujas palavras tinham causado espanto nos adultos e feito deles ouvintes silenciosos da conversa livre, franca e amorosa entre uma grande alma e duas crianças, deixou-os com esta bênção: 'Abençoo-vos em nome do Grande Espírito Branco, que é amor, sabedoria, beleza e verdade. Rezo para que retenham durante toda a vossa vida terrena essa simplicidade que vos permite estar no reino dos céus agora. Rezo para que respondam à influência que está à vossa volta e que vos torneis instrumentos do Grande Poder que procuramos servir.'"

Escrevendo mais tarde no "Psychic News" sobre uma sessão semelhante, o jornalista disse o seguinte sobre a influência do professor espiritual nos seus filhos em crescimento: "Aqui está a mão guia invisível a dirigir a sua educação espiritual, não para a decoração de catecismos preparados por homens ignorantes das verdades do espírito.

Aqui está um guia a aconselhar os jovens a desenvolver os seus próprios poderes espirituais inatos, para que possam eles mesmos contemplar as inteligências que são guardiãs de toda a humanidade. Aqui, na santidade do lar, o poder do espírito estabelece contacto com as mentes em crescimento de duas crianças, dando-lhes o alto exemplo de serviço incansável, conduzindo-as sem ameaça ou medo para a visão de uma vida mais nobre."

Silver Birch disse às crianças, perto do fim desta sessão:

"Não vos posso oferecer as coisas do vosso mundo. Não vos posso trazer dinheiro, joias, roupas. Não vos posso dizer onde procurar ouro, prata ou diamantes. Mas posso mostrar-vos onde

encontrar o ouro da sabedoria, a prata da compreensão, o diamante do conhecimento.

"Posso mostrar-vos as riquezas do espírito, que têm um brilho que nunca se desvanece, que serão brilhantes muito depois de todo o ouro do vosso mundo ter perdido a importância que tem para tantos hoje. Estas são, pois, as riquezas que vos posso oferecer; riquezas que perdurarão, que não podeis perder enquanto não houver desejo de as perder."

Paul perguntou certa vez ao guia: "As minhas orações ajudam-te?" Muitos de nós temos refletido sobre esta questão da oração. A resposta de Silver Birch é tão adequada à pergunta do adulto como à feita pela criança.

"Todas as orações ajudam", disse ele, "sempre que há desejo sincero. A oração cria as suas próprias asas e projeta-se no silêncio até encontrar o seu objetivo. A sinceridade dá-lhe precisão e permite-lhe chegar rapidamente a casa. Por isso, sempre que orais e o dizeis com verdade, isso ajuda sempre, porque todos aqueles que, como eu, descem ao vosso mundo, têm de trabalhar com a oração, com o amor, com todas as coisas que são invisíveis mas que são belas e reais.

"Continuai com as vossas orações e sabei que, se não obtiverdes as respostas tão rapidamente quanto gostaríeis, cada uma é ouvida, cada uma é pesada e cada uma recebe a sua resposta no momento certo."

Numa sessão recente, os dois filhos de Paul Miller perguntaram a Silver Birch: "O que acontece às crianças que são mortas em tempo de guerra?"

"Acontecem-lhes muitas, muitas coisas", respondeu o guia.

"Primeiro, são colocadas num hospital, um hospital onde, lá fora, nos jardins, há milhares e milhares de flores belas, árvores maravilhosas, e lagos com peixes cintilantes, e nas árvores há pássaros com plumagem colorida. Quando os pequeninos estão fracos, são cuidados por enfermeiras, e quando estão devidamente despertos, encontram-se mães para eles, pois muitas vezes deixaram as suas próprias mães na Terra.

"E todas as mulheres que vêm para o nosso mundo sem terem tido filhos na Terra, embora os desejassem, cuidam dos bebés até que as suas verdadeiras mães venham buscá-los. E eles crescem e crescem e crescem, tal como teriam feito no vosso mundo. Mas não envelhecem. Crescem como frutos; amadurecem.

"E têm escolas e jogos — tudo o que vocês têm — e professores que incentivam quaisquer dons que as crianças possuam. Se, por exemplo, se vê que uma criança tem talento para a música, então todos os grandes professores de música vêm e dão lições. Se tem dom para a pintura, então todos os grandes artistas vêm e ajudam a criança a pintar. E como temos mais cores no nosso mundo do que vocês têm no vosso, podem pintar quadros mais maravilhosos. Temos mais música no nosso mundo porque não estamos limitados à mesma gama de sons que vocês estão.

"Quando os pais das crianças sabem sobre o que acontece depois do que chamam morte, então as crianças são trazidas de volta a eles vezes sem conta. Mas onde os pais e mães não sabem, as crianças são mantidas afastadas, porque não é bom para elas estarem numa atmosfera de tristeza. São poupadas à infelicidade."

"Sabes que tipo de mundo haverá no futuro?", perguntou Ruth.

O guia disse que dependia de muitas coisas. "Mas", disse ele, "sei que tipo de mundo vocês terão, embora possa demorar muito tempo a obtê-lo. Será um mundo em que não há ditadores. Será um mundo em que não há mais ricos a ter demasiado e pobres a não ter o suficiente; será um mundo onde haverá oportunidades para o espírito do homem — o espírito de Deus dentro do homem — encontrar plena expressão. Será um mundo não dominado pelo tirano, seja ele político ou religioso; será um mundo onde toda a grande generosidade prodigamente concedida pelo Grande Espírito será livremente distribuída a todos os Seus filhos.

"Será um mundo onde as fronteiras terão desaparecido, onde a cor da pele de um homem não importa, onde não haverá divisões porque um é branco, outro amarelo, outro moreno ou preto, porque terão percebido que são todos parte de Deus. Será

um mundo de beleza, onde a fealdade terá recuado; será um mundo onde o reino dos céus estará estabelecido, pois os homens terão encontrado Deus porque terão encontrado a si mesmos. Esse é o mundo que está a chegar, o novo mundo, o mundo que tem sido visto durante séculos por poetas e artistas, por videntes e profetas — por todos aqueles que possuíam o olho do espírito e que vislumbraram esse novo mundo que há de vir."

Nestas palavras, Silver Birch visualizou a nova ordem para a qual todos nós voltamos os nossos olhos com esperança. A sua realização pode ser apressada ou atrasada pelos nossos próprios esforços. Mas, em grande medida, será moldada pelas crianças de hoje — os potenciais cidadãos do mundo de amanhã.

Entretanto, não há dúvida de que o holocausto de destruição provocado pela guerra levantou uma série de problemas no que diz respeito à educação e à criação desta geração de crianças. A maioria de nós reconhece que há muito a fazer para ajudar a erradicar das mentes dos jovens as consequências malignas das condições de guerra. Milhares de crianças testemunharam cenas de horror e destruição.

Viram as suas casas destruídas por bombas, e os seus familiares e amigos mortos ou feridos em ataques aéreos. Uma mentalidade de guerra ocupou, quase inevitavelmente, o lugar dos ideais pacíficos que muitos de nós tentaram incutir nas suas mentes impressionáveis. As crianças, enquanto brincam com os seus tanques de brinquedo, armas e aviões, ouviram os seus pais e outros adultos a declamar contra o inimigo que causou tanta devastação.

As crianças passaram noite após noite em abrigos antiaéreos, onde viram o medo manifestado por adultos incapazes de controlar as suas emoções. Estes jovens ouviram clamores exigentes por represálias aéreas contra aqueles que sofreram e viram outros sofrer às mãos do inimigo.

Num artigo do "Psychic News", o Sr. A. T. Connor enfrenta os problemas que se colocam perante os adultos que têm o bem-estar das crianças no coração. Ele pergunta: "Pais espiritualistas, o

que fizemos, e o que estamos a fazer para salvar as nossas crianças dos resultados das suas memórias de guerra, e prepará-las para o mundo amante da paz e contra a guerra que terão de construir? Consideremos, com imparcialidade, o quão dependentes de nós estão as nossas crianças para as suas ideias e ideais de vida e de relações humanas, e se as estamos a tornar construtores aptos ou cidadãos dignos de um mundo de paz duradoura e de sincera boa vontade entre indivíduos e nações."

O Sr. Connor salienta que, desde o momento em que os jovens começam a falar até que aprendem a ler, cada palavra que usam é uma que ouviram outros usar. Quando confrontados com um problema, baseiam a sua própria solução no conhecimento que adquiriram através das suas experiências pessoais — o que aprenderam, o que viram, ouviram ou leram. Tal como com os adultos, os complexos mentais provocados pelas suas memórias e experiências de guerra não ajudam as crianças a ignorar os crimes do inimigo, nem a admiti-los, ou aos seus descendentes, em igualdade em qualquer nova ordem.

"Parece improvável", escreve o Sr. Connor, "que sejam tolerantes, pacíficos ou imparciais no tratamento dos antigos inimigos dos seus pais — ou mesmo que tenham muitos ideais não militares sobre um novo sistema mundial."

Ele considera que a situação seria bastante desesperadora não fosse o facto de as memórias dos jovens poderem ser esbatidas, e os seus complexos sublimados, por um ensino adequado. No entanto, prevê que uma Liga de Segurança Coletiva e o seu propósito serão um sério obstáculo aos ideais de igualdade e fraternidade. Ele escreve: "As crianças perguntarão por que razão lhes é pedido que aceitem alemães e italianos como iguais e amigos enquanto todo o mundo permanece armado contra eles. Mas tudo isto poderia ser explicado com verdade como uma precaução temporária contra qualquer nação que recorra à agressão enquanto todas as nações desenvolvem o hábito de não apelar à força armada como argumento internacional; e que quanto mais rapidamente todas as nações se tornarem amigas e

pacíficas, mais cedo o desarmamento mundial se tornará possível."

Ele continua: "Poderia ser salientado que a amizade e o bom exemplo podem, e possivelmente irão, dar às crianças 'inimigas' — que não são culpadas dos crimes dos seus mais velhos — um incentivo para adotarem os nossos hábitos de vida e pensamento; enquanto que um tratamento desdenhoso de 'cão raivoso' certamente as amarguraria e as faria ansiar por uma guerra de vingança — como os seus pais fizeram após a 'paz' de 1919." Ele sugere que se faça um apelo às nossas crianças, dizendo-lhes que as crianças "inimigas", tal como elas, sofreram bombardeamentos, casas destruídas e a perda de pais e amigos. Além disso, a fome e a privação, das quais nós fomos em grande parte poupados, foram por elas experimentadas.

O Sr. Connor pensa que a compaixão assim despertada poderia ser cultivada num parentesco de sofrimento comum que mais tarde se desenvolveria em verdadeira amizade e camaradagem.

CAPÍTULO XXI
A GRANDE AVENTURA

"Morrer será uma aventura terrivelmente grande!" J. M. Barrie, o célebre autor e dramaturgo, pôs estas palavras na boca do mais famoso personagem concebido pelo seu génio — "Peter Pan, O Menino Que Não Queria Crescer." Nos últimos anos, o próprio Barrie embarcou na "grande aventura", mas regressou muitas vezes do mundo do espírito. Não só provou a sua sobrevivência através da mediunidade, como demonstrou que a chama da sua inspiração imaginativa ainda arde. Ruby Miller, a conhecida atriz, recebeu psiquicamente o enredo de uma história que lhe foi ditada pelo autor "morto". A história foi publicada. Está impregnada do próprio estilo inimitável de Barrie.

Na peça de Barrie, que é amada pela maioria das crianças e "adultos" igualmente, as palavras usadas por Peter Pan revelam a

profunda compreensão do autor sobre a mentalidade das crianças. Os novos acontecimentos importantes que lhes ocorrem são considerados "aventuras". A experiência da morte é uma aventura nova e maravilhosa, e a primeira coisa que as crianças querem fazer, após tal experiência, é regressar às suas mães e pais para lhes contar tudo sobre ela. Peter, se se lembram, deixou os seus pais e foi viver para a Terra do Nunca. Mas voou de volta a sua casa para lhes poder contar sobre as suas novas experiências maravilhosas. Infelizmente, quando tentou entrar em casa, descobriu que estava trancado do lado de fora; as janelas estavam fechadas e com grades, porque a sua mãe não podia acreditar que o seu menino regressaria algum dia. Triste e desconsolado, Peter afastou-se do lar de onde estava excluído e regressou à Terra do Nunca.

Pais, não fechem as janelas dos vossos corações aos vossos filhos que partiram para a terra para além do véu. Assim que se recuperam dos efeitos transitórios da sua passagem, são ajudados a regressar aos seus lares terrenos. Informar os seus entes queridos de que está tudo bem é o seu primeiro desejo. Mantenham a vossa fé na existência continuada dos vossos filhos até que o conhecimento abra a porta psíquica através da qual eles possam regressar e provar a sua sobrevivência. Não tornem difícil para eles alcançar-vos. O vosso pesar descontrolado será um obstáculo.

Não se pode esperar que as suas mentes simples e imaturas compreendam por que razão continuais a sofrer quando, na verdade, eles ainda estão convosco. Eles podem não entender, a princípio, por que razão não estais cientes da sua presença, uma vez que eles vos veem. Não causeis angústia, portanto, pelo que lhes pareceria indiferença à sua presença.

Os vossos pensamentos são reais e tangíveis para os vossos filhos "mortos". É da vossa atitude mental que depende a felicidade deles. Uma vez que eles percebam que sabeis que eles ainda vivem, ficarão contentes. Mesmo que tenhais pouca capacidade psíquica, se relaxardes as vossas mentes, por vezes

estareis conscientes da sua proximidade. Os pequeninos estarão convosco frequentemente, particularmente na hora do dia em que estavam habituados a passar na vossa companhia. Aos joelhos de uma mãe, ao cair da tarde, ao lado de um pai, quando o dia termina, lá estão as crianças "mortas".

A Evidência da Sobrevivência está disponível para todos os que procuram a verdade com uma atitude de investigação sincera e imparcial. É sempre aconselhável esperar alguns meses antes de iniciar a vossa busca. Este intervalo não só permitirá que os vossos filhos se habituem às suas novas condições, como dará tempo suficiente para que o vosso próprio estado de espírito ganhe calma e equilíbrio. Uma condição tensa e reprimida numa sessão pode facilmente perturbar as vibrações psíquicas e impedir uma manifestação bem-sucedida.

Como os médiuns são instrumentos sensíveis, as emoções exaltadas de um assistente podem afetar o poder psíquico e até distorcer a comunicação espiritual. Não forneçais, antes ou durante a sessão, qualquer informação que possa diminuir o valor da evidência. Os médiuns de reputação são fortemente avessos a que lhes seja dito algo sobre as vossas razões para desejar uma sessão. Eles, tal como vocês, querem que a sessão seja bem-sucedida. No entanto, não assistais a uma sessão com uma disposição rígida e inflexível. Podeis, pela vossa atitude bem-disposta e recetiva, ser úteis e encorajadores sem revelar qualquer evidência.

Antes de partir para provar a Sobrevivência, é aconselhável adquirir algum conhecimento do assunto, lendo alguma literatura ou livros sobre Espiritualismo. Leiam-nos com uma mente sem preconceitos, não condicionada por convicções religiosas anteriormente mantidas, superstições ou dogmas limitados.

Sugeria que, antes de se sentar em privado com um médium, assistisse a um ou dois serviços públicos espiritualistas. As reuniões patrocinadas por sociedades respeitáveis são geralmente anunciadas na imprensa psíquica semanal. Se viver num local onde estas reuniões não são anunciadas, é geralmente

aconselhável assistir a um serviço organizado por uma das muitas sociedades espiritualistas de confiança.

Devido a estatutos antigos que ainda não foram revogados, os espiritualistas não podem impedir que quaisquer "adivinhos" se intitulem "espiritualistas", nem impedir que uma pessoa totalmente incompetente estabeleça uma "igreja espiritualista". Praticamente todos os médiuns que valem a pena pertencem a associações reconhecidas que existem para vossa ajuda e proteção.

O momento de marcar uma sessão privada com um médium é quando sentis que possuis o conhecimento que garante o sucesso nas sessões. Há várias organizações espiritualistas que farão todos os arranjos necessários. Os seus endereços aparecem na imprensa psíquica.

Não creio que fiqueis desapontados com o resultado da vossa investigação. Durante a minha longa experiência no Espiritualismo, nunca conheci um enlutado sincero que tenha saído de uma sala de sessões sem conforto. Não há razão para que sejais uma exceção.